UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

MAIARA MIRANDA

Esforços individuais multiplicados progressivamente:
colação e edição de testemunhos da obra *Poemas e Canções*, de Vicente de
Carvalho

São Paulo
2021

MAIARA MIRANDA

Esforços individuais multiplicados progressivamente:

colação e edição de testemunhos da obra *Poemas e Canções*, de Vicente de
Carvalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de
Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em
Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa
Orientador: Prof. Dr. Phablo Roberto Marchis Fachin

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A939t Autor, Nome do
 Título do trabalho acadêmico: subtítulo sem negrito
/ Nome do Autor ; orientador Nome do Orientador. -
São Paulo, 2015.
219 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Filosofia. Área de
concentração: Filosofia.

1. Normalização da documentação. 2. Publicações
acadêmicas. 3. Dissertação. I. Orientador, Nome do ,
orient. II. Título.

Folha de aprovação

MIRANDA, Maiara. **Esforços individuais multiplicados progressivamente:** colação e edição de testemunhos da obra *Poemas e Canções*, de Vicente de Carvalho.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Data de realização do exame: 25/03/2021

Banca examinadora:

Profª Dra. Maria Clara Paixão de Sousa Instituição: USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª Dra. Ceila Maria Ferreira Batista Instituição: UFF

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier Instituição: UFCAT

Julgamento: _____ Assinatura: _____

SUMÁRIO

Resumo	4
Abstract	5
Introdução	6
1. A tradição textual de <i>Poemas e Canções</i>	9
1a. Edição – 1908	11
2a. Edição – 1909	14
3a. edição - 1917	17
4a. edição – 1919	21
5a. Edição - 1923	23
1.2. Da capa manuscrita da 3ª. edição	27
2. Colação dos testemunhos	28
2.1. Variantes: impressões iniciais	33
2.2. Variantes: casos de pontuação, trocas, omissões e acréscimos	41
3. Edição de Poemas e Canções	44
3.1. A edição do texto de 1923	46
3.2. Edição sinóptica dos testemunhos A, C e E, especificamente 1908, 1917 e 1923	139
Considerações finais	262
Referências bibliográficas	264

Resumo

Esta dissertação visa à colação e à edição dos testemunhos das cinco primeiras publicações da obra *Poemas e Canções* (1908), de Vicente de Carvalho, cuja tradição é composta por 17 versões - entre reedições e reimpressões. As cinco primeiras foram publicadas durante a vida de seu autor, o que originou um grande número de variantes autorais. Em cada nota explicativa, ao final do exemplar, o escritor santista defendeu mudanças como o uso de vocabulário inteligível, adição de novos trechos (a fim de complementar aqueles preexistentes) e ainda o acréscimo de poemas relegados em seleções anteriores. Carvalho atuou de maneira relevante na vida pública paulista nos anos que correspondem à passagem do século XIX para o XX, tanto na política quanto por meio de seus escritos. Sucessor de Artur Azevedo a ocupar a cadeira 29 da Academia Brasileira de Letras, o poeta destacou-se na cena parnasiana pelo texto diferenciado em tema (caracterizado pela ode à natureza e ao amor) e em forma, pois valorizava a compreensão acima da extrema erudição linguística. De tal modo, tornou-se popular para os leitores de sua época (vide as inúmeras edições e reimpressões de sua obra) e respeitado pela crítica, ao receber análises de nomes como Otto Maria Carpeaux (2012) e Alfredo Bosi (2013). A partir dessas características, valor artístico e processo criativo em constante revisão – atentando-se para as diferentes origens de cada poema, ou seja, os caminhos da criação – obtém-se rico material filológico a ser lapidado seguindo as diretrizes da Crítica Textual. Nesta dissertação, apresentamos o levantamento da tradição da obra, sua história e relações. Além disso, a edição da última versão em vida do autor, acompanhada de notas de rodapé com variantes encontradas nas publicações de 1908 e 1917, e uma edição sinóptica das três edições em questão.

Palavras-chave: Filologia; Crítica Textual; Literatura Brasileira; Vicente de Carvalho; Poemas e canções.

Abstract

Individual efforts multiplied progressively: collation and edition of *Poemas e Canções'*
witnesses, by Vicente de Carvalho

This text aims to collate the witnesses of the first five editions of *Poemas e Canções* (1908), by Vicente de Carvalho, whose tradition consists of 17 versions - between reissues and reprints. The first five were released while the author was alive, which resulted in a large number of author variants. In each explanatory note at the end of the copy, the writer from Santos defended changes such as the use of intelligible vocabulary, the addition of new excerpts (in order to complement the pre-existing ones) and the addition of poems relegated to previous selections. Carvalho played a relevant role in public life in São Paulo in the years that correspond to the transition from the 19th to the 20th century, both in politics and through his writings. Successor of Artur Azevedo to occupy seat 29 of the Brazilian Academy of Letters, the poet stood out in the Parnassian scene for the different text in theme (characterized by the ode to nature and love) and in form, as he valued comprehension above extreme scholarship linguistics. In such a way, it became popular with the readers of his time (see the countless editions and reprints of his work) and respected by critics, upon receiving analyzes from names like Otto Maria Carpeaux (2012) and Alfredo Bosi (2013). From these characteristics, artistic value and creative process in constant review - paying attention to the different origins of each poem, that is, the paths of creation - we obtain rich philological material to be polished following the guidelines of Textual Criticism. In this text, we present a survey of the work's tradition, its history and relationships. In addition, the edition of the author's last living version, accompanied by footnotes with variants found in the publications of 1908 and 1917, and a synoptic edition of the three editions in question.

Keywords: Philology; Textual Criticism; Brazilian literature; Vicente de Carvalho; *Poemas e Canções*.

Introdução

Um poema não nasce pronto, bem como um romance. São necessárias inúmeras versões e correções para que se alcance a forma ideal. Há escritores, inclusive, que entendem seu trabalho como inacabado e em constante mutação, motivo pelo qual continuam a modificar seus escritos mesmo após virem a público em edições impressas (muitas vezes já consolidadas). Além disso, se levarmos em conta as alterações alheias à manifestação de seu criador, poderemos encontrar um número surpreendentemente alto de versões díspares de um mesmo livro. Desse modo, àquele que se debruça sobre o estudo da literatura, ou apenas ao amante da leitura, deveria ser garantido o acesso a um texto fidedigno, ao que efetivamente o autor escreveu.

A Crítica Textual surge da busca por se reestabelecer um texto em sua fidedignidade. Para tal, o filólogo dedicado à edição de determinada obra deverá percorrer os caminhos de sua criação, atento às corrupções e às transformações decorrentes de seu processo de transmissão. Este tem, como definiu Castro (1984, p. XV),

a missão de interrogar os objectos escritos sobre a sua proveniência e a sua existência, antes de os declarar aptos a serem lidos pelos outros, os literatos, os linguistas e outros que, distraídos pelas suas especialidades, tendem demasiadas vezes a confiar em que a palavra escrita é sempre a palavra do seu autor.

Vicente de Carvalho mostrou-se um criador inquieto, interferindo e modificando seus escritos a cada nova publicação. Esta dissertação dedica-se à sua obra madura, *Poemas e Canções*, não por acaso, seu título mais comercializado e difundido. A obra foi reeditada cinco vezes com a supervisão do autor e outras doze após sua morte, recebendo transformações significativas em termos de adequação gráfica e adição e supressão de conteúdo. Sendo assim, dois leitores, que eventualmente desejem aventurar-se pela escrita do poeta santista, podem viver experiências amplamente diversas de acordo com o exemplar com que entrarem em contato.

Aos 113 anos da primeira edição (lançada em 1908, pela editora Cardozo Filho), o título apresenta, portanto, rico material para o exercício filológico e deve ser editado a fim de que

seja possível conhecer e compreender os caminhos da composição artística vicentina através da tradição direta de cada poema presente em suas cinco edições em vida. Esta dissertação, portanto, tem como objetivo o estudo crítico da tradição da obra *Poemas e Canções*, de Vicente de Carvalho, por meio de recensão e colação¹ de testemunhos dos poemas presentes nas cinco primeiras edições da obra (entre 1908 e 1923). Além de apresentar uma proposta de edição que contemple a riqueza de sua história e valorize as transformações pelas quais os textos passaram ao longo dos anos.

Escritor, jornalista, magistrado, político, fazendeiro, Vicente Augusto de Carvalho nasceu em Santos, em 05 de Abril de 1866, mesma cidade na qual faleceu por complicações de uma pneumonia, em 24 de Abril de 1924. Em seus 58 anos de vida, caracterizou-se por uma personalidade inquieta e pelo entusiasmo com o qual defendeu uma série de pautas, como o abolicionismo, o sistema republicano, e (em determinado período) o positivismo. Atuante na vida pública de sua cidade natal e da capital paulista, ocupou os postos de deputado, Ministro de Justiça e Secretário do Interior, com os quais conquistou inúmeros avanços para as populações em situação de vulnerabilidade social, além de reformular o sistema educacional e mobilizar-se para a preservação das riquezas naturais santistas. Idealista que era, durante seu mandato recusou-se a receber benefícios, como vale-transporte, por exemplo, na época representado por passes de bonde. Contudo, logo desencantou-se com o jogo de interesses que encontrou na política e abandonou o exercício, chegando ao limite de agredir o secretário da Agricultura, Alfredo Maia, durante solenidade.

Como cidadão, no entanto, jamais abriu mão da justiça, atuando até quando pôde na magistratura. Escreveu durante anos em jornais e revistas como *Estado de S. Paulo*, *A Tribuna*, *Diário de Santos* e *Diário da Manhã*. Pertenceu às Academias Santista, Paulista e Brasileira de Letras. Por sua história, tornou-se símbolo do litoral sul de São Paulo, de modo a receber, ainda hoje, dezenas de homenagens pela região, sendo algumas delas em forma de estátuas, em nomes de avenidas, batizando bairros inteiros, além de celebrar seu próprio feriado, o dia do poeta, em homenagem à data de seu nascimento.

Ao escrever seu famoso livro *História concisa da literatura brasileira*, o crítico Alfredo Bosi dedica algumas páginas à abordagem da escrita de Vicente de Carvalho, a quem destacou

¹ “A *recensão* (lat. *recensio*) constitui-se basicamente do *estudo das fontes*, com o objetivo de se compreender a tradição de um texto. O conjunto das fontes de um texto constitui sua *tradição*, que se divide em direta e indireta”. “Terminadas a localização e a coleta das fontes, pode-se passar a uma subfase bastante árdua: a da *colação* (lat. *collatio*), etapa em que se comparam os diversos testemunhos de um texto para se localizarem lugares-críticos. Um *lugar-crítico* (lat. *locus criticus*) constitui um ponto do texto em que os testemunhos divergem” (CAMBRAIA, 2005, p. 133-135).

ser “até hoje um dos poucos poetas anteriores do Modernismo que sobrevivem no gosto do leitor médio” (BOSI, 2013, p.247). O que o autor considera “hoje” corresponde aos anos entre 1960 e 1970, período no qual Carvalho ganhara uma série de publicações a seu respeito, entre reedições, biografias e análises de crítica literária. Contudo, em nosso hoje, cerca de 50 anos depois, pouco se conhece de seu trabalho, inclusive entre os estudantes de Letras, que extrapolam o leitor médio citado por Bosi.

Sua temática singular é destacada por Carpeaux (2012, p.94-95), ao afirmar que “os mais originais entre os parnasianos brasileiros são os que dedicam sua atenção principalmente à natureza” como “Vicente de Carvalho, grande poeta do mar, em cuja arte se notam elementos arcaizantes e outros, simbolistas”. A leitura de Bosi (2013, p.247) o complementa ao destacar que “da fusão do sensorial e do emotivo nasce uma linguagem nova, rica em imagens da natureza e em ressonâncias psicológicas. O naturismo de Vicente está em pôr em relevo as primeiras”.

Não se sabe o motivo, porém, do esquecimento recente de seus poemas, mas pode estar relacionado à negação do Parnasianismo, escola literária na qual o autor é muitas vezes encaixado. Torna-se mister, portanto, que se olhe atentamente para seu legado e que se estudem seus textos, tão ricos em poética e criatividade, a fim de que se recupere o interesse pela sua produção artística.

Como Vicente de Carvalho atuou como poeta de “esforços individuais multiplicados progressivamente” (CARVALHO, 1923, p.291), seus escritos evoluíam ao longo dos anos, conforme a maturidade de sua composição. Desse modo, a versão que se lê no momento de lançamento não será a mesma encontrada na data de sua morte.

Auerbach, ao falar sobre os *Ensaaios*, de Montaigne, demonstra a importância de um filólogo respeitar os caminhos da criação de um autor ao editar um texto impresso, muitas vezes já consagrado e estabelecido em formato e conteúdo distintos:

[...] quando se encontraram exemplares anotados de próprio punho pelo autor, tal descoberta nos permitiu constituir um texto mais completo; em caso semelhante, os editores modernos apresentam ao leitor, numa mesma publicação, todas as versões do texto que Montaigne deu nas edições sucessivas, destacando as variantes de cada edição por meio de caracteres especiais ou outros sinais tipográficos, de modo que o leitor tem sob os olhos a evolução do pensamento do autor”. (AUERBACH, 2015, p.18)

O estudo crítico de *Poemas e Canções* deve ser o ponto de partida para acompanhar tão rico processo criativo vicentino e absorvê-lo em sua genuína integralidade. Para melhor conhecer seu texto, mostra-se fundamental que o futuro leitor e pesquisador de sua obra tenha acesso à versão que contemple as transformações propostas por seu autor.

O plano de trabalho guiou-se por meio de quatro eixos fundamentais, os quais estruturam esta dissertação: 1) recolha de testemunhos e apresentação da tradição textual da obra; 2) colação entre testemunhos; 3) análise tipológica das variantes; 4) uma proposta de edição.

1. A tradição textual de *Poemas e Canções*

Vicente de Carvalho escreveu em alguns periódicos durante a sua carreira – *Diário de Santos*, *Diário da Manhã*, *Estado de SP*, *Tribuna* e *A Cigarra* –, nos quais publicou versões primitivas às presentes nos seus livros. Caso do poema *Rosa, rosa de amor*, por exemplo, impresso em 1902 e integrado a *Poemas e Canções* posteriormente. A escrita cotidiana contempla a visão de mundo de um autor que estava a par dos acontecimentos e dos conflitos históricos e políticos contemporâneos, que de alguma forma foram abstraídos por meio de seu processo poético ao longo de sua vida e, em determinados períodos, incorporados às suas publicações.

A busca pela tradição textual de *Poemas e Canções* teve como base acervos pessoais, investigação em coleções digitalizadas e eventuais aquisições de edições não disponíveis nos lugares acessados. Esse processo teve como resultado a identificação de 17 testemunhos da obra, publicados entre os anos de 1908 e 1965, conforme o quadro abaixo:

Edição	Editora	Ano		Edição	Editora	Ano
1 ^a	Cardozo Filho	1908		10 ^a	Nacional	1938
2 ^a	Chardron	1909		11 ^a	Nacional	1942
3 ^a	O Pensamento	1917		12 ^a	Nacional	1944
4 ^a	O Livro	1919		13 ^a	Nacional	1946
5 ^a	Monteiro Lobato	1923		14 ^a	Saraiva	1950
6 ^a	Monteiro Lobato	1924		15 ^a	Saraiva	1954

7 ^a	Nacional	1926		16 ^a	Saraiva	1962
8 ^a	Nacional	1928		17 ^a	Saraiva	1965
9 ^a	Nacional	1934				

Quadro 1: Tradição textual de Poemas e Canções - 1908 – 1965.

A pesquisa iniciou-se com a intenção de realizar o levantamento dos testemunhos da tradição de *Poemas e Canções* e a sua colação para uma edição crítica do livro, que seria concluída em um possível doutorado. O cotejo se daria a partir da comparação entre as 17 versões completas da obra, além de testemunhos autorais de fases preliminares dos poemas contidos no livro que fossem retirados de periódicos nos quais Vicente de Carvalho escrevera. Para tal, iniciou-se uma busca por exemplares espalhados por bibliotecas públicas da capital paulista, com destaque para os acervos da própria Universidade de São Paulo. Com a identificação dos testemunhos e a descoberta de que os cinco primeiros foram publicados em vida do autor, optou-se, no mestrado, por limitar a pesquisa a eles, assim acompanhando as mudanças autorais operadas entre 1908 e 1923. As edições em questão encontram-se na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin - PRCEU/USP, e estão disponíveis digitalizadas no site da instituição.

1a. Edição – 1908

A' poetisa gentilíssima
J. Zelma Rolim de Toledo
Com as respectivas homenagens de
Vicente Favre
S Paulo - Novembro - 1908

POEMAS
E
CANÇÕES

univ.

Imagem 1: contracapa da edição de 1908.

VICENTE DE CARVALHO

POEMAS
e
CANÇÕES

1908

O exemplar disponibilizado pela Biblioteca Brasileira contém uma dedicatória do próprio autor à Zalina Rolim de Toledo, datada de São Paulo, novembro de 1908: “A’ poetisa gentilissima | D Zalina Rolim de Toledo | com as respectivas homenagens de | Vicente deCarvalho”.

A' poetisa gentilissima
D Zalina Rolim de Toledo
com as respectivas homenagens de
Vicente de Carvalho
S Paulo - Novembro - 1908

O texto de abertura da publicação, intitulado “Antes dos versos”, foi escrito por Euclides da Cunha, que contrapõe o papel de engenheiro ao de poeta diante da realidade e das implicações que o cercam. Se a matemática não é de tantas certezas, e outras ciências têm feito o ser humano repensar a própria ciência e ampliar seus olhares para diferentes elementos, o poeta se apresenta, de alguma forma, em seu lugar: “Assim nos andamos nós —; do realismo para o sonho, e deste para aquelle, na oscillação perpetua das duvidas, sem que se possa differençar na obscura zona neutral alongada á beira do desconhecido, o poeta que espiritualiza a realidade, do naturalista que tacteia o mistério” (p. II). Intercalando pensamentos próprios com citações de outros escritores, o engenheiro vai delineando o fazer poético:

E' comprehensivel. E della se deduz que nessa aproximação crescente entre a realidade tangível e a phantazia creadora, o poeta, continuadamente mais próximo do pensador, vai cada vez mais reflectindo no rythmo de seus versos a vibração da vida universal, cada vez mais fortalecido por um largo sentimento da natureza. (p. IV)

Explorando as incertezas do engenheiro e o universo poético ao qual Carvalho estava submetido, que ao mesmo tempo lhe abarcava a vida, como uma espécie de síntese, a busca se concretizava por meio da tentativa de conseguir traduzir o universo sem falsificações, embora num contexto de fantasia. Nesse sentido, para Euclides da Cunha, “o que para logo se destaca nos «Poemas e Canções», alentando o subjectivismo equilibrado de um verdadeiro poeta, é um grande sentimento da natureza. O amor, considera-o Vicente de Carvalho como elle é, positivamente: um caso particular da sympathia universal” (p. IV-V). O texto de abertura encerra-se dessa forma: “De mim, satisfaço-me com haver tentado definir o grande poeta naturalista, que nobilita o meu tempo e a minha terra” (p. XI).

2a. Edição – 1909

Imagem 2: capa e Imagem 1: capa da edição de 1909.

VICENTE DE CARVALHO

(Da Academia Brasileira)

Poemas e Canções

(SEGUNDA EDIÇÃO)

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
RUA DAS CARMELITAS, 144
—
1909

Publicada no Porto, pela Livraria Chardron, a edição de 1909 apresenta na folha de rosto uma anotação manuscrita, ainda não identificada.

Traz também uma foto do poeta e a indicação do direito de propriedade literária e artística em Portugal e no Brasil, o seu registro nas bibliotecas nacionais de Lisboa e Rio de Janeiro e a informação de ter recebido o “grande-prêmio na exposição do Rio de Janeiro de 1908”.

3a. edição - 1917

Imagem 3: foto de Vicente de Carvalho.

Imagem 4: capa da edição de 1917.

As. poeta e amigo
Paulo de Fubal

L. Paulo. 10. 6. 917
Vicente de Fubal

Poemas e Canções

VICENTE DE CARVALHO

Poemas e Canções

TERCEIRA EDIÇÃO

(aumentada)

1917

Empresa Tipográfica Editora «O Pensamento»
S. PAULO

O arquivo da 3a. edição da obra abre com uma imagem de uma espécie de capa, cujo centro é constituído por um papel manuscrito com assinatura de Vicente de Carvalho. Trata-se de uma publicação com distanciamento temporal de 8 anos da segunda, caracterizada como “aumentada”. Antecedendo a abertura escrita para a 1a. edição por Euclides da Cunha, há duas citações do próprio autor, advindas de outros contextos de escrita.

POEMAS E CANÇÕES

«.....só deles fio a minha sobrevivencia espiritual, eu, pobre poeta desherdado da esperança numa outra vida, e que tem por suprema ambição do seu egoismo, não um grande lugar na terra, mas um pequenino recanto na simpatia mais ou menos duradoura de algumas almas.....»

V. de C. *Uma candidatura*

«.....só explica tão forte empenho posto em granjear tão modesto resultado, como é um livro de versos, aquele fortissimo instinto, profundamente humano, que se rebela contra a morte, sonhando, para depois dela, uma continuação, ainda que modificada, da vida. A ambição de deixar a sua alma ecoando sonoramente em outras almas, atravez do tempo, é, sem duvida, o incentivo dos poetas, e a ilusão de quase todos eles... Que recompensa melhor promete alguma religião aos que estimula na incerta e penosa conquista do Ceu?»

V. de C. *Um poeta.*

VICENTE DE CARVALHO
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

Poemas
e
Canções

QUARTA EDIÇÃO
(aumentada)

CASA EDITORA "O LIVRO" - S. A.
RUA BOA VISTA, 38 - B
S. PAULO - BRASIL
1919

Também considerada “aumentada”, a 4a edição, publicada em São Paulo, pela Casa Editora “O Livro”, traz a indicação do texto de Euclides da Cunha como prefácio e uma errata com a finalidade de corrigir os “numerosos erros” que escaparam.

ERRATA

Na impressão deste livro escaparam numerosos erros; aqui se assinalam alguns:

<i>Página</i>	<i>Verso</i>	<i>Onde se lê:</i>	<i>Leia-se:</i>
26	12.º	paraizo	Paraizo
27	9.º	Epantado	Espantado
48	6.º	cousas	couzas
61	8.º	visão .	vizão
80	10.º	vento .	vento -
80	12.º	momento,	momento,
88	2.º	iguaes . .	iguais
91	17.º	nesse mas	nesse <i>ma</i> ,
102	10.º	maguas .	magra
151	9.º	insumbisso	insubmisso
152	18.º	um flexa	uma flexa
154	6.º	fugidica	fujidica
154	12.º	cabloca	cabocla
168	10.º	longe	lonje
171	2.º	Floresta . . .	Florestas
176	3.º	deixando, humida	deixando humida
179	3.º	fugir . . .	fujir
189	10.º	enternidade	eternidade
190	18.º	miragem	mirajem
197	9.º	Badalo	Badalo
207	19.º	naseida	nacida
218	5.º	Parace-vos	Parece-vos
219	5.º	Advinhei-o;	Adivinhei-o;
219	6.º	defensiva	defensiva,
254	7.º	com o labio	como um labio
261	13.º	amorosa	amoroza
262	13.º	pasaro	passaro
280	4.º	Nesa	Nessa
280	12.º	céu,	céu...

No apendice, paj. XIII, em vez de:

*E num gesto em que se anima
A torre sôbe direita
A torre sôbe direita
Cên acima.*

leia-se:

*É, num gesto em que se anima
A alva massa de que é feita,
A **torre** sôbe direita
Cên acima.*

5a. Edição - 1923

VICENTE DE CARVALHO
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

POEMAS
E
CANÇÕES

QUINTA EDIÇÃO

MONTEIRO LOBATO & C. - EDITORES
RUA VICTORIA, 47 - S. PAULO - 1923

A 5a. edição não apresenta elementos pré-textuais novos em relação à 4a edição, não trazendo a errata da anterior.

1.1. Das casas editoriais

Ferreira (2016, p. 260), ao tratar do estudo crítico sobre o *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, defende que “cada edição do *Livro* ou das *Notas*, tal como de obras semelhantes (que existem abundantemente no espólio pessoano), é uma obra em si mesma, tendo, por conseguinte, tantos coautores *sui generis* quanto o número de filólogos que decidam editar o texto”. A afirmação do pesquisador também poderia ser estendida às tipografias e oficinas de impressão ao longo de toda a história da imprensa. Não são raros os casos em que o resultado publicado se distancia significativamente daquilo que o autor realmente escreveu, principalmente quando o processo contempla outros intermediários, secretários, revisores, tipógrafos, muitas vezes até entes próximos, inclusive parentes, a exemplo de *A capital*, de Eça de Queirós (<https://www.uc.pt/fluc/clp/inv/proj/patlit/eceq>), cujo resultado foi publicado postumamente sob a finalização do próprio filho, sem nenhuma indicação das operações realizadas.

A história de cada testemunho e a observação material dos seus suportes podem contribuir para percorrer o movimento do texto ao longo do tempo e identificar as operações realizadas, autorais e não autorais. Mas nem sempre isso é possível, o pesquisador depende de fontes que revelem a sua forma de transmissão. No caso de Eça de Queirós, devido ao minucioso trabalho de Duarte, com base no acervo do autor, verificou-se que, embora desistido da obra, muitas vezes o texto “insiste” em tomar vida e circular. O próprio autor declara em carta a Ramalho Ortigão, em 20 de fevereiro de 1881, “interrompi a “Capital”, estragando-a para sempre, creio eu, porque vejo agora que não poderei recuperar o fio de veia e de sentimento em que ela ia tratada” (DUARTE, 2019, p. 310).

As cinco edições de *Poemas e canções* em vida de Vicente de Carvalho fazem parte desse contexto de mudanças, muitas delas camufladas por processos editoriais e impressores, de diferentes locais e períodos. O estado de língua de cada uma das publicações reflete a mentalidade linguística em voga, nem sempre regular e padronizada, haja vista o número considerável de discrepâncias observadas num mesmo volume. De certo modo, a cada nova edição constituída, uma nova camada linguística também é agregada. Se os testemunhos equivalem a “uma obra em si mesma”, a mudança de editora tem importante papel nesse processo. Com a publicação neste trabalho de uma edição por meio da qual é possível acompanhar mudanças de caráter (orto)gráfico e/ou semântico, no caso de estudiosos de Vicente de Carvalho, será possível distinguir entre intervenções autorais e não-autorias, de acordo com o estilo do poeta e suas particularidades artísticas de composição.

Ano	Editora
1908	<p>◦ ◦ SÃO PAULO ◦ CARDOZO, FILHO & C. ◦ RUA DIREITA, 35 ◦</p>
1909
1917	<p>1917 Empresa Tipografica Editora «O Pensamento» S. PAULO</p>
1919	<p>CASA EDITORA "O LIVRO" - S. A. RUA BOA VISTA, 38 - B S. PAULO - BRASIL 1919</p>
1923	<p> MONTEIRO LOBATO & C. - EDITORES RUA VICTORIA, 47 - S. PAULO - 1923</p>

Quadro 2: editoras responsáveis pelas publicações em vida do autor.

Como se trata de casas editoriais diferentes, todo o trabalho de composição deve ter sido reiniciado de uma publicação a outra, tendo como resultado uma distribuição textual particularizada e a possibilidade de intervenções de acordo com os responsáveis pelo processo e alterações de diferentes naturezas. São escassas as informações sobre o papel de Vicente de Carvalho em tais publicações, seja no sentido de revisão ou de acompanhamento do material.

1908	1909	1917
<p>VELHO TEMA 7</p> <p>Só a leve esperança, em toda a vida, Disfarça a pena de viver, mais nada; Nem é mais a existência, resumida, Que uma grande esperança malograda.</p> <p>O eterno sonho da alma desterrada, Sonho que a traz anciosa e embevecida, É uma hora feliz, sempre adiada E que não chega nunca em toda a vida.</p>	<p>Só a leve esperança, em toda a vida, Disfarça a pena de viver, mais nada; Nem é mais a existência, resumida, Que uma grande esperança malograda.</p> <p>O eterno sonho da alma desterrada, Sonho que a traz anciosa e embevecida, É uma hora feliz, sempre adiada E que não chega nunca em toda a vida.</p> <p>Essa felicidade que supomos, Arvore milagroza que sonhamos Toda arreada de dourados pomos,</p> <p>Existe, sim: mas nós não a alcançamos Porque está sempre apenas onde a pomos E nunca a pomos onde nós estamos.</p>	<p>VELHO TEMA</p> <p>I</p> <p>Só a leve esperança, em toda a vida, Disfarça a pena de viver, mais nada; Nem é mais a existência, resumida, Que uma grande esperança malograda.</p> <p>O eterno sonho da alma desterrada, Sonho que a traz anciosa e embevecida, É uma hora feliz, sempre adiada E que não chega nunca em toda a vida.</p> <p>Essa felicidade que supomos, Arvore milagroza que sonhamos Toda arreada de dourados pomos,</p> <p>Existe, sim: mas nós não a alcançamos Porque está sempre apenas onde a pomos E nunca a pomos onde nós estamos.</p>
1919	1923	
<p>I</p> <p>Só a leve esperança, em toda a vida, Disfarça a pena de viver, mais nada; Nem é mais a existência, resumida, Que uma grande esperança malograda.</p> <p>O eterno sonho da alma desterrada, Sonho que a traz anciosa e embevecida, É uma hora feliz, sempre adiada E que não chega nunca em toda a vida.</p> <p>Essa felicidade que supomos, Arvore milagroza, que sonhamos Toda arreada de dourados pomos,</p> <p>Existe, sim: mas nós não a alcançamos Porque está sempre apenas onde a pomos E nunca a pomos onde nós estamos.</p>	<p>I</p> <p>Só a leve esperança, em toda a vida, Disfarça a pena de viver, mais nada; Nem é mais a existência, resumida, Que uma grande esperança malograda.</p> <p>O eterno sonho da alma desterrada, Sonho que a traz anciosa e embevecida, É uma hora feliz, sempre adiada E que não chega nunca em toda a vida.</p> <p>Essa felicidade que supomos, Arvore milagroza, que sonhamos Toda arreada de dourados pomos,</p> <p>Existe, sim: mas nós não a alcançamos Porque está sempre apenas onde a pomos E nunca a pomos onde nós estamos.</p>	

Quadro 3: manchas da primeira página de Poemas e Canções.

Da segunda edição, consta apenas que há outros poemas em preparação e que o “acordo assignado no Rio de Janeiro, em 9 de setembro de 1889, entre o Brazil e Portugal, assegurou o direito de propriedade literaria e artistica em amos os paizes” (CARVALHO, 1909, folha de rosto). Da terceira e da quarta edições, consta que se trata de uma versão “aumentada”. Nesta última, ainda há uma *Errata*, indicando que “escaparam numerosos erros”. Da quinta edição, não constam informações sobre o processo. Talvez o acesso a cartas do poeta sobre a

sua obra, como ocorre com outros autores da nossa literatura, possibilitaria avançar nesse sentido.

Embora não seja o recorte da pesquisa em questão, são peculiaridades que precisariam de uma investigação detalhada, a começar pela história das casas editoriais e seu processo de impressão, ainda por fazer em relação ao Brasil. Trata-se de nomes importantes na história da tipografia brasileira cujas publicações abrangem obras não só da literatura, mas também de história, linguística, política, etc.

1.2. Da capa manuscrita da 3ª. edição

O manuscrito presente na capa da 3ª. edição, também de natureza poética, representa um dos únicos contatos que tivemos com um escrito do próprio punho de Vicente de Carvalho relacionado a *Poemas e Canções*. Sabe-se que no *Instituto Moreira Salles*, no Rio de Janeiro, há um conjunto de cartas do poeta em diálogo com o Euclides da Cunha, há pouco tempo identificadas: “o achado, no acervo de Literatura do Instituto Moreira Salles, de um conjunto de 24 cartas de Vicente de Carvalho a Euclides, originais, manuscritas, encadernadas em álbum, possibilita o estabelecimento de um diálogo, ainda que de forma lacunar, e amplia o sentido das oito já conhecidas” (BEZERRA, 2020, online: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/o-poeta-do-mar-o-cronista-do-sertao-por-elvia-bezerra/>). Infelizmente não tivemos acesso a essa documentação em razão da pandemia.

Por estar na capa da publicação e por não haver um estudo comparativo com outros documentos, neste trabalho, toma-se o texto com cautela, como um tópico a ser investigado numa pesquisa futura, por meio da qual se pretende aprofundar a história dos textos do escritor, de sua fortuna crítica, com vistas à produção de um edição crítica do livro de poemas. Aqui, apresentamos a edição do manuscrito, de forma conservadora. O estado de conservação do material, incluindo suporte e escrita, dificultam um pouco a leitura em sua integralidade, exigindo a utilização de determinadas inferências, todas indicadas entre colchetes, ou então, na impossibilidade de decifração, por meio de [ilegível].

A passagem que se encontra manuscrita aparece na versão de 1919 e de 1923, como parte do poema *Folhas soltas*.

Transcrição conservadora do manuscrito da capa	Registro constante das publicações de 1919 e 1923
<p>Faz frio. Ha bruma. Agosto vai em meio[.] E eu iria jurar, benedito engano. Que a primavera veiu Antes, do tempo, este ano.</p> <p>[Vi-te] Sob o [nevoeiro] ceu de Agosto Nem os jardins, e ignocência a brotar Mas ha rozas no teu rosto -- E azul, azul do ceu, no teu olh[ar.]</p> <p>Que importa o frio? a bruma? Agosto em meio? Juro, posso jurar-o, não me engano. [A] primavera veiu [Antes] do tempo, este ano.</p> <p>Amo-te. E assim como se não houvesse Inverno, era terra nua, e a bruma no ar [O] meu coração floresce E ha luz, ha luz do sol, no meu olhar. Vicente deCarvalho</p> <p>19/8</p>	<p>Faz frio. Ha bruma. Agosto vai em meio. E eu iria jurar, bemdito engano, Que a primavera veiu Antes do tempo, este ano.</p> <p>Vi-te. Sob o nublado céu de Agosto Nem os jardins começam a brotar, Mas ha rosas no teu rosto E azul, azul de céu, no teu olhar.</p> <p>Que importa o frio? A bruma? Agosto em meio? Juro, posso-o jurar, que não me engano; A primavera veiu Antes do tempo, este ano.</p> <p>Amo-te. E assim como si não houvesse Inverno, e terra nua, e bruma no ar O meu coração floresce E ha luz, ha luz de sol, no meu olhar.</p>

Quadro 4: transcrição do manuscrito da capa de 1917.

2. Colação dos testemunhos

A fls. 23, 68 e 88 deste volume deparam-se três trechos da *Arte de amar*, poema não concluído, e que o autor não sabe si levará a termo. Provavelmente não; essa obra ficará, de certo, informe e incompleta, como tantas que se projetam, se empreendem, e não chegam a realizar-se. Chegado aos cinquenta e um anos de vida duramente vivida, com pouco tempo e poucas forças póde já o autor deste livro contar para a realização de ambições ou de esperanças. Os versos a que consegue dar a ultima demão custam-lhe, e sempre assim foi, um grande esforço, de que se vai sentindo de dia para dia cada vez menos capaz. Com esse desanimado sentimento incluiu nos *Poemas e Canções* os trez referidos trechos da *Arte de amar*, únicos, do poema ainda e talvez para sempre informe, que atinjam a fôrma definitiva. (CARVALHO, 1917, 229 - Notas)

Assim se contitui uma das notas da publicação de 1917. Para o autor seria a sua última operação sobre o texto, mas não foi dessa forma que ocorreu. Na versão de 1919, contextualiza-se a situação e justifica-se a existência de mais uma edição:

O A. enganou-se quando supoz que, com a terceira edição dos *Poemas e Canções*, se despedia para sempre do publico. Essa edição apareceu em Julho de 1917; e seis meses depois tinha desaparecido das livrarias, esgotada toda em S. Paulo. A atual devia ser de começos de 1918; vem atrasada de quazi dois anos. Desculpe-se o atrazo á conta da vida que o A. leva, absorvido por trabalhos de outra natureza; e ao declínio da idade, em que ele vai decendo, e em que o passo se torna hezitante e tardo. (CARVALHO, 1919, p. 292 – Notas)

Para o crítico Manoel Carlos, em texto publicado no jornal Estado de S. Paulo, constante do *apêndice* da terceira edição de *Poemas e Canções*, “Vicente de Carvalho é um poeta sempre igual e que não se repete nunca” (CARVALHO, 1917, p. 265). Essa espécie de paradoxo faz com que o resultado da colação entre os testemunhos se torne ainda mais rico para o estudo dos seus textos e compreensão de seu modo de criar e operar seus poemas. Manter-se sempre igual significa manter-se constante num fazer poético que lhe é próprio, o que o leva a esforços múltiplos mesmo com outros afazeres e com a saúde debilitada.

Tendo em vista o levantamento de testemunhos da tradição de *Poemas e Canções*, assim como as suas particularidades e a limitação de acesso a materiais manuscritos que pudessem denotar a gênese da obra, a colação² realizada teve como objetivo inventariar variantes entre as

² **Colação** (*Collatio*). Processo de comparação entre todos os testemunhos de um texto, com o objetivo de definir

versões em vida do autor e verificar como se dava a sua relação dentro da tradição, tendo como parâmetro a sua cronologia de publicações. Dessa forma, iniciamos tendo como base a edição de 1908, noemada como A, comparada a de 1909 (B), depois esta com a de 1917 (C), na sequência com a de 1919 (D) e, por fim, com a de 1923 (E). Trata-se de uma forma de compreender o movimento do texto ao longo de sua história.

Durante o período de análise dos cinco testemunhos, notou-se de imediato diferença na quantidade de poemas de cada um deles. A primeira e a segunda edições contêm os mesmos 15 poemas, ao passo que a terceira (indicada como ‘aumentada’ na capa do exemplar), a quarta e a quinta apresentam 25. Inicialmente, identificou-se um poema distinto e outros dois que sofreram processo de fusão. Foi o caso, por exemplo, de *Arrufos* e *Arte de amar*, lançados na edição de 1917. As partes que compõem o primeiro passaram a integrar, ao lado do segundo (que se torna o canto IV) o que se chamou de *Fragments da ‘Arte de amar’*, nos anos posteriores. O novo poema que surge a partir de 1919 e se mantém em 1923 ganhou o título de *Omnia vanitas*.

A leitura dos poemas revela que a divergência encontrada nos poemas mencionados reflete também diferença na estrutura das edições, estendendo-se a diversas passagens do escrito poético. As alterações entre uma composição e outra não acontecem de maneira homogênea, devido provavelmente às particularidades das composições. Estamos diante de um processo criativo do autor que não se encerra ao texto sair a público, contemplando diversas etapas, de acordo com a vivência autoral e o contato com o próprio texto.

O quadro a seguir contém, na coluna da esquerda, os poemas em ordem de aparição na última edição em vida do autor; as demais são comparações com as estruturas dos outros anos, sempre indicados ao topo de cada coluna. Os números arábicos significam a posição do poema dentro daquela edição, o ‘X’ marca a ausência do texto, por fim, o título de um poema assinalado com asterisco (*) representa que o mesmo se apresenta com outro nome ou faz parte de outro poema.

e inventariar todas as variantes relativas neles registadas. Esta operação é necessária para a constituição do processo genético (quando aplicada a testemunhos autógrafos) ou do estema (no caso de tradições), e para a organização dos cadernos (em bibliografia material). (DUARTE, 2019, p. 380)

	1923 (E)	1908 (A)	1909 (B)	1917 (C)	1919 (D)
1	Velho tema	1	1	1	1
2	Menina e moça	X	X	2	2
3	Pequenino morto	6	6	3	3
4	A invenção do Diabo	3	3	12	4
5	Sugestões do crepúsculo	10	10	4	5
6	Fragmentos da "Arte de amar"	X	X	5* Arte de amar - Arrufos	6
7	Fugindo ao cativeiro	4	4	7	7
8	Cantigas praianas	5	5	16	8
9	De manhã	X	X	17	9
10	Fantasias do luar	2	2	9	10
11	Da carteira de um doido	X	X	10	11
12	Folhas soltas	11* Folha solta	11* Folha solta	11	12
13	Palavras ao mar	7	7	13	13
14	Trovas	X	X	14	14
15	Cartas a W.S.	9	9	15	15
16	Oração Pagã	X	X	18	16
17	A partida da monção	12	12	20	17
18	No mar largo	X	X	21	18
19	Deslumbramento	X	X	19	19
20	A voz do sino	X	X	6	20
21	Sonetos	13* Uma impressão de D. Juan - soneto IV	13* A impressão de D. Juan - soneto IV	23	21
22	Sonho póstumo	8	8	24	22
23	A ternura do mar	14	14	22	23
24	Omnia vanitas	X	X	X	24
25	Rosa, rosa de amor	15	15	25	25

Quadro 5: poemas e seu ordenamento em cada edição.

Há ainda versos que passaram a integrar um conjunto diferente do original e situações em que um mesmo poema ganha e perde partes de uma edição para outra. No primeiro caso, a parte II de *Folhas soltas*, na 3ª edição, torna-se a parte III de *Fragmentos da “Arte de amar”* em 1919 e 1923 e deixa de integrar seu poema de origem, que continua existindo, com o acréscimo de duas novas partes.

Podemos destacar também o que ocorre em *Cantigas Praianas*, como demonstrativo do segundo fenômeno citado anteriormente. O poema, que tem apenas cinco partes em 1908 e 1909, passa a ter oito, em 1917 e 1919, e termina com nove antes da morte do autor. Além disso, a parte IV das duas primeiras edições desaparece nas seguintes, surgindo reformulada apenas em 1923, como parte IX.

Paralelamente ao levantamento dos testemunhos, e ao conjunto de diferenças identificadas entre eles, foi preciso intensificar a procura e o registro de referências sobre o autor em hemerotecas virtuais, como a da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o acervo digital do Estadão, com o objetivo de encontrar informações a esse respeito. Essa etapa da pesquisa gerou resultados rápidos e agregou volume, complexidade e importantes questionamentos ao trabalho. Para se ter uma perspectiva, apenas a parte I do poema Velho Tema (presente nas 17 publicações do *Poemas e Canções*) apareceu 15 vezes em periódicos no período de atividade de Vicente de Carvalho.

	Ano	Data	Ed.	P.	Periódico	UF	Título
1	1899		8	296	Revista do Brazil	SP	Eterno Sonho
2	1907	maio, 26	1844	2	A Capital	RJ	Eterno Sonho
3	1909	fevereiro, 5	10671	2	Diario do Maranhão	MA	Velho Tema
4	1909	outubro, 30	7	3	Perseverança	AL	Soneto
5	1910	janeiro, 8	329	1	Correio do Norte: Orgão do Partido Revisionista do Estado do Amazonas	AM	Velho Thema
6	1910	junho, 4	11079	2	Diário do Maranhão	MA	Velho Thema

7	1911	junho, 10	713	1	Correio do Norte: Orgão do Partido Revisionista do Estado do Amazonas	AM	Velho Tema
8	1911	abril, 27	11353	2	Diário do Maranhão	MA	Velho Thema
9	1916	novembro, 10	268	2	Pharol	RJ	Eterno Sonho
10	1918	março, 6	55	2	Pacotilha	MA	Soneto
11	1919	fevereiro, 3	28	2	Pacotilha	MA	Soneto
12	1921	outubro, 21	248	2	Pacotilha	MA	Velho Tema
13	1923	abril, 3	77	2	Pacotilha	MA	A Felicidade
14	1924	fevereiro, 10	359	7	O Social		Soneto
15	1924	março, 16	1600	6	Republica	SC	Velho Thema

Quadro 6: publicações do poema Velho Tema.

As alterações de conteúdo, ordenação e estrutura dos poemas mostraram-se de tal modo tão significativas e numerosas que o problema de pesquisa mais urgente deixou de ser, de modo geral, as corruptelas que o texto sofreu em sua transmissão durante 60 anos (período de tempo entre as primeiras publicações em periódicos e a 17ª edição do livro) e passou a ser as transformações implementadas por Vicente de Carvalho nas cinco primeiras edições em vida e como identificar suas particularidades. Em outras palavras, como se caracteriza o processo de criação literária do poeta e como isso se reflete ao longo das suas publicações.

Entendemos que uma publicação oficial tenha um peso diferente de um manuscrito literário pré-textual, um esboço, um rascunho que apresente etapas de trabalho iniciais, fases essenciais da criação. Isso não quer dizer que haja uma hierarquia, mas que a sua análise tem de ser particularizada para cada caso. O que Carvalho nos entrega não são propriamente seus passos durante o processo, mas os resultados disso; obviamente, não todos eles, mas aqueles que selecionou para expor a público e à crítica. Esse detalhe, portanto, torna-se seu diferencial: tratamos aqui de textos públicos, publicados em vida do autor.

A mudança de questionamento levou-nos, igualmente, a uma nova perspectiva teórica. Tratamos aqui de diferentes versões oficiais que acabaram criando suas próprias tradições e conquistaram seu público de admiradores e detratores. Para que se tenha uma ideia, Nelly

Novaes Coelho utiliza o texto de 1908 como base de sua crítica (1970); Mário de Andrade (1921) se apoia no de 1917 (e o mantém em sua biblioteca pessoal – hoje no IEB); por sua vez, Ida Vicenza (2012) seleciona a partir do testemunho de 1919 a antologia para publicação oficial da ABL. Considerando que a versão de 1923 foi reproduzida na maioria das reimpressões posteriores, podemos dizer que esta se tornou o texto mais fácil de se encontrar em sebos e bibliotecas.

Ademais, descobriu-se que títulos presentes nos Poemas e canções permeiam toda a obra Vicentina. Para citar alguns casos: *Rosa, rosa de amor* foi publicado separadamente em, pelo menos, quatro edições; *A voz do sino* também ganhou seu próprio livro; Já as *Cantigas Praianas*, ou parte dela, saiu na seção de avulsos em *Versos da Mocidade* (exemplar que realizava uma seleção dos escritos de juventude do autor); *Fugindo ao cativo* é a contribuição em poema para o livro *Verso e Prosa*.

Por esse motivo, apontamos a necessidade de um estudo detalhado da obra completa de Vicente de Carvalho, ou melhor, a importância que se faça uma edição crítica que contemple toda a sua tradição. O curto tempo e a exigência que se impõe de um recorte limitado ao objeto de estudo no mestrado justificam a decisão de concentrar a atual pesquisa nas transformações autorais presentes nas cinco edições de *Poemas e Canções* em vida do autor. Ao passo que, durante uma pesquisa posterior, no doutorado, realize-se o mapeamento da produção literária completa do poeta e sua edição, a partir da perspectiva da tradição completa da obra e de sua fortuna crítica

2.1. Variantes: impressões iniciais

Embora limitado a 5 edições em vida do autor, o exame dos testemunhos que compõem o *corpus* deste estudo e o seu cotejo foram tarefas árduas. Primeiro pela necessidade de editar cada uma das publicações. Foi preciso transcrever o material disponível *online* em formato pdf para arquivo de texto editável. Posteriormente, organizar os poemas de modo a visualizar melhor as transformações que a obra sofreu ao longo do tempo, facilitando também o cotejo entre os testemunhos.

De uma publicação a outra, além de mudanças mais significativas, como acréscimos, omissões, alteração de ordem, inclusão e/ou retirada de novos poemas, observam-se também alterações ortográficas, reflexos do uso que se fazia do português em cada período, contribuindo

para compreender também o processo de revisão do livro, pelo autor ou seus editores. Das notas da primeira edição constam informações importantes a esse respeito:

Adoptaram-se neste livro, com relação á ortografia, algumas das regras formuladas em 1907 pela Academia Brasileira de Letras. Algumas, não todas; porque, sendo sem duvida oportuno encaminhar para uma inteligente simplificação a ortografia portugueza, complicada de pretenções etimológicas sem grande nexo, pareceram, entretanto, prematuras ou incompletas algumas das inovações propostas pela Academia. (CARVALHO, 1908, p. III)

Entre as indicações não seguidas no livro de 1908 estão a supressão de consoantes mudas, a substituição do grupo consonantal *ch* por *qu*, *chimica* por *quimica*, por exemplo, a substituição de *g* por *j* antes de *e* e *i* no meio das palavras. Em contrapartida, seguiram-se: abolição do uso das consoantes geminadas, com excepção de *ss* e *rr*, e de *cc*; eliminação do *h* no meio das palavras; supressão das letras *y* e *w*; emprego sistematicamente da grafia *ai* e *ãi*, e seus plurais, para os finais de palavras nas quais geralmente se usa *ae* e *ãe* e seus plurais. As notas atribuem ao autor o critério ortográfico escolhido. Na edição de 1909, mantém-se o critério: “Quanto a este livro, por se tratar do obra já feita e publicada, entendeu o autor que nele devia conservar a ortografia mixta ^[L]_[SEP] adaptada para a primeira edição” (CARVALHO, 1909, p. 195)

Na edição de 1917, muitas notas foram eliminadas, inclusive a que se referia à ortografia. A causa teria sido sua inutilidade:

Uma das suprimidas, longamente explicativa da ortografia adotada no livro, tornou-se de todo inútil, desde que o autor abandonou as restrições com que, a principio, adotara a reforma ortográfica aventada pela Academia Brasileira, restrições que a referida *Nota* se destinava a espor e defender. O que o autor deste livro pensa hoje no assunto pôde ser sintetizado em poucas palavras, e nem o cazo merece mais: a ortografia da nossa língua tende a simplificar-se; tal simplificação dificultada pela força do habito, em uns, e pela timidez de outros, resultará, afinal, de esforços individuaes multiplicados progressivamente. (CARVALHO, 1917, p. 229)

As mudanças no âmbito ortográfico não são categóricas e nem sempre coerentes entre os testemunhos. Na ausência de um critério explícito, a partir da edição de 1917 fica evidente que os esforços individuais referidos na nota podem refletir tanto o estilo de Carvalho quanto o trabalho de revisores. O resultado, em alguns pontos, é o uso variável da língua. Em determinados pontos, observam-se lapsos do revisor (autor ou editor) em contraste com o

provável critério causador da alteração. O quadro abaixo permite observar o movimento percorrido pelo texto.

	1908 (A)	1909 (B)	1917 (C)	1919 (D)	1923 (E)
<s> / <z>	resumida	rezumida	rezumida	rezumida	resumida
	anciosa	ancioza	ancioza	ancioza	anciosa
	milagrosa	milagroza	milagroza	milagroza	milagrosa
	ilusão	iluzão	iluzão	iluzão	iluzão
	presente	presente	presente	prezente	prezente
<x> / <s>	extranho	estranho	estranho	estranho	estranho
	existe	existe	eziste	eziste	eziste
<mn> / <n>	condemnado	condemnado	condemnado	condenado	condenado
	damno	damno	dano	dano	dano
	somno	somno	sono	sono	sono
<pt> / <t>	captivas	captivas	cativas	cativas	cativas
<bt> / <t>	subtil	subtil	sutil	sutil	sutil
<ll> / <l>	daquelle	daquele	daquelle	daquele	daquele

Quadro 6: exemplos de diferenças gráficas entre as edições.

Nos casos de <s> e <z>, primeiramente observa-se uma tendência nas edições de 1909, 1917 e 1919 a apresentarem o mesmo tipo de alteração no registro de alguns termos, como visto em *resumida*, *anciosa* e *milagrosa*, enquanto a versão de 1923 reproduz a forma de 1908. No entanto, com *ilusão* e *presente*, o processo diferencia-se, regularizando o registro *iluzão* já a partir de 1909, no primeiro caso; matendo-se o de <s> em 1909 e 19017, no segundo. Em relação aos grupos <mn> , <pt> e <bt>, o predomínio é pela queda do primeiro elemento nas três últimas edições; a exceção é observada na de 1917. Quanto a <ll> e <l>, a versão de 1917 rompe a tendência. A falta de regularidade pode demonstrar que não se tratava de uma revisão categórica, mas de mudanças ocasionais de acordo com a palavra e o tipo de registro ou então de lapsos de leitura no processo de edição.

2.1.1. Cantigas Praianas: um caso em destaque

O poema *Cantigas praianas* está presente nas cinco edições examinadas, apresentando diferenças significativas entre elas, distribuídas em três momentos: 1) 1908 e 1909; 2) 1917 e 1919 e 1919; 3) 1923, conforme o quadro a seguir:

1908 e 1909	1917 e 1919	1923
5 partes [não numeradas] 31 estrofes 126 versos	8 partes [numeradas] 50 estrofes 227 versos	9 partes [numeradas] 52 estrofes 237 versos
PI: 5 estrofes de 4 versos PII: 14 estrofes de 4 versos PIII: 7 estrofes de 4 versos PIV: 3 estrofes de 4 versos PV: 2 estrofes de 5 versos	PI: 3 estrofes de 5 versos PII: 5 estrofes de 4 versos PIII: 14 estrofes de 4 versos PIV: 7 estrofes de 4 versos PV: 5 estrofes de 4 versos PVI: 6 estrofes de 4 versos PVII: 6 estrofes de 8 versos PVIII: 4 estrofes de 4 versos	PI: 3 estrofes de 5 versos PII: 5 estrofes de 4 versos PIII: 14 estrofes de 4 versos PIV: 7 estrofes de 4 versos PV: 5 estrofes de 4 versos PVI: 6 estrofes de 4 versos PVII: 6 estrofes de 8 versos PVIII: 2 estrofes de 5 versos PXIX: 4 estrofes de 4 versos

2.1.1.1. Tabela de variantes

Tipo de variante	Frequência	Porcentagem
Acentuação	12	13,48%
x/s/z	18	20,22%
Pontuação e sinais gráficos	34	38,20%
j/g	7	7,86%
Perda de consoantes	3	3,37%
Acréscimo de consoante sc/c	6	6,74%
Troca/adição de vogais	4	4,49%
Separação de palavras	2	2,25%
Itálico	1	1,13%

Reformulação	1	1,13%
Numeração das partes do poema	1	1,13%
Total	89	100%

2.1.1.2. Tabelas de ocorrências

Acentuação

	Linha	1908	1909	1917	1919	1923
1	i	X	X	Sóbem	Sóbem	Sobem
2	iii; xxxii; xxxiii	Flor	Flôr	Flôr	Flôr	Flôr
3	xvii; xx	Ceu	Céu	Céu	Céu	Céu
4	xxxvii	Fosse	Fôsse	Fôsse	Fôsse	Fôsse
5	xlvi	Doce	Dôce	Dôce	Dôce	Dôce
6	lxi	X	X	Emprégo	Emprego	Emprégo
6	lxx	X	X	Flor	Flôr	Flôr
7	lxxvii	X	X	Porem	Porem	Porém
8	lxxxiii	Supôr	Supôr	X	X	Supor

x/s/z

		1908	1909	1917	1919	1923
1	ii	Desejo	Dezejo	Dezejo	Dezejo	Dezejo
2	xiv	Luminosa	Luminosa	Luminoza	Luminoza	Luminosa
3	xxxviii; xlviii	Resumo	Rezumo	Rezumo	Rezumo	Rezumo
4	xl	Fantasia	Fantazia	Fantazia	Fantazia	Fantazia
5	xlix	Extase	Extaze	Estaze	Estaze	Extase
6	lxiv	X	X	Ezajero	Ezajero	Exajero
7	lxv	X	X	Rozeiras	Rozeiras	Roseiras
8	lxvi	X	X	Viçozas	Viçozas	Viçosas

9	lxvii	X	X	Rozas	Rozas	Rosas
10	lxix	X	X	Rozeira	Rozeira	Roseira
11	lxxi	X	X	Excluzivo	Excluzivo	Exclusivo
12	lxxiv	X	X	Rezume	Rezume	Resume
13	lxxv	X	X	Sorrizo	Sorrizo	Sorriso
14	lxxvi	X	X	Preciso	Preciso	Precizo
15	lxxviii	X	X	Dezerto	Dezerto	Deserto
16	lxxix	Frase	Fraze	X	X	X
17	lxxxii	Causa	Cauza	X	X	Causa

Ponntuação e sinais gráficos

		1908	1909	1917	1919	1923
1	iv; vi; xv; xviii; xxi; xxiv; xxvi;xxvii; xxxi; xxxiv; xxxv; xxxvi; xxxix; xliv; xlvi; xlvii; li;	.	...	...	...	...
2	v	.	:	:	:	:
3	vii	,	,	,	s/v	s/v
4	viii	,	s/v	s/v	s/v	s/v
5	x	.	;	;	.	.
6	xi	-	s/p	-	-	-
7	xii	,	s/v	s/v	,	s/v
8	xiii	.	.	,	,	,

9	xli; xlii	<<>>	<<>>	<<>>	""	""
10	xliii	s/v	s/v	s/v	,	,
11	lv	X	X	..,	...	...
12	lxii	X	X	,	,	.
13	lxviii	X	X	...	..	.
14	lxxx; lxxxi; lxxxv	.	...	X	X	X
15	lxxxix	X	X	,	,	.

j/g

		1908	1909	1917	1919	1923
1	ix	fugidia	fugidia	fujidia	fujidia	fujidia
2	xxiii, xxv	gorgeio	gorgeio	gorjeio	gorjeio	gorjeio
3	xxviii	vestigio	vestigio	vestijio	vestijio	vestijio
4	xxx	foge	foge	foge	foje	foje
5	l	imagem	imagem	imagem	imajem	imajem
6	lxiv	X	X	ezajero	ezajero	exajero

Perda de consoantes

		1908	1909	1917	1919	1923
1	xvi	Reflecti	Reflecti	Refleti	Refleti	Refleti
2	xix	Bello	Bello	Belo	Belo	Belo
3	xxix	Bemdicta	Bemdicta	Bemdita	Bemdita	Bemdita

Acréscimo de consoante (c/sc)

		1908	1909	1917	1919	1923
1	lii	X	X	Déce	Déce	Desce
2	liv; lvii	X	X	Decida	Decida	Descida
3	lvi	X	X	Decendo	Decendo	Descendo
4	lix	X	X	Déce	Déce	Désce
5	lxxxviii	X	X	Florece	Florece	Floresce

Troca/adição de vogais

		1908	1909	1917	1919	1923
1	xxii	Com	Como	Como	Como	Como
2	liii	X	X	Nesta	Nesta	Neste
3	lx	X	X	Iguais	Iguaes	Iguais
4	lxxxvii	X	X	Das	Das	Dos

Separação de palavras

		1908	1909	1917	1919	1923
1	lviii; lxiii	X	X	Hade	Ha de	Ha de

Itálico

		1908	1909	1917	1919	1923
1	lxxiii	X	X	Mas	Mas	<i>Mas</i>

2.2. Variantes: casos de pontuação, trocas, omissões e acréscimos

Como exemplo de casos de variantes, relacionadas a pontuação, trocas, omissões e acréscimos, apresentamos um quadro com ocorrências entre as edições, organizadas entre 1908 e 1917 / 1917 e 1923. Por meio da edição sinóptica, constante da última parte da dissertação, é possível acompanhar todas as alterações.

2.2.1. De 1908 a 1917

	1908	1917
1	Pequenino morto - pontuação: . / ...	
	Vais ficar sozinho no caixão fechado. Não será bastante para que te guarde? Para que essa terra que jazia ao lado Pouco a pouco róla, vae desmoronando? Pequenino, acorda! — Pequenino!. E' tarde! Sobre ti cai todo esse montão que ao lado Vae desmoronando.	Vais ficar sozinho no caixão fechado... Não será bastante para que te guarde? Para que essa terra que jazia ao lado Pouco a pouco róla, vai desmoronando? Pequenino, acorda! — Pequenino!... É tarde!... Sobre ti cáí todo esse montão que ao lado Vae desmoronando...
2	A invenção do diabo – pontuação e troca: um dia / , acazo	
	Só uma vez Satan respirou satisfeito, E arregaçou-lhe o beijo um perfido sorriso, Quando um dia, ao sair do seu covil estreito, De repente se achou dentro do paraizo.	Só uma vez Satan respirou satisfeito, E arregaçou-lhe o beijo um perfido sorriso, Quando, acazo, ao sair do seu covil estreito, De repente se achou dentro do paraizo.
3	Sugestões do crepúsculo – Junção de caracteres	
	E pelas praias aonde descem Do firmamento — a sombra e a paz; E pelas varzeas que emudecem Com os derradeiros sabiás;	E pelas praias aonde decem Do firmamento — a sombra e a paz; E pelas varzeas que emudecem Com os derradeiros sabiás;
4	Carta a W. S. – troca: cólicas / doenças	
	Artista, amigo, irmão, sê generoso e pio, Perdoa a um pescador seus pecados mortais! Eu, alma em turbilhão, corpo em cacos, expio Com remorsos crueis e cólicas fatais — Faltas em que reincido, erros em que porfio.	Artista, amigo, irmão, sê generoso e pio, Perdôa a um pescador seus pecados mortais! Eu, alma em turbilhão, corpo em cacos, expio Com remorsos crueis e doenças fatais — Faltas em que reincido, erros em que porfio.
5	Rosa, Rosa de Amor – troca: cheia de rosa,/ de tanta roza	
	Roseira cheia de rosas, Roseira cheia de espinhos, Que eu deixei pelos caminhos, Aberta em flor, e parti:	Rozeira de tanta roza Rozeira de tanto espinho Que eu deixei pelo caminho Aberta em flôr, e parti:

2.2.1. De 1917 a 1923

	1917	1923
1	Fujindo ao cativoiro – omissão: Incita-os o terros, alenta-os a esperança	
	<p>Vão andrajosos, vão famintos, vão morrendo. Incita-os o terror, alenta-os a esperança: Fica-lhes para traz, para lonje, o tremendo Cativoiro... E atravez desses grotões por onde Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde, Da vasta escuridão que os cega e que os ampara, Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos, Seguem, almas de hebreus, rumo do Jabaquara — A Canaan dos cativos.</p>	<p>Vão andrajosos, vão famintos, vão morrendo. Fica-lhes para traz, para lonje, o tremendo Cativoiro... E atravez desses grotões por onde Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde, Da vasta escuridão que os cega e que os ampara, Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos. Seguem, almas de hebreus, rumo do Jabaquara — A Canaan dos cativos.</p>
2	Cantigas praianas – substituição, reelaboração e acréscimo	
	<p style="text-align: center;">VIII</p> <p>Vida, que és o dia de hoje, O bem que de ti se alcança Ou passa porque nos foje, Ou passa porque nos cança.</p> <p>Ainda mesmo quando ocorre Na vida das mais felizes, O prazer floresce, e morre, A magua deita raizes.</p> <p>Tem alicerces de areia O que constróes cada dia, Vida que corres tão cheia Para a morte tão vazia,</p>	<p style="text-align: center;">VIII</p> <p>Do que sofro sem queixar-me Sois causa sem o supor: Matais-me, e sois inocente, Que eu expio unicamente O crime do meu amor.</p> <p>Matais-me; e é meu, e não vosso Esse crime sem perdão, O crime de um suicida Que em sonhos esbanja a vida Sabendo que sonha em vão.</p>
3	Folhas soltas – omissão	

	<p>«Nem mesmo com uma flor» ... Diz o proverbio arabe.* Parece Que bem mais e bem melhor Diria ele si dissesse :</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>«Nem mesmo com uma fraze Siquer, Seja ela embora tão leve Ou quaze Como a mais leve pluma, Se deve Bater numa Mulher» ...</p>	<p>Nem só o olhar dos olhos de quem ama Revela o amor que se supõe discreto, E o mais oculto, o mais medroso afeto Injenuamente á luz do sol proclama.</p> <p>Tambem a voz, indiscreção bemdita, Tráe o amor sob a fraze indiferente; E debalde a palavra finje e mente: Na voz que treme o coração palpita.</p> <p>Desvias dos meus olhos infelizes O teu olhar... Dizes que não... Loucura! Em tua voz que tremula murmura Ouço tudo que sentes e não dizes.</p>
4	Carta a W S. – troca	
	<p>Imajina cativa, entregue, submetida Aos caprichos da Moda e á eziencia das Leis, Entre o encanto do Mal e a idéa da Outra Vida, Entre o culto de Deus e o culto do Mil-réis, Entre o padre e o vendeiro, entre o Verso e a Comida;</p>	<p>Imajina cativa, entregue, submetida Aos caprichos da Moda e á exigencia das Leis, Entre o encanto do Mal e a idéa da Outra Vida, Entre o culto de Deus e o culto do Mil-réis, E a pompa de um salão, e o pó de uma avenida,</p>
5	Sonho póstumo – omissão	
	<p>De entre moutas em flôr, oscilantes na arajem, Humidas e cheirozas, Espalhando em redor frescuras de folhagem, E perfume de rozas,</p> <p>Subam, jovializando o ar, canções suaves — A muzica sonóra Em que parece rir a alegria das aves, Encantadas da aurora.</p> <p>E cada flôr que um galho acazo dependura A' beira dos caminhos Entreabra o seio ao sol, ás brizas, á doçura De todos os carinhos.</p> <p>Passe em redor de mim um frémito de gozo E um calor de dezejo, E sôe o farfalhar das arvores, morozo Como o rumor de um beijo.</p>	<p style="text-align: center;">II</p> <p>A louza tumular o corpo fecha e cobre De sombra e de abandono, E paira, horrivel como um pezadelo, sobre O derradeiro sono...</p> <p>E', de certo, peor que a morte ; desconforto E', por certo, mais triste : A morte mata só — e não separa o morto De tudo mais que eziste.</p> <p>Que é a morte, afinal, que tanto horror merece ? — Mais um degráu da escada Por onde eternamente a vida sóbe e desce Do nada para o nada.</p>

3. Edição de Poemas e Canções

Na ausência até hoje de um trabalho filológico sobre a obra de Vicente de Carvalho e sendo o mestrado uma porta de entrada para o universo do autor, do seu contexto de criação, circulação e transmissão dos textos, a pesquisa em questão toma para si a responsabilidade de dar os primeiros passos nesse processo. Como afirma Duarte (2007, p. 27), “De acordo com a situação em presença, o editor terá que tomar opções e adotar soluções que condicionarão todos os usos que posteriormente forem feitos do texto resultante do seu trabalho, cabendo-lhe assim uma responsabilidade histórica (...)”.

No caso de Vicente de Carvalho, a existência de mais de uma publicação em vida do autor, localizadas e acessíveis (pelo menos *online*), com divergências significativas, faz com que o labor filológico possa se voltar a diferentes caminhos, intensificados com a descoberta de outros materiais, como as cartas pessoais do poeta, localizados no Instituto Moreira Salles, em que possa ter tratado da produção de *Poemas e Canções*, além de publicações póstumas.

A história da Crítica Textual tem revelado não haver um procedimento único para todo tipo de tradição textual. Embora com a circulação de muitos manuais a esse respeito, como Blecaua (1983), Azevedo Filho (2004), Spina (1977), Spaggiari e Peruggi (2004), Cambraia (2005), que apresentam diferentes perspectivas de atuação e transmitem o conhecimento sobre a ciência em questão e procedimentos disponíveis, nem sempre a tradição de determinada obra é modelar como nos manuais. Não se trata de um mero seguimento técnico de procedimentos pré-estabelecidos. Diante da complexidade que isso pode gerar, não há, portanto, uma receita para o trabalho filológico. Importante nesse sentido, é como a história do texto se apresenta e a possibilidade do leitor compreender o movimento dos textos de determinada tradição ao longo de sua história.

O caminho escolhido para esta dissertação é singelo perto da riqueza da tradição de *Poemas e canções* e da importância literária de Vicente de Carvalho, mas esperamos que seja significativo para o conhecimento mais apurado de sua obra, de sua escrita e de seu estilo poético. Por causa da pandemia, parte do que poderia ter sido alcançado infelizmente teve de ser ponderado pela falta de acesso às instituições de guarda documental e aos testemunhos. Com isso, limitamos o trabalho às versões localizadas em 2019, a partir das publicações em vida do autor, por meio da operação com o texto e seu processo de transformação.

Não há notícias sobre a gênese da obra, embora as publicações em jornais da época possam contribuir para a reconstituição desse percurso. Pode ser que algum manuscrito

autógrafo de *Poemas e Canções* esteja por ser descoberto e estudado. As edições 1908 e 1923, embora autônomas na perspectiva de cada publicação, cronologicamente revelam uma escrita em processo, um texto em potencial mudança, de acordo com o espírito literário de Vicente de Carvalho. No conjunto poético, algumas composições mantiveram o ânimo autoral vivo e aberto para novas criações. O poema *Cantigas praianas* exemplifica muito bem esse aspecto.

A edição aqui apresentada tem como base o testemunho de 1923, último em vida do autor. Não se trata propriamente de um *testemunho de base* ou de colação, como apresentamos na parte de colação, a comparação entre os testemunhos obedeceu o critério cronológico de publicação. Optamos por tratar o *corpus* não como uma obra em transmissão, como se houvesse um original, presente ou não, e reproduções derivadas dele, mas como um obra em produção, sobre a qual recaem etapas diferentes de escrita, com variações autorais, que sinalizam uma espécie de processo de representação textual condicionado pela intenção do autor, que, no caso deste trabalho, tem como ponto de partida a primeira edição da obra em 1908 e a última em vida. Por essa razão, a edição apresentada contempla a de 1923.

Apresentamos o texto acompanhado de notas de rodapé, com indicações das variantes encontradas. Como não se trata de uma edição crítica, cujo processo de elaboração estaria condicionado a determinadas técnicas, embora para textos modernos ainda não é consenso o caminho a ser seguido, o critério utilizado para as notas tem como base os três momentos de composição identificados: 1. representado pela publicação de 1908 (A); 2. por 1917 (C); 3. por 1923 (E). O objetivo com isso é possibilitar a compreensão de como o texto foi sendo modificado ao longo do tempo, com omissões de certos trechos, acréscimos de outros, inclusive de poemas inteiros, e processos de reelaboração.

O texto encontra-se no estado de língua de como foi publicado em 1923, respeitando suas idiossincrasias. Além disso, para facilitar a visualização do processo e possibilitar a comparação das etapas da escrita da obra, reproduzimos uma edição sinóptica dos três estágios de produção identificados, representados também pelos textos de 1908, 19017 e 1923.

3.1. A edição do texto de 1923

VELHO TEMA

I³

³ Em A, não há numeração das partes do poema.

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existencia, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz anciosa e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Arvore milagrosa, que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Eziste, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

II

Eu cantarei de amor tão fortemente
Com tal celeuma e com tamanhos brados
Que afinal teus ouvidos, dominados,
Hão de á força escutar quanto eu sustente.

Quero que meu amor se te apresente
— Não andrajoso e mendigando agrados,
Mas tal como é: — risonho e sem cuidados,
Muito de altivo, um tanto de insolente.

Nem ele mais a desejar se atreve
Do que merece: eu te amo, e o meu desejo
Apenas cobra um bem que se me deve.

Clamo, e não gemo; avanço, e não rastejo;
E vou de olhos enxutos e alma leve
A' galharda conquista do teu beijo.

III

Belas, airozas, palidas, altivas,
Como tu mesma, outras mulheres vejo:
São rainhas, e segue-as num cortejo
Estensa multidão de almas cativas.

Têm a alvura do marmore; lascivas
Fórmãs; os labios feitos para o beijo;

E indiferente e desdenhoso as vejo
Belas, airozas, palidas, altivas...

Porque? Porque lhes falta a todas elas,
Mesmo ás que são mais puras e mais belas,
Um detalhe sutil, um quazi nada:

Falta-lhes a paixão que em mim te ezalta,
E entre os encantos de que brilham, falta
O vago encanto da mulher amada.

IV

Eu não espero o bem que mais desejo:
Sou condenado, e disso convencido;
Vossas palavras, com que sou punido,
São penas e verdades de sobejo.

O que dizeis é mal muito sabido,
Pois nem se esconde nem procura ensejo,
E anda á vista naquilo que mais vejo:
Em vosso olhar, severo ou distraído.

Tudo quanto afirmais eu mesmo alego:
Ao meu amor desamparado e triste
Toda a esperança de alcançar-vos nego.

Digo-lhe quanto sei, mas ele insiste;
Conto-lhe o mal que vejo, e ele, que é cego,
Põe-se a sonhar o bem que não eziste.

V

"Alma serena e casta, que eu persigo
Com o meu sonho de amor e de pecado,
Abençoado seja, abençoado
O rigor que te salva e é meu castigo.

Assim desvies sempre do meu lado
Os teus olhos; nem ouças o que eu digo;

E assim possa morrer, morrer comigo,
Este amor criminoso e condenado.

Sê sempre pura! Eu com denodo enjeito
Uma ventura obtida com teu dano,
Bem meu que de teus males fôsse feito".

Assim penso, assim quero, assim me engano...
Como si não sentisse que em meu peito
Pulsa o covarde coração humano.

VI

"Lembra"! diz-me o passado: "Eu sou a aurora
E a primavera, o olhar que se enamora
De quanto vê pelo caminho em flôr;
Para o teu coração cançado e triste
E' recordar-me — o unico bem que eziste...
Eu sou a mocidade, eu sou o amor".

"Vive"! diz-me o presente. "Alma suicida,
Louca, não peças á arvore da vida
Mais que os amargos frutos que ela tem;
Deixa a saudade e foje da esperança,
Faze do pouco que teu braço alcança
O teu mesquinho, o teu unico bem."

"Sonha"! diz-me o futuro: "O sonho é tudo,
Eu sobre as tuas palpebras sacudo
A poeira da iluzão!... sonha, e bemdiz!
Eu sou o único bem porque te engano,
E o desgraçado coração humano
Só com o que não possui é que é feliz".

Eu ouço os trez, e calo-me: desisto
De quanto me prometem, porque nisto
Todos se enganam, todos, menos eu:
Beijo dos labios da mulher amada,
O unico bem és tu! Nem ha mais nada...
E tu és de outro, e nunca serás meu!

MENINA MOÇA⁴

Tu, que és quasi uma criança,
E que enlevada sorris
A ' tentadora esperança

⁴ Este poema está ausente em A e B.

De ser amada, e feliz;

Sê formosa; entre as formosas
Reina e brilha, si puderes:
Que a beleza nas mulheres
E' como o viço nas rosas.

Sendo bonita e mais nada
Cumpre a mulher com fulgor
Sobre a terra iluminada
O seu destino de flor.

Sê bondosa; entre as melhores
Sê a melhor, si puderes:
Que a bondade nas mulheres
E ' como o aroma nas flores.

Meiga, formosa, querida,
Ama e sê amada: o amor
Na areia solta da vida
Brota roseiras em flor.

Serás feliz? Ai, não queiras
Ser feliz: ás mais ditosas
Brotam maguas entre as rosas
Como espinhos nas roseiras...

Tu, que és quazi uma criança
E acreditas quanto diz
A enganadora esperança
De ser amada e feliz,

Sê resignada: a roseira
Que mais viça e mais prospera
Dá rosas na primavera
E espinhos a vida inteira...

PEQUENINO MORTO⁵

Tanje o sino, tanje, numa voz de choro,
Numa voz de choro... tão desconsolado... ⁶
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tanje numa voz de choro...

⁵ Em A e B, este poema ocupa a sexta posição.

⁶ A: Numa voz de choro. tão desconsolado.

Pequenino, acorda!

Como o sono apaga o teu olhar inerte
Sob a luz da tarde tão macia e grata!
Pequenino, é pena que não possas vêr-te...
Como vais bonito, de vestido novo
Todo azul celeste com debruns de prata!
Pequenino, acorda! E gostarás de vêr-te
De vestido novo.

Como aquela imagem de Jesus, tão lindo,
Que até vai levado em cima dos andores
Sobre a fronte loura um resplendor fuljindo,
— Com a grinalda feita de botões de rosas
Trazes na cabeça um resplendor de flores...⁷
Pequenino, acorda! E te acharás tão lindo
Florecido em rosas!

Tanje o sino, tanje, numa voz de chôro,
Numa voz de chôro... tão desconsolado...⁸
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino levam-te dormindo...⁹ Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tanje numa voz de chôro...¹⁰
Pequenino, acorda!

Que caminho triste, e que viagem! Alas
De ciprestes negros a gemer no vento;
Tanta boca aberta de famintas valas
A pedir que as fartem, a esperar que as encham...
Pequenino, acorda! Recupera o alento,
Foje da cobiça dessas fundas valas
A pedir que as encham.

Vai chegando a hora, vai chegando a hora
Em que a mãe ao seio chama o filho... A espaços,
Badalando, o sino diz adeus, e chora
Na melancolia do cair da noute;
Por aqui, só cruces com seus magros braços
Que jamais se fecham, hirtos sempre... E' a hora
Do cair da noute...¹¹

Pela Ave Maria, como procuravas

⁷ A: flores.

⁸ A: Numa voz de chôro. tão desconsolado.

⁹ A: dormindo.

¹⁰ A: chôro.

¹¹ A: noute.

Tua mãe!...¹² Num éco de sua voz piedosa,
Que suaves cousas que tu murmuravas,
De mãosinhas postas, a rezar com ela...¹³
Pequenino, em casa, tua mãe saudosa
Reza a sós... E' a hora quando a procuravas...¹⁴
Vae rezar com ela!

E depois...¹⁵ teu quarto era tão lindo! Havia
Na janela jarras onde abriam rosas;
E no meio a cama, toda alvor, macia,
De lençóis de linho no colção de penas.
Que acordar alegre nas manhãs cheirosas!
Que dormir suave, pela noute fria,
No colção de penas...¹⁶

Tanje o sino, tanje, numa voz de choro,
Numa voz de choro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!
Olha que té levam para o mesmo lado
De onde o sino tanje numa voz de choro...
Pequenino, acorda!

Porque estacam todos dessa cóva á beira?
Que é que diz o padre numa lingua estranha?
Porque assim te entregam a essa mão grosseira
Que te agarra e leva para a cova funda?
Porque assim cada homem um punhado apanha
De caliça, e espalha-a, debruçado á beira
Dessa cóva funda?

Vais ficar sósinho no caixão fechado...¹⁷
Não será bastante para que te guarde?
Para que essa terra que jazia ao lado
Pouco a pouco rola, vai desmoronando?
Pequenino, acorda! — Pequenino!... E' tarde...¹⁸
Sobre ti cáí todo esse montão que ao lado
Vai desmoronando...¹⁹

Eis fechada a cóva. Lá ficaste...²⁰ A enorme

¹² A: mãe!.

¹³ A: ela.

¹⁴ A: procuravas.

¹⁵ A: depois.

¹⁶ A: penas.

¹⁷ A: fechado.

¹⁸ A: Pequenino!. E' tarde! / C: É tarde!...

¹⁹ A: desmoronando.

²⁰ A: ficaste.

Noute sem aurora todo amortalhou-te.
Nem caminho deixam para quem lá dorme,
Para quem lá fica e que não volta nunca...²¹
Tão sósinho sempre por tamanha noute!...²²
Pequenino, dorme! Pequenino dorme...²³
Nem acordes nunca!

A INVENÇÃO DO DIABO²⁴

Deus, entregando²⁵ ao Diabo a metade do mundo²⁶
Deu-lhe a parte pior, como era de razão:²⁷
E, para arrecadar seu patrimônio, o Imundo
Foi forçado a varrer todo o cisco do chão.

Tomando para si todo o imenso tezouro
Da Bondade e da Luz, do Amor e da Harmonia,
Póde o Senhor fazer esbanjamentos de ouro
Nas estrelas da noute e no esplendor do dia.

Póde esparzir na areia as pérolas do orvalho,
Marchetar de rubis a aza de um beijaflor,
Fazer a primavera — e pôr em cada galho
O gorgeio de uma ave e o rizo de uma flôr...

A Satanaz, porém, coube em partilha a treva,
O odio como prazer, como covil um poço;
E ele lá no seu reino escuro a vida leva
De um cão magro a que dão muita pancada e um osso.

E, enquanto a mão de Deus, abrindo-se, semeia
Astros de ouro no céu, messes de ouro no pó,
Satanaz, furioso, a mão sacode, cheia
De lepra e maldição como o punho de Job.

Só uma vez Satan respirou satisfeito,
E arregaçou-lhe o beijo um perfido sorriso,
Quando, acaso²⁸, ao sair do seu covil estreito,
De repente se achou dentro do Paraizo.

²¹ A: nunca.

²² A: noute !.

²³ A: Pequenino, dorme. / C: Pequenino, dorme...

²⁴ Em A e B, o poema ocupa a terceira posição.

²⁵ A: Deus entregando ao Diabo

²⁶ A: mundo,

²⁷ A: razão;

²⁸ A: Quando um dia

A primeira impressão que teve foi de inveja:
Daquele estranho quadro o imprevisto esplendor
Só lhe pôde arrancar á boca malfazeja
Uivos de cão ferido, imprecações de dôr.

Mas de repente, como o corisco clareia
O tenebroso céu nas borrascas de Agosto,
Uma ideia triunfante, uma sinistra ideia
Fuzilou-lhe no olhar e iluminou-lhe o rosto.

Sobre um macio chão todo em musgos e rosas,
Eva, formosa e nua²⁹, adormecera ao luar:
E sobre a alva nudez dessas fórmas graciosas
Satan deixou cair um desdenhoso olhar...

Mas num sonho talvez de cousas ignoradas,
Num desejo sem alvo, imperfeito e indeciso,
Eva os labios abriu — e abriram-se, orvalhadas³⁰
De um suspiro de amor, as rosas de um sorriso.

Espantado, Satan viu que esse mármore era
Animado e gentil, ardente e encantador;
Como um resumo viu de toda a primavera
Na frescura sem par daquela boca em flôr.

E foi sómente então que o Príncipe da Treva
Imaginou o Amor furioso e desgrenhado,
E resolveu fazer dos roseos labios de Eva
O cálix consagrado ás missas do Pecado.

Labios feitos de mel, de rosas ao sereno,
De céu do amanhecer franjado em rosicler...
Entreabriu-os Satan; e enchendo-os de veneno,
Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher.

SUJESTÕES DO CREPÚSCULO³¹

I³²

Ao pôr do sol, pela tristeza

²⁹ C: Eva formosa e nua

³⁰ C: e abriram-se orvalhadas

³¹ Em A e B, o poema ocupa a décima posição. Em C, a quarta.

³² Em A, a parte I do poema não está numerada.

Da meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma reza
A voz do mar.

Aumenta, alastra e déce pelas
Rampas dos morros, pouco a pouco,
O ermo de sombra, vago e ôco,
Do céu sem sol e sem estrelas.

Tudo amortece; a tudo invade
Uma fadiga, um desconforto...
Como a infeliz serenidade
Do embaciado olhar de um morto.

Domada então por um instante
Da singular melancolia
De emtorno — apenas balbucia
A voz piedosa do gigante.

Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar...
Que pede ao céu que não a escuta
A voz do mar?

II

Estranha voz, estranha prece
Aquele prece e aquela voz,
Cujas humildade nem parece
Provir do mar bruto e feroz;³³

Do mar, pagão creado ás soltas
Na solidão, e cuja vida
Corre, ajitada e desabrida,
Em turbilhões de ondas revoltas;

Cuja ternura assustadora
Agride a tudo que ama e quer,
E vai, nas praias onde estoura,
Tanto beijar como morder...

Torvo gigante repellido
Numa paixão lasciva e louca,
E' todo fúria: em sua boca
Blasfema a dôr, móra o rujido.

Sonha a nudez: brutal e impuro,
Branco de espuma, ébrio de amor,

³³ C: Provir do mar bruto e feroz.

Tenta despir o seio duro
E virjinal da terra em flor.

Debalde a terra em flor, com o fito
De lhe escapar, se esconde — e aneia
Atraz de cômoros de areia
E de penhascos de granito:

No encalço dessa esquiva amante
Que se lhe furta, segue o mar;
Segue, e as maretas solta adeante
Como matilha, a farejar.

E, achado o rastro, vai com as suas
Ondas e a sua espumarada
Lamber, na terra devastada,
Barrancos nus e rochas nuas...

III

Mais formidável se revela,
E mais ameaça, e mais assombra
A uivar, a uivar dentro da sombra
Nas fundas noutes de procela.

Tremendo e proximo se escuta
Varrendo a noute, enchendo o ar,
Como o fragor de uma disputa
Entre o tufão, o céu e o mar.

Em cada rispida rajada
O vento agride o mar sanhudo:
Roça-lhe a face, com o agudo
Sibilo de uma chicotada.

De entre a celeuma, um estampido
A vulta e estoura, alto e maior,
Quando, tirano enfurecido,
Troveja o céu ameaçador.

De quando em quando, um tenue risco
De chama vem, da sombra em meio...
E o mar recebe em pleno seio
A cutilada de um corisco.

Mas a batalha é sua, vence-a:
Cança-se o vento, afrouxa...³⁴ e assim
Como uma vaga sonolencia

³⁴ A: afrouxa.

O luar invade o céu sem fim...

Donas do campo, as ondas rujem;
E o monstro impando de ousadia,
Pragueja, insulta, desafia
O céu, cuspindo-lhe a salsujem.

IV

A alma raivosa e libertina
Desse tenaz batalhador
Que faz do escombros e da ruína
Como os troféus do seu amor;

A alma rebelde e mal composta
Desse pagão e desse ateu
Que retalia e dá resposta
A' mesma cólera do céu;

A alma arrogante, a alma bravia
Do mar, que vive a combater,
Comove-se á melancolia
Conventual do entardecer...

No seu clamor esmorecido
Vibra, indistinta e espiritual,
Alguma couza do gemido
De um orgam numa catedral.

E pelas praias aonde decem
Do firmamento — a sombra e a paz;
E pelas varzeas que emudecem
Com os derradeiros sabiás;

Ouvem os ermos espantados
Do mar contrito no clamor
A confidencia dos pecados
Daquelle eterno pecador.

Escutem bem...³⁵ Quando entardece,³⁶
Na meia luz crepuscular
Tem a toada de uma prece
A voz tristissima do mar...

³⁵ A: Escute bem.

³⁶ Em A, esta estrofe compõe a quinta parte do poema. Em C, está separada por um asterisco.

FRAGMENTOS DA “ARTE DE AMAR”³⁷

I³⁸

Dizer mal das mulheres é costume
De todo o amante que não foi feliz:
Um coitado mordido do ciúme
Tudo maldiz, e se maldiz...
Pois confesso que nisso se resume
O que fui, o que fiz.

Julguei mal da que adoro e que me adora;
E as mulheres, por perfidas e vis,
A todas condenei de foz em fóra...
Fui infeliz... Sou infeliz
Pois com remorso reconheço agora
O que fui, o que fiz.

Quem se acredita amado se conforma
Com o poder dos encantos feminis:
Tudo esplica e desculpa, de tal fôrma
Que... Tu sorris ? Porque ? Sorris
De uma verdade que tomei por norma
No que fui, no que fiz.

São bem próprios de todas as mulheres
Os carinhos, a tactica, os ardis
Com que provas — ou finjes — que me queres.
Sou infeliz? Mas ser feliz
E' acreditar em quanto me disseres...
E assim fui, e assim fiz.

Porque abrolha em espinhos a roseira
Quem negará que as rosas são gentis?
Do teu encanto de mulher faceira
Ninguém dirá — e ninguém diz
Que é cousa sem valor, que se não queira...
E assim fui no que fiz.

E's tão linda! Eu adoro-te.
E's tão boa!
Finjes tão bem o amor, que o que eu não quiz
Quero agora. Que bem puz fóra á tôa!

Fui imbecil... Aos imbecis
E' caridade perdoar... Perdôa
No que fui — o que fiz.

³⁷ Em A e B, este poema está ausente. Em C: Arte de amar.

³⁸ Em C, as partes I e II compõem um poema intitulado *Arrufos*.

Seja finjido embora o teu agrado,
Agrada-me! Os teus modos infantis
Me dão a idéa de que sou amado.
Naceste atriz... E's boa atriz.
Chóras?... Isso me deixa consolado
Do que fui, do que fiz.

II

Ofendi-te... E, depois, vejo-te humildemente
Chorar,
Turvo, turvo de pranto, esse resplandecente
Olhar.

Eis-me vingado, pois, bem vingado, de quanto
Sofri
Do teu suave amor, do meu suave encanto
Por ti.

Brutal, apunhalei-te a golpes de ironias
Brutaes,
Eu, que te quero tanto, a ti, que me querias
Demais.

Ha pouco, para mim, doudo eu de amor, tu, douda
De amor,
Sorria em tua boca em flor tu'alma toda
Em flor;

Desfolhei esse teu lindo sorriso que era
Assim
— Mas ainda que em ti — como uma primavera
Em mim.

E fiz todo esse mal que com algumas frases
Te fiz
Só porque te amo... Não: só porque tu me fazes;
Feliz.

Fui comigo também, mais que contigo ainda,
Feroz:
Vendo-te assim chorar, tenho uma pena infinda.
De nós:

Provoquei esse pranto humilde e resignado;
Depois,
Por fazer-te infeliz, sou o mais desgraçado
Dos dois.

Sorris?... Vais perdoar? Mas, ó tu que és tão boa,
O meu
Crime de te maguar, alguém o não perdoa:
Sou eu.

III³⁹

"Nem mesmo com uma flor..."
Diz o proverbio arabe. Parece
Que com dobrado primor
Falára ele si dissesse:

"Nem mesmo com uma fraze
Siquer,
Seja ela embora tão leve
Ou quazi
Como a mais leve pluma
Se deve
Bater numa
Mulher..."

IV

Si a tua amante é bela
E tens ciume, finje que o não tens;
Não o perceba ela;
Ou caro pagarás
Com alma, corpo, e bens,
Cada uma dessas cousas pueris
Que um ciumento a cada passo faz
Ou diz.

Pois tua amante, fria como a neve,
E' bela
E finje que te quer bem,
Que mais reclamas? Ela
Com ser linda e fingir — dá quanto deve
E tem.

E quanto mais tiveres
Boas razões, menos dirás que as tens:
Afinal, ás mulheres,
Quando amadas e belas,
Caro se paga em alma, em corpo, em bens,
A culpa sem perdão
De ter, ter contra elas,
Razão.

³⁹ A parte III está ausente em C.

Queixas de amor que tiveres
Não as dês a entender. Nunca, a ninguém !
Mais valerá calar-as, e sorrir:
Ouvidos de mulheres
Só ouvem bem o que lhes soa bem
E lhes convem
Ouvir.

Pois tua linda amante
Finje que te ama — dá-te parabens.
Declara-te feliz, e sê galante:
O seu amor que tu não tens
Que falta faz?
Melhor do que possuir o amor sempre ezijente
De uma mulher que alem de ser amada é bela

Mais vale á gente
Viver com ela
Em paz.

Engana-te ela e finge que és amado?
Engana-a tu também
Finjindo-te enganado:
Vivendo assim perfeitamente bem
Os dois,
Poupar-te-ás a quanto, injusta ou justa,
Uma scena de ciume sempre custa
Depois...

FUJINDO AO CATIVEIRO⁴⁰

I

⁴⁰ Em A e B, o poema ocupa a quarta posição.

Horas mortas. Inverno. Em plena mata. Em plena Serra do Mar.

Em cima, ao lonje, alta e serena,
A ampla curva do céu das noutes de geada:
Como a palpação vagamente azulada
De uma poeira de estrelas...

Negra, imensa, disforme,
Enegrecendo a noute, a desdobrar-se pelas
Amplidões do horizonte, a cordilheira dorme.

Como um sonho febril no seu sono ofegante,
Na sombra em confusão do mato farfalhante,
Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo;⁴¹
Trepagando agora alcantis por escarpas a prumo,
Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios;
Mais repousado, além levemente se enruga
Na crespada ondulação de cômoros macios:
Resvala num declive; e logo, como em fuga
Precipite, através da escuridão noturna,
Despenha-se de chofre ao vácuo de uma fuma.

Do fundo dos grotões outra vez se subleva,
Surje, recai, resurje... E, assim, como em torrente
Furiosa, em convulsões, vai rolando na treva
Despedaçadamente e indefinidamente...

Muje na sombra a voz rouca das cachoeiras.

Rajadas sorrateiras
De um vento preguiçoso arfam de quando em quando
Como um vasto motim que passa sussurrando:

E em cada árvore ativa, e em cada humilde arbusto,
Ha contorções de raiva ou frémitos de susto.

A mata é tropical: basta, quasi macissa
De tão cerrada. Ao pé do tronco dominante
Que, imperturbavelmente imóvel, inteiriça
Sob a rija galhada o torso de gigante,
— Uma vejetação turbulenta e bravia
Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia:
Muitas de cragatás agressivos; rasteiras
Trapoeirabas tramando o chão todo; touceiras
De brejaúva, em riste as flexas ouriçadas,
De espinhos; e por tudo, e em tudo emaranhadas,
As trepadeiras, em redouças balouçando

⁴¹ A: rumo:

Hastes vergadas, galho a galho acorrentando
Arvores, afogando arbustos, brutalmente
Enlaçando á jissara o talhe adolescente...⁴²
Cem especies formando a trama de uma sebe⁴³
Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe
Da floresta, oprimida e em perpetuo levante.⁴⁴

Aceza num furor de seiva transbordante,
Toda essa multidão desgrenhada — fundida
Como a conflagração de cem tribus selvajens
Em batalha — a ajitar cem fórmulas de folhagens
Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.

Na confusão da noute, a confusão do mato
Gera alucinações de um pavor insensato,
Aguça o ouvido ancioso e a visão quasi estinta:
Lembra — e talvez abafe — urros de onça faminta
A mal ouvida voz da tremula cascata
Que salta e foje e vai rolando águas de prata.
Rujem sinistramente as moutas sussurrantes.
Acoutam-se traições de abismo numa alfombra.
Penedos traçam no ar figuras de gigantes.
Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.

Uns tardos caminhantes
Sinistros, meio nús, esboçados na sombra,
Passam, como vizões vagas de um pezadelo...

São cativos fujindo ao cativo. O bando
E' numeroso. Vêm de lonje, no atropelo
Da fuga perseguida e cançada. Hezitando,
Em recúos de susto e avançadas afoutas,
Rompendo o mato e a noute, investindo as ladeiras,
Improvizam o rumo ao acaso das moutas.

Vão arrastando os pés chagados de frieiras...

De furna em furna a Serra, imensa, se desdobra;
De sombra em sombra a noute, infinda, se prolonga;
E flexuosa, em vaivens, como de dobra em dobra,
A longa fila ondula e serpenteia, e a longa
Marcha atravez da noute e das furnas avança...

Vão andrajosos, vão famintos, vão morrendo.
Fica-lhes para traz, para lonje, o tremendo⁴⁵

⁴² A: adolescente.

⁴³ A: sebe,

⁴⁴ A: levante...

⁴⁵ Entre este verso e o anterior, em C há um outro: Incita-os o terror, alenta-os a esperança:

Cativeiro... E atravez desses grotões por onde
Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde,
Da vasta escuridão que os cega e que os ampara,
Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos.
Seguem, almas de hebreus, rumo do Jabaquara
— A Canaan dos cativos.

Vão calados, poupando o fôlego. De quando
Em quando — fio d'agua humilde murmurando
As tristezas de um lago imenso — algum gemido,
Um grito de mulher, um choro de criança,
Conta uma nova dôr em peito já dorido,
Um bruxoleio mais mortiço da esperança,
A rajada mais fria arripiando a Floresta
E a pele núa; o espinho entrando a carne; a aresta
De um seixo apunhalando o pé já todo em sangue;
Uma ezacerbação nova da fome velha,

A tortura da marcha imposta ao corpo ezangue;
O joelho ezausto que, contra a vontade, ajoelha..

E a longa fila segue: a passo, vagarosa,
Galga de fraga em fraga a montanha fragosa,
Bem mais fragosa, bem mais alta que o Calvario..
Um, tropeçando, arrima o pai octojenário:
Os mais valentes dão apoio aos mais franzinos;
E Mães, a agonizar de fome e de cansaço,
Levam com o coração mais do que com o braço
Os filhos pequeninos.

II

Eil-o, por fim, o termo desejado
Da subida: a montanha avulta e crece
De um vale escuro ao céu todo estrelado;
E o seu cume de subito aparece
De um resplendor de estrelas aureolado.

Mas ai! Tão lonje ainda!... E de permeio
A vastidão da sombra sem caminhos,
Um fundo vale, tenebroso e feio,
E o mato, o mato das barrocas, cheio
De fantasmas, de estrepitos, de espinhos.

Tão lonje ainda!... E os peitos arquejantes,
E as forças e a coragem sucumbindo...
Estacando, aterrados, por instantes
Pensam que a morte hão de encontrar bem antes
Do termo desse itinerario infindo...

Tiritando, a chorar, uma criança
Diz com voz debil: "Mãi, faz tanto frio!..."
E a mãi os olhos desvairados lança
Em torno, e vê apenas o sombrio
Manto de folhas que o tufão balança...

"Mãi, tenho fome!" a criancinha geme,
E ela, dos trapos arrancando o seio,
Põe-lh'o na boca anciosa, aperta e espreme.
Arido e seco!... e⁴⁶ do caminho em meio
Ela, aterrada e muda, estaca e treme.

Vai-lhe morrer, morrer nos proprios braços,
Morrer de fome, o filho bemquerido;
E ela, arrastando para lonje os passos,
O amado corpo deixará, perdido
Para os seus beijos, para os seus abraços...

Esse cadaver pequenino, e o rizo
Murcho no labio, e os olhos apagados,
Toda essa vida morta de improvizo
Hão de ficar no chão, abandonados
A' inclemencia dos sóes e do granizo;

Esse entezinho debil e medroso,
Que ao mais leve rumor se assusta e busca
O azilo de seu seio carinhoso,
Ha de ficar sósinho; e, em torno, a brusca
Voz do vento ululante e cavernoso...

E, em torno, a vasta noute solitaria
Cheia de sombras, cheia de pavores,
Onde passa a visão errante e vária
Dos lobishomens ameaçadores
Em desfilada solta e tumultuaria...

Desde a cabeça aos pés, toda estremece;
Falta-lhe a força, a vista se lhe turva,
Toda a corajem na alma lhe esmorece.
E, afastando-se, ao lonje, numa curva
O bando esgueira-se e desaparece...

Ficam sós, ela e o filho, agonizando,
Ele a morrer de fome, ela de medo.
Ulula o furacão de quando em quando,
E sacudindo os ramos e o folheto
Movem-se as arvores gesticulando.

⁴⁶ A: E

Ela ergue os olhos para o céu distante
E pede ao céu que descortine a aurora:
Dorme embuçado em sombras o levante,
Mal bruxoleia pela noute fora
Das estrelas o brilho palpitante...

Tenta erguer-se, e recai; soluça e brada,
E apenas o éco lhe responde ao grito;
Os olhos fecha para não ver nada,
E tudo vê com o coração aflito
E tudo vê com a alma alucinada.

Dentro se lhe revolta a carne; explode
O instinto bruto, e quebra-lhe a vontade:
Mãos, vosso grande amor, que tanto pôde,
Póde menos que a indómita anciedade
Em que o terror os musculos sacode!

Ela, apertando⁴⁷ o filho estreitamente,
Beija-lhe os olhos humidos, a boca...
E desvairada, em pranto, ebria e tremente,
Arrancando-o do seio, de repente
Larga-o no chão e foje como louca.

III

Aponta a madrugada:
Da turva noute esgarça o humido veu,
E espraia-se risonha, alvoroçada,
Rosando os morros e dourando o ceu.

A caravana tropega e anciosa
Chega ao tope da Serra...
O olhar dos fugitivos
Descança emfim na terra milagrosa
Na abençoada terra
Onde não ha cativos.

Em baixo da montanha, logo adeante,
Quasi a seus pés, uma planicie imensa,
Clara, risonha, aberta, verdejante:

E ao fundo do horizonte, ao fim da estensa
Macia varzea que se lhes depara
Ali, proxima, em frente,
Esfumadas na luz do sol nascente,
As colinas azues do Jabaquara...

⁴⁷ C: Ela, apertando

O dia de ser livre, tão sonhado
Lá do fundo do escuro cativo,
Amanhece por fim, leve e dourado,⁴⁸
Enchendo o céu inteiro.

Uma explosão de júbilo rebenta
Desses peitos que arquejam, dessas bocas
Famintas, dessa turba macilenta:

Um borborinho de palavras loucas,
De frases soltas que ninguém escuta
Na vasta solidão se ergue e se espalha,
E em pleno seio da floresta bruta
Canta vitória a meio da batalha.

Seguindo a turba gárrula e travessa
Que se alvoroça e canta e salta e ri-se,
Um coitado, com a tremula cabeça
Toda a alvejar das neves da velhice,
Tardo, tropego, só, desamparado,
Chega afinal, exsurge á superfície
Do alto cimo; repouza, consolado,
Longamente, nos lonjes da planície
O olhar quasi apagado;
Distingue-a mal,⁴⁹ duvida; resmungando,
Fita-a; compreende-a pouco a pouco; vê-a⁵⁰
Anunciando próxima, esboçando
— No chão que brilha de um fulgor de arêa,
Num verde claro de hervaçal que ondêa —
A aparição da Terra Prometida...

Todo tremulo, ajoelha; e ajoelhado,
De mãos postas, nos olhos a alma e a vida,
Ele, o mesquinho e o bemaventurado,
Adora o Céu nessa visão terrena...

E de mãos postas sempre, estaziado,
Murmura, reza esta oração serena
Como um tosco resumo do Evangelho:

“Foi Deus Nosso Senhor que teve pena,
De um pobre negro velho...”

Seguem. Começa a ingreme decida.
Decem. E recomeça
A peregrinação entontecida

⁴⁸ A: dourado.

⁴⁹ C: Distingue-a mal;

⁵⁰ C: Fita-a... Compreende-a pouco a pouco: vê-a

No labirinto da floresta espessa.
Sob o orvalho das folhas gotejantes,
Entre as moutas cerradas de espinheiros,
Andrajosos, famintos, triunfantes,
Decem barrancos e despenhadeiros.

Decem rindo, a cantar... Seguem, felizes,⁵¹
Sem reparar que os pés lhes vão sangrando
Pelos espinhos e pelas raizes;
Sem reparar que atraz, pelo caminho
Por onde fojem como alegre bando
De passarinhos da gaiola escapo
— Fica um pouco de trapo em cada espinho
E uma gota de sangue em cada trapo.

Decem rindo e cantando, em vozeria
E em confusão. Toda a floresta, cheia
Do murmúrio das fontes, da alegria
Deles, da voz dos passaros, gorjeia.⁵²
Tudo é festa. Severos e calados,
Os velhos troncos, placidos ermitas,
Os proprios troncos velhos, remoçados,
Riem no rizo em flor das parasitas.

Varando acazo ás arvores a sombra
Da folhagem que á briza arfa e revoa,
Na verde ondulação da humida alfombra
O ouro leve do sol bubuia á toa;
A agua das cachoeiras, clara e pura,
Salta de pedra em pedra, aos solavancos;
E a flor de S. João se dependura
Festivamente á beira dos barrancos...⁵³

Vão alegres, ruidosos... Mas no meio
Dessa alegria palpitante e louca,
Que transborda do seio
E transbordada canta e ri na boca,
Uma mulher, absorta, acabrunhada,
Segue parando a cada passo, e a cada
Instante os olhos para traz volvendo:
De além, do fundo dessas selvas brutas
Chama-a, seu nome em lagrimas gemendo,
Uma vózinha anciosa e suplicante...

Mãi, onde geme que tão bem o escutas
Teu filho agonizante?

⁵¹ Seguem felizes

⁵² C: gorjeia,

⁵³ C: barrancos..,

IV

De repente, como um agouro e uma ameaça,
Um alarido de vozes estranhas passa
Na rajada do vento...

Estacam.

Como um bando
De ariscos caitetús farejando a matilha,
Imoveis, alongado o pescoço, arquejando,
Preza a respiração, o olhar em fogo, em rilha
Os dentes, dilatada a narina, cheirando
A arajem, escutando o silencio, espreitando
A solidão; assim, num alarma instintivo,
Estaca e põe-se alerta o bando fujitivo.

Nova rajada vem, novo alarido passa...

Como, topando o rastro ainda⁵⁴ fresco da caça,
Uiva a matilha enquanto inquire o chão agreste,
E de repente, em furia, alvoroçada investe
E vai correndo e vai latindo de mistura;
Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura,
E morro abaixo vem ladrando-lhes no encalço.

Grita e avança em triunfo a soldadesca ufana.

E os frangalhos ao vento, em sangue o pé descalço,
Alcateia uzurpando a fôrma e a face humana,
Almas em desespero arfando em corpos gastos,
Mães aflitas levando os filhinhos de rastos,
Homens com o duro rosto em lagrimas, velhinhos
Esfarrapando as mãos a tactear nos espinhos;
Toda essa aluvião de caça perseguida
Por um clamor de furia e um tropel de batida,
Foje... Rompendo o mato e rolando a montanha,
Foje... E, moutas a dentro e barrocais a fóra,
Arrasta-se, tropeça, esbarra, se emaranha,
Arqueja, hezita, afrouxa, e desanima, e chora...

Páram.

Perto, bramindo, a escolta o passo estuga.

Os fujitivos, nesse aproximar da escolta
Sentem que vai chegando o epílogo da fuga:

⁵⁴ C: inda

A gargalheira, a aljema, as angustias da volta..

Além, fulge na luz da manhã leve e clara,
O contorno ondulante e azul do Jabaquara.

Adeus, terra bemdita! Adeus, sonho apagado
De ser livre! E' preciso acordar, e acordado
Ver-te ainda, e dizer-te um adeus derradeiro
E voltar, para longe e para o cativeiro.

Sobre eles, novamente, uma funerea noute
Cái para sempre...⁵⁵

Como a tropega boiada,
Que, abraçada de sede e tanjida do açoute,
Se arrasta pela areia adusta de uma estrada;
Volverão a arrastar-se, humildes e tristonhos,
Tanjidos do azorrague e abraçados de sonhos,
Pelo deserto areal desse caminho estreito:
A vida partilhada entre a senzala e o eito...

Agrupam-se, vencidos,
A tremer, escutando o tropel e os ruídos
Da escolta cada vez mais em fúria e mais perto.

Nesse magote vil de negros maltrapilhos
Mais de um olhar, fitando o vasto céu deserto,
Injenuamente expróba o Pai que enjeita os filhos...

Destaca-se do grupo um fujitivo. Lança
Em torno um longo olhar tranquilo, de esperança,
E diz aos companheiros:

"Fuji, correi, saltai pelos despenhadeiros;
A varzea está lá em baixo, o Jabaquara é perto.
Deixae-me aqui sosinho.
Eu vou morrer, de certo...
Vou morrer combatendo e trancando o caminho.

A morte assim me agrada.⁵⁶
Eu tinha de voltar p'ra conservar-me vivo...
E é melhor acabar na ponta de uma espada
Do que viver cativo".

E enquanto a caravana
Desanda pelo morro atropeladamente,
Ele, torvo, figura humilde e soberana,

⁵⁵ C: Cái, para sempre.

⁵⁶ C: A morte assim me agrada:

Fica, e a pé firme espera o inimigo iminente.

Hercules negro! Corre, abraza-lhe nas veias
Sangue de algum heróico africano selvajem,
Acostumado á guerra, a desvastar aldeias,
A cantar e a sorrir no meio da carnajem,
A desprezar a morte espalhando-a ás mãos cheias...

Não pôde a escravidão domar-lhe a indole forte,
E vergar-lhe a altivez, e ajoelhal-o deante
Do carrasco e da aljema:
Sorri para o suplicio e a fito encara a morte
Sem que lhe o braço trema,
Sem que lhe ensombre o olhar o medo suplicante

Erguendo o braço, ele ergue a fouce: a fouce volta,
E rola sobre a terra uma cabeça solta.
Sobre ele vem cruzar-se o gume das espadas...
"Ah, prendel-o, jamais!" respondem as fouçadas
Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.

De lado a lado o sangue espirra a jorros... Ele,
Ajil, possante, ousado, heróico, formidando,
Faz frente: um contra dez, defende-se, e repele.

E não se entrega, e não recúa, e não fraqueja.
Tudo nele, alma e corpo ajustados, peleja:
O braço luta, o olhar ameaça e desafia,
A corajem reziste, a agilidade vence.

E, coriscando no ar, a fouce rodopia.

Afinal um soldado, ebrio de covardia,
Recu'a; vai fugir... Recu'a mais; detem-se:
Fóra da luta, sente o gosto da chacina;
E vagarosamente alçando a carabina,
Viza, desfecha.

O negro abrira um passo á frente,
Erguêra a fouce, armava um golpe...

De repente
Estremece-lhe todo o corpo fulminado.

Cái-lhe das mãos a fouce, inerte, para um lado,
Pende-lhe, inerte, o braço. Impotente, indefeso,
Ilumina-lhe ainda a face decomposta
Um derradeiro olhar de afronta e de desprezo.

Como enxame em furor de vespas assanhadas,

Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta,
E retalham-n'o á solta os gumes das espadas...

E retalhado, ezausto, o lutador vencido
Todo flameja em sangue e espira num ruído.

CANTIGAS PRAIANAS⁵⁷

I⁵⁸

Ouves acazo quando entardece
Vago murmúrio que vem do mar,
Vago murmúrio que mais parece
 Voz de uma prece
 Morrendo no ar?

Beijando a areia, batendo as fraguas,
Choram as ondas; choram em vão:<sup>[L]
[SEP]</sup>
O inútil choro das tristes águas
 Enche de maguas
 A solidão...

Duvidas que haja clamor no mundo
Mais vão, mais triste que esse clamor ?
 Ouve que vozes de moribundo
 Sobem do fundo
 Do meu amor.

II

E' tão pouco o que dezejo,
Mas é tudo o que me falta,
Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta...⁵⁹

Ninguém sabe o que suporta
O mar que chora na areia:<sup>[L]
[SEP]</sup>
Por essa tristeza morta:<sup>[L]
[SEP]</sup>
Das noutes de lua cheia:

⁵⁷ Em A e B, o poema ocupa a quinta posição. Em C, a décima sexta.

⁵⁸ Em A e B, a primeira parte está ausente. Nos dois testemunhos, não há indicação numérica das partes do poema.

⁵⁹ A: alta.

Em baixo, o pranto das águas,
Em cima, a lua serena...⁶⁰
E eu, pensando em minhas maguas
Ouço o mar, e tenho pena.

Meu amor é todo feito
De neblina tão cerrada,
Que por mais que em roda espreito
Só te vejo a ti, mais nada.

Ai, minha sina está lida,
Meu destino está traçado:
Amar, amar toda a vida⁶¹
Morrer de não ser amado.

III

Vai, branca e fujidia,
A nuvem pelo ar:
Roça de leve a lua,
Embebe-se em luar.

E toda resplandece
No brilho do luar,
Mas pouco a pouco passa
E perde-se no ar.

Minha alma na tua alma
— Nuvem que trouxe o — vento
Passou por um instante
Roçou por um momento,

E toda luminosa
Brilhou...⁶² Foi um momento:
Passou como uma nuvem
Levada pelo vento.

Eu refleti apenas
Um brilho que era teu;
Passei, e tu ficaste,
Ficou contigo o céu.

Sonhei...⁶³ Que belo sonho
Vivido em pleno céu!
Mas, ai! sonhei apenas

⁶⁰ A: serena.

⁶¹ A: vida,

⁶² A: Brilhou.

⁶³ A: Sonhei.

Um sonho todo teu...

A vida era uma aurora,
E a tua voz suave
Cantava em meu ouvido
Como um gorjeio de ave.

Mentias...⁶⁴ E a mentira
Era um gorjeio de ave...
Morresse eu enganado
De engano tão suave!

Que angustias na lembrança
De tudo que perdi!^{[L] [SEP]}
Ai, beijos desse labio^{[L] [SEP]}
Que hoje nem me sorri!...

Vestígio derradeiro
Que me ficou de ti,
Bem dita esta saudade
De tudo que perdi!

Sim, eu bem digo em pranto
O amor abandonado^{[L] [SEP]}
Que foi um dia o sonho
De amar e ser amado.

Quem ama sempre, um dia
Deixa de ser amado:
Somente o amor que foje
Não é abandonado...

Que resta em nós agora
Da primavera em flôr?
Em ti, o esquecimento,
Em mim, o meu amor.

Amor desfeito em magua
Mas abençoado amor,^{[L] [SEP]}
Que foi, um dia ao menos,
A primavera em flôr...

IV

Maria!... Nome tão doce,
Nome de santa...⁶⁵ Parece
Que o digo como si fôsse
O rezumo de uma prece.

⁶⁴ A: Mentias.

⁶⁵ A: santa.

Tem tão mística doçura...^[SEP]
Abre asas á fantasia:
"Maria!" — o lábio murmura,
E a alma ecoa: "Ave, Maria!"

Mal sabes tu que desprezas
Os olhos com que te sigo,⁶⁶
Que meus olhares são rezas
Ditas baixinho, comigo...⁶⁷

Mal sabes, santa Maria,^[SEP]
Que em tudo que sonho e penso
Teu nome paira e irradia,^[SEP]
Como entre nuvens de incenso.

Maria, nome tão dôce...⁶⁸
E' o teu nome... Parece
Que o digo como si fosse
O rezumo de uma prece.

Murmuro-o devotamente:^[SEP]
E a essa oração, se levanta
No meu êxtase de crente
A tua imagem de santa.

E então, alma e olhar submersos
Num clarão de alampadario,^[SEP]
Vou desfiando estes versos
Como as contas de um rosário...⁶⁹

V

Eu sou como aquela fonte
Que vai, tão triste, a chorar:
Desce da encosta do monte,
Corre em procura do mar.

Perdição da minha vida,
Meu amor! bem compreendo

⁶⁶ C: Os olhos com que te sigo

⁶⁷ A: comigo.

⁶⁸ A: doce.

⁶⁹ Em A, há ainda cinco estrofes, as quais foram suprimidas do poema em questão e reaproveitadas em outras parte da publicação. As três primeiras no poema *Folhas soltas*: Nem só o olhar dos olhos de quem ama | Revela o amor que se supõe discreto, | E o mais oculto, o mais medroso affecto | Ingenuamente á luz do sol proclama. / Também a voz, indiscrição bem dita, | Trá o amor sob a frase indiferente, | E debalde a palavra finge e mente: | Na voz que treme o coração palpita. / Desvias dos meus olhos infelizes | O teu olhar; dizes que não. Loucura! | Em tua voz que trémula murmura | Ouço tudo que sentes e não dizes. A quarta abre a parte oito de *Cantigas praianas*. A quinta a finaliza, reelaborada por meio de acréscimos.

Onde vou neste descida...
E vou chorando e descendo.

Pobre da fonte, baqueia
Na varjem, sempre a chorar,
E turva, turva de areia,
Corre... corre para o mar...

Perdição de minha vida,
Amor que me vais levando!
Terá fim esta descida?
Ha de ter... Mas onde? e quando?

Com pouco mais que descaia
La vai a fonte parar:
Chega na beira da praia...
Morre nas ondas do mar...

VI

Sóbe o sol? A noute désce?
Dia e noute são-me iguais:
Si tu chegas, amanhece,
Fica noute si te vais.

Os meus olhos são de cégo
Para o que de ti se aparte:
Só em te ver os emprego.
Mal me bastam para olhar-te.

Gorjeie o sabiá gemendo
Nas aroeiras em flor:
Mal o escuto e não o entendo,
Que só sei do meu amor.

Que ha de⁷⁰ entender no exajero
Das queixas dos infelizes
Quem ama como eu te quero
E escuta o que tu me dizes?

Sei que ha roseiras viçosas
Porque, com os olhos em ti,
Vejo cobrir-se de rosas
Um lábio que me sorri.

Seja Abril ou Junho, quando
Eu estou á tua espera
Logo que tu vens chegando

⁷⁰ C: hade

Principia a primavera.

VII

Tinha momentos amargos
Teu amor, que era tão doce...
Nem posso dizer que fosse
Tudo ceu naquele ceu:
Deu-me carinhos e zelos,
Gosto e desgostos.⁷¹ Comtudo
Tenho saudades de tudo,^[SEP]
De tudo què ele me deu.

Tu eras uma roseira^[SEP]
Que eu topara no caminho...
Quem não perdoa um espinho
Pelos encantos da flôr?
Depois... caprichos, arrufos,
Eram apenas o ensejo
De mais sabor em teu beijo
E mais viço em meu amor.

Temí esse amor tão grande,
Tão forte, tão exclusivo,^[SEP]
Que me tornava cativo^[SEP]
Dos teus caprichos sem lei:
Tentei do seio arrancar-o...
Mas vejo, por minhas penas,
Que ele não foi, foi apenas
Meu coração que arranquei.

Certo venci com deixar-te^[SEP]
O encanto que me encantava
Quando eu tinha a vida escrava
Dos teus braços na prisão;
Mas... nesse *mas* se resume
Tudo que sinto e não digo^[SEP]
Hoje que sofro o castigo^[SEP]
De ter cedido á razão.

Perdido para o teu beijo,
Perdeu meu lábio o sorriso;
Pouco importa, que eu preciso
— Não sorrir, porém chorar;

Nem sei de bem pela terra
Que mereça algum empenho...
Olhos, porque os inda tenho

⁷¹ C: Gosto e desgostos...

Si já te não hei de olhar?

Ai, como é triste o deserto
Do nosso leito vazio!
Como eu agora avalio,^{[1][1]}_[SEP]
O que por gosto perdi!
Como são tristes as horas
Desde que já te não vejo,^{[1][1]}_[SEP]
E o meu amor sem teu beijo,
E a minha vida sem ti!

VIII⁷²

Do que sofro sem queixar-me
Sois causa sem o supor:
Matais-me, e sois inocente,
Que eu expio unicamente
O crime do meu amor.⁷³

Matais-me; e é meu, e não vosso
Esse crime sem perdão,^{[1][1]}_[SEP]
O crime de um suicida,^{[1][1]}_[SEP]
Que em sonhos esbanja a vida
Sabendo que sonha em vão⁷⁴.

IX⁷⁵

Vida, que és o dia de hoje,
O bem que de ti se alcança
Ou passa porque nos foje,
Ou passa porque nos cança.

Ainda mesmo quando ocorre
Na vida dos mais felizes,⁷⁶^{[1][1]}_[SEP]
O prazer floresce, e morre,
A magua deita raízes.

Tem alicerces de areia,^{[1][1]}_[SEP]
O que constróis cada dia,
Vida que corres tão cheia
Para a morte tão vazia

Haverá queixa mais justa^{[1][1]}_[SEP]

⁷² Em C, a parte VIII corresponde o que em E é a parte IX.

⁷³ Em A, a estrofe se encontra em outra posição no poema, na parte final de *Cantigas praianas*.

⁷⁴ Esta estrofe mescla-se com outra presente em A, na parte final de *Cantigas praianas*.

⁷⁵ Em C, não há parte IX, o poema encerra-se com oito partes.

⁷⁶ C: Na vida das mais felizes,^{[1][1]}_[SEP]

Que a do feliz que se queixa?
Ai, o bem que menos custa
Custa a saudade que deixa.

DE MANHÃ⁷⁷

I

Na minha torturada insonia de doente
Passei horas a ouvir a noute: longamente
Ouvi chorar, gemer, águas e vento sul.

Raia agora a manhã no ceu já todo azul.

Ao lonje, a voz de um galo, insistente e exaltada,
Soa como os clarins no toque da alvorada.

Acudo ao teu chamado instante, amiga voz!
Acordo; esperto o olhar tonto de sono; e após
— Do meu leito de enfermo onde ha tanto desvivo —⁷⁸
Solto pela janela os olhos de cativo

Ver é o supremo bem.
Surpreendo-me a scismar
Si a alma será, talvez, uma função do olhar...⁷⁹

E' com os olhos que eu sinto, e compreendo — ou suponho.

A vida é para mim como a nevoa de um sonho
— Nevoa confusa de um sonho material
A que somente o olhar, de certo modo, e mal,
Dá, com as fórmulas e a cor, expressão e sentido.

Não desdenho do tacto, e não desprezo o ouvido:
Conheço bem aquela "inefável pressão
Da mão amada quando encontra a nossa mão
E brandamente, e como achando um ninho, pausa"...

Sei que um beijo de amante é uma bem doce cousa:
Mas no encanto do beijo esfaimado de amor

⁷⁷ Em A e B, o poema está ausente.

⁷⁸ C: — Do meu leito de enfermo onde ha tanto desvivo

⁷⁹ C: Si a alma será, talvez, uma função do olhar...

Ha muito da visão rosea de um labio em flor.

Ao contacto da mão, ou num lírio, ou num verme,
E' a sugestão do olhar que domina a epiderme.

Que uma sombra mortal, como pesado veu,
Amortalhasse o Sol — todo o infinito Ceu,
Toda a face, enrugada e rijida, da Terra...
Que restaria em nós de quanto a vida encerra?

No que o ouvido escuta — é o olhar que traduz:

Para a imaginação do homem orfam da luz
Que exprimiria o som — canto, sussurro, grito,
Ribombo de trovão rolando no infinito

Ou palavras de amor em lábios de mulher?
Diluindo-se na paz da tarde rosicler
Canto saudoso ou prece humilde, murmurinho
Que subisse de um templo ou descesse de um ninho?

Leve zumbir de abelha em torno de uma flor
Ou ruídos do mar livido de furor,
Que entendêra a alma, cega e inutil, no mais doce
Dos murmúrios, na voz mais alta, que não fosse
Vago e impreciso som, inexpressivo, irreal,
Confundido num vão rumor universal?

Nunca tivesse o olhar humano convivido
Com a natureza; nunca houvesse o homem subido,
Pelos olhos, suave escada de Jacob,
Da Terra e de si mesmo, isto é, de lama e pó,
Para a resplandecencia astral e inacessível
Do ceu — ermo sem fim, tão belo e tão terrível;
Ignorasse o abandono e a saudade do sol
Que inspira á noute a voz triste do rouxinol;
Desconhecesse a luz, que desenha as paizajens,
Que entremeia no verde alegre das folhagens
O ouro vivo da seara e o sorriso da flor;
Que faz da primavera um sonho multicolor;
Que junto da montanha erguida eternamente
Para o lonjinho ceu — como um gesto impotente

E imóvel de Titan — mostra, subindo no ar,
Do socego de um vale o fumo azul de um lar;
Desconhecesse a luz que revela a beleza,
A luz, que espiritualiza a Natureza,
Que, num floco fugaz de espuma sem valor,
Cria a mais deslumbrante apoteóze da cor;
Não aprendesse, amando a luz fecunda, o forte

Horror da sombra, horror do vácuo, horror da morte:

Encerrado em si mesmo e chumbado no chão,
Insulado na funda, imensa solidão
Que em derredor do cego a cegueira dilata;
O homem, orfão da luz, na Terra estreita e chata,
Quasi só conhecendo o Universo — atravez
Do pedaço de solo em que pouzasse os pés,

Dentro da escuridão de su'alma vazia
Que humilde sonho de molusco sonharia?

II

Ver é o supremo bem.

Eu insisto em scismar
Si a alma será, talvez, uma função do olhar...

Cegos, nunca saibais verdade tão doída
Para a cegueira: o olhar vale mais do que a vida.

E' nas lições do olhar que aprendemos o Bem⁸⁰,
E o Mal: o amor, o asco, a piedade, o desdém.

A dor que vemos dóe como si em nós doesse.

Exprime uma verdade inconsolavel esse
Proverbio tão brutal e tão justo no seu
Conceito imparcial de maxima egoista
Que condena o esquecido e absolve o que esqueceu,
Dizendo-lhes com voz igual: "Lonje da vista
Lonje do coração"...

Olhar, fonte perene e viva da Emoção!

Toda a fisionomia humana se ilumina
Ou tempestua pelo olhar — luz matutina
Ou fulgor de corisco em ceu de temporal;
Ardente, ou frio como o gume de um punhal;
Dando, radioso ou turvo, expressão e eloquencia
A' colera, á ternura, á enerjia, á demencia;
Abrindo a alma como a um clarão de luz solar
Ou vago como um pôr de sol á beira-mar;
Iluminando o rosto, ou, enevoadado em magua,
Boiando inerte a flux de uns olhos rasos d'agua...

III

⁸⁰ C: E' nas lições do olhar que aprendemos o Bem

A inspiração de um poeta é como solo inculto
Que á toa se abre em flor:

Todo esse turbilhão de idéas em tumulto
Que, nem eu sei porque, rimei com tanto ardor,
Veiu-me de ter visto
— Pela janela do meu quarto de doente —
Que maravilha?

— Isto:

Um trecho muito azul de ceu alvorecente;
Um pedaço de muro engrinaldado de hera;
E, resumo feliz de toda a Primavera,

Ao leve sopro de uma aragem preguiçosa,
O balanço de um galho embalando uma rosa...

FANTAZIAS DO LUAR⁸¹

Entre nuvens esgarçadas
No céu pedrento flutua
A triste, a pálida lua
Das baladas.

Frouxo luar sugestivo
Contajía a natureza
Como de um ar de tristeza
Sem motivo.

Tem vagos tons de miragem,
De um dezenho sem sentido,
O conjunto descozido
Da paizajem.

A apagada fantasia
Do colorido — parece
De um pintor que padecesse
De miopia.

⁸¹ Em A e B, o poema ocupa a segunda posição.

Tudo, tudo quanto existe,
Estravaga, e se afigura
Tomado de uma loucura
Mansa e triste.

O longo perfil do Monte
— Como um rio de água verde —
Corre ondulando, e se perde
No horizonte.

E sobre essa imaginaria
Turva corrente, projéta
A alva igreja a sua seta
Solitária.

Assim, de um ermo barranco
A garça alonga no rio
O seu vulto⁸² muito branco,
Muito esguio.

Sonha, imóvel... E acredito
Que de súbito desperte
Aquele fantasma inerte
De granito.⁸³

Dorme talvez... Qualquer cousa
No seu sono se disfarça
De aza encolhida de garça
Que repouza;

E eu cuido vel-o, a cada hora,
Animar-se; e de repente
Subir socegradamente
Céu a fóra...

*

Ha um lirismo disperso
Nos ares... O próprio vento,
Esse bronco, esse praguento,
Fala em verso;⁸⁴

Voz forte, bruscas maneiras,
Pela boca pondo os bófes,
O vento improviza estrofes

⁸² A: vulto,

⁸³ A: granito.

⁸⁴ C: Fala em verso:

Condoreiras.

Beijam-se as frondes, arrulam,
Trocam afagos, promessas...
E as árvores secas, essas
Gesticulam.

Gesticulam, como espetros,
No vácuo, tentando abraços
Com seus descarnados braços
De dez metros.

Algum trovador de esquina
Canta a paixão que o devora;
E a sua voz geme, chora,
Desafina.

Ao longe um éco repete
O canto, fraze por fraze,
Em tom abrandado, quase
Sem falsete.

Tem o aspeto apalaçado
Da pedra cara e macissa
O muro, em simples calíça,
De um sobrado.

Nem castelã falta a esse
Castelo: na luz da lua,
Branca, airosa, semi-nua,
Resplandece,

Numa pose pitoresca
De romance ou de aquarela,
A burgueza que á janela
Goza a fresca.

*

O olhar, o ouvido, a alma inteira
Vê, ouve, acredita, sente
Quanto sonhe, quanto invente,
Quanto queira,

Quando, ó lua das baladas,
Forjas vizões indistintas
Com esse aguado das tintas
Estragadas.

DA CARTEIRA DE UM DOUDO⁸⁵

Numa cova bem funda, em sitio agreste
E solitário, junto
Das severas raízes de um cipreste,
Meu coração deitei como um defunto.

Lá o deixei. Estroina impenitente
Que hoje a prizão de um tumulto encarcéra,
Lá jaz, enfim acomodado e auzente,
Apodrecendo em paz á minha espera.

E descancei, por algum tempo ao menos,
Desse incomodo, péssimo aliado,
Bebedo sempre e nunca saciado
Do acre sabor de todos os venenos.

Por longos anos de fragilidade
Aturei-lhe a estroinice de devasso:
Bebedeiras de amor a cada passo,
De quando em quando orjias de bondade...

Sentia como própria a mais pequena
Desgraça alheia; e assim, de quando em quando.
Metia-se em funduras, esbanjando
Uma fortuna em lagrimas de pena.

E quanto a amores, era um vagabundo,
Era um romeiro eterno, escandaloso,
Que ia de porta em porta pelo mundo
Cantando lôas e pedindo pouzo.

Um mendigo, afinal! Com que despejo,
Com que lamurias, com que voz aflita
Ia, tentando a esmola de algum beijo,
De boca em boca de mulher bonita.

Como alguns têm o vinho turbulento
A's vezes, outras vezes choraminga,
Tinha ele o amor, digamos — tinha a pinga —
Conforme o rumo com que vinha o vento.

⁸⁵ Em A e B, o poema está ausente. Em C, ocupa a décima posição.

Amando sempre, o amor desabafava
Em ais de magua, em gritos de esperança,
Ora arrulhando como pomba mansa,
Ora rujindo como fera brava.

Quantas compridas noites eu, cahido⁸⁶
De sono e de canseira no meu leito,
Não o aturei a martelar-me o peito,
Na agitação de um mar enfurecido...

E quanta vez não dezejei ser surdo
Quando esse louco, em surtos de eloquência
Me fazia a estafante confiança
De algum sonho de amor, suave e absurdo!

Como era fácil e fácil apenas
Das mulheres que achava encantadoras
Uma alvura de mármore nas loiras,
Um rosado de jambo nas morenas,

Nunca lhe escasseou terreno azado
E nunca lhe faltou tempo propício
A' cultura intensiva do seu vício
— Do seu vício de amar sem ser amado.

Porque amado não foi... E o mais terrível
Dos seus defeitos, como dois meus males
Era esse de transpor montes e vales
Correndo atrás de um bem inacessível...

Como no largo mar uma canôa
Abandonada às fúrias da procela,
Roto o leme, sem rumo, solta a vela,
Vai de onda em onda velejando á toa;

Ele, de desengano em desengano
Como de vaga em vaga sacudido,
Sempre burlado e nunca esmorecido,
Amava á toa, e amava a todo o pano.

Era um doudo, afinal. E assim seguia
Pela vida, ora alegre, ora tristonho,
Cada noite sonhando um lindo sonho,
Chorando um sonho morto cada dia...

⁸⁶ As próximas cinco estrofes aparecem em cor branca na publicação.

E eu, as horas da minha mocidade,
A seguil-o esbanjei uma por uma,
Ele era doudo. Eu o seguia... Em suma
Eramos dous malucos de verdade.

Mas um dia a aventura foi mais louca:
Bateu por ti... A acompanhar-lhe os passos,
Sonhei teu corpo arfando nos meus braços
E teu beijo florindo em minha boca.

Ai, assim seduzido e deslumbrado,
Eu deixei-me levar, alma perdida;
Nunca senti tamanho amor na vida.
Olha que nunca fui tão desgraçado!

Como te amei! Mas pude felizmente
Abrir a tempo os olhos razos d'agua
Sobre esse abismo de insondavel magua
Que a meus pés se rasgava, em minha frente.

Meu adoudado guia então detendo,
Disse-lhe: "Coração, meu pobre amigo,
"Basta! Corres em vão e em vão te sigo:
"E' para a morte que tu vais correndo.

"Sim desta vez corremos para a morte:
"Por essa a quem te dás e me repele
"Não batas mais, ou morreremos..." e ele,
Ele, a chorar, poz-se a bater mais forte.

Era de mais, e recuzei seguil-o:
Tentei contel-o; rezistiu-me, o louco.
Lutámos. Subjuguiei-o: Pouco a pouco
Cedeu; prostrei-o. Eil-o, afinal, tranquilo.

Destroço inutil que se atira a um canto,
Deixei, sem dó, rolar esse vencido
Para a sombra de um vale ermo e esquecido
Lonje do mundo em que sofremos tanto.

Enterrei-o nesse ermo, bem no fundo
De uma bem funda cova... Nem pudera
Jaula mais propria achar para essa fera,
Melhor prizão para esse vagabundo.

E agora que o deixei posto de lado,
Lonje de mim, fora do meu caminho,
Penso, ao sentir-me bem indo sozinho,
Que antes só do que mal acompanhado.

Sozinho, avanço pela vida a fóra
Cantando e rindo, lépido e seguro;
Olho em frente — e por todo o meu futuro
Vejo raiar como um clarão de aurora...

Sinto-me livre e forte. Adeus, cuidados!
Adeus, canceira inútil de desejo!
Desabafem no alívio de um bocejo
Meus beijos murchos, que não foram dados.

Fatigado, apetece-me o descanso:
Com o mesmo olhar de indiferença, quero
Olhar-vos, terra de que nada espero,
E céu, lonjinho céu que não alcanço!

Num socego viril, de que me ufano,
Quero, sem ambição que me atormente,
Ver de cima, da margem da corrente,
Rolar em baixo o torvelinho humano.

Deuza que hoje aos meus olhos te humanizas!
Eu, que te amei humilde e miserando,
Eu calco aos pés o mesmo chão que pizas,
O mesmo chão que já beijei chorando.

Eu, que fui sempre desdenhado e triste,
Vingo-me agora rindo-me do mundo;
E, ó tu, que amei! os teus encantos fundo
No meu desdem por tudo quanto existe!

Ele, o meu pobre coração, lá dorme
No fundo do seu cárcere tremendo;
Lá dorme, o eterno sonhador, enchendo
De sonhos vãos a sua noute enorme.

E do seio da terra, que o consome
Tão lentamente, ouço de quando em quando
Subir a voz de alguém que está chamando,
De alguém que chora a murmurar teu nome...

FOLHAS SOLTAS

Hontem, hoje, amanhã... Como simbolizar
O passado, o presente, o futuro — as três fazes
Da vida? com três frases
De sentido corrente e de uzo o mais vulgar:

— Uma saudade; um grande esforço; uma esperança.

Ou antes, e talvez melhor, expondo-as numa
Tríplice imagem que resume a vida inteira:
— Um rosto, luminoso e alegre, de criança;
Duas mãos perseguindo uma bolha de espuma;
E rindo-se (de quê? de tudo) uma caveira.

Nem só o olhar dos olhos de quem ama⁸⁷
Revela o amor que se supõe discreto,
E o mais oculto, o mais medroso afeto
Injenuamente á luz do sol proclama.

Também a voz, indiscreção bem dita,
Tráe o amor sob a frase indiferente;
E de balde a palavra finje e mente:
Na voz que treme o coração palpita.

Desvias dos meus olhos infelizes
O teu olhar... Dizes que não... Loucura!
Em tua voz que tremula murmura
Ouço tudo que sentes e não dizes.

Jesus

Palido sonhador que ha dous mil anos quaze
Sobre uns palmos da Terra atravessaste a vida
Semeando ao vento um gesto, um suspiro, uma frase,
Toda num sonho vago absorta a alma dorida,
Fito no azul do céu vazio o olhar tristonho;

Palido sonhador, ha dous mil anos quaze
Enchem de magua e sombra a Terra comovida
O éco da tua voz e a nevoa do teu sonho

Faz frio. Ha bruma. Agosto vai em meio.⁸⁸
E eu iria jurar, bemdito engano,
Que a primavera veiu

⁸⁷ Entre esta estrofe e a anterior, em C há outras duas, aqui apresentados com os versos separados por | e as estrofes por \: «Nem mesmo com uma flor» ... | Diz o provérbio arabe. Parece | Que bem mais e bem melhor | Diria ele si dissesse: * / «Nem mesmo com uma frase | Siquer, | Seja ela embora tão leve | Ou quaze | Como a mais leve pluma, | Se deve | Bater numa | Mulher»...

⁸⁸ Esta estrofe e as próximas três foram acrescentas em E, não aparecem em A, B e C. Trata-se de passagem constante em manuscrito na capa da publicação de 1917 (C).

Antes do tempo, este ano.

Vi-te. Sob o nublado céu de Agosto
Nem os jardins começam a brotar,
Mas ha rosas no teu rosto
E azul, azul de céu, no teu olhar.

Que importa o frio? A bruma? Agosto em meio?
Juro, posso-o jurar, que não me engano;
A primavera veio
Antes do tempo, este ano.

Amo-te. E assim como si não houvesse
Inverno, e terra nua, e bruma no ar
O meu coração floresce
E ha luz, ha luz de sol, no meu olhar.

Mimi

Vaes-te, a sorrir... Que mais queres?
Fico, a lembrar... Que mais posso?
Levas tudo que era nosso:
Tua mocidade em flor...
Pois que te vais tão contente
E me deixas tão sem nada,
Feliz de ti, minha amada!
Coitado do nosso amor!

Mas tu que partes sorrindo
Talvez algum dia, quando
V oltares, voltes chorando
Tua mocidade em flor...
Que encontrarás, quando voltes?
Talvez pouco... Talvez nada...
Pobre de ti, minha amada!
Coitado do nosso amor!

Tu, moça; eu, quasi velho... Entre nós dous, que horror,
Vinte anos de distancia. Entre nós dous, mais nada.
E hoje, pensando em ti, puz-me a sonhar de amor
Sómente porque vi por acaso, na estrada,
Sobre um muro em ruina uma roseira em flor...

Tu dizes que é loucura este amor... Bem o creio.
Como loucura me sorriu, como loucura
Veiu cantando, veio
Reduzir-me a um olhar que, num perpetuo anseio,
Te vê, ou te procura.

E' loucura este amor? Foi-o desde começo,

Desde que te amo. Tu, dizendo-m'o, bem pouco
Me adeantas, confesso:
Ha muito tempo — ha quanto! — eu sinto e reconheço
Que te amo como louco.

Mas... Nem eu imagino o amor de outra maneira.
Desde o caso de Adão e Eva no Paraizo,
 O amor, minha faceira,
Toda a vida se fez notar pela cegueira
 — Nunca pelo juízo⁸⁹.

PALAVRAS AO MAR⁹⁰

Mar, belo mar selvajem
Das nossas praias solitárias! Tigre
A que as brizas da terra o sono embalam,
A que o vento do largo erriça o pêlo!
Junto da espuma com que as praias bordas,
Pelo marulho acalentada, á sombra
Das palmeiras que arfando se debruçam
Na beirada das ondas — a minha alma
Abriu-se para a vida como se abre
A flor da murta para o sol do estio.

Quando eu nasci, raiava
O claro mez das garças forasteiras;
Abril, sorrindo em flor pelos outeiros,
Nadando em luz na oscilação das ondas,
Desenrolava a primavera de ouro:
E as leves garças, como folhas soltas
Num leve sopro de aura dispersadas,
Vinham do azul do céu turbilhonando
Pouzar o vôo á tona das espumas...

E' o tempo em que adormeces
Ao sol que abraza: a cólera espumante,
Que estoura e brame sacudindo os ares,
Não os sacode mais, nem brame e estoura;
Apenas se ouve, timido e planjente,
O teu murmúrio; e pelo alvor das praias,

⁸⁹ As últimas três estrofes do poema não se encontram em A, B e C.

⁹⁰ Em A e B, o poema ocupa a sétima posição.

Langue, numa carícia de amoroso,
As largas ondas marulhando estendes...

Ah! vem d'ai por certo
A voz que escuto em mim, tremula e triste,
Este marulho que me canta na alma,
E que a alma jorra desmaiado em versos;
De ti, de ti unicamente, aquela
Canção de amor sentida e murmurante
Que eu vim cantando, sem saber si a ouviam,
Pela manhã de sol dos meus vinte anos.
O ' velho condenado
Ao cárcere das rochas que te cinjem!
Em vão levantas para o céu distante
Os borrifos das ondas desgrenhadas.
Debalde! O céu cheio de sol si é dia,
Palpitante de estrelas quando é noute,
Paira, lonjinho e indiferente, acima
Da tua solidão, dos teus clamores...⁹¹

Condenado e insubmisso
Como tu mesmo, eu sou como tu mesmo
Uma alma sobre a qual o céu resplende
— Lonjinho céu — de um esplendor distante.
Debalde, ó mar que em ondas te arrepelas,
Meu tumultuoso coração revoltado
Levanta para o céu, como borrifos,
Toda a poeira de ouro dos meus sonhos.

Sei que a ventura existe,
Sonho-a; sonhando a vejo, luminosa,
Como dentro da noute amortalhado
Vês lonje o claro bando das estrelas;
Em vão tento alcançá-la, é as curtas azas
Da alma entreabrindo, subo por instantes.
O' mar! A minha vida é como as praias,
E o sonho morre como as ondas voltam!

Mar, belo mar selvagem
Das nossas praias solitárias! Tigre
A que as brisas da terra o sono embalam.
A que o vento do largo erriça o pêlo!
Ouço-te às vezes, revoltado e brusco,
Escondido, fantástico, atirando
Pela sombra das noutes sem estrelas
A blasfêmia colérica das ondas...

Também eu ergo às vezes

⁹¹ A: clamores.

Imprecações, clamores e blasfêmias
Contra essa mão desconhecida e vaga
Que traçou meu destino...⁹² Crime absurdo
O crime de nascer! Foi o meu crime.
E eu expio-o vivendo, devorado
Por esta angustia do meu sonho inútil.
Maldita a vida que promete e falta,
Que mostra o céu prendendo-nos á terra,
E, dando as azas, não permite o vôo!

*

A h ! cavassem-te embora
O túmulo em que vives — entre as mesmas
Rochas nuas que os flancos te espedaçam,
Entre as nuas areias que te cinjem...⁹³
Mas fosses morto, morto para o sonho,
Morto para o desejo de ar e espaço,
E não pairasse, como um bem auzente,
Todo o infinito em cima de teu túmulo!

Fosses tu como um lago,
Como um lago perdido entre montanhas:
Por só paizagem — áridas escarpas,
Uma nesga de céu como horizonte...

E nada mais! Nem visses nem sentisses
Aberto sobre ti de lado a lado
Todo o universo deslumbrante — perto
Do teu desejo e além do teu alcance!

Nem visses nem sentisses
A tua solidão⁹⁴ sentindo e vendo
A larga terra engalanada em pompas
Que te provocam para repelir-te;
Nem, buscando a ventura que arfa em roda,
A onda elevasses para a ver tombando,
— Beijo que se desfaz sem ter vivido,
Triste flor que já brota desfolhada...⁹⁵

*

Mar, belo mar selvajem!
O olhar que te olha só te vê rolando
A esmeralda das ondas, debruada

⁹² A: destino.

⁹³ A: cingem.

⁹⁴ A: solidão,

⁹⁵ A: desfolhada.

Da leve fimbria de irisada espuma...
Eu adivinho mais: eu sinto...⁹⁶ ou sonho
Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrujindo
Pelos fundos abismos do teu peito.

Ah, si o olhar descobrisse
Quanto esse lençol de águas e de espumas
Cobre, oculta, amortalha!...
A alma dos homens
Apiedada entendera os teus ruídos,
Os teus gritos de cólera insubmissa,
Os bramidos de angustia e de revolta
De tanto brilho condenado á sombra,
De tanta vida condenada á morte!
Ninguém entenda, embora,
Esse vago clamor, marulho ou versos,
Que sáe da tua solidão nas praias,
Que sáe da minha solidão na vida...
Que importa? Vibre no ar, acorde os ecos
E embale-nos a nós que o murmuramos...⁹⁷
Versos, marulho! amargos confidentes
Do mesmo sonho que sonhamos ambos!

TROVAS⁹⁸

Ouve: si amor é pecado,
Eu, pecador, me confesso
De tudo quanto anda impresso
Em meu olhar enlevado.

Si com isso estou perdendo
A minh'alma transviada,
— Minhalma não vale nada...
Eu peço, e não me arrependo.

Deste ardor em que me inflamo
Direi, para ser sincero,
Que dele somente espero
Amar-te mais do que te amo.

⁹⁶ A: sinto.

⁹⁷ A: murmuramos.

⁹⁸ Em A e B, o poema está ausente.

Si rezo, nas minhas preces
Só peço a Deus essa graça:
Que me conceda e me faça
Amar-te quanto mereces.

Eu vivo tão descuidado
De tudo mais desta vida,
Que nem me ocorre, querida,
A idéia de ser amado.

Amor com o feitio desse
Que a si mesmo renuncia,
— Como te agradeceria
O que eu por ti padecesse!

Deixa tu, pois, que se farte
Meu olhar impenitente
Todo embebido e contente
Da só ventura de olhar-te.

Sem razão foras severa
Com a pobre de uma roseira
Porque ela, queira ou não queira,
Dá rosas, si é primavera...

Deus, que nos poz face a face
E deu-me os olhos que tenho,
Nisso mostrou certo empenho
Em que eu te visse — e te amasse.

Por força de lei divina
E não, de certo, por gosto,
Quando pouza no teu rosto
O meu olhar se ilumina.

Perdôa a muda insistência
Dos olhos que a ti levanto:
Olhar-te é o supremo encanto
De toda a minha existência.

Olhar-te... Delícia calma!
Mar tranqüilo e sem escolhos!
E' o pecado dos meus olhos
E a salvação da minh'alma.

Confesso-me, nada négo:
Amo-te... E nisto de amar-te
Só tenho de minha parte
A culpa de não ser cégo,

E' meu destino, que queres?
Eu te amo porque me encantas
— Tu, a mais linda das santas
E a mais santa das mulheres.

CARTAS A V. S.⁹⁹

Artista, amigo, irmão, sê generoso e pio,
Perdôa a um pescador seus pecados mortais!
Eu, alma em turbilhões¹⁰⁰, corpo em cacos, expio
Com remorsos cruéis e doenças¹⁰¹ fatais
— Faltas em que reincido, erros em que porfio.

Ai, no fundo, não sou mais do que um bugre, eis tudo.
Corre abundante em mim sangue de guaianás.
Veste-me a pela branca o espirito desnudo,
Simples, rudimentar, insubmisso, incapaz,
Que por ventura herdei de algum avô beijado.

Imagina que sou neto de algum cacique
Cuja vida feliz de nômade sem lar
Tinha a alegre feição de um grande pique-nique;
E em cuja frente altiva as plumas de um cocar
Eram como a expressão ritual do ultimo *chic*;¹⁰²

Algun bugre feroz, cujo corpo bronzeado
Mantinha a liberdade inata da nudez;
Que dormia tranquilo um sono descuidado
— Passivo, indiferente, enfarado talvez —
Sob o mistério azul do céu todo estrelado.

Ignorando o pavor da vida extra-terrena,
Tinha para o Futuro um olhar imbecil¹⁰³;
E, passando na terra, inútil, em pequena
Viajem atravez da natureza hostil,
Vivia sem cuidado e morria sem pena.

Vejetava feliz, sem lei, sem rei nem roque.

⁹⁹ A e B: CARTA A V S. / C: CARTA A W S.

¹⁰⁰ C: turbilhão

¹⁰¹ A e B: cólicas

¹⁰² A: chic.

¹⁰³ A: olhar de imbecil

Sua única ambição era a fome vivaz,
Sua única riqueza, uma flexa e um bodoque;
E abria-se num rizo eterno e contumaz
O seu labio — fendido ao pezo do batoque,

Imagina tu, pois, a alma do avô selvajem
Comprimida, esmagada, atônita, infeliz,
Metida numa vasta e complexa engrenagem
De deveres morais e tramoias sutis,
De apuros de dinheiro e apuros de linguagem;

Imagina esse filho inculto da floresta,
Que ama o céu porque é belo e ama o sol porque luz,
— Perdido na Cidade ignobil e funesta,
Cheia de sombra e pó, caiada e deshonestas,
Velha Aspazia garrida, e a desfazer-se em pús;

Vê si esse humilde e tosco espirito imaginas,
Ao sabor de uma turba em grita e em confusão,
Pela predica e o livro, os jornais e as *mofinas*,
Arrastado em tropel — disputado em leilão
Em nome de trez mil Sistemas e Doutrinas;

Imagina cativa, entregue, submetida
Aos caprichos da Moda e á exigencia das Leis,
Entre o encanto do Mal e a idéa da Outra Vida,
Entre o culto de Deus e o culto do Mil-réis,
E a pompa de um salão, e o pó de uma avenida,¹⁰⁴

Ai, imagina assim a alma do bugre bravo,
Meu avô — que, no mato, era o dono feliz
Do seu tempo vazio e do seu gosto ignavo;¹⁰⁵
Que era, em suma, o senhor do seu próprio nariz.
— Alma livre que em mim reviveu num escravo!

Alma apenas capaz de adejar, fujidiça,
Em vôos leves de uma aza de beija-flôr;
E obrigada a pairar nas rejiões da Justiça
Como um corvo que sobe ao céu todo esplendor
Para, do alto, melhor lobrigar a carniça...

Ai, a alma do tupi, bem mal domesticada
A' macaqueação cabocla do europeu,
Conserva, forte e viva, a angustia de exilada,
A saudade fiel de tudo que perdeu,
Da floresta nativa, auzente e devastada.

¹⁰⁴ C: Entre o padre e o vendeiro, entre o Verso e a Comida;

¹⁰⁵ C: ignavo,

Assim, de quando em quando assalta-me a cachola
Um furioso desejo — ou do mato, ou do mar,
Das vastas solidões onde ninguém me amola...
E, pássaro cativo, eu fujo, a me escapar
Da Civilização — como de uma gaiola.

Fujo, escapo, disparo através das vielas
Plenas de agitação, de atritos e de pó;
Salvo-me, aos esbarrões, dando cebo às canelas,
A ouvir a voz de algum descendente de Job
Que apregôa Moral — coberto de mazelas.

Liberto, a salvo enfim, penetro na floresta
Como num templo augusto habitado por Deus;
E ante o vasto esplendor na natureza em festa,
Sob a aureola em que a cinje a abobada dos céus,
— Rendo-lhe a adoração que o meu olhar lhe presta.

Nem padres, nem altar, nem liturgia...¹⁰⁶ Um côro
De aves canta a alegria injenua de viver;
De longe em longe reza e resmunga um bezouro.
E sobe, como incenso, o perfume, a se erguer
Da sombra em flôr do chão que o sol polvilha de ouro.

E, por um dia ou dous, eis-me entregue, alma antiga
De bugre resurrêto, o olhar vago, os pés nus,
A' doce Religião da Natureza amiga...¹⁰⁷
Erro á tôa:¹⁰⁸ o primeiro atalho me conduz,
Vêr o céu me contenta; uma arvore me abriga.

Estendo-me na relva; e, na delicia absorto
De sentir a alma leve, ôca, vazia... assim
Gózo a beatitude inteira do conforto
De me deixar levar pelo tempo sem fim
Como um toco sem vida a boiar num mar morto.

Não pensar, não querer...¹⁰⁹ A ambição e a saudade
Adormecidas; morta essa iluzão pueril
De fazer intervir no Destino a Vontade...¹¹⁰
Ignorar o Minuto, insecto odioso e vil
Que róe a vida e vai tecendo a eternidade...¹¹¹

Na solidão do mato, esqueço, ignoro, em suma:

¹⁰⁶ A: liturgia.

¹⁰⁷ A: amiga.

¹⁰⁸ A: atôa;

¹⁰⁹ A: querer.

¹¹⁰ A: vontade.

¹¹¹ A: eternidade.

Sou feliz. Dou sueto a esta alma de aluguel
Que vive, de auto em auto, a desfazer-se em espuma;
E, livre do canudo atroz de bacharel,
Passo orgulhosamente a ser cousa nenhuma.

E o mar então...¹¹² O mar, o velho confidente
De sonhos que a mim mesmo hesito em confessar,
Atrai-me; a sua voz chama-me docemente,
Dá-me uma embriaguez como feita de luar...¹¹³
O mar é para mim como o Céu para um crente.

Vê tu lá, Valdomiro, o bugre apenas manso
Que eu sou. Sob o verniz que me disfarça, está
O tapuia boçal, bravio como um ganso,
Devoto da Preguiça, amigo do descanso,
— Um neto do remoto avô Tibiriçá.

Impetos de voltar, fujido, para o mato,
De me fazer ao mar numa casca de noz:
Eis o vício do bugre, eis o meu vício inato,
Eis o que eu em remorso e em doenças resgato,
Eis o crime de ser neto de meus avós.

E agora, conhecendo a verdade inteiriça,
Perdôa a um pescador seus pecados mortais,
Perdôa a um preguiçoso os crimes da Preguiça,
E a um bugre como eu sou, não ter na alma insubmissa
O culto da visita e dos Cartões Postais!

Falando agora serio¹¹⁴ — e envergonhado o digo:
Não, desculpa não ha que ouse em prosa valer
A's mil faltas em que eu estou para contigo.
O verso diz...¹¹⁵ o que não ha para dizer:
Pague, pois, o poeta as dividas do amigo.

Paga-as; paga-as á vista, em rima numerosa;
Paga-as de rosto alegre e coração feliz,
Porque, na mesma estrofe exata e afetuosa,
Póde, na mesma voz que o mesmo verso diz,
Saudar a um tempo o amigo e o príncipe da prosa.

Lida a defeza, que é tão estensa e tão crua,
Outorga ao réo confesso um perdão liberal...¹¹⁶
Pai do céu! ainda aqui fiz uma falcatrua:

¹¹² A: então.

¹¹³ A: luar.

¹¹⁴ C: Falando agora a serio

¹¹⁵ A: diz.

¹¹⁶ A: liberal.

Sendo a defeza assim tão comprida — afinal
Os pecados são meus — e a penitencia é tua...¹¹⁷

ORAÇÃO PAGÃ¹¹⁸

Felicidade em que eu nem creio...¹¹⁹
E é quazi nada... Hontem, emfim,
O seu olhar acaso veio
 Pouzar em mim.

Viu-me? Não sei. Talvez não visse...
Nem sabe a garça, errante no ar,
Da sua sombra á superficie
 Azul do mar;

Nem sabe a estrela, a clara estrela
Que, no alto ceu, toda é fulgor,
De quanto humilde arbusto, ao vel-a,
 Palpita em flor.

Olhou-me; olhou... Mas eu duvido
Que reparasse em mim — porque
Ha um olhar, tão distraído,
Que olha, e não vê...

Essa mulher formosa e santa
Passa entre os homens — atravez
De himnos de amor que o chão levanta
 Sob os seus pés;

Alma não ha que se não dobre
A esse exemplar da Perfeição:
Olhar que a fite — é como um pobre
 Que estende a mão.

E ela, fuljindo em plena gloria
Da formosura triunfal,
Passa, e não vê: branca, marmórea,
 Escultural...

¹¹⁷ A: tua.

¹¹⁸ Em A e B, o poema está ausente.

¹¹⁹ C: creio.

Estatua fria ou deusa altiva,
Pela mulher que ela não é
Arde e palpita a chama viva
Da minha fé:

Alucinado de esperança,
Misto de crente e pecador,
Aspiro á bemaventurança
Do seu amor.

Que doudo o sonho em que me abraço
Só porque, em suma, aconteceu
Que um seu olhar, olhar de acaso,
Pouzou no meu...

Que esperas tu, paixão profana,
Fazer vibrar, para teu bem,
Na altiva deusa — a fibra humana
Que ela não tem?

O' meu amor, porção de nada!
Tu sonhas tanto... E eu vejo só
Sonhos que de azas fracturadas
Rojam no pó...

A PARTIDA DA MONÇÃO¹²⁰

I

Eil-as, as toscas naus de borda rastejante
A' flôr das águas, naus de estreitos rios quietos;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante
O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insetos.

Nem o porte arrogante, o sobranceiro aprumo
— Altivo no descanso e ousado nos tufões —
Dessas aguias que vão bordejando sem rumo
Pelo acaso do mar, feito de turbilhões;

Nem a airoosa altivez de velas desfraldadas
Fuljindo ao sol, ao vento abroquelando o bojo;
Nem prôas a romper ondas e espumaradas,
Pelos parceiros em fúria arroteando o rebojo;

¹²⁰ Em A e B, o poema ocupa a décima segunda posição. Em C, a vigésima.

Nada disso que faz o petulante orgulho
De afoutos bergantins e galeras reais:
Calcar a onda, rompel-a, ouvindo no marulho
A comemoração de seus passos triunfais;

Nem adeante, acirrando o desejo atrevido
De aventura e perigo, ancias de gloria, em suma,
— A infinita extensão do mar ermo, perdido
Nos confins do horizonte amortalhado em bruma;

Nem o arroubo, a poesia, a esperança fogosa
De ir ao lonje, atravez das ondas, conquistar
A nudeza pagã e a virjindade ociosa
De ermas ilhas em flôr nas solidões do mar...

II

Humildes, toscas naus de borda rastejante
A' tona d'agua, naus de estreitos rios quietos,
Vão apenas abrir para o sertão distante
O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insetos.¹²¹

Levadas no pendor macio da corrente,
Irão seguindo, irão seguindo sem rumor
E sem vontade, mole e resignadamente,
Por um rumo servil, forçado e encantador.

A raiva dos tufões (como a grita afastada
De éco em éco se adoça em suspiro de maguas)
Esvaída, a morrer de quebrada em quebrada,
Mal roçará de leve a face azul das águas.

Em todo o curso, a terra ao lado, seio amigo,
Companheira constante e proteção fiel,
Pondo o socorro á mão nas ancias do perigo,
Dando ao gozo do olhar delicias de um verjel.

E o rio, manso, manso...¹²² a ondular, murmurando
O seu murmúrio igual, monotono estribilho,
Morosa cantilena, em voz baixa e em tom brando,
De mãi que embala o berço onde repousa o filho.

E o rio, manso, manso...¹²³ a embalal-as, descendo,
No balanço sutil da mole ondulação,
E a arrastal-as, de leve, assim, para o tremendo,
Para o lonjinho, vago, infinito sertão...

¹²¹ C: insetos...

¹²² A: manso.

¹²³ A: manso.

III

Hão de em breve surgir, pelas marjens sinuosas
Florestas virjens de onde um confuso rumor
Sobe de solidões profundas, misteriosas,
Como um uivo agourento, um uivo ameaçador.

Voz sem éco, a não ser na alma de quem a escuta,
Surdo resfolegar de monstro provocado
Que de repente acorda e, prestes para a luta,
Abre a guela de sombra, e espera, socegado.

Socegado, seguro, apercebido, espera¹²⁴
Os que lhe vêm trazer, fanatica oblação,
Corações para a flexa e sangue para a fera,
Carniça para o abutre e ossadas para o chão.

A oculta sucuri das hervas no disfarce,
Ergue a cabeça, afirma o olhar esconso e fusco,
E vagarosamente, e como a espreguiçar-se,
Desenrodilha o corpo e apresta o salto brusco.

Na sombra eternamente apagada, noturna,
De fundos socavões virjens da luz solar,
Em cada gruta, em cada escuro, em cada furna,
Relampejam fuzis nos olhos de um jaguar...

IV

Depois da mata escura o campo undoso e verde,
Banhado em sol, fechado em céu ao lonje,¹²⁵ e assim
Tão vasto e nú, que o olhar se fatiga e se perde
Num esplendor sem sombra e num ermo sem fim.

Paíra, grassa em redor, toda a melancolia
De uma paizagem morta, igual, deserta e imensa,
Pondo nos olhos e nas almas que enfastia
Um pezo ainda maior que a dôr, a indiferença.

Desanimado, absorto, ante essa indefinida
Solidão que se espraia além, além...¹²⁶ o olhar
Tem a impressão que faz a tristeza da vida:
De ir seguindo, seguindo...¹²⁷ e nunca mais voltar.

¹²⁴ A: espera,

¹²⁵ C: lonje;

¹²⁶ A: além.

¹²⁷ A: seguindo.

Sobre os dias irão caindo as noutes...¹²⁸ Vastas
Noutes de um céu que é todo azul de lado a lado,
Quando, ó triste luar das planícies, afastas
Ainda mais, ainda mais, o horizonte afastado...¹²⁹

V

De repente, uma flexa alijera sibila.
De onde veio? Da sombra. E a sombra, de repente,
— Traição da cascavel numa alfombra tranquila —
Principia a silvar com silvos de serpente.

Por toda parte a larga escuridão se anima
Desse leve rumor que espalha a morte, e sái
Do chão e vòa, ou vem rastejante, ou, de cima,
Salpicado, vivaz como um granizo, cáí...¹³⁰

Bruscamente borbulha em fantasmas a marjem
Ajitada do rio. O clarão da metralha
Responde á sombra. E de éco em éco a imensa varjem
Reboa de um fragor de guerra e de batalha.

Eis o caminho aberto ao triunfo e á conquista,
— Como a corça ferida escapa e foje em vão,
Deixando atraz, deixando¹³¹ humida e fresca, a pista
De seu flanco rasgado e sangrando no chão;

Fujitiva e dispersa, a turba dos vencidos
Atrai, guia, conduz para a tribu distante,
Para a perdida paz de seus lares traídos,
A guerra, o cativo, a morte: o bandeirante.

Ferve a luta. De serra a serra vòa o rouco
Som da inubia, acordando écos e lejiões;
Ouriço monstruoso, o sertão, pouco a pouco
Todo se erriça das flexas de cem nações...¹³²

VI

Eil-as, as toscas naus de borda rastejante.
A' flôr das águas, naus de estreitos rios quietos;
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante,
Para assombros de gloria, o seu vôo de insetos.

¹²⁸ A: noutes.

¹²⁹ A: afastado.

¹³⁰ A: cáí.

¹³¹ C: deixando,

¹³² A: nações.

Apinhem-se na praia os velhos, derramando
De encarquilhadas mãos inuteis para mais
A bençam dos que já se sentem bruxoleando
Aos que lhes vão tornar os nomes imortais.

Mães, deixai que, sonhando, a vista embevecida
De vossos filhos pouze, e se ilumine, e aprenda
Nessa formosa, folha em que o livro da vida
Tem estrofes de poema e proporções de lenda.

Noivas, com os corações envoltos na penumbra
Indecisa do amor que se orgulha e se dóe,
Vinde trazer-lhes vosso olhar de que resumbra
Saudade pelo amante e enlevo pelo heróe...¹³³

Ao largo, emfim! Clarins e buzinas atroam.
E as canoas, na luz da manhã côr de rosa,
Pairam por um momento em pleno rio; aprôam
Para o sertão. E rompe a marcha vagarosa.

Nos barrancos, até rente d'agua investidos
De filhos a sorrir e de mãis a chorar,
Lancem as frouxas mãos e os olhos comovidos
O derradeiro adeus e o derradeiro olhar...

VII

Lonje, na solidão do campo undoso e verde,
O rio serpenteia. Em cada contorção
Mais se afasta. E a fujir, pouco a pouco se perde
No majestoso, vago, infinito sertão...¹³⁴

NO MAR LARGO¹³⁵

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Como princeza encantada
Que um leve sonho conduz,
Surjes do mar, coroada
De um nimbo de ouro e de luz.

¹³³ A: heroe.

¹³⁴ A: sertão.

¹³⁵ Em A e B, o poema está ausente. Em C, ocupa a vigésima primeira posição.

Surjes; e á tua presença,
O ceu, criado por ela,
De dentro da noute imensa
Surje, e se azula, e se estréla.

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Surjida do mar infindo,
O infindo ceu te seduz
— Campo em flor que vês fuljindo
Em flores de ouro e de luz;

Teu passo, lento, caminha...
Onde vais? E' lonje? E' perto?
Sobes, absorta e sozinha,
Pelo azul, vasto e deserto.

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Lua, lua, não te apresses:
Mais sóbes, mais se reduz
No alvor em que empalideces
Teu nimbo de ouro e de luz...

Onde o teu sonho te arrasta?
A que destino? A que termo?
Segues... A noute é tão vasta
Pelo azul do ceu tão ermo...

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Tão alto que tu subiste!
Tão lonje!... Do ceu a flux,
Vagueias, palida e triste,
Entre as flores de ouro e luz...

Como entristece da tua
Ausencia, ou das tuas maguas
O mar que deixaste, ó lua,
Lua surjida das aguas!

O' lua bemdita
Que vens clarear
A sombra infinita
Da noute no mar!

Como uma lagrima prestes
A rolar, pairas suspensa
La dos páramos celestes,
La do azul da noute imensa:

De todo o ceu luminoso
Sobre todo o escuro mar
Déce o alvor silencioso
Do luar...

E o mar, sob a triste alvura
Desse livido sudario,
Ermo e vago, se afigura
Mais vago, mais solitario...

O' linda princeza
Que vens aumentar
A imensa tristeza
Da noute no mar!

DESLUMBRAMENTO¹³⁶

Quanto durou essa ilusão perdida,
Esse amor, esse encanto, essa alvorada?
Dias ou mezes, não o sei, querida:
Foi um clarão que me passou na vida,
Sei que fulgiu, sei que passou, mais nada.

Durante o arroubo da paixão, quem ha de
Notar o tempo que a fugir se esgueira?
No amor, ventura ou infelicidade,
Uma esperança doura a vida inteira,
Um desengano é toda a eternidade.

No absorto enlevo desse amor tão raro,
No estase dessa adoração radiosa,
Passava o tempo ? Nunca puz reparo:
A madrugada era um botão de rosa
Desabrochando em teu sorriso claro;

¹³⁶ Em A e B, o poema está ausente.

Havia noutes? Ainda agora penso
No olhar de uns olhos negros — céu imenso
De estio em noute sonhadora e calma,
Céu luminoso, a palpitar, suspenso
Sobre essa terra em flor que era a minh'alma;

Fosse inverno ou verão, ou noute, ou dia,
A natureza inteira, humilde escrava
Dos arroubos da minha fantasia,
Em cada voz — o teu louvor cantava,
Do teu fulgor — toda resplandecia.

Sim, esse sonho esplendido — vivi-o!
Quando? E quanto durou? Bem pouco importa...
A minha vida, agora, é como um rio
Que leva á tona, sob um céu sombrio,
A murcha flor de uma esperança morta.

"Ah, quem assim me fala ama-me ainda",
Dirás comtigo. Em alta voz o négo:
Que resta em nós dessa ezistencia finda?
Tu, sempre encantadora e sempre linda,
E's a mesma, talvez... mas eu estou cego.

Amei-te, já não te amo. Não, de certo.
Tu foste uma miragem deslumbrante
Que em meu sonho feliz sonhei tão perto,
E desfez-se, deixando-me diante
Da tristeza vazia do deserto.

O amor de que te amei tão loucamente
Era como um olhar que o céu alcança:
Para ti, alto céu resplandecente,
Todo se erguia, no estase de um crente,
Feito de adoração — e de esperança.

E hoje, que para toda a, eternidade,
Eu despertei do sonho de um momento,
Hoje, na sombra, penso com saudade
Que o teu encanto era uma claridade
E o meu amor foi um deslumbramento.

A VOZ DO SINO¹³⁷

¹³⁷ Em A e B, o poema está ausente. Em C, ocupa a sexta posição.

I

Tarde triste e silenciosa
De vila de beira-mar:
Uma tarde cor de rosa
Que vai morrendo em luar...

Ao lonje, a varzea scintila
De uns restos de sol poente;
Mas, por sobre toda a vila
— Do morro a que fica rente
Dece uma sombra tranquila —
E anoitece lentamente.

Não aparece viv'alma.

Nem rumor da natureza,
Nem éco de voz humana
Perturba a infinita calma,
A solitaria tristeza
Da pobre vila praiana.

Nem se ouve o mar, lonje, e manso.

A tudo, em redor, invade
Um ar de mole descanso...

Silencio... Imobilidade...

Como que, interrompida,
A correnteza da vida
Fez neste ponto um remanso.

De súbito, rumoreja
Violentemente o ar:
Na torrezinha da igreja
Rompe o sino a badalar.

Ponho-me atento, a escutal-o:
Que diz, alto e repentino,
Esse bater de um badalo
Num sino?

Badalo que assim badalas
No sino que assim resoa,
Aves, já nenhuma voa:
Dormem; e vais acordal-as
A' toa...

Vais espantar quanta moça

Ahi pelos arredores
Depois de um dia de roça,
De enxada e de soalheira,
Dedica a tarde lijeira
A tarefas bem melhores:

Pelas discretas beiradas
De alguma fonte; fiadas
Na proteção pitoresca
De ramajens, folhas, flores;
Que fazem elas? Coitadas,
Bebem, nas mãos, agua fresca...
Lavam as caras tostadas...
Ou cuidam dos seus amores...

Badalo que assim badalas
No sino que assim resoa,
Olha que vais espantal-as
A' tóa...

Badalas... E eu que te falo
Não sei e nem imagino
Que pretendes tu, badalo,
A bater, bater no sino.

Talvez convoques á ceia
Pescadores que, lidando,
Nem viram que entardeceu;
Algum se estendeu na areia
A descansar; sinão quando,
De cansado adormeceu...

Badala-me assim, badala:
Esperta este dorminhoco;
Que ou ele, acordando, abala,
Ou fica dormindo — e em troco
Da sua madraçaria,
Chegando á casa atrasado
Acha no fogo apagado
A caldeirada j á fria.

Badalo que assim badalas
No sino que assim atroa,
Porque é que tão alto falas
A' tóa?

A andar com menos demora
Talvez tua voz compila
Certo rei dos mandriões
Encarregado em má hora

De, nas trez ruas da vila,
Acender os lampeões...

Chamas, talvez, ao seu posto.
Quem? algum camaroeiro
Retardado e mal disposto
A seguir para o pesqueiro?

Badala-lhe que é sol posto,
Que a lua cheia está fora,
Que, com pequena demora,
Vai a maré a vazar:
Para chegar á costeira
Tem ele uma légua inteira
De caminho a caminhar,
Vencendo-a de combro em
De atoleiro em atoleiro,
Com o remo e o puçá no hombro
E, na mão, o candieiro...

Ruidoso sino da vila !
E é por cousas tão vulgares
Que atroas assim os ares
De uma tarde tão tranqüila?

II

Badalo que assim badalas...
Que voz de repente soa
Acompanhando-te as falas
A' tóa?

E ' voz de gente que canta.
De gente... E parece tanta...

Da humilde igreja irradia
E para o ceu se alevanta
A reza da *Ave, Maria*.

As vozes e as badaladas
Confundem-se... Misturadas
No fervor da mesma prece,
Sóbem juntas para o ar
Onde a lua resplandece
E a noute, imensa, parece
Feita do alvor do luar...

Sobre a soleira da porta
Da casa pegada á minha,

Vejo sentada a vizinha:
Moça, e bonita... Que importa?

Tem nos braços o filhinho;
Fala-lhe, toda carinho;
Ele ouve; sorri; depois,
Responde-lhe, balbucia...
E, de mãos postas, os dois
Murmuram a *Ave, Maria*.

Ante meus olhos perpassa
Uma visão: imagino
Maria, cheia de graça,
Jesus, loiro e pequenino.

Uma tarde cor de rosa...
Uma vila assim modesta,
Assim tristonha como esta...
De pescadores, também...
Sobre a planície arenosa
Por onde o Jordão deriva
Pousa a sombra evocativa
Das montanhas de Sichem...

A' porta de humilde choça,
Uma mulher... Quem é ela?
E' pobre... é joven... é bela...
E é Mãi: comovida, a espaços
O seu sorriso se adoça,
O seu olhar se ilumina
Para a figura divina
Do filho que tem nos braços.

Mostra-lhe, á noute que estréla
O ceu e que a terra ensombra,
Como a terra é toda sombra
Como o ceu é todo luz...
E o filho, enlevado nela,
Em estase balbucia...
A primeira *Ave, Maria*
Quem a rezou foi Jesus.

Sigo o meu sonho... Imagino
Que, por todas essas roças
Aonde chega a voz do sino,

A sombra triste das choças
Frouxamente se alumia
Da vela de cêra aceza
Ante uma Virgem Maria

Tendo nos braços Jezus.

E' a hora augusta da reza...

Mães, pobres mãis andrajosas
De filhinhos semi-nus,
No chão de terra ajoelhadas,

Dizem cousas misteriosas,
Palavras entrecortadas
De magua que se lastima,
De suplica, e de esperança

A essa outra Mãe que, lá em cima,
Na gloria do ceu, descansa
Do que passou neste mundo.

Ela que, com o mesmo eterno
Requinte do amor materno,
Sorriu a Jezus criança,
Chorou Jezus moribundo,

La, do alto ceu infinito,
Olha com olhos de Santa
E de Mãe que já sofreu
Tanto coração aflito
Que se volta para o seu.

Na roça a miséria é tanta...

Quanta pobre gente, quanta,
Expia o ser mal nascida
Cumprindo a pena da vida
Como pregada a uma cruz;

E, na angustia que a quebranta,
Somente espera e antegosa
A proteção milagrosa
Da Virjem Mãe de Jezus!¹³⁸

Na roça a miséria é tanta...

E cada choça sombria
Para o claro ceu levanta
A reza da *Ave, Maria*.

Não, tu não falas á toa:
Errei, confesso-o... Perdoa,

¹³⁸ C: Jezus!...

O' sino humilde da vila,
Que assim badalas, badalas,
Na paz da tarde tranquila;
O' sino, que tambem rezas,
O' sino que tanto falas
A' terra, toda asperezas,
Como ao ceu, todo luar,
Chamando, com o mesmo zelo
Cada infeliz — a rezar,
Nossa Senhora — a atendel-o.

Consolador de tristezas!
Semeador de esperanças!

Aqui nestas redondezas
Não ha vida tão bonanças
Nem casebre tão remoto
Onde quanto o sino diz
Não abençoe um devoto,
Não console um infeliz...

Por essas varzeas tão ermas
Onde, perdidas e sós,
Ha tantas almas enfermas
De desesperos sem voz,

Onde tanto desdenhado
De Deus que de certo o olvida,
Vive, até morrer, vergado
Ao peso da propria vida,

Vais chamar em altos gritos
— Como si fosse a um dever —
Desamparados e aflitos
— Para o consolo de crer.

E de casebre em casebre
Onde gente, a vida inteira,
Vive de trabalho e febre,
Morre de fome e canseira,

Afirmas á angustia surda
Do misero tabareu
Que o brejo em que ele chafurda
— E' um caminho para o ceu.

A cada pobre praiano
Que, na sua dura lida
De afrontar o largo oceano,
Vive de arriscar a vida,

Tu, consoladoramente,
Falas para lhe lembrar
Que ha quem reze por a gente
— E ha ceu por cima do mar...

Da mesma igreja alvadia
Evolam-se as badaladas
E a reza da *Ave, Maria*.

Evolam-se... Misturadas,
Sobem juntas para o ar
Onde, palida e sozinha,
Tão alva, que resplandece,
Tão só, que vai a sonhar,
Caminha a lua, caminha,
E o ceu, imenso, parece
Feito de sonho e luar...

Humilde sino da vila,
Que assim badalas, badalas,
Na paz da tarde tranquila;

Não, tu não falas á toa:

Percebo o que e a quem falas...

Perdoa!

SONETOS¹³⁹

I

A um poeta moço

Desanimado, entregas-te, sem norte,
Sem relutância, á vida; e aceitas dessa
Torrente que te arrasta — a só promessa
De ir lentamente desaguar na morte.

Que póde haver, em suma, que te impeça
De seguir o teu rumo contra a sorte?
Sonha! e a sonhar, e assim armado e forte,
Vida e maguas, incólume, atravessa.

¹³⁹ Em A, apenas a quarta parte está presente.

Ouve: da minha estinta mocidade
Eu, que já vou fitando céus desertos,
Trouxe a consolação, trouxe a saudade,

Trouxe a certeza, enfim, (se ha sonhos certos)
De ter vivido em plena claridade
Dos sonhos que sonhei de olhos abertos.

II¹⁴⁰

Não me culpeis a mim de amar-vos tanto
Mas a vós mesma, e á vossa formosura:
Que, si vos aborrece, me tortura
Ver-me cativo assim do vosso encanto.

Enfadaí-vos. Parece-vos que, em quanto
Meu amor se lastima, vos censura:
Mas sendo vós comigo áspera e dura
Que eu por mim brade aos céus não causa espanto.

Si me quereis diverso do que agora
Eu sou, mudai; mudai vós mesma, pois
Ido o rigor que em vosso peito mora,

A mudança será para nós dois:
E então podereis ver, minha senhora,
Que eu sou quem sou por serdes vós quem sois.

III

Enganei-me supondo que, de altiva,
Desdenhosa, tu vias sem receio
Desabrochar de um simples galanteio
A agreste flor desta paixão tão viva,

Era segredo teu ? Adivinhei-o;
Hoje sei tudo: alerta, em defensiva,
O coração que eu tento e se me esquiva
Treme, treme de susto no teu seio.

Errou quem disse que as paixões são cegas;
Veem... Deixam-se ver..- Debalde insistes;
Que mais defendes, si tu'alma entrégas ?

Bem vejo (vejo-o nos teus olhos tristes¹⁴¹)
Que tu, negando o amor que em vão me negas,
Mais a ti mesma do que a mim resistes.

¹⁴⁰ A parte II corresponde, em A, ao poema intitulado *Folha solta*.

¹⁴¹ C: tristes...

IV

Uma impressão de D. Juan

Gastei no amor vinte anos —¹⁴² os melhores,¹⁴³
Da minha vida pródiga: esbanjei-os
Sem remorso nem pena, em galanteios,
Colhendo beijos, desfolhando flores.

Quentes olhares de olhos tentadores,
Suspiros de paixão, arfar de seios,
Conheci-os, buscaram-me, gozei-os...¹⁴⁴
Li, folha a folha,¹⁴⁵ o livro dos amores.

Quanta lembrança de mulher amada!¹⁴⁶
Quanta ternura de alma carinhosa!¹⁴⁷
Sim, tanto amor que me passou na vida!

E nada sei do amor...¹⁴⁸ Não, não sei nada,
E cada rosto de mulher formosa
Dá-me a impressão de folha inda não lida.

SONHO PÓSTUMO¹⁴⁹

I

Poupem-me, quando morto, á sepultura: odeio
A cova, escura e fria.
Ah! deixem-me acabar alegremente, em meio
Da luz, em pleno dia.

O meu ultimo sono eu quero assim dormil-o:
— Num largo descampado,
Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranqüilo
E a primavera ao lado.

Bailem sobre o meu corpo azas tremulas, azas
Palpitando de leve,

¹⁴² A: anos,

¹⁴³ A: melhores

¹⁴⁴ A: — Conheci-os, buscaram-me, gosei-os .

¹⁴⁵ A: Li folha a folha

¹⁴⁶ A: amada,

¹⁴⁷ A: carinhosa,

¹⁴⁸ A: amor

¹⁴⁹ Em A e B, o poema ocupa a oitava posição. Em C, a vigésima quarta.

De insectos de ouro e azul, ou rubros como brazas,
Ou claros como neve.¹⁵⁰

II

A louza tumular o corpo fecha e cobre
De sombra e de abandono,
E paira, horrível como um pezadelo, sobre
O derradeiro sono...¹⁵¹

E', de certo, pior que a morte ; desconforto
E', por certo, mais triste :
A morte mata só — e não separa o morto
De tudo mais que eziste.

Que é a morte, afinal, que tanto horror merece ?
— Mais um degrau da escada
Por onde eternamente a vida sóbe e desce
Do nada para o nada.

De entre moutas em flôr, oscilantes na arajem,¹⁵²
Humidas e cheirosas,
Espalhando em redor frescuras de folhagem,
E perfume de rosas.

Subam, jovializando o ar, canções suaves
— A musica sonora
Em que parece rir a alegria das aves,
Encantadas da aurora.

E cada flôr que um galho acaso dependura
A' beira dos caminhos
Entreabra o seio ao sol, ás brizas, á doçura
De todos os carinhos.

Passe em redor de mim um frêmito de gozo
E um calor de desejo,
E sôe o farfalhar das arvores, moroso
Como o rumor de um beijo.

¹⁵⁰ A parte I, em C, ainda possui mais seis estrofes, que em E foram deslocadas, são elas: De entre moutas em flôr, oscilantes na arajem, | Humidas e cheirozas, | Espalhando em redor frescuras de folhagem, | E perfume de rosas, \ Subam, jovializando o ar, canções suaves | — A muzica sonôra | Em que parece rir a alegria das aves, | Encantadas da aurora. \ E cada flôr que um galho acazo dependura | A' beira dos caminhos | Entreabra o seio ao sol, ás brizas, á doçura | De todos os carinhos. \ Passe em redor de mim um frêmito de gozo | E um calor de desejo, | E sôe o farfalhar das arvores, morozo | Como o rumor de um beijo. \ Palpite a natureza inteira, bela e amante, | Volutuoza e festiva, | E tudo vibre e esplenda, e tudo fulja e cante, | E tudo sonhe e viva. \ A sepultura é noute onde rasteja o verme. | O' luz que eu tanto adoro, | Amortalha-me tu! E possa eu desfazer-me | No ar claro e sonoro!

¹⁵¹ A: somno.

¹⁵² As próximas seis estrofes referem-se ao deslocamento mencionado na nota anterior.

Palpite a natureza inteira, bela e amante,
Volutuosa e festiva.
E tudo vibre e esplenda, e tudo fulja e cante,
E tudo sonhe e viva.

A sepultura é noute onde rasteja o verme...
O' luz que eu tanto adóro,
Amortalha-me tu ! E possa eu desfazer-me
No ar claro e sonóro !

Pelo agitado mar sem praias do universo
O homem surge e deriva
Ao acaso, como um floco de espuma, emerso
De uma onda fujitiva.

Quando a morte o devolve ao seio que o gerara,
Sem que o estinga e consuma,
Funde-o na onda que vai rolando, e que não para
De erguer flocos de espuma.

O morto volve ao chão da terra bemfeitora
Desfeito em mil destroços,
E restitue-lhe assim tudo que em vida fôra :
— Carne vestindo uns ossos.

Só perde um sonho : o sonho apenas esboçado
No rapido transporte
Que o trouxe bruscamente impelido, empurrado
Do berço para a morte.

Sonho belo talvez, confuso com certeza,
Feito de rizo e pranto,
Feito de sombra e luz, de alegria e tristeza,
De encanto e desencanto.

Sonho que surge como um turbilhão, e passa
E acaba num momento
Como um rumor sem éco, um pouco de fumaça.
Espalhada no vento.

Tudo mais volta ao seio infinito desse horto
Que gera eternamente
A vida, e espera só que a morte, em cada morto
Lhe atire uma semente.

III

Porque se arroja, pois, ao tumulto, fechado
— Como um cárcere escuro —
A tudo quanto é belo e esplende ao sol dourado

Sob o céu claro e puro,
 Porque se larga á sombra, e se condena á lama,
 E se abandona ao verme,
 Porque assim se castiga, e se repele, e infama
 Um pobre-corpo inerme ?

Corpo que veio de uma esploção de dezejo,
 Encantado produto
 De uma noute de amor — e que saiu de um beijo
 Como, da flôr, o fruto ;

Corpo onde o olhar viveu para tudo que brilha
 Para as couzas mais belas :
 — A terra em flôr, o mar ao sol, a maravilha
 Do céu cheio de estrelas;

Onde cada rumor em que a noute transborda
 Sob o luar tristonho
 Foi despertar um éco, e vibrar uma corda,
 E acalentar úm sonho ;

Corpo que tanta vez o aroma — essa carícia
 Em que a flôr se consome —
 Encantou de um prazer sutil, de uma delícia
 Sem igual e sem nome ;

Onde o labio se abriu, humido como as rosas
 Quando amanhece o dia,
 Para o sorriso, o beijo, e as couzas deliciosas
 Que o amor pronuncia...

Condenado por fim á dispersão da morte,
 O universo o reclama...¹⁵³
 Entre tudo quanto ha, porque lhe dar por sorte
 O desfazer-se em lama ?

IV

Oh ! deixai que o disperse o vento, aza ligeira
 Em que sobe do chão,
 Em que se eleva no ar tudo quanto é poeira
 E decomposição.

Sim, deixai que o fecunde o sol, esse batismo,
 Essa ablução de luz
 De que surjem sorrindo em flôr — bordas de abismo
 E lamas de paúes.

¹⁵³ A: reclama.

Sim, deixai que o redima o orvalho, em que, de rastros,
No chão dos areiais,
A arjila, recebendo a comunhão dos astros,
Estrela-se em rosais.

Da matéria imortal que ao acazo reunida
Pairou nesse apojeu :
A vida humana ; e após, de tão alto abatida,
Caiu e apodreceu,

Possa cada fragmento, e cada átomo possa
Obter o jubiléu
Em que, para o que é vil, se arrepende e se adoça
O mau humor do céu ;

Mau humor de que sai o verme, esse enjeitado,
Esse erro, o caracol ;
Que condena, que humilha o pó que é pó, ao lado
Do pó que é luz do sol ;

E que afinal se abrande e se penitencia
Naquela redenção
De que a noute resurje e se desmancha em dia
E o castigo em perdão.

A poeira se dispersa ; o charco se evapóra :
Perde-se o fumo no ar :
São feitos desse nada ouros fulvos de aurora,
Brancuras de luar...¹⁵⁴

V¹⁵⁵

Implacavel rancor do espirito á materia,
Da ilusão á verdade,
Do que sonha ao que vive...¹⁵⁶
O' miseria, miseria ! O' vaidade, vaidade !

A alma insubmissa e vã supõe-se encarcerada
No corpo, essa prizão,
— Ilha de um rude mar, princeza desterrada,
Flôr caida no chão;

Considera-se como a fina assencia presa
Num vazo desprezado ;
Vê no corpo um montão de infamia e de torpeza,

¹⁵⁴ A: luar.

¹⁵⁵ As três estrofes seguintes estão em cor branca na publicação.

¹⁵⁶ A: vive.

De vicio e de pecado.

A morte — como um fim de cativo encara
— Um romper de manhã,
A hora da partida anciosa e livre para
As terras de Canaan...¹⁵⁷

Alma, é louco o desejo altivo, em que te abrazas,
De céus nunca atinjidos :
Ai, que serias tu, pássaro, sem as azas,
Alma, sem os sentidos ?

Nos olhos se esvazie o olhar, que te revela,
Que descobre...¹⁵⁸ ou que faz
Tanta extensão de azul, tanto fulgor de estrela...¹⁵⁹
Alma, que sonharás ?

Alma, que sonharás, na silenciosa auzencia
Do som — emudecida
Para o teu devaneio a vaga confidencia
Dos sub-solos da vida ?

Em vão levantas no ar as tuas fantazias
E as tuas ambições ;
Architetas em vão tantas filozofias,
Tantas religiões...¹⁶⁰

Para mais desterrar na morte a carne, morta
Por fim, emfim vencida,
Inventaste o pavor de um cárcere sem porta,
De um antro sem saída.

Inventaste-o debalde. O tumulto condena
O corpo á podridão,
Mas não te ezime a ti da mesma escura pena
De apodrecer no chão :

Sangue que o coração alvoroça e amotina,
Vibração provocada
Dos nervos, e depois...¹⁶¹ um sonho da retina.,
E's tudo isso, e mais nada.

VI

¹⁵⁷ A: Canaan.

¹⁵⁸ A: descobre.

¹⁵⁹ A: estrela.

¹⁶⁰ A: religiões.

¹⁶¹ A: depois.

O derradeiro sono, eu quero assim dormil-o :
Num largo descampado,
Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranqüilo
E a primavera ao lado.

Amortalhe-me a noute estrelada ; arda o dia
Depois, claro e risonho ;
E seja a dispersão na luz e na alegria
O meu ultimo sonho.

A TERNURA DO MAR¹⁶²

No firmamento azul, cheio de estrelas de ouro
Ia boiando¹⁶³ a lua indiferente e fria...¹⁶⁴
De penhasco em penhasco e de estouro em estouro,
Em baixo, o mar dizia :

"Lua, só meu amor é fiel tempo em fóra...¹⁶⁵
Muda o céu, que se alegra á madrugada, e pelas
Sombras do entardecer todo entristece, e chora
Marejado de estrelas ;

Ora em pompas, a terra, ora desfeita e nua
Como¹⁶⁶ a folha que vai arrastada na briza —
Aos caprichos do tempo inconstante flutua
Indecisa, indecisa...¹⁶⁷

Desfolha-se, encanece em musgos, aos rigores
Do céu mostra a nudez dos seus galhos mesquinhos,
A arvore que viçou toda folhas e flores,
Toda aromas e ninhos :

Coleras de tufão, pompas de primavera,
Céu que em sombras se esvai, terra que se desnuda,
A tudo o tempo alcança, e a tudo o tempo altera...
— Só meu amor não muda !

Ha mil anos que eu vivo a terra suprimindo :
Hei de romper-lhe a crôsta e cavar-lhe as entranhas,
Dentro de vagalhões penhascos submerjindo,
Submerjindo montanhas.

¹⁶² Em A e B, o poema ocupa a décima quarta posição. Em C, a vigésima segunda.

¹⁶³ C: boindo

¹⁶⁴ A: fria.

¹⁶⁵ A: fóra.

¹⁶⁶ — Como

¹⁶⁷ A: indecisa.

Hei de alcançar-te um dia... Embalde nos separa
A largura da terra e o fraguado dos montes...¹⁶⁸
Hei de chegar ahi de onde vens, nua e clara,
Subindo os horizontes.

Um passo para ti cada dia entezouro ;
Ha de ter fim o espaço, e o meu amor caminha...¹⁶⁹
Dona do céu azul e das estrelas de ouro,
Um dia serás minha !

E serei teu escravo...¹⁷⁰ A' noute, pela calma
Rendilharei de espuma o teu berço de areias,
E ha de embalar teu sono e acalantar tua alma
O canto das sereias.

Quando a aurora romper no céu despovoadado,
Tezouros a teus pés estenderei, de rastros...¹⁷¹
Ser amante do mar vale mais, sonho amado,
Que ser dona dos astros.

Deliciando-te o olhar, afagando-te a vista,
Todo me tinjirei de mil cores cambiantes,
E abrir-se-á de meu seio a brancura imprevista
Das ondas arquejantes.

Levar-te-ei de onda em onda a vagar de ilha em ilha,
Tranquilas solidões, ermas como atalaias,
Onde o marulho canta e a salsujem polvilha
A alva nudez das praias.

Ao lonje, de repente assomando e fujindo,
Alguma vela, ao sol, verás alva de neve :
Teus olhos sonharão enlevados, seguindo
Seu vôo claro e leve ;

Sonharão, na delicia indefinida e vaga
De sentir-se levar sem destino, um momento,
Para além... para além...¹⁷² nos balanços da vaga,
Nos acazos do vento.

Far-te-ei vêr o paiz, nunca visto, da sombra
Onde cascos de naus arrombadas, a espaços
Dormem o ultimo sono, estendidos na alfombra

¹⁶⁸ A: montes.

¹⁶⁹ A: caminha.

¹⁷⁰ A: escravo.

¹⁷¹ A: rastros.

¹⁷² A: Para além. para além.

De algas e de sargaços.

Opulentos galeões, pelas juntas rotas,
Vertem ouro, troféus inúteis, vis monturos,
Que foram conquistar às praias mais remotas,
Pelos parceiros mais duros :

Flámula ao vento, proa em rumo ao largo, velas
Desfraldadas, varando ermos desconhecidos,
Rudes ondas, tufões brutos, turvas procelas,
Sombra, fuzis, bramidos,

Todo o estranho pavor das águas afrontando,
Altivos como reis e leves como plumas,
Iam de golfo em golfo, em triunfo arrastando
Um esteira de espumas.

Eil-os, carcassas vis d'onde o ouro em vão supura,
Esqueletos de heróis...¹⁷³ dei-os em pasto á fome
Silenciosa e sutil da multidão obscura,
Dos moluscos sem nome.

Essa estranha rejão nunca vista, has de vê-la,
Onde, numa bizarra ezuberancia, a flora
Rebenta pelo chão pérolas côr de estrela
E conchas côr de aurora ;

Onde o humilde infuzorio aspira ás maravilhas
Da gloria, sonha o sol, e, dos grotões mais fundos
De meu seio, levanta a pouco e pouco as ilhas,
Arquipelagos, mundos...¹⁷⁴

Lua, eu sou a paixão, eu sou a vida... Eu te amo.
Paira, lonje, no céu, desdenhosa rainha !...¹⁷⁵
Que importa ? O tempo é vasto, e tu, bem que reclamo !
Um dia serás minha !

Embalde nos afasta e embalde nos separa
A largura da terra e o fraguedo dos montes:
Hei de chegar ahi de onde vens, nua e clara,
Subindo os horizontes...¹⁷⁶

Na quietação da noute apenas tumultua
Quebrada de onda em onda a voz brusca do mar :
Corta o silencio, ajita o socego, flutua

¹⁷³ A: heroes.

¹⁷⁴ A: mundos.

¹⁷⁵ A: rainha!.

¹⁷⁶ A: horizontes.

E espalha-se no luar...¹⁷⁷

OMNIA VANITAS¹⁷⁸

Pois cheio de ambição e de confiança
Tu a vida comes
(A vida,
Tão farta das riquezas da esperança
Tão pródiga em promessas
— Emquanto não vivida) ;

Que pedes ao Futuro ? Em que consiste
O esplendido tezouro
Que esperas encontrar
— Argonauta feliz — nessa ilha de ouro
Que vês, que buscas, e que não existe
Sinão em teu olhar ?

A tudo mais preferes a Opulencia ?
Pede-lh'a ; ha Crésos ; correm loterias ;
E é fácil a sciencia
De descobrir em autos de inventario
O encanto, as louçanias,
Da herdeira de algum morto milionario.

Queres a gloria ? Pede-lh'a : procura
Caminho (e ha cem, á escolha)
Para algum desses cumes teatraes
Onde quem os atinje faz figura
— De bôlha
Soprada das columnas dos jornaes.

Sonhas o Amor ? Pois pede-lh'o : na eleita
Dos teus olhos, realiza
A só conquista digna de um desejo.
Pede-lh'o ; obtem-n'o ; e, deslumbrado, aceita
Daquela que o teu sonho diviniza
A efêmera ambrozia do seu beijo.

Mas si pretendes ser feliz apenas,
Não lhe peças apenas isso tudo :
Gloria, riqueza, amor ;

¹⁷⁷ A: luar

¹⁷⁸ Em A, B e C, o poema está ausente.

Pede mais ao teu prodigo Mecenas ;
Pede mais, que não basta ; sobretudo
Pede-lhe bom humor...

ROZA, ROZA DE AMOR¹⁷⁹

*Roza, roza de amor purpurea e bela,
Quem dentre¹⁸⁰ os goivos te esfolhou da campã?*
GARRET.

I

*(Olhos verdes)*¹⁸¹
Olhos encantados, olhos côr do mar,¹⁸²
Olhos pensativos que fazeis sonhar !

Que formosas couzas, quantas maravilhas
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo ;¹⁸³
Cortes pitorescos de afastadas ilhas
Abanando no ar seus coqueiraes em flôr,
Solidões tranqüilas feitas para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amor...¹⁸⁴

Olhos pensativos que falais de amor !

Vem caindo a noute, vai subindo a lua...¹⁸⁵
O horizonte, como para recebel-as,
De uma fimbria de ouro todo se debrua ;

Afla a briza, cheia de ternura ousada,
Esfrolando as ondas, provocando nelas
Bruscos arrepios de mulher beijada...¹⁸⁶

Olhos tentadores da mulher amada !

¹⁷⁹ Em A e B, o poema ocupa a décima quinta posição, também encerrando a publicação.

¹⁸⁰ C: entre

¹⁸¹ Em A, B e C, a expressão *olhos verdes*, que está entre parênteses em E, encontra-se centralizado e em capitulares. O mesmo recurso é utilizado em todas as parte do poema.

¹⁸² A: mar

¹⁸³ E: vejo:

¹⁸⁴ A: amor.

¹⁸⁵ A: lua.

¹⁸⁶ A: beijada.

Uma vela branca, toda alvor, se afasta
Balançando na onda, palpitando ao vento ;
Eil-a que mergulha pela noute vasta,
Pela vasta noute feita de luar ;
Eil-a que mergulha pelo firmamento
Desdobrado ao lonje nos confins do mar...¹⁸⁷

Olhos scismadores que fazeis scismar !

Branca vela errante, branca vela errante,
Como a noute é clara ! como o céu é lindo !
Leva-me contigo pelo m a r . . . Adiante !
Leva-me contigo até mais lonje, a essa
Fimbria do horizonte onde te vais sumindo
E onde acaba o mar e de onde o céu começa.

Olhos abençoados¹⁸⁸ cheios de promessa !

Olhos pensativos que fazeis sonhar,
Olhos côr do mar !

II

(Manhã de sol)

Na sombra do murtal, cujas flôres a leve
Arajem desgrinalda em turbilhões de neve,
Ela vagueia a sós...¹⁸⁹ e como vai formosa !
Tem como uma frescura orvalhada de rosa
Na face... Em seu sorriso amanhece. E' tão brando
O seu pizar, que o chão o acolhe suspirando.
— Eis o sol! — canta uma ave ao fitar-lhe a retina...
E por onde ela passa a sombra se ilumina.

Descuidada e feliz, entre as arvores ela
Erra á tôa. Sorrindo, as aves interpela.
Corre de flor em flôr, salta de mouta em mouta,
Ora entre a ramaria o olhar travesso afouta

E tenta surpreender o segredo de um ninho ;
Ora scisma, fitando o vago desalinho
Em que toda palpita, em que se entrega toda,
A folhagem que o vento acaricia... Em roda,
Em tudo, vê um ar festivo de noivado,
Cada flôr abre ao sol o calice orvalhado,
Humido como um lábio em que pouzasse um beijo...

¹⁸⁷ A: mar

¹⁸⁸ C: abençoados,

¹⁸⁹ A: sós.

E o seu passo é sutil, e erra como um adejo.

Surpreendo-a. Ela estaca, assustada, indecisa;
Mal com os pézinhos nós o chão musgoso piza
Num ar de juriti prestes a abrir o vôo.
Tomo-lhe as mãos; baixinho, ao seu ouvido, então
A atrevida canção do amor que tudo pede,
Do amor que não é mais do que Um furor de sede,
Que é o amor afinal...

Toda a sua alma escuta,
Todo o seu corpo treme. Amante e irresoluta,
Quer ceder, e reziste ; abraza, e não se atreve...¹⁹⁰
E de subito, como a corça arisca e leve
Que sente o caçador e ouve silvar a bala,
Ela das minhas mãos bruscamente resvala,
Salta, foje-me...¹⁹¹

Em vão. Salto-lhe em pós ; não tomba
Mais faminto um abutre em cima duma pomba.
Ela, sem rumo, vai e erra ao acazo, numa
Vaga trepidação, como ao vento uma pluma.
E o seu passo recorta o chão, que abaixa e alteia
Aqui um charco, adiante um cômodo de areia.

Aos poucos, a carreira afrouxa. Em cada passo
Mais e mais ela mostra a angustia do cansaço,
Arfa-lhe o seio : perde o fôlego ; tropeça ;
Pára...

Alcança-a o meu beijo. O noivado começa.

III

(Horas de amor)

Só vivo as horas que passo
Junto de ti, meu amor,
Tua cintura em meu braço,
Meu beijo em tua boca em flôr...¹⁹²

Só assim vivo, querida,
Pois tudo mais não é vida.

*

¹⁹⁰ A: atreve.

¹⁹¹ foge-me.

¹⁹² A: flor.

Ventura que mal goteja,
Triste do amor que se esconde,
E só acha de onde em onde
Um acazo que o proteja ;

Só alcanço o teu carinho
Nesta sombra de folhagem.
Onde, como ave selvagem,
Nosso amor tem o seu ninho.

Por entre as moutas vagueio,
Caminho, páro, indeciso...¹⁹³
Virás ou não ? E agonizo
Entre a esperança e o receio.

Por toda a floresta, cheia
De um rumor vago e perdido,
Cuido escutar o ruído
Dos teus pézinhos na areia.

Volto-me sobresaltado
Só porque uma ave deteve
O vôo, e um ramo, de leve,
Estremeceu ao meu lado.

E enquanto na sombra curto
Essa impaciência hesitante
Por ternuras de um instante,
Por beijos dados a furto,

Cheio de inveja reparo
Nas borboletas que em bando
Passam felizes, amando
Na plena luz do sol claro...¹⁹⁴

Ventura que mal goteja,
Triste do amor que se esconde,
E só acha de onde em onde
Um acazo que o proteja.

Amor que a sombra encarcera,
E foje ao sol e ás estradas...¹⁹⁵
Fôssemos nós de mãos dadas
Pela vida e a primavera !

*

¹⁹³ A: indeciso.

¹⁹⁴ A: claro.

¹⁹⁵ A: estradas.

De subito, ouço teus passos :
De entre folhagens de arbusto
Olhas, tremula de susto,
Cáis palpitante em meus braços.

E como a cançada abelha
Que suga a flor, e adormece,
Meu beijo pouza, e se esquece
Em tua bôca vermelha...¹⁹⁶

Lógro só de espaço a espaço
Algum momento de amor,
Tua cintura em meu braço,
Meu beijo em tua boca em flôr.

Ai, eu só vivo querida,
Pedacos da minha vida...¹⁹⁷

IV (Primeira sombra)

— Mal me quer... bem me quer...¹⁹⁸
— Será preciso
Que uma flôr assegure o que digo e tu vês ?
O meu olhar, pouzando em teu sorriso,
Mostra-te que és amada e adivinha que o crês.

— Mal me quer... bem me quer...¹⁹⁹
— E, comovida,

Tremes, como esperando numa²⁰⁰ sentença atroz...²⁰¹
Supões que espalhe a noute em nossa vida
A sombra de uma flôr perpassando entre nós ?

— Mal me quer... Mal me quer... Desde hontem quando
Faltaste, adivinhei tudo que a flôr me diz.
Tenho-te junto a mim e fito-te chorando ;
Beijas-me ainda, e já não sou feliz.

Sinto que és meu, aperto-te em meus braços²⁰²
E, no pavor de um sonho angustiado e sem fim,

¹⁹⁶ A: vermelha.

¹⁹⁷ A: vida.

¹⁹⁸ A: — Mal me quer bem me quer.

¹⁹⁹ A: — Mal me quer. bem me quer.

²⁰⁰ C: uma

²⁰¹ A: atroz.

²⁰² A estrofe não se encontra em A.

Ouço como um rumor fujitivo de passos
Que te afastam de mim...

Dize que estou sonhando, que estou louca !
Jura que sou feliz, que os teus dias são meus,
E que o beijo que ainda orvalha minha boca
Não é tua alma que me diz adeus.

A amorosa doçura do teu verso
Ecoou em minha alma ; em teu verso aprendi
A soletrar o amor, o Amor — esse universo
Radioso, imenso, e resumido em ti.

A tua voz chamou-me ; eu escutei-a
E segui-a, ditosa, a sorrir e a sonhar...²⁰³
Fala-me ainda de amor ! Não te cales, sereia
Que me atraíste para o azul do mar !

Minha alma, envolta em trapos de mendiga,
Vai seguindo, no chão, do teu passo o rumor.
Não me deixes ! Serei a sombra que te siga
Sem indagar onde me leva o amor.

Não me abandones ! Ama-me ! A risonha
Aurora inunda o céu todo afogado em luz...²⁰⁴
Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me ! Sonha,
Pousada a fronte nos meus seios nós !

Que alegre madrugada côr de rosa,
Ser amada por ti, claro sol que tu és !
Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, goza
Toda esta primavera estendida a teus pés.

Bem amado que, como um pássaro num ramo,
Vieste acazo pouzar o vôo no meu seio,
Não me deixes ! Eu quero ouvir ainda o gorjeio
Em que teu beijo é que dizia : "Eu te amo"!

V

(A flôr e a fonte)²⁰⁵

"Deixa-me, fonte" ! Dizia
A flor, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flôr.

²⁰³ A: sonhar

²⁰⁴ A: luz.

²⁰⁵ Em C, a expressão é *Cair das folhas*, centralizada e em capitulares.

"Deixa-me, deixa-me, fonte"!
Dizia a flôr a chorar :
"Eu fui nacida no monte..."²⁰⁶
"Não me leves para o mar"."²⁰⁷

E a fonte, rápida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flôr.

"Ai, balanços do meu galho,
"Balanços do berço meu ;
"Ai, claras gotas de orvalho
"Caidas do azul do céu !..."²⁰⁸

Chorava a flôr, e gemia,
Branca, branca de terror,
E a fonte, sonora e fria,
Rolava, levando a flôr.

"Adeus, sombra das ramadas,
"Cantigas do rouxinol ;
"Ai, festa das madrugadas,
"Doçuras do pôr do sol ;

"Caricia das brizas leves
"Que abrem rasgões de luar..."²⁰⁹
" Fonte, fonte, não me leves,
"Não me leves para o mar !..."²¹⁰

*

As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa descida
Como a da fonte e da flôr..."²¹¹

VI (Desiludida)

Sou como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida

²⁰⁶ A: monte.

²⁰⁷ A: mar.»

²⁰⁸ A: ceu!.

²⁰⁹ A: luar

²¹⁰ A: mar!.

²¹¹ A: flor

Em busca da água distante.

Bem sei que já me não ama,
E sigo, amorosa e aflita
Essa voz que não me chama,
Esse olhar que não me fita.

Bem reconheço a loucura
Deste amor abandonado
Que se abre em flôr, e procura
Viver de um sonho acabado ;

E é como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida
Em busca da água distante :

Só, perdido no deserto,
Segue empós do seu carinho :²¹²
Vai se arrastando... e vai certo²¹³
Que morre pelo caminho.

VII

(*Saudade*)

Belos amores perdidos,
Muito fiz eu com perder-vos ;
Deixar-vos, sim; esquecer-vos
Fôra de mais, não o fiz.

Tudo se arranca do seio,
— Amor, desejo, esperança...
Só não se arranca a lembrança
De quando se foi feliz.

Roseira de tanta rosa²¹⁴
Roseira de tanto espinho²¹⁵
Que eu deixei pelo caminho
Aberta em flôr, e parti :

Por me não perder, perdi-te :²¹⁶
Mas mal posso assegurar-me
— Com te perder e ganhar-me,

²¹² A: carinho;

²¹³ A: Vai-se arrastando. e vai certo

²¹⁴ A: Roseira cheia de rosas,

²¹⁵ A: Roseira cheia de espinhos,

²¹⁶ A: perdi-te;

Si ganhei, ou si perdi...²¹⁷

VIII

(Serenata)

Pela vasta noute indolente

Voga um perfume estranho.

Eu sonho...²¹⁸ E aspiro o vago aroma ausente

Do teu cabelo castanho.

Pela vasta noute tranqüila

Pairam, lonje, as estrelas.

Eu sonho... O teu olhar também scintila

Assim, tão lonje como elas.

Pela vasta noute povoada

De rumores e arquejos

Eu sonho...²¹⁹ E' tua voz, entrecortada

De suspiros e de beijos.

Pela vasta noute sem termo,

Que dezerto sombrio!

Eu sonho...²²⁰ Inda é mais triste, inda é mais ermo

O nosso leito vazio.

Pela vasta noute que finda

Sobe o dia risonho...²²¹

E eu cerro os olhos para vêr-te ainda,

Ainda e sempre, em meu sonho.

IX

(O dia seguinte do amor)

Aves fujidias que passais em bando

Pelo azul da tarde sobre o azul do mar,

Aves fujidias que passais cantando,

Que fazeis? Passar.

De repente surjis. No vasto céu

Um turbilhão de alvura de repente crece;

Passa, afasta-se, e ao lonje, e como apareceu

Desaparece.

Brancura macia de plumas, rumor leve

²¹⁷ A: perdi.

²¹⁸ A: sonho.

²¹⁹ A: sonho.

²²⁰ A: sonho.

²²¹ A: risonho.

De azas que ruflam devagar,
Passais como flocos de neve
Que sussurram no vento e se desfazem no ar.

De tudo isso que resta? Um quase nada: apenas
Em meu olhar distraído
A vaga impressão de uma alvura de penas,
E o éco de um rumor cantando em meu ouvido.

Sonhos de amor, perfumados
Do aroma da flôr da laranjeira,
Botões de rosa desabrochados,
Em goivos, desfeitos na lama e na poeira;

Sonhos do olhar namorado
Ao descobrir, como um triunfador,
Todo enlevado, todo enlevado,
Que uns seios de mármore arquejam de amor;

Sonhos do ouvido, escutando
O injenuo amor que se revela emfim
Involuntariamente, quando
Em frases que negam a voz diz que sim;

Sabor do primeiro beijo
Que mal pousa, medroso, leve, leve,
Num rosto virjem onde o pejo
Semeia de rosas brancuras de neve;

Sonhos de amor, sois como a rosa
Que, nem bem colhida,
Perde a frescura que a tornou formosa,
Perde o perfume que a tornou querida.

Primavera vivida
De amar e ser amado aos vinte anos em flôr,
Entrada triunfal do coração na vida,
Amor, amor, amor !

Rapida travessia
De um mar azul, rasgado entre rochedo nús
Nos quaes se ignora o amor, ou a alma se enfastia...²²²
Rejião lavada em luz

Entre esses dous extremos
Tão proximos — o olhar que ainda não sabe vêr
E o que vê — triste fim dos encantos supremos l
O que vale a mulher;

²²² A: enfastia.

Mirajens do desejo, enlevos da esperança,
Só é feliz o amor que espera e não alcança.

Infinita doçura, inegalavel cousa,
Contato delicioso, inefável pressão
Da mão amada quando encontra a nossa mão
E, brandamente, e como achando um ninho, pouza;

O' lábios da mulher palpitante de amor,
O' lábios que humidece o orvalho do desejo,
Doces labios servis onde abotôa o beijo,
Prestes a se deixar colher como uma flôr;

O' seios brancos onde a paixão, a ofegar,
Chama a paixão, atrái a carne, acena ao gozo;
O' seios brancos onde uns olhos de amoroso
Vêm reflexos do céu na ondulação do mar;

Encantos da mulher amada; comovidos
Deslumbramentos; gosto indizível, sabor
Da unica hora feliz de toda a vida; amor,
Sonho em que a alma é que sente o gozo dos sentidos;

No coração que de vós se alvoroça
Resplandeceis, mirajens, enganos,
De uma luz que não é vossa...²²³
Que é só dos nossos vinte anos.

Tremulas maretas que passais boiando
Pela flôr das ondas nos parciais do mar;
Tremulas maretas que alvejais cantando,
Que fazeis ? Passar.

De repente surjis... No mar sem fim
Um turbilhão de alvura de repente crece;
Passa; afasta-se; e como apareceu, assim
Desaparece.

Brancura brilhante de espumas, sons velados
Da aagua no açude de um pomar,
Passais, desfeitos, desmanchados
Na tristeza sonora das ondas do mar.

De tudo isso que resta ? Ai,²²⁴ quase cousa alguma:
Em meu olhar distraído
A vaga impressão de alguns flocos de espuma

²²³ A: vossa.

²²⁴ A: Ai!

E o éco de um rumor cantando em meu ouvido...

X

(*Ultima confidencia*)

— E si acaso voltar? Que hei de dizer-lhe, quando
Me perguntar por ti?
— Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando...²²⁵
Nessa tarde parti.

— Si arrependido e ancioso ele indagar: " Para onde ?
Por onde a buscarei ?"
— Dize-lhe "Para além... para lonje..." Responde
Como eu mesma: "Não sei".

Ai, é tão vasta a noute! A meia luz do ocaso
Desmaia... anouteceu...²²⁶
Onde vou ? Nem eu sei...²²⁷ Irei seguindo ao acaso
Até achar o céu...²²⁸

Eu cheguei a supôr que possivel me fôsse
Ser amada — e viver.
E fãõ fácil a morte...²²⁹ Ai, seria tão doce
Ser amada... e morrer !...²³⁰

Ouve : conta-lhe tu que eu chorava, partindo,
As lagrimas que vês...²³¹
Só conheci do amor, que imaginei tão lindo,
O mal que ele me fez.

Narra-lhe transe a transe a dôr que me consome...
Nem houve nunca igual !
Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome
No soluço final !

Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a bôca
Que o seu beijo não quiz:
Gólfa-me em sangue, vês? E eu murmurando-o, louca!
Sinto-me tão feliz !

Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quasi o odeio,
Oculta-lh'o ! Senhor,

²²⁵ A: chorando.

²²⁶ A: Desmaia. Anouteceu.

²²⁷ A: sei. .

²²⁸ A: céu.

²²⁹ A: morte.

²³⁰ A: Ser amada. e morrer !.

²³¹ A: vês.

Eu morro!... Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o
Até morrer...²³² de amor.

²³² A: morrer

3.2. Edição sinóptica dos testemunhos A, C e E, especificamente 1908, 1917 e 1923

A - 1908	C - 1917	E - 1923
(1) VELHO TEMA	(1) VELHO TEMA	(1) VELHO TEMA
<p>Só a leve esperança, em toda a vida, Disfarça a pena de viver, mais nada; Nem é mais a existencia, resumida, Que uma grande esperança malograda.</p> <p>O eterno sonho da alma desterrada, Sonho que a traz anciosa e embevecida, E' uma hora feliz, sempre adiada E que não chega nunca em toda a vida.</p> <p>Essa felicidade que supomos, Arvore milagrosa que sonhamos Toda arreada de dourados pomos,</p> <p>Existe, sim: mas nós não n'a alcançamos Porque está sempre apenas onde a pomos E nunca a pomos onde nós estamos.</p>	<p>I</p> <p>Só a leve esperança, em toda a vida, Disfarça a pena de viver, mais nada; Nem é mais a ezistencia, rezumida, Que uma grande esperança malograda.</p> <p>O eterno sonho da alma desterrada, Sonho que a traz ancioza e embevecida, É uma hora feliz, sempre adiada E que não chega nunca em toda a vida.</p> <p>Essa felicidade que supomos, Arvore milagroza que sonhamos Toda arreada de dourados pomos,</p> <p>Eziste, sim: mas nós não a alcançamos Porque está sempre apenas onde a pomos E nunca a pomos onde nós estamos.</p>	<p>I</p> <p>Só a leve esperança, em toda a vida, Disfarça a pena de viver, mais nada; Nem é mais a existencia, resumida, Que uma grande esperança malograda.</p> <p>O eterno sonho da alma desterrada, Sonho que a traz anciosa e embevecida, E' uma hora feliz, sempre adiada E que não chega nunca em toda a vida.</p> <p>Essa felicidade que supomos, Arvore milagrosa, que sonhamos Toda arreada de dourados pomos,</p> <p>Eziste, sim: mas nós não a alcançamos Porque está sempre apenas onde a pomos E nunca a pomos onde nós estamos.</p>
<p>II</p> <p>Eu cantarei de amor tão fortemente Com tal celeuma e com tamanhos brados Que afinal teus ouvidos, dominados, Hão de á força escutar quanto eu sustente.</p>	<p>II</p> <p>Eu cantarei de amor tão fortemente Com tal celeuma e com tamanhos brados Que afinal teus ouvidos, dominados, Hão de á força escutar quanto eu sustente.</p>	<p>II</p> <p>Eu cantarei de amor tão fortemente Com tal celeuma e com tamanhos brados Que afinal teus ouvidos, dominados, Hão de á força escutar quanto eu sustente.</p>

<p>Quero que meu amor se te apresente —Não andrajoso e mendigando agrados, Mas tal como é: risonho e sem cuidados, Muito de altivo, um tanto de insolente.</p> <p>Nem ele mais a desejar se atreve Do que merece: eu te amo, e o meu desejo Apenas cobra um bem que se me deve.</p> <p>Clamo, e não gemo; avanço, e não rastejo; E vou de olhos enxutos e alma leve A' galharda conquista do teu beijo.</p>	<p>Quero que meu amor se te apresente - Não andrajozo e mendigando agrados, Mas tal como é: rizonho e sem cuidados, Muito de altivo, um tanto de insolente.</p> <p>Nem ele mais a dezejar se atreve Do que merece: eu te amo, e o meu dezejo Apenas cobra um bem que se me deve.</p> <p>Clamo, e não gemo; avanço, e não rastejo; E vou de olhos enxutos e alma leve Á galharda conquista do teu beijo.</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p>Belas, airozas, pálidas, altivas, Como tu mesma, outras mulheres vejo: São rainhas, e segue-as num cortejo Estensa multidão de almas cativas.</p> <p>Têm a alvura do mármore; lascivas Fórmãs; os lábios feitos para o beijo; E indiferente e desdenhozo as vejo Belas, airozas, palidas, altivas...</p> <p>Porque? Porque lhes falta a todas elas, Mesmo ás que são mais puras e mais belas, Um detalhe sutil, um quazi nada:</p> <p>Falta-lhes a paixão que em mim te ezalta, E entre os encantos de que brilham, falta</p>	<p>Quero que meu amor se te apresente — Não andrajoso e mendigando agrados, Mas tal como é: — risonho e sem cuidados, Muito de altivo, um tanto de insolente.</p> <p>Nem ele mais a desejar se atreve Do que merece: eu te amo, e o meu desejo Apenas cobra um bem que se me deve.</p> <p>Clamo, e não gemo; avanço, e não rastejo; E vou de olhos enxutos e alma leve A' galharda conquista do teu beijo.</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p>Belas, airozas, palidas, altivas, Como tu mesma, outras mulheres vejo: São rainhas, e segue-as num cortejo Estensa multidão de almas cativas.</p> <p>Têm a alvura do marmore; lascivas Fórmãs; os lábios feitos para o beijo; E indiferente e desdenhozo as vejo Belas, airozas, palidas, altivas...</p> <p>Porque? Porque lhes falta a todas elas, Mesmo ás que são mais puras e mais belas, Um detalhe sutil, um quazi nada:</p> <p>Falta-lhes a paixão que em mim te ezalta, E entre os encantos de que brilham, falta</p>
---	---	--

<p>O vago encanto da mulher amada.</p> <p>Eu não espero o bem que mais desejo: Sou condenado, e disso convencido; Vossas palavras, com que sou punido, São penas e verdades de sobejo.</p> <p>O que dizeis é mal muito sabido, Pois nem se esconde nem procura ensejo, E anda á vista naquilo que mais vejo: Em vosso olhar, severo ou distraído.</p> <p>Tudo quanto afirmais eu mesmo alego: Ao meu amor desamparado e triste Toda a esperança de alcançar-vos nego.</p> <p>Digo-lhe quanto sei, mas ele insiste; Conto-lhe o mal que vejo, e ele que é cego Põe-se a sonhar o bem que não existe.</p> <p>«Alma serena e casta, que eu persigo Com o meu sonho de amor e de pecado, Abençoado seja, abençoado O rigor que te salva e é meu castigo.</p> <p>Assim desvie sempre do meu lado Os teus olhos; nem ouças o que eu digo; E assim possa morrer, morrer comigo,</p>	<p>O vago encanto da mulher amada.</p> <p>IV</p> <p>Eu não espero o bem que mais dezejo: Sou condenado, e disso convencido; Vossas palavras, com que sou punido, São penas e verdades de sobejo.</p> <p>O que dizeis é mal muito sabido, Pois nem se esconde nem procura ensejo, E anda á vista naquilo que mais vejo: Em vosso olhar, severo ou distraído.</p> <p>Tudo quanto afirmais eu mesmo alego: A o meu amor desamparado e triste Toda a esperança de alcançar-vos nego.</p> <p>Digo-lhe quanto sei, mas ele insiste; Conto-lhe o mal que vejo, e ele que é cego Põe-se a sonhar o bem que não eziste.</p> <p>V</p> <p>«Alma serena e casta, que eu persigo Com o meu sonho de amor e de pecado, Abençoado seja, abençoado O rigor que te salva e é meu castigo.</p> <p>Assim desvie sempre do meu lado Os teus olhos; nem ouças o que eu digo; E assim possa morrer, morrer comigo,</p>	<p>O vago encanto da mulher amada.</p> <p>IV</p> <p>Eu não espero o bem que mais desejo: Sou condenado, e disso convencido; Vossas palavras, com que sou punido, São penas e verdades de sobejo.</p> <p>O que dizeis é mal muito sabido, Pois nem se esconde nem procura ensejo, E anda á vista naquilo que mais vejo: Em vosso olhar, severo ou distraído.</p> <p>Tudo quanto afirmais eu mesmo alego: Ao meu amor desamparado e triste Toda a esperança de alcançar-vos nego.</p> <p>Digo-lhe quanto sei, mas ele insiste; Conto-lhe o mal que vejo, e ele, que é cego, Põe-se a sonhar o bem que não eziste.</p> <p>V</p> <p>"Alma serena e casta, que eu persigo Com o meu sonho de amor e de pecado, Abençoado seja, abençoado O rigor que te salva e é meu castigo.</p> <p>Assim desvie sempre do meu lado Os teus olhos; nem ouças o que eu digo; E assim possa morrer, morrer comigo,</p>
--	--	---

<p>Este amor criminoso e condenado.</p> <p>Sê sempre pura! Eu com denodo engeito Uma ventura obtida com teu damno, Bem meu que de teus males fosse feito.»</p> <p>Assim penso, assim quero, assim me engano... Como si não sentisse que em meu peito Pulsa o covarde coração humano.</p> <p>VI</p> <p>« Lembra » ! diz-me o passado: « Eu sou a aurora E a primavera, o olhar que se enamora De quanto vê pelo caminho em flor; Para o teu coração cançado e triste E' recordar-me — o unico bem que existe... Eu sou a mocidade, eu sou o amor.»</p> <p>«Vive!» diz-me o presente. «Alma suicida, Louca, não peças á arvore da vida Mais que os amargos frutos que ela tem; Deixa a saudade e foge da esperança, Faze do pouco que teu braço alcança O teu mesquinho, o teu unico bem.»</p> <p>«Sonha!» diz-me o futuro: «o sonho é tudo, Eu sobre as tuas palpebras sacudo A poeira da ilusão!... sonha, e bemdiz! Eu sou o unico bem porque te engano, E o desgraçado coração humano</p>	<p>Este amor criminozo e condenado.</p> <p>Sê sempre pura! Eu com denodo enjeito Uma ventura obtida com teu dano, Bem meu que de teus males fôsse feito».</p> <p>Assim penso, assim quero, assim me engano... Como si não sentisse que em meu peito Pulsa o covarde coração humano.</p> <p>VI</p> <p>«Lembra» ! diz-me o passado: «Eu sou a aurora E a primavera, o olhar que se enamora De quanto vê pelo caminho em flor; Para o teu coração cançado e triste É recordar-me — o unico bem que eziste... Eu sou a mocidade, eu sou o amor».</p> <p>«Vive» ! diz-me o presente. «Alma suicida, Louca, não peças á arvore da vida Mais que os amargos frutos que ela tem; Deixa a saudade e foje da esperança, Faze do pouco que teu braço alcança O teu mesquinho, o teu unico bem.</p> <p>«Sonha» ! diz-me o futuro: «o sonho é tudo, Eu sobre as tuas palpebras sacudo A poeira da iluzão!... sonha, e bemdiz! Eu sou o unico bem porque te engano, E o desgraçado coração humano</p>	<p>Este amor criminoso e condenado.</p> <p>Sê sempre pura! Eu com denodo enjeito Uma ventura obtida com teu dano, Bem meu que de teus males fôsse feito".</p> <p>Assim penso, assim quero, assim me engano... Como si não sentisse que em meu peito Pulsa o covarde coração humano.</p> <p>VI</p> <p>"Lembra"! diz-me o passado: "Eu sou a aurora E a primavera, o olhar que se enamora De quanto vê pelo caminho em flôr; Para o teu coração cançado e triste E' recordar-me — o unico bem que eziste... Eu sou a mocidade, eu sou o amor".</p> <p>"Vive"! diz-me o presente. "Alma suicida, Louca, não peças á arvore da vida Mais que os amargos frutos que ela tem; Deixa a saudade e foje da esperança, Faze do pouco que teu braço alcança O teu mesquinho, o teu unico bem."</p> <p>"Sonha"! diz-me o futuro: "O sonho é tudo, Eu sobre as tuas palpebras sacudo A poeira da iluzão!... sonha, e bemdiz! Eu sou o único bem porque te engano, E o desgraçado coração humano</p>
---	---	--

<p>Só com o que não possui é que é feliz.»</p> <p>Eu ouço os três, e calo-me: desisto De quanto me prometem, porque nisto Todos se enganam, todos, menos eu: Beijo dos lábios da mulher amada, O único bem és tu! Nem há mais nada... E tu és de outro, e nunca serás meu!</p>	<p>Só com o que não possui é que é feliz».</p> <p>Eu ouço os três, e calo-me: desisto De quanto me prometem, porque nisto Todos se enganam, todos menos eu: Beijo dos lábios da mulher amada, O único bem és tu! Nem há mais nada... E tu és de outro, e nunca serás meu!</p>	<p>Só com o que não possui é que é feliz".</p> <p>Eu ouço os três, e calo-me: desisto De quanto me prometem, porque nisto Todos se enganam, todos, menos eu: Beijo dos lábios da mulher amada, O único bem és tu! Nem há mais nada... E tu és de outro, e nunca serás meu!</p>
	(2) MENINA E MOÇA	(2) MENINA MOÇA
	<p>Tu, que és quase uma criança, E que enlevada sorris A 'tentadora esperança De ser amada, e feliz;</p> <p>Sê formosa; entre as formosas Reina e brilha, si puderes: Que a beleza nas mulheres E' como o viço nas rosas.</p> <p>Sendo bonita e mais nada Cumpra a mulher com fulgor Sobre a terra iluminada O seu destino de flôr.</p> <p>Sê bondosa; entre as melhores Sê a melhor, si puderes: Que a bondade nas mulheres E' como o aroma nas flores.</p> <p>Meiga, formosa, querida,</p>	<p>Tu, que és quasi uma criança, E que enlevada sorris A 'tentadora esperança De ser amada, e feliz;</p> <p>Sê formosa; entre as formosas Reina e brilha, si puderes: Que a beleza nas mulheres E' como o viço nas rosas.</p> <p>Sendo bonita e mais nada Cumpra a mulher com fulgor Sobre a terra iluminada O seu destino de flor.</p> <p>Sê bondosa; entre as melhores Sê a melhor, si puderes: Que a bondade nas mulheres E ' como o aroma nas flores.</p> <p>Meiga, formosa, querida,</p>

	<p>Ama* e sê amada: o amor Na areia solta da vida Brotam rozeiras em flor.</p> <p>Serás feliz? Ai, não queiras Ser feliz: ás mais ditozas Brotam maguas entre as rozas Como espinhos nas rozeiras...</p> <p>Tu, que és quase uma criança E acreditas quanto diz A enganadora esperança De ser amada e feliz,</p> <p>Sê rezignada: a rozeira Que mais viça e mais prospera Dá rozas na primavera E espinhos a vida inteira...</p>	<p>Ama e sê amada: o amor Na areia solta da vida Brotam roseiras em flor.</p> <p>Serás feliz? Ai, não queiras Ser feliz: ás mais ditosas Brotam maguas entre as rosas Como espinhos nas roseiras...</p> <p>Tu, que és quazi uma criança E acreditas quanto diz A enganadora esperança De ser amada e feliz,</p> <p>Sê resignada: a roseira Que mais viça e mais prospera Dá rosas na primavera E espinhos a vida inteira...</p>
(6) PEQUENINO MORTO	(3) PEQUENINO MORTO	(3) PEQUENINO MORTO
<p>Tange o sino, tange, numa vez de chôro, Numa voz de chôro. tão desconsolado. No caixão dourado, como em berço de ouro, Pequenino, levam-te dormindo. Acorda! Olha que te levam para o mesmo lado De onde o sino tange numa voz de chôro. Pequenino, acorda!</p> <p>Como o somno apaga o teu olhar inerte Sob a luz da tarde tão macia e grata! Pequenino, é pena que não possas ver-te.</p>	<p>Tanje o sino, tanje, numa voz de chôro, Numa voz de chôro... tão desconsolado... No caixão dourado, como em berço de ouro, Pequenino, levam-te dormindo... Acorda! Olha que te levam para o mesmo lado De onde o sino tanje numa voz de chôro... Pequenino, acorda!</p> <p>Como o sono apaga o teu olhar inerte Sob a luz da tarde tão macia e grata! Pequenino, é pena que não possas vêr-te...</p>	<p>Tanje o sino, tanje, numa voz de chôro, Numa voz de chôro... tão desconsolado... No caixão dourado, como em berço de ouro, Pequenino, levam-te dormindo... Acorda! Olha que te levam para o mesmo lado De onde o sino tanje numa voz de chôro... Pequenino, acorda!</p> <p>Como o sono apaga o teu olhar inerte Sob a luz da tarde tão macia e grata! Pequenino, é pena que não possas vêr-te...</p>

<p>Como vaes bonito, de vestido novo Todo azul celeste com debruns de prata! Pequenino, acorda! E gostarás de vêr-te De vestido novo.</p> <p>Como aquela imagem de Jesus, tão lindo Que até vai levado em cima dos andores, Sobre a fronte loura um resplendor fulgindo — Com a grinalda feita de botões de rosas Trazes na cabeça um resplendor de flores. Pequenino, acorda! E te acharás tão lindo Florescido em rosas!</p> <p>Tange o sino, tange, numa voz de chôro, Numa voz de chôro. tão desconsolado. No caixão dourado, como em berço de ouro, Pequenino levam-te dormindo. Acorda! Olha que te levam para o mesmo lado De onde o sino tange numa voz de choro. Pequenino, acorda!</p> <p>Que caminho triste, e que viagem! Alas De ciprestes negros a gemer no vento; Tanta boca aberta de famintas valas A pedir que as fartem, a esperar que as encham... Pequenino, acorda! Recupera o alento, Foge da cobiça dessas fundas valas A pedir que as encham.</p> <p>Vae chegando a hora, vae chegando a hora</p>	<p>Como vaes bonito, de vestido novo Todo azul celeste com debruns de prata! Pequenino, acorda! E gostarás de vêr-te De vestido novo.</p> <p>Como aquela imagem de Jesus, tão lindo, Que até vai levado em cima dos andores, Sobre a fronte loura um respêndor fuljindo, — Com a grinalda feita de botões de rozas Trazes na cabeça um resplendor de flôres... Pequenino, acorda! E te acharás tão lindo Florecido em rosas!</p> <p>Tange o sino, tanje, numa voz de chôro, Numa voz de chôro... tão desconsolado... No caixão dourado, como em berço de ouro, Pequenino levam-te dormindo... Acorda! Olha que te levam para o mesmo lado De onde o sino tanje numa voz de chôro... Pequenino, acorda!</p> <p>Que caminho triste, e que viagem! Alas De ciprestes negros a gemer no vento; Tanta boca aberta de famintas valas A pedir que as fartem, a esperar que as encham... Pequenino, acorda! Recupera o alento, Foje da cobiça dessas fundas valas A pedir que as encham.</p> <p>Vai chegando a hora, vai chegando a hora</p>	<p>Como vais bonito, de vestido novo Todo azul celeste com debruns de prata! Pequenino, acorda! E gostarás de vêr-te De vestido novo.</p> <p>Como aquela imagem de Jesus, tão lindo, Que até vai levado em cima dos andores Sobre a fronte loura um resplendor fuljindo, — Com a grinalda feita de botões de rosas Trazes na cabeça um resplendor de flores... Pequenino, acorda! E te acharás tão lindo Florecido em rosas!</p> <p>Tanje o sino, tanje, numa voz de chôro, Numa voz de chôro... tão desconsolado... No caixão dourado, como em berço de ouro, Pequenino levam-te dormindo... Acorda! Olha que te levam para o mesmo lado De onde o sino tanje numa voz de chôro... Pequenino, acorda!</p> <p>Que caminho triste, e que viagem! Alas De ciprestes negros a gemer no vento; Tanta boca aberta de famintas valas A pedir que as fartem, a esperar que as encham... Pequenino, acorda! Recupera o alento, Foje da cobiça dessas fundas valas A pedir que as encham.</p> <p>Vai chegando a hora, vai chegando a hora</p>
--	--	--

<p>Em que a mãe ao seio chama o filho... A espaços, Badalando, o sino diz adeus, e chora Na melancolia do cair da noute; Por aqui, só cruces com seus magros braços Que jamais se fecham, hirtos sempre... E' a hora Do cair da noute.</p> <p>Pela Ave Maria, como procuravas Tua mãe!. Num éco de sua voz piedosa, Que suaves cousas que tu murmuravas, De mãosinhas postas, a rezar com ela. Pequenino, em casa, tua mãe saudosa Reza a sós. E' a hora quando a procuravas. Vae rezar com ela!</p> <p>E depois. Teu quarto era tão lindo! Havia Na janela jarras onde abriam rosas E no meio a cama, toda alvor, macia, De lençóis de linho no colxão de penas. Que acordar alegre nas manhãs cheirosas! Que dormir suave, pela noute fria, No colxão de penas.</p> <p>Tange o sino, tange, numa voz de chôro, Numa voz de chôro. tão desconsolado. No caixão dourado, como em berço de ouro, Pequenino, levam-te dormindo. Acorda! Olha que te levam para o mesmo lado De onde o sino tange numa voz de chôro. Pequenino, acorda!</p>	<p>Em que a mãi ao seio chama o filho... A espaços, Badalando, o sino diz adeus, e chora Na melancolia do caír da noute; Por aqui só cruces com seus magros braços Que jámais se fecham, hirtos sempre... E' a hora Do caír da noute...</p> <p>Pela Ave Maria, como procuravas Tua mãi!... Num éco de sua voz piedosa, Que suaves cousas que tu murmuravas, De mãosinhas postas, a rezar com ela... Pequenino, em caza, tua mãi saudoza Reza a sós... É a hora quando a procuravas... Vae rezar com ela!</p> <p>E depois... teu quarto era tão lindo! Havia Na janela jarras onde abriam rozas; E no meio a cama, toda alvor, macia, De lençóis de linho no colxão de penas. Que acordar alegre nas manhãs cheirozas! Que dormir suave, pela noute fria, No colxão de penas...</p> <p>Tanje o sino, tanje, numa voz de chôro, Numa voz de chôro... tão desconsolado... No caixão dourado, como em berço de ouro, Pequenino, levam-te dormindo... Acorda! Olha que te levam para o mesmo lado De onde o sino tanje numa voz de chôro... Pequenino, acorda!</p>	<p>Em que a mãi ao seio chama o filho... A espaços, Badalando, o sino diz adeus, e chora Na melancolia do cair da noute; Por aqui, só cruces com seus magros braços Que jamais se fecham, hirtos sempre... E' a hora Do cair da noute...</p> <p>Pela Ave Maria, como procuravas Tua mãi!... Num éco de sua voz piedosa, Que suaves cousas que tu murmuravas, De mãosinhas postas, a rezar com ela... Pequenino, em casa, tua mãi saudosa Reza a sós... E' a hora quando a procuravas... Vae rezar com ela!</p> <p>E depois... teu quarto era tão lindo! Havia Na janela jarras onde abriam rosas; E no meio a cama, toda alvor, macia, De lençóis de linho no colxão de penas. Que acordar alegre nas manhãs cheirosas! Que dormir suave, pela noute fria, No colxão de penas...</p> <p>Tanje o sino, tanje, numa voz de chôro, Numa voz de chôro... tão desconsolado... No caixão dourado, como em berço de ouro, Pequenino, levam-te dormindo... Acorda! Olha que té levam para o mesmo lado De onde o sino tanje numa voz de chôro... Pequenino, acorda!</p>
--	---	---

<p>Porque estacam todos dessa cóva á beira? Que é que diz o padre numa lingua estranha? Porque assim te entregam a essa mão grosseira Que te agarra e leva para a cóva funda? Porque assim cada homem um punhado apanha De calíça e espalha-a, debruçado á beira Dessa cóva funda?</p> <p>Vais ficar sozinho no caixão fechado. Não será bastante para que te guarde? Para que essa terra que jazia ao lado Pouco a pouco róla, vae desmoronando? Pequenino, acorda! — Pequenino!. E' tarde! Sobre ti cai todo esse montão que ao lado Vae desmoronando.</p> <p>Eis fechada a cóva. Lá ficaste. A enorme Noute sem aurora todo amortallhou-te. Nem caminho deixam para quem lá dorme, Para quem lá fica e que não volta nunca. Tão sósinho sempre por tamanha noute!. Pequenino, dorme! Pequenino, dorme. Nem acordes nunca!</p>	<p>Porque estacam todos dessa cóva á beira? Que é que diz o padre numa lingua estranha? Porque assim te entregam a essa mão grosseira Que te agarra e leva para a cóva funda? Porque assim cada homem um punhado apanha De calíça e espalha-a, debruçado á beira * Dessa cóva funda?</p> <p>Vais ficar sozinho no caixão fechado... Não será bastante para que te guarde? Para que essa terra que jazia ao lado Pouco a pouco róla, vai desmoronando? Pequenino, acorda! — Pequenino!... É tarde!... Sobre ti cái todo esse montão que ao lado Vae desmoronando...</p> <p>Eis fechada a cóva. Lá ficaste... A enorme Noute sem aurora todo amortallhou-te. Nem caminho deixam para quem lá dorme, Para quem lá fica e que não volta nunca... Tão sozinho sempre por tamanha noute!... Pequenino, dorme! Pequenino, dorme... Nem acordes nunca!</p>	<p>Porque estacam todos dessa cóva á beira? Que é que diz o padre numa lingua estranha? Porque assim te entregam a essa mão grosseira Que te agarra e leva para a cova funda? Porque assim cada homem um punhado apanha De calíça, e espalha-a, debruçado á beira Dessa cóva funda?</p> <p>Vais ficar sósinho no caixão fechado... Não será bastante para que te guarde? Para que essa terra que jazia ao lado Pouco a pouco rola, vai desmoronando? Pequenino, acorda! — Pequenino!... E' tarde... Sobre ti cái todo esse montão que ao lado Vai desmoronando...</p> <p>Eis fechada a cóva. Lá ficaste... A enorme Noute sem aurora todo amortallhou-te. Nem caminho deixam para quem lá dorme, Para quem lá fica e que não volta nunca... Tão sósinho sempre por tamanha noute!... Pequenino, dorme! Pequenino dorme... Nem acordes nunca!</p>
(3) A INVENÇÃO DO DIABO	(12) A INVENÇÃO DO DIABO	(4) A INVENÇÃO DO DIABO
Deus entregando ao Diabo a metade do mundo,	Deus, entregando ao Diabo a metade do mundo	Deus, entregando ao Diabo a metade do mundo

<p>Deu-lhe a parte peor, como era de razão; E, para arrecadar seu patrimonio, o Imundo Foi forçado a varrer todo o cisco do chão.</p> <p>Tomando para si todo o imenso tesouro Da Bondade e da Luz, do Amor e da Harmonia, Póde o Senhor fazer esbanjamentos de ouro Nas estrelas da noute e no esplendor do dia.</p> <p>Póde esparzir na areia as perolas do orvalho, Marchetar de rubis a aza de um beijaflor, Fazer a primavera — e pôr em cada galho O gorgieio de uma ave e o riso de uma flor...</p> <p>A Satanaz, porem, coube em partilha a treva, O odio como prazer, como covil um poço; E ele lá no seu reino escuro a vida leva De um cão magro a que dão muita pancada e um osso.</p> <p>E: enquanto a mão de Deus, abrindo-se, semeia Astros de ouro no ceu, messes de ouro no pó, Satanaz, furioso, a mão sacode, cheia De lepra e maldição como o punho de Job.</p> <p>Só uma vez Satan respirou satisfeito, E arregaçou-lhe o beijo um perfido sorriso, Quando um dia, ao sair do seu covil estreito, De repente se achou dentro do paraizo.</p>	<p>Deu-lhe a parte peor, como era de razão: E, para arrecadar seu patrimonio, o Imundo Foi forçado a varrer todo o cisco do chão.</p> <p>Tomando para si todo o imenso tezouro Da Bondade e da Luz, do Amor e da Harmonia, Póde o Senhor fazer esbanjamentos de ouro Nas estrelas da noute e no esplendor do dia.</p> <p>Póde esparzir na areia as perolas do orvalho, Marchetar de rubis a aza de um beijaflor, Fazer a primavera — e pôr em cada galho O gorjeio de uma ave e o rizo de uma flor...</p> <p>A Satanaz, porém, coube em partilha a treva, O odio como prazer, como covil um poço; E ele lá no seu reino escuro a vida leva De um cão magro a que dão muita pancada e um osso.</p> <p>E, enquanto a mão de Deus, abrindo-se semeia Astros de ouro no céu, messes de ouro no pó, Satanaz, furíozo, a mão sacode, cheia * De lepra e maldição como o punho de Job.</p> <p>Só uma vez Satan respirou satisfeito, E arregaçou-lhe o beijo um perfido sorriso, Quando, acaso, ao sair do seu covil estreito, De repente se achou dentro do paraizo.</p>	<p>Deu-lhe a parte peor, como era de razão: E, para arrecadar seu patrimônio, o Imundo Foi forçado a varrer todo o cisco do chão.</p> <p>Tomando para si todo o imenso tezouro Da Bondade e da Luz, do Amor e da Harmonia, Póde o Senhor fazer esbanjamentos de ouro Nas estrelas da noute e no esplendor do dia.</p> <p>Póde esparzir na areia as pérolas do orvalho, Marchetar de rubis a aza de um beijaflor, Fazer a primavera — e pôr em cada galho O gorgieio de uma ave e o rizo de uma flôr...</p> <p>A Satanaz, porém, coube em partilha a treva, O odio como prazer, como covil um poço; E ele lá no seu reino escuro a vida leva De um cão magro a que dão muita pancada e um osso.</p> <p>E, enquanto a mão de Deus, abrindo-se, semeia Astros de ouro no céu, messes de ouro no pó, Satanaz, furioso, a mão sacode, cheia De lepra e maldição como o punho de Job.</p> <p>Só uma vez Satan respirou satisfeito, E arregaçou-lhe o beijo um perfido sorriso, Quando, acaso, ao sair do seu covil estreito, De repente se achou dentro do Paraizo.</p>
---	---	---

<p>A primeira impressão que teve foi de inveja: Daquelle extranho quadro o imprevisto esplendor Só lhe pôde arrancar á boca malfazeja Uivos de cão ferido, imprecações de dor.</p> <p>Mas de repente, como o corisco clareia O tenebroso ceu nas borrascas de Agosto, Uma ideia triunfante, uma sinistra idéa Fuzilou-lhe no olhar e iluminou-lhe o rosto.</p> <p>Sobre um macio chão todo em musgos e rosas, Eva, formosa e nua, adormecera ao luar. E sobre a alva nudez dessas fórmas graciosas Satan deixou cair um desdenhoso olhar...</p> <p>Mas num sonho talvez de cousas ignoradas, Num desejo sem alvo, imperfeito e indeciso, Eva os labios abriu, — e abriram-se, orvalhadas De um suspiro de amor, as rosas de um sorriso.</p> <p>Espantado, Satan viu que esse marmore era Animado e gentil, ardente e encantador; Como um resumo viu de toda a primavera Na frescura sem par daquela boca em flor.</p> <p>E foi sómente então que o Principe da Treva Imaginou o Amor furioso e desgrehado, E resolveu fazer dos roseos labios de Eva</p>	<p>A primeira impressão que teve foi de inveja: Daquele estranho quadro o imprevisto esplendor Só lhe pôde arrancar á boca malfazeja Uivos de cão ferido, imprecações de dôr.</p> <p>Mas de repente* como o corisco clareia O tenebrozo céu nas borrascas de Agosto, Uma ideia triunfante, uma sinistra ideia Fuzilou-lhe no olhar e iluminou-lhe o rosto.</p> <p>Sobre um macio chão todo em musgos e rozas, Eva formosa e nua, adormecera ao luar: E sobre a alva nudez dessas fórmas graciosas Satan deixou cair um desdenhozo olhar. .</p> <p>Mas num sonho talvez de couzas ignoradas, Num dezejo sem alvo, imperfeito e indecizo, Eva os labios abriu — e abriram-se orvalhadas De um suspiro de amor, as rozas de um sorriso.</p> <p>Espantado, Satan viu que esse marmore era Animado e gentil, ardente e encantador; Como um rezumo viu de toda a primavera Na frescura sem par daquela boca em flôr.</p> <p>E foi somente então que o Principe da Treva</p>	<p>A primeira impressão que teve foi de inveja: Daquele estranho quadro o imprevisto esplendor Só lhe pôde arrancar á boca malfazeja Uivos de cão ferido, imprecações de dôr.</p> <p>Mas de repente, como o corisco clareia O tenebroso céu nas borrascas de Agosto, Uma ideia triunfante, uma sinistra ideia Fuzilou-lhe no olhar e iluminou-lhe o rosto.</p> <p>Sobre um macio chão todo em musgos e rosas, Eva, formosa e nua, adormecera ao luar: E sobre a alva nudez dessas fórmas graciosas Satan deixou cair um desdenhoso olhar...</p> <p>Mas num sonho talvez de cousas ignoradas, Num desejo sem alvo, imperfeito e indeciso, Eva os labios abriu — e abriram-se, orvalhadas De um suspiro de amor, as rosas de um sorriso.</p> <p>Espantado, Satan viu que esse mármore era Animado e gentil, ardente e encantador; Como um resumo viu de toda a primavera Na frescura sem par daquela boca em flôr.</p> <p>E foi sómente então que o Príncipe da Treva Imaginou o Amor furioso e desgrehado,</p>
--	---	---

<p>O calix consagrado às missas do Pecado.</p> <p>Labios feitos de mel, de rosas ao sereno, De ceu do amanhecer franjado em rosicler... Entreabriu-os Satan; e enchendo-os de veneno, Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher.</p>	<p>Imaginou o Amor furioso e desgrenhado, E resolveu fazer dos rozeos lábios de Eva O cálix consagrado às missas do Pecado.</p> <p>Labios feitos de mel, de rosas ao sereno, De céu do amanhecer franjado em rozicler... Entreabriu-os Satan; e enchendo-os de veneno, Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher.</p>	<p>E resolveu fazer dos roseos labios de Eva O cálix consagrado às missas do Pecado.</p> <p>Labios feitos de mel, de rosas ao sereno, De céu do amanhecer franjado em rosicler... Entreabriu-os Satan; e enchendo-os de veneno, Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher.</p>
(10) SUGESTÕES DO CREPUSCULO	(4) SUJESTÕES DO CREPUSCULO	(5) SUJESTÕES DO CREPÚSCULO
<p>Ao pôr do sol, pela tristeza Da meia luz crepuscular, Tem a toada de uma reza A voz do mar.</p> <p>Augmenta, alastra e desce pelas Rampas dos morros, pouco a pouco, O ermo de sombra, vago e ôco, Do ceu sem sol e sem estrelas.</p> <p>Tudo amortece, e a tudo invade Uma fadiga, um desconforto. Como a infeliz serenidade Do embaciado olhar de um morto.</p> <p>Domada então por um instante Da singular melancolia De entorno — apenas balbucia</p>	<p>I</p> <p>Ao pôr do sol, pela tristeza Da meia luz crepuscular, Tem a toada de uma reza A voz do mar.</p> <p>Aumenta, alastra e dece pelas Rampas dos morros, pouco a pouco, O ermo de sombra, vago e ôco, Do céu sem sol e sem estrelas.</p> <p>Tudo amortece; a tudo invade Uma fadiga, um desconforto... Como a infeliz serenidade Do embaciado olhar de um morto.</p> <p>Domada então por um instante Da singular melancolia De emtorno — apenas balbucia</p>	<p>I</p> <p>Ao pôr do sol, pela tristeza Da meia luz crepuscular, Tem a toada de uma reza A voz do mar.</p> <p>Aumenta, alastra e déce pelas Rampas dos morros, pouco a pouco, O ermo de sombra, vago e ôco, Do céu sem sol e sem estrelas.</p> <p>Tudo amortece; a tudo invade Uma fadiga, um desconforto... Como a infeliz serenidade Do embaciado olhar de um morto.</p> <p>Domada então por um instante Da singular melancolia De emtorno — apenas balbucia</p>

<p>A voz piedosa do gigante.</p> <p>Toda se abranda a vaga hirsuta, Toda se humilha, a murmurar Que pede ao ceu que não a escuta A voz do mar?</p> <p>II</p> <p>Extranha voz, estranha prece Aquele prece e aquela voz, Cujas humildade nem parece Provir do mar bruto e feroz.</p> <p>Do mar, pagão creado ás soltas Na solidão, e cuja vida Corre, agitada e desabrida, Em turbilhões de ondas revoltas;</p> <p>Cuja ternura assustadora Agride a tudo que ama e quer, E vai, nas praias onde estoura, Tanto beijar como morder.</p> <p>Torvo gigante repellido Numa paixão lasciva e louca, E' toda furia: em sua boca Blasfema a dôr, mora o rugido.</p> <p>Sonha a nudez: brutal e impuro Branco de espuma, ebrio de amor, Tenta despir o seio duro</p>	<p>A voz piedosa do gigante.</p> <p>Toda se abranda a vaga hirsuta, Toda se humilha, a murmurar... Que pede ao céu que não a escuta A voz do mar?</p> <p>II</p> <p>Estranha voz, estranha prece Aquele prece e aquela voz, Cujas humildade nem parece Provir do mar bruto e feroz.</p> <p>Do mar, pagão creado ás soltas Na solidão, e cuja vida Corre, agitada e desabrida, Em turbilhões de ondas revoltas;</p> <p>Cuja ternura assustadora Agride a tudo que ama e quer, E vai, nas praias onde estoura, Tanto beijar como morder...</p> <p>Torvo gigante repellido Numa paixão lasciva e louca, E' todo furia: em sua boca Blasfema a dôr, móra o rujido.</p> <p>Sonha a nudez: brutal e impuro, Branco de espuma, ébrio de amor, Tenta despir o seio duro</p>	<p>A voz piedosa do gigante.</p> <p>Toda se abranda a vaga hirsuta, Toda se humilha, a murmurar... Que pede ao céu que não a escuta A voz do mar?</p> <p>II</p> <p>Estranha voz, estranha prece Aquele prece e aquela voz, Cujas humildade nem parece Provir do mar bruto e feroz;</p> <p>Do mar, pagão creado ás soltas Na solidão, e cuja vida Corre, agitada e desabrida, Em turbilhões de ondas revoltas;</p> <p>Cuja ternura assustadora Agride a tudo que ama e quer, E vai, nas praias onde estoura, Tanto beijar como morder...</p> <p>Torvo gigante repellido Numa paixão lasciva e louca, E' todo fúria: em sua boca Blasfema a dôr, móra o rujido.</p> <p>Sonha a nudez: brutal e impuro, Branco de espuma, ébrio de amor, Tenta despir o seio duro</p>
--	--	--

<p>E virginal da terra em flor.</p> <p>Debalde a terra em flor, com o fito De lhe escapar, se esconde, — e anceia Atraz de cômoros de areia E de penhascos de granito:</p> <p>No encalço dessa esquiva amante Que se lhe furta, segue o mar; Segue, e as maretas sóla adeante Como matilha, a farejar.</p> <p>E, achado o rastro, vai com as suas Ondas e a sua espumarada Lamber, na terra devastada, Barrancos nus e rochas nuas.</p> <p>III</p> <p>Mais formidável se revela, E mais ameaça e mais assombra A uivar, a uivar dentro da sombra Nas fundas noutes de procela.</p> <p>Tremendo e próximo se escuta, Varrendo a noute, enchendo o ar, Como o fragor de uma disputa Entre o tufão, o céu e o mar.</p> <p>Em cada rispida rajada O vento agride o mar sanhudo: Roça-lhe a face, com o agudo</p>	<p>E virjinal da terra em flor.</p> <p>Debalde a terra em flor, com o fito De lhe escapar, se esconde — e anceia Atraz de cômoros de areia E de penhascos de granito:</p> <p>No encalço dessa esquiva amante Que se lhe furta, segue o mar; Segue, e as maretas sóla adeante Como matilha, a farejar.</p> <p>E, achado o rastro, vai com as suas Ondas e a sua espumarada Lamber, na terra devastada, Barrancos nus e rochas nuas...</p> <p>III</p> <p>Mais formidável se revela, E mais ameaça e mais assombra A uivar, a uivar dentro da sombra Nas fundas noutes de procela.</p> <p>Tremendo e próximo se escuta Varrendo a noute, enchendo o ar, Como o fragor de uma disputa Entre o tufão, o céu e o mar.</p> <p>Em cada rispida rajada O vento agride o mar sanhudo: Roça-lhe a face, com o agudo</p>	<p>E virjinal da terra em flor.</p> <p>Debalde a terra em flor, com o fito De lhe escapar, se esconde — e anceia Atraz de cômoros de areia E de penhascos de granito:</p> <p>No encalço dessa esquiva amante Que se lhe furta, segue o mar; Segue, e as maretas solta adeante Como matilha, a farejar.</p> <p>E, achado o rastro, vai com as suas Ondas e a sua espumarada Lamber, na terra devastada, Barrancos nus e rochas nuas...</p> <p>III</p> <p>Mais formidável se revela, E mais ameaça, e mais assombra A uivar, a uivar dentro da sombra Nas fundas noutes de procela.</p> <p>Tremendo e próximo se escuta Varrendo a noute, enchendo o ar, Como o fragor de uma disputa Entre o tufão, o céu e o mar.</p> <p>Em cada rispida rajada O vento agride o mar sanhudo: Roça-lhe a face, com o agudo</p>
--	--	--

<p>Sibilo de uma chicotada.</p> <p>De entre a celeuma, um estampido Avulta e estoura, alto e maior, Quando, tirano enfurecido, Troveja o ceu ameaçador.</p> <p>De quando em quando, um tenue risco De chama vem, da sombra em meio. E o mar recebe em pleno seio A cutilada de um corisco.</p> <p>Mas a batalha é sua, vence-a: Cança-se o vento, afrouxa. e assim Como uma vaga somnolencia O luar invade o ceu sem fim.</p> <p>Donas do campo, as ondas rugem; E o monstro impando de ousadia, Pragueja, insulta, desafia O ceu, cuspindo-lhe a salsugem.</p> <p>IV</p> <p>A alma raivosa e libertina Desse tenaz batalhador Que faz do escombros e da ruína Como os troféus do seu amor;</p> <p>A alma rebelde e mal composta Desse pagão e desse ateu Que retalia e dá resposta</p>	<p>Sibilo de uma chicotada.</p> <p>De entre a celeuma, um estampido Avulta e estoura, alto e maior, Quando, tirano enfurecido, Troveja o céu ameaçador.</p> <p>De quando em quando, um tenue risco De chama vem, da sombra em meio... E o mar recebe em pleno seio A cutilada de um corisco.</p> <p>Mas a batalha é sua, vence-a: Cança-se o vento, afrouxa... e assim Como uma vaga sonolencia O luar invade o céu sem fim...</p> <p>Donas do campo, as ondas ruem; E o monstro impando de ousadia, Pragueja, insulta, desafia O céu, cuspindo-lhe a salsujem.</p> <p>IV</p> <p>A alma raivoza e libertina Desse tenaz batalhador Que faz do escombros e da ruína Como os troféus do seu amor;</p> <p>A alma rebelde e mal composta Desse pagão e desse ateu Que retalia e dá resposta</p>	<p>Sibilo de uma chicotada.</p> <p>De entre a celeuma, um estampido A volta e estoura, alto e maior, Quando, tirano enfurecido, Troveja o céu ameaçador.</p> <p>De quando em quando, um tenue risco De chama vem, da sombra em meio... E o mar recebe em pleno seio A cutilada de um corisco.</p> <p>Mas a batalha é sua, vence-a: Cança-se o vento, afrouxa... e assim Como uma vaga sonolencia O luar invade o céu sem fim...</p> <p>Donas do campo, as ondas ruem; E o monstro impando de ousadia, Pragueja, insulta, desafia O céu, cuspindo-lhe a salsujem.</p> <p>IV</p> <p>A alma raivosa e libertina Desse tenaz batalhador Que faz do escombros e da ruína Como os troféus do seu amor;</p> <p>A alma rebelde e mal composta Desse pagão e desse ateu Que retalia e dá resposta</p>
---	---	--

<p>A' mesma cólera do ceu;</p> <p>A alma arrogante, a alma bravia Do mar, que vive a combater, Comove-se á melancolia Conventual do entardecer</p> <p>No seu clamor esmorecido Vibra, indistincta e espiritual, Alguma cousa do gemido De um orgam numa catedral.</p> <p>E pelas praias aonde descem Do firmamento — a sombra e a paz E pelas varzeas que emudecem Com os derradeiros sabiás;</p> <p>Ouvem os ermos espantados Do mar constricto no clamor A confidencia dos pecados Daquele eterno pecador.</p> <p style="text-align: center;">V</p> <p>Escutem bem. Quando entardece, Na meia luz crepuscular Tem a toada de uma prece A voz tristissima do mar</p>	<p>A' mesma colera do céu;</p> <p>A alma arrogante, a alma bravia Do mar, que vive a combater, []</p> <p>No seu clamor esmorecido Vibra, indistincta e espiritual, Alguma couza do gemido De um orgam numa catedral.</p> <p>E pelas praias aonde decem Do firmamento — a sombra e a paz; E pelas varzeas que emudecem Com os derradeiros sabiás;</p> <p>Ouvem os ermos espantados Do mar contrito no clamor A confidencia dos pecados Daquele eterno pecador.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Escutem bem..., Quando entardece, Na meia luz crepuscular Tem a toada de uma prece A voz tristissima do mar...</p>	<p>A' mesma cólera do céu;</p> <p>A alma arrogante, a alma bravia Do mar, que vive a combater, Comove-se á melancolia Conventual do entardecer...</p> <p>No seu clamor esmorecido Vibra, indistincta e espiritual, Alguma couza do gemido De um orgam numa catedral.</p> <p>E pelas praias aonde decem Do firmamento — a sombra e a paz; E pelas varzeas que emudecem Com os derradeiros sabiás;</p> <p>Ouvem os ermos espantados Do mar contrito no clamor A confidencia dos pecados Daquele eterno pecador.</p> <p>Escutem bem... Quando entardece, Na meia luz crepuscular Tem a toada de uma prece A voz tristissima do mar...</p>
	(6) ARTE DE AMAR – (8) Arrufos	(6) FRAGMENTOS DA “ARTE DE AMAR”

	I	I
	<p>Dizer mal das mulheres é costume De todo o amante que não foi feliz: Um coitado mordido do ciúme Tudo maldiz, e se maldiz. Pois confesso que nisso se resume O que fui, o que fiz.</p> <p>Julguei mal da que adoro e que me adora; E as mulheres, por perfidas e vis, A todas condenei de foz em fora... Fui infeliz... Sou infeliz Pois com remorso reconheço agora O que fui, o que fiz.</p> <p>Quem se acredita amado se conforma Com o poder dos encantos feminis: Tudo explica e desculpa, de tal fôrma Que... Tu sorris? Porque? Sorris De uma verdade que tomei por norma No que fui, no que fiz.</p> <p>São bem proprios de todas as mulheres Os carinhos, a tactica, os ardis Com que provas — ou finjes — que me queres. Sou infeliz? Mas ser feliz E acreditar em quanto me disseres.,. E assim fui, e assim fiz.</p> <p>Porque abrolha em espinhos a rozeira</p>	<p>Dizer mal das mulheres é costume De todo o amante que não foi feliz: Um coitado mordido do ciúme Tudo maldiz, e se maldiz... Pois confesso que nisso se resume O que fui, o que fiz.</p> <p>Julguei mal da que adoro e que me adora; E as mulheres, por perfidas e vis, A todas condenei de foz em fóra... Fui infeliz... Sou infeliz Pois com remorso reconheço agora O que fui, o que fiz.</p> <p>Quem se acredita amado se conforma Com o poder dos encantos feminis: Tudo explica e desculpa, de tal fôrma Que... Tu sorris ? Porque ? Sorris De uma verdade que tomei por norma No que fui, no que fiz.</p> <p>São bem proprios de todas as mulheres Os carinhos, a tactica, os ardis Com que provas — ou finjes — que me queres. Sou infeliz? Mas ser feliz E' acreditar em quanto me disseres... E assim fui, e assim fiz.</p> <p>Porque abrolha em espinhos a roseira</p>

	<p>Quem negará que as rozas são gentis? Do teu encanto de mulher faceira Ninguem dirá — e ninguém diz Que é couza sem valor, que se não queira... E assim fui no que fiz.</p> <p>És tão linda! Eu adoro-te. És tão boa! Finjes tão bem o amor, que o que eu não quiz Quero agora. Que bem puz fóra á toa! Fui imbecil... Aos imbecis E caridade perdoar... Perdoa No que fui — o que fiz.</p> <p>Seja finjido embora o teu agrado, Agrada-me! Os teus modos infantis Me dão a idéa de que sou amado. Naceste atriz... És boa atriz... Choras?... Isso me deixa consolado Do que fui, do que fiz.</p> <p>II</p> <p>Ofendi-te... E, depois, vejo-te humildemente Chorar, Turvo, turvo de pranto, esse resplandecente Olhar.</p> <p>Eis-me vingado, pois, bem vingado, de quanto Sofri Do teu suave amor, do meu suave encanto Por ti.</p>	<p>Quem negará que as rosas são gentis? Do teu encanto de mulher faceira Ninguem dirá — e ninguém diz Que é cousa sem valor, que se não queira... E assim fui no que fiz.</p> <p>E's tão linda! Eu adoro-te. E's tão boa! Finjes tão bem o amor, que o que eu não quiz Quero agora. Que bem puz fóra á tôa!</p> <p>Fui imbecil... Aos imbecis E' caridade perdoar... Perdôa No que fui — o que fiz.</p> <p>Seja finjido embora o teu agrado, Agrada-me! Os teus modos infantis Me dão a idéa de que sou amado. Naceste atriz... E's boa atriz. Chóras?... Isso me deixa consolado Do que fui, do que fiz.</p> <p>II</p> <p>Ofendi-te... E, depois, vejo-te humildemente Chorar, Turvo, turvo de pranto, esse resplandecente Olhar.</p> <p>Eis-me vingado, pois, bem vingado, de quanto Sofri Do teu suave amor, do meu suave encanto</p>
--	---	--

	<p>Brutal, apunhalei-te a golpes de ironias Brutais, Eu, que te quero tanto, a ti, que me querias Demais.</p> <p>Ha pouco, para mim, doudo eu de amor, tu, douda</p> <p>De amor, Sorria em tua boca em flor tu'alma toda Em flor;</p> <p>Desfolhei esse teu lindo sorrizo que era Assim — Mais ainda que em ti — como uma primavera Em mim.</p> <p>E fiz todo esse mal que com algumas frases Te fiz Só porque te amo... Não: só porque tu me fazes Feliz.</p> <p>Fui comigo também, mais que contigo ainda, Feroz: Vendo-te assim chorar, tenho uma pena infinda De nós:</p> <p>Provoquei esse pranto humilde e resignado; Depois, Por fazer-te infeliz, sou o mais desgraçado</p>	<p>Por ti.</p> <p>Brutal, apunhalei-te a golpes de ironias Brutaes, Eu, que te quero tanto, a ti, que me querias Demais.</p> <p>Ha pouco, para mim, doudo eu de amor, tu, douda</p> <p>De amor, Sorria em tua boca em flor tu'alma toda Em flor;</p> <p>Desfolhei esse teu lindo sorriso que era Assim — Mas ainda que em ti — como uma primavera Em mim.</p> <p>E fiz todo esse mal que com algumas frases Te fiz Só porque te amo... Não: só porque tu me fazes; Feliz.</p> <p>Fui comigo também, mais que contigo ainda, Feroz: Vendo-te assim chorar, tenho uma pena infinda. De nós:</p> <p>Provoquei esse pranto humilde e resignado;</p>
--	---	---

	<p>Dos dois.</p> <p>Sorris?... Vais perdoar? Mas, ó tu que es tão boa,</p> <p>O meu Crime de te maguar, alguém o não perdoa : Sou eu.</p>	<p>Depois, Por fazer-te infeliz, sou o mais desgraçado Dos dois.</p> <p>Sorris?... Vais perdoar? Mas, ó tu que és tão boa,</p> <p>O meu Crime de te maguar, alguém o não perdoa: Sou eu.</p> <p>III</p> <p>"Nem mesmo com uma flor..." Diz o proverbio arabe. Parece Que com dobrado primor Falára ele si dissesse:</p> <p>"Nem mesmo com uma fraze Siquer, Seja ela embora tão leve Ou quazi Como a mais leve pluma Se deve Bater numa Mulher..."</p> <p>IV</p> <p>Si a tua amante é bela E tens ciume, finje que o não tens; Não o perceba ela; Ou caro pagarás</p>
	<p>Si a tua amante é bela E tens ciume, finje que o não tens; Não o perceba ela; Ou caro pagarás</p>	<p>Si a tua amante é bela E tens ciume, finje que o não tens; Não o perceba ela; Ou caro pagarás</p>

	<p>Com alma, corpo, e bens, Cada uma dessas cousas pueris Que um ciumento a cada passo faz Ou diz.</p> <p>Pois tua amante, fria como a neve, E' bela E finje que te quer bem, Que mais reclamas? Ela []</p> <p>E quanto mais tiveres Boas razões, menos dirás que as tens: Afinal, ás mulheres Quando amadas e belas Caro se paga em alma, em corpo, em bens, A culpa sem perdão De ter, ter contra elas, Razão.</p> <p>Queixas de amor que tiveres Não as dês a entender. Nunca, a ninguém! Mais valerá calal-as, e sorrir: Ouvidos de mulheres Só ouvem bem o que lhes soa bem E lhes convem Ouvir.</p> <p>Pois tua linda amante Finje que te ama — dá-te parabens, Declara-te feliz, e sê galante:</p>	<p>Com alma, corpo, e bens, Cada uma dessas cousas pueris Que um ciumento a cada passo faz Ou diz.</p> <p>Pois tua amante, fria como a neve, E' bela E finje que te quer bem, Que mais reclamas? Ela Com ser linda e fingir — dá quanto deve E tem.</p> <p>E quanto mais tiveres Boas razões, menos dirás que as tens: Afinal, ás mulheres, Quando amadas e belas, Caro se paga em alma, em corpo, em bens, A culpa sem perdão De ter, ter contra elas, Razão.</p> <p>Queixas de amor que tiveres Não as dês a entender. Nunca, a ninguém ! Mais valerá calal-as, e sorrir: Ouvidos de mulheres Só ouvem bem o que lhes soa bem E lhes convem Ouvir.</p> <p>Pois tua linda amante Finje que te ama — dá-te parabens. Declara-te feliz, e sê galante:</p>
--	--	--

	<p>O seu amor que tu não tens Que falta faz? Melhor do que possuir o amor sempre ezijente De uma mulher que alem de ser amada é bela,</p> <p>Mais vale á gente Viver com ela Em paz.</p> <p>Engana-te ela e finge que és amado? Engana-a tu também Finjindo-te enganado: Vivendo assim perfeitamente bem Os dois, Poupar-te-ás a quanto, injusta ou justa, Uma scena de ciume sempre custa Depois...</p>	<p>O seu amor que tu não tens Que falta faz? Melhor do que possuir o amor sempre ezijente De uma mulher que alem de ser amada é bela</p> <p>Mais vale á gente Viver com ela Em paz.</p> <p>Engana-te ela e finge que és amado? Engana-a tu também Finjindo-te enganado: Vivendo assim perfeitamente bem Os dois, Poupar-te-ás a quanto, injusta ou justa, Uma scena de ciume sempre custa Depois...</p>
(4) FUGINDO AO CAPTIVEIRO	(7) FUJINDO AO CATIVEIRO	(7) FUJINDO AO CATIVEIRO
<p>I</p> <p>Horas mortas. Inverno. Em plena mata. Em plena Serra do Mar.</p> <p>Em cima, ao longe, alta e serena, A ampla curva do ceu das noutes de geada: Como a palpação vagamente azulada De uma poeira de estrelas..</p> <p>Negra, imensa, disforme,</p>	<p>I</p> <p>Horas mortas. Inverno. Em plena mata. Em plena Serra do Mar.</p> <p>Em cima, ao lonje, alta e serena, A ampla curva do ceu das noutes de geada: Como a palpação vagamente azulada De uma poeira de estrelas...</p> <p>Negra, imensa, disforme,</p>	<p>I</p> <p>Horas mortas. Inverno. Em plena mata. Em plena Serra do Mar.</p> <p>Em cima, ao lonje, alta e serena, A ampla curva do céu das noutes de geada: Como a palpação vagamente azulada De uma poeira de estrelas...</p> <p>Negra, imensa, disforme,</p>

<p>Enegrecendo a noute, a desdobrar-se pelas Amplidões do horisonte, a cordilheira dorme.</p> <p>Como um sonho febril no seu somno ofegante, Na sombra em confusão do mato farfalhante, Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo: Trepas agora alcantis por escarpas a prumo, Erriça-se em calhaus, bruscas como arrepios; Mais repousado, além levemente se enruga Na crespas ondulação de cômoros macios; Resvala num declive; e logo, como em fuga Precípita, atravez da escuridão nocturna, Despenha-se de chofre ao vácuo de uma furna.</p> <p>Do fundo dos grotões outra vez se subleva, Surge, recai, resurge... E, assim, como em torrente Furiosa, em convulsões, vai rolando na treva Despedaçadamente e indefinidamente.</p> <p>Muge na sombra a voz rouca das cachoeiras.</p> <p>Rajadas sorradeiras De um vento preguiçoso arfam de quando em quando Como um vasto motim que passa sussurrando:</p>	<p>Enegrecendo a noute, a desdobrar-se pelas Amplidões do horizonte, a cordilheira dorme.</p> <p>Como um sonho febril no seu sono ofegante, Na sombra em confusão do mato farfalhante, Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo; Trepas agora alcantis por escarpas a prumo, Erriça-se em calhaus, bruscas como arrepios; Mais repousado, além levemente se enruga Na crespas ondulação de cômoros macios: Resvala num declive; e logo, como em fuga Precípita, atravez da escuridão nocturna, Despenha-se de chofre ao vácuo de uma furna.</p> <p>Do fundo dos grotões outra vez se subleva, Surge, recai, resurge... E, assim, como em torrente Furiosa, em convulsões, vai rolando na treva Despedaçadamente e indefinidamente..</p> <p>Muge na sombra a voz rouca das cachoeiras.</p> <p>Rajadas sorradeiras De um vento preguiçoso arfam de quando em quando Como um vasto motim que passa sussurrando:</p> <p>E em cada arvore altiva, e em cada humilde arbusto,</p>	<p>Enegrecendo a noute, a desdobrar-se pelas Amplidões do horizonte, a cordilheira dorme.</p> <p>Como um sonho febril no seu sono ofegante, Na sombra em confusão do mato farfalhante, Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo; Trepas agora alcantis por escarpas a prumo, Erriça-se em calhaus, bruscas como arrepios; Mais repousado, além levemente se enruga Na crespas ondulação de cômoros macios: Resvala num declive; e logo, como em fuga Precípita, atravez da escuridão nocturna, Despenha-se de chofre ao vácuo de uma furna.</p> <p>Do fundo dos grotões outra vez se subleva, Surge, recai, resurge... E, assim, como em torrente Furiosa, em convulsões, vai rolando na treva Despedaçadamente e indefinidamente...</p> <p>Muge na sombra a voz rouca das cachoeiras.</p> <p>Rajadas sorradeiras De um vento preguiçoso arfam de quando em quando Como um vasto motim que passa sussurrando:</p> <p>E em cada arvore altiva, e em cada humilde arbusto,</p>
---	--	---

<p>E em cada árvore altiva, e em cada humilde arbusto, Ha contorções de raiva ou frémitos de susto.</p> <p>A mata é tropical: basta, quasi macissa De tão cerrada. Ao pé do tronco dominante, Que, imperturbavelmente imóvel, inteiriça Sob a rija galhada o torso de gigante, — Uma vegetação turbulenta e bravia Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia: Moutas de craguatás agressivos; rasteiras Trapoeirabas tramando o chão todo; touceiras</p> <p>De brejaúva, em riste as flexas ouriçadas De espinhos; e por tudo, e em tudo emaranhadas, As trepadeiras, em redouças balouçando Hastes vergadas, galho a galho acorrentando Árvores, afogando arbustos, brutalmente Enlaçando á jissara o talhe adolescente... Cem especies formando a trama de uma sebe Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe Da floresta, oprimida e em perpetuo levante...</p> <p>Acesa num furor de seiva transbordante, Toda essa multidão desgrenhada—fundida Como a conflagração de cem tribus selvagens Em batalha — a agitar cem fórmulas de folhagens Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.</p>	<p>Ha contorções de raiva ou frémitos de susto.</p> <p>A mata é tropical: basta, quasi macissa De tão cerrada. Ao pé do tronco dominante Que, imperturbavelmente imóvel, inteiriça Sob a rija galhada o torso de gigante, — Uma vegetação turbulenta e bravia Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia: Moutas de craguatás agressivos; rasteiras Trapoeirabas tramando o chão todo; touceiras</p> <p>De brejaúva, em riste as flexas ouriçadas, De espinhos; e por tudo, e em tudo emaranhadas, As trepadeiras, em redouças balouçando Hastes vergadas, galho a galho acorrentando Árvores, afogando arbustos, brutalmente Enlaçando á jissara o talhe adolescente... Cem especies formando a trama de uma sebe Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe Da floresta, oprimida e em perpetuo levante.</p> <p>Aceza num furor de seiva transbordante, Toda essa multidão desgrenhada — fundida Como a conflagração de cem tribus selvagens Em batalha — a agitar cem fórmulas de folhagens Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.</p> <p>Na confusão da noute, a confusão do mato</p>	<p>Ha contorções de raiva ou frémitos de susto.</p> <p>A mata é tropical: basta, quasi macissa De tão cerrada. Ao pé do tronco dominante Que, imperturbavelmente imóvel, inteiriça Sob a rija galhada o torso de gigante, — Uma vegetação turbulenta e bravia Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia: Moutas de craguatás agressivos; rasteiras Trapoeirabas tramando o chão todo; touceiras</p> <p>De brejaúva, em riste as flexas ouriçadas, De espinhos; e por tudo, e em tudo emaranhadas, As trepadeiras, em redouças balouçando Hastes vergadas, galho a galho acorrentando Árvores, afogando arbustos, brutalmente Enlaçando á jissara o talhe adolescente... Cem especies formando a trama de uma sebe Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe Da floresta, oprimida e em perpetuo levante.</p> <p>Aceza num furor de seiva transbordante, Toda essa multidão desgrenhada — fundida Como a conflagração de cem tribus selvagens Em batalha — a agitar cem fórmulas de folhagens Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.</p> <p>Na confusão da noute, a confusão do mato</p>
---	---	---

<p>Na confusão da noute, a confusão do mato Géra alucinações de um pavor insensato, Aguça o ouvido ancioso e a visão quasi extincta: Lembra—e talvez abafe—urros de onça faminta</p> <p>A mal ouvida voz da tremula cascata Que salta e foge e vai rolando aguas de prata. Rugem sinistramente as moutas sussurrantes. Acoutam-se traições de abismo numa alfombra. Penedos traçam no ar figuras de gigantes. Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.</p> <p>Uns tardos caminhanter Sinistros, meio nus, esboçados na sombra, Passam, como visões vagas de um pezadelo...</p> <p>São cativos fugindo ao cativoiro. O bando É numerozo. Vêm de lonje, no atropelo Da fuga perseguida e cançada. Hezitando, Em recúos de susto e avançadas afoutas, Rompendo o mato e a noute, investindo as ladeiras, Improvisam o rumo ao acaso das moutas.</p> <p>Vão arrastando os pés chagados de frieiras...</p> <p>De furna em furna a Serra, imensa, se desdobra;</p>	<p>Géra alucinações de um pavor insensato, Aguça o ouvido ancioso e a vizão quase estinta: Lembra — e talvez abafe — urros de onça faminta A mal ouvida voz da tremula cascata Que salta e foje e vai rolando aguas de prata. Rujem sinistramente as moutas sussurrantes. Acoutam-se traições de abismo numa alfombra. Penedos traçam no ar figuras de gigantes. Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.</p> <p>Uns tardos caminhanter Sinistros, meio nús, esboçados na sombra, Passam, como vizões vagas de um pezadelo...</p> <p>São cativos fugindo ao cativoiro. O bando É numerozo. Vêm de lonje, no atropelo Da fuga perseguida e cançada. Hezitando, Em recúos de susto e avançadas afoutas, Rompendo o mato e a noute, investindo as ladeiras, Improvizam o rumo ao acazo das moutas.</p> <p>Vão arrastando os pés chagados de frieiras...</p> <p>De furna em furna a Serra, imensa, se desdobra; De sombra em sombra a noute, infinda, se prolonga;</p>	<p>Gera alucinações de um pavor insensato, Aguça o ouvido ancioso e a vizão quasi estinta: Lembra — e talvez abafe — urros de onça faminta A mal ouvida voz da tremula cascata Que salta e foje e vai rolando águas de prata. Rujem sinistramente as moutas sussurrantes. Acoutam-se traições de abismo numa alfombra. Penedos traçam no ar figuras de gigantes. Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.</p> <p>Uns tardos caminhanter Sinistros, meio nús, esboçados na sombra, Passam, como vizões vagas de um pezadelo...</p> <p>São cativos fugindo ao cativoiro. O bando É numerozo. Vêm de lonje, no atropelo Da fuga perseguida e cançada. Hezitando, Em recúos de susto e avançadas afoutas, Rompendo o mato e a noute, investindo as ladeiras, Improvizam o rumo ao acaso das moutas.</p> <p>Vão arrastando os pés chagados de frieiras...</p> <p>De furna em furna a Serra, imensa, se desdobra;</p>
---	---	--

<p>De sombra em sombra a noute, infinda, se prolonga; E flexuosa, em vaivens, como de dobra em dobra, A longa fila ondula e serpenteia, e a longa Marcha atravez da noute e das furnas avança...</p> <p>Vão andrajosos, vão famintos, vão morrendo. Incita-os o terror, alenta-os a esperança: Fica-lhes para traz, para longe, o tremendo Cativoiro... E atravez desses grotões por onde Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde, Da vasta escuridão que os cega e que os ampara, Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos, Seguem, almas de hebreus, rumo do Jabaquara — A Canaan dos cativos.</p> <p>Vão calados, poupando o folego. De quando Em quando — fio dagua humilde murmurando As tristezas de um lago imenso — algum gemido, Um grito de mulher, um choro de criança, Conta uma nova dor em corpo já dorido, Um bruxoleio mais mortiço da esperança, A rajada mais fria arripiando a Floresta</p>	<p>E flexuosa, em vaivens, como de dobra em dobra, A longa fila ondula e serpenteia, e a longa Marcha atravez da noute e das furnas avança...</p> <p>Vão andrajosos, vão famintos, vão morrendo. Incita-os o terror, alenta-os a esperança: Fica-lhes para traz, para longe, o tremendo Cativoiro... E atravez desses grotões por onde Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde» Da vasta escuridão que os cega e que os ampara, Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos, Seguem, almas de hebreus, rumo do Jabaquara — A Canaan dos cativos.</p> <p>Vão calados, poupando o folego. De quando Em quando — fio dagua humilde murmurando As tristezas de um lago imenso — algum gemido, Um grito de mulher, um choro de criança, Conta uma nova dor em peito já dorido, Um bruxoleio mais mortiço da esperança, A rajada mais fria arripiando a floresta E a pele nua; o espinho entrando a carne; a aresta</p>	<p>De sombra em sombra a noute, infinda, se prolonga; E flexuosa, em vaivens, como de dobra em dobra, A longa fila ondula e serpenteia, e a longa Marcha atravez da noute e das furnas avança...</p> <p>Vão andrajosos, vão famintos, vão morrendo. Fica-lhes para traz, para longe, o tremendo Cativoiro... E atravez desses grotões por onde Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde, Da vasta escuridão que os cega e que os ampara, Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos. Seguem, almas de hebreus, rumo do Jabaquara — A Canaan dos cativos.</p> <p>Vão calados, poupando o fôlego. De quando Em quando — fio d'agua humilde murmurando As tristezas de um lago imenso — algum gemido, Um grito de mulher, um choro de criança, Conta uma nova dôr em peito já dorido, Um bruxoleio mais mortiço da esperança, A rajada mais fria arripiando a Floresta</p>
---	---	---

<p>E a pele nua; o espinho entrando a carne; a aresta De um seixo apunhalando o pé já todo em sangue; Uma exacerbação nova da fome velha, A tortura da marcha imposta ao corpo exangue, O joelho exausto que, contra a vontade, ajoelha...</p> <p>E a longa fila segue: a passo, vagarosa, Galga, de fraga em fraga, a montanha fragosa, Bem mais fragosa, bem mais alta que o Calvario...</p> <p>Um, tropeçando, arrima o pai octogenario; Os mais valentes dão apoio aos mais franzinos; E Mães, a agonizar de fome e de canção, Levam com o coração mais do que com o braço Os filhos pequeninos.</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>Eil-o, por fim, o termo desejado Da subida: a montanha avulta e cresce De um vale escuro ao céu todo estrelado; E o seu cume de subito aparece De um resplendor de estrelas aureolado.</p> <p>Mas ai! Tão longe ainda!... E de permeio</p>	<p>De um seixo apunhalando o pé já todo em sangue; Uma ezacerbação nova da fome velha, A tortura da marcha imposta ao corpo ezangue; O joelho ezausto que, contra a vontade, ajoelha...</p> <p>E a longa fila segue: a passo, vagarosa, Galga de fraga em fraga a montanha fragoza, Bem mais fragoza, bem mais alta que o Calvario...</p> <p>Um, tropeçando, arrima o pai octojenario: Os mais valentes dão apoio aos mais franzinos; E Mães, a agonizar de fome e de canção, Levam com o coração mais do que com o braço Os filhos pequeninos.</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>Eil-o, por fim, o termo desejado Da subida: a montanha avulta e crece De um vale escuro ao céu todo estrelado; E o seu cume de subito aparece De um resplendor de estrelas aureolado.</p> <p>Mas ai! Tão longe ainda!... E de permeio A vastidão da sombra sem caminhos, Um fundo vale, tenebrozo e feio,</p>	<p>E a pele nua; o espinho entrando a carne; a aresta De um seixo apunhalando o pé já todo em sangue; Uma ezacerbação nova da fome velha,</p> <p>A tortura da marcha imposta ao corpo ezangue; O joelho ezausto que, contra a vontade, ajoelha..</p> <p>E a longa fila segue: a passo, vagarosa, Galga de fraga em fraga a montanha fragosa, Bem mais fragosa, bem mais alta que o Calvario..</p> <p>Um, tropeçando, arrima o pai octojenario: Os mais valentes dão apoio aos mais franzinos; E Mães, a agonizar de fome e de cansaço, Levam com o coração mais do que com o braço Os filhos pequeninos.</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>Eil-o, por fim, o termo desejado Da subida: a montanha avulta e crece De um vale escuro ao céu todo estrelado; E o seu cume de subito aparece De um resplendor de estrelas aureolado.</p> <p>Mas ai! Tão longe ainda!... E de permeio</p>
--	--	---

<p>A vastidão da sombra sem caminhos, Um fundo vale, tenebroso e feio, E o mato, o mato das barrocas, cheio De fantasmas, de estrepitos, de espinhos.</p> <p>Tão longe ainda!... E os peitos arquejantes, E as forças e a coragem sucumbindo... Estacando, aterrados, por instantes Pensam que a morte hão de encontrar bem antes Do termo desse itinerario infindo...</p> <p>Tiritando, a chorar, uma creança Diz com voz debil: «Mãi, faz tanto frio!... » E a mãi os olhos desvairados lança Em torno, e vê apenas o sombrio Manto de folhas que o tufão balança..</p> <p>« Mãi, tenho fome! » a creancinha geme ; E ela, dos trapos arrancando o seio, Põe-lh'o na boca anciosa, aperta e espreme Arido e seco!... E do caminho em meio Ela, aterrada e muda, estaca e treme.</p> <p>Vai-lhe morrer, morrer nos proprios braços, Morrer de fome, o filho bemquerido; E ela, arrastando para longe os passos, O amado corpo deixará, perdido Para os seus beijos, para os seus abraços...</p> <p>Esse cadaver pequenino, e o riso Murcho no labio, e os olhos apagados,</p>	<p>E o mato, o mato das barrocas, cheio De fantasmas, de estrepitos, de espinhos.</p> <p>Tão longe ainda!... E os peitos arquejantes, E as forças e a coragem sucumbindo... Estacando, aterrados, por instantes Pensam que a morte hão de encontrar bem antes Do termo desse itinerario infindo...</p> <p>Tiritando, a chorar, uma creança Diz com voz debil: «Mãi, faz tanto frio!...» E a mãi os olhos desvairados lança Em torno, e vê apenas o sombrio Manto de folhas que o tufão balança...</p> <p>«Mãi, tenho fome!» a creancinha geme; E ela, dos trapos arrancando o seio, Põe-lh'o na boca ancioza, aperta e espreme... Arido e seco!... e do caminho em meio Ela, aterrada e muda, estaca e treme.</p> <p>Vai-lhe morrer, morrer nos proprios braços, Morrer de fome, o filho bemquerido; E ela, arrastando para longe os passos, O amado corpo deixará, perdido Para os seus beijos, para os seus abraços...</p> <p>Esse cadaver pequenino, e o rizo Murcho no labio, e os olhos apagados, Toda essa vida morta de improviso, Hão de ficar no chão, abandonados</p>	<p>A vastidão da sombra sem caminhos, Um fundo vale, tenebroso e feio, E o mato, o mato das barrocas, cheio De fantasmas, de estrepitos, de espinhos.</p> <p>Tão longe ainda!... E os peitos arquejantes, E as forças e a coragem sucumbindo... Estacando, aterrados, por instantes Pensam que a morte hão de encontrar bem antes Do termo desse itinerario infindo...</p> <p>Tiritando, a chorar, uma criança Diz com voz debil: "Mãi, faz tanto frio!..." E a mãi os olhos desvairados lança Em torno, e vê apenas o sombrio Manto de folhas que o tufão balança...</p> <p>"Mãi, tenho fome!" a criancinha geme, E ela, dos trapos arrancando o seio, Põe-lh'o na boca anciosa, aperta e espreme. Arido e seco!... e do caminho em meio Ela, aterrada e muda, estaca e treme.</p> <p>Vai-lhe morrer, morrer nos proprios braços, Morrer de fome, o filho bemquerido; E ela, arrastando para longe os passos, O amado corpo deixará, perdido Para os seus beijos, para os seus abraços...</p> <p>Esse cadaver pequenino, e o rizo Murcho no labio, e os olhos apagados,</p>
--	---	--

<p>Toda essa vida morta de improviso, Hão de ficar no chão, abandonados A' inclemencia dos sóes e do granizo;</p> <p>Esse entezinho debil e medroso, Que ao mais leve rumor se assusta e busca O azilo de seu seio carinhoso, Ha de ficar sosinho; e, em torno, a brusca Voz do vento ululante e cavernoso.</p> <p>E, em torno, a vasta noute solitaria, Cheia de sombras, cheia de pavores, Onde passa a visão errante e vária Dos lobishomens ameaçadores Em desfilada solta e tumultuaria...</p> <p>Desde a cabeça aos pés, toda estremece; Falta-lhe a força, a vista se lhe turva, Toda a coragem na alma lhe esmorece. E, afastando-se, ao longe, numa curva O bando esgueira-se, e desaparece...</p> <p>Ficam sós, ela e o filho, agonizando, Ele a morrer de fome, ela de medo. Ulula o furacão de quando em quando, E sacudindo os ramos e o folhedo Movem-se as arvores gesticulando.</p> <p>Ela ergue os olhos para o ceu distante E pede ao ceu que descortine a aurora Dorme embuçado em sombras o levante, Mal bruxoleia pela noute fóra</p>	<p>A' inclemencia dos sóes e do granizo;</p> <p>Esse entezinho debil e medroso, Que ao mais leve rumor se assusta e busca O azilo de seu seio carinhoso, Ha de ficar sósinho; e, em torno, a brusca Voz do vento ululante e cavernoso...</p> <p>E, em torno, a vasta noute solitaria, Cheia de sombras, cheia de pavores, Onde passa a visão errante e vária Dos lobishomens ameaçadores Em desfilada solta e tumultuaria...</p> <p>Desde a cabeça aos pés, toda estremece; Falta-lhe a força, a vista se lhe turva, Toda a coragem na alma lhe esmorece. E, afastando-se, ao lonje, numa curva O bando esgueira-se e desaparece...</p> <p>Ficam sós, ela e o filho, agonizando, Ele a morrer de fome, ela de medo. Ulula o furacão de quando em quando, E sacudindo os ramos e o folhedo Movem-se as arvores gesticulando.</p> <p>Ela ergue os olhos para o ceu distante E pede ao ceu que descortine a aurora: Dorme embuçado em sombras o levante, Mal bruxoleia pela noute fora Das estrelas o brilho palpitante...</p>	<p>Toda essa vida morta de improvizo Hão de ficar no chão, abandonados A' inclemencia dos sóes e do granizo;</p> <p>Esse entezinho debil e medroso, Que ao mais leve rumor se assusta e busca O azilo de seu seio carinhoso, Ha de ficar sósinho; e, em torno, a brusca Voz do vento ululante e cavernoso...</p> <p>E, em torno, a vasta noute solitaria Cheia de sombras, cheia de pavores, Onde passa a visão errante e vária Dos lobishomens ameaçadores Em desfilada solta e tumultuaria...</p> <p>Desde a cabeça aos pés, toda estremece; Falta-lhe a força, a vista se lhe turva, Toda a coragem na alma lhe esmorece. E, afastando-se, ao lonje, numa curva O bando esgueira-se e desaparece...</p> <p>Ficam sós, ela e o filho, agonizando, Ele a morrer de fome, ela de medo. Ulula o furacão de quando em quando, E sacudindo os ramos e o folhedo Movem-se as arvores gesticulando.</p> <p>Ela ergue os olhos para o céu distante E pede ao céu que descortine a aurora: Dorme embuçado em sombras o levante, Mal bruxoleia pela noute fora</p>
--	---	--

<p>Das estrelas o brilho palpitante.</p> <p>Tenta erguer-se, e recai; soluça e brada, E apenas o éco lhe responde ao grito; Os olhos fecha para não ver nada, E tudo vê com o coração aflito, E tudo vê com a alma alucinada.</p> <p>Dentro se lhe revolta a carne; explode O instinto bruto, e quebra-lhe a vontade: Mães, vosso grande amor, que tanto póde, Póde menos que a indómita anciedade Em que o terror os musculos sacode!</p> <p>Ela, apertando o filho estreitamente, Beija-lhe os olhos humidos, a bôca. E desvairada, em pranto, ebria e tremente, Arrancando-o do seio, de repente Larga-o no chão e foge como louca.</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p style="text-align: center;">Aponta a madrugada: Da turva noute esgarça o humido veu, E espraia-se risonha, alvoroçada, Rosando os morros e dourando o ceu.</p> <p>A caravana tropega e anciosa Chega ao tope da Serra... O olhar dos fugitivos Descança emfim na terra milagrosa Na abençoada terra</p>	<p>Tenta erguer-se, e recai; soluça e brada, E apenas o éco lhe responde ao grito; Os olhos fecha para não ver nada, E tudo vê com o coração aflito E tudo vê com a alma alucinada.</p> <p>Dentro se lhe revolta a carne; explode O instinto bruto, e quebra-lhe a vontade: Mães, vosso grande amor, que tanto póde, Póde menos que a indómita anciedade Em que o terror os musculos sacode!</p> <p>Ela apertando o filho estreitamente, Beija-lhe os olhos humidos, a bôca... E desvairada, em pranto, ebria e tremente, Arrancando-o do seio, de repente Larga-o no chão e foge como louca.</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p style="text-align: center;">Aponta a madrugada: Da turva noute esgarça o humido veu, E espraia-se risonha, alvoroçada, Rozando os morros e dourando o ceu.</p> <p>A caravana tropega e anciosa Chega ao tope da Serra... O olhar dos fugitivos Descança emfim na terra milagrosa Na abençoada terra Onde não ha cativos.</p>	<p>Das estrelas o brilho palpitante...</p> <p>Tenta erguer-se, e recai; soluça e brada, E apenas o éco lhe responde ao grito; Os olhos fecha para não ver nada, E tudo vê com o coração aflito E tudo vê com a alma alucinada.</p> <p>Dentro se lhe revolta a carne; explode O instinto bruto, e quebra-lhe a vontade: Mães, vosso grande amor, que tanto póde, Póde menos que a indómita anciedade Em que o terror os musculos sacode!</p> <p>Ela, apertando o filho estreitamente, Beija-lhe os olhos humidos, a boca... E desvairada, em pranto, ebria e tremente, Arrancando-o do seio, de repente Larga-o no chão e foge como louca.</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p style="text-align: center;">Aponta a madrugada: Da turva noute esgarça o humido veu, E espraia-se risonha, alvoroçada, Rosando os morros e dourando o ceu.</p> <p>A caravana tropega e anciosa Chega ao tope da Serra... O olhar dos fugitivos Descança emfim na terra milagrosa Na abençoada terra</p>
--	--	---

<p>Onde não ha captivos.</p> <p>Em baixo da montanha, logo adeante, Quasi a seus pés, uma planicie imensa, Clara, risonha, aberta, verdejante:</p> <p>E ao fundo do horizonte, ao fim da extensa Macia varzea que se lhes depara Ali, proxima, em frente, Esfumadas na luz do sol nascente As colinas azues do Jabaquara...</p> <p>O dia de ser livre, tão sonhado Lá do fundo do escuro cativoiro, Amanhece por fim, leve e dourado. Enchendo o ceu inteiro.</p> <p>Uma explosão de jubilo rebenta Desses peitos que arquejam, dessas bocas Famintas, dessa turba macilenta:</p> <p>Um borborinho de palavras loucas, De frases soltas que ninguem escuta Na vasta solidão se ergue e se espalha, E em pleno seio da floresta bruta Canta victoria a meio da batalha.</p> <p>Seguindo a turba gárrula e travessa Que se alvoroça e canta e salta e ri-se, Um coitado, com a tremula cabeça Toda a alvejar das neves da velhice, Tardo, tropego, só, desamparado,</p>	<p>Em baixo da montanha, logo adeante, Quaze a seus pés, uma planicie imensa, Clara, rizonha, aberta, verdejante:</p> <p>E ao fundo do horizonte, ao fim da estensa Macia varzea que se lhes depara Ali , proxima, em frente, Esfumadas na luz do sol nascente, As colinas azues do Jabaquara...</p> <p>O dia de ser livre, tão sonhado Lá do fundo do escuro cativoiro, Amanhece por fim, leve e dourado, Enchendo o ceu inteiro.</p> <p>Uma esplozão de jubilo rebenta Desses peitos que arquejam, dessas bocas Famintas, dessa turba macilenta:</p> <p>Um borborinho de palavras loucas, De frases soltas que ninguem escuta Na vasta solidão se ergue e se espalha, E em pleno seio da floresta bruta Canta vitoria a meio da batalha.</p> <p>Seguindo a turba gárrula e travessa Que se alvoroça e canta e salta e ri-se, Um coitado, com a tremula cabeça Toda a alvejar das neves da velhice, Tardo, tropego, só, desamparado, Do alto cimo; repouza, consolado,</p>	<p>Onde não ha cativos.</p> <p>Em baixo da montanha, logo adeante, Quasi a seus pés, uma planicie imensa, Clara, risonha, aberta, verdejante:</p> <p>E ao fundo do horizonte, ao fim da estensa Macia varzea que se lhes depara Ali, proxima, em frente, Esfumadas na luz do sol nascente, As colinas azues do Jabaquara...</p> <p>O dia de ser livre, tão sonhado Lá do fundo do escuro cativoiro, Amanhece por fim, leve e dourado, Enchendo o céu inteiro.</p> <p>Uma esplozão de jubilo rebenta Desses peitos que arquejam, dessas bocas Famintas, dessa turba macilenta:</p> <p>Um borborinho de palavras loucas, De frases soltas que ninguém escuta Na vasta solidão se ergue e se espalha, E em pleno seio da floresta bruta Canta victoria a meio da batalha.</p> <p>Seguindo a turba gárrula e travessa Que se alvoroça e canta e salta e ri-se, Um coitado, com a tremula cabeça Toda a alvejar das neves da velhice, Tardo, tropego, só, desamparado,</p>
---	---	---

<p> Chega afinal, exsurge á superfície Do alto cimo; repouza, consolado, Longamente, nos longes da planície O olhar quasi apagado; Distingue-a mal; duvida; resmungando, Fita-a... Compreende-a pouco a pouco: vê-a Anunciando proxima, esboçando — No chão que brilha de um fulgor de arêa, Num verde claro de hervaçal que ondêa — A aparição da Terra Prometida... </p> <p> Todo tremulo, ajoelha; e ajoelhado, De mãos postas, nos olhos a alma e a vida, Ele, o mesquinho e o bemaventurado, Adora o Ceu nessa visão terrena... </p> <p> E de mãos postas sempre, extasiado, Murmura, reza esta oração serena Como um tosco resumo do Evangelho: </p> <p> «Foi Deus Nosso Senhor que teve pena De um pobre negro velho...» </p> <p> Seguem. Começa a ingreme descida. Descem. E recomeça A peregrinação entontecida No labirinto da floresta espessa. Sob o orvalho das folhas gotejantes, Entre as moutas cerradas de espinheiros, Andrajosos, famintos, triunfantes, Descem barrancos e despenhadeiros. </p>	<p> Longamente, nos lonjes da planície O olhar quasi apagado; Distingue-a mal; duvida; resmungando, Fita-a... Compreende-a pouco a pouco: vê-a Anunciando proxima, esboçando — No chão que brilha de um fulgor de arêa, Num verde claro de hervaçal que ondêa — A aparição da Terra Prometida... </p> <p> Todo tremulo, ajoelha; e ajoelhado, De mãos postas, nos olhos a alma e a vida, Ele, o mesquinho e o bemaventurado, Adora o Ceu nessa vizão terrena... </p> <p> E de mãos postas sempre, estaziado, Murmura, reza esta oração serena Como um tosco resumo do Evangelho: </p> <p> «Foi Deus Nosso Senhor que teve pena. De um pobre negro velho...» </p> <p> Seguem. Começa a ingreme decida. Decem. E recomeça» A peregrinação entontecida No labirinto da floresta espessa. Sob o orvalho das folhas gotejantes, Entre as moutas cerradas de espinheiros, Andrajosos, famintos, triunfantes, Decem barrancos e despenhadeiros. </p> <p> Decem rindo, a cantar... Seguem, felizes, Sem reparar que os pés lhes vão sangrando </p>	<p> Chega afinal, exsurge á superfície Do alto cimo; repouza, consolado, Longamente, nos lonjes da planície O olhar quasi apagado; Distingue-a mal, duvida; resmungando, Fita-a; compreende-a pouco a pouco; vê-a Anunciando proxima, esboçando — No chão que brilha de um fulgor de arêa, Num verde claro de hervaçal que ondêa — A aparição da Terra Prometida... </p> <p> Todo tremulo, ajoelha; e ajoelhado, De mãos postas, nos olhos a alma e a vida, Ele, o mesquinho e o bemaventurado, Adora o Céu nessa vizão terrena... </p> <p> E de mãos postas sempre, estaziado, Murmura, reza esta oração serena Como um tosco resumo do Evangelho: </p> <p> “Foi Deus Nosso Senhor que teve pena, De um pobre negro velho...” </p> <p> Seguem. Começa a ingreme decida. Decem. E recomeça A peregrinação entontecida No labirinto da floresta espessa. Sob o orvalho das folhas gotejantes, Entre as moutas cerradas de espinheiros, Andrajosos, famintos, triunfantes, Decem barrancos e despenhadeiros. </p>
---	---	---

<p>Descem rindo, a cantar . Seguem felizes Sem reparar que os pés lhes vão sangrando Pelos espinhos e pelas raízes; Sem reparar que atrás, pelo caminho Por onde fogem como alegre bando De passarinhos da gaiola escapo —Fica um pouco de trapo em cada espinho E uma gota de sangue em cada trapo.</p> <p>Descem rindo e cantando, em vozeria E em confusão. Toda a floresta, cheia Do murmúrio das fontes, da alegria Deles, da voz dos passaros, gorjeia. Tudo é festa. Severos e calados, Os velhos troncos, placidos ermitas, Os próprios troncos velhos, remojados, Riem no riso em flor das parasitas.</p> <p>Varando acaso às árvores a sombra Da folhagem que á brisa arfa e revoa, Na verde ondulação da humida alfombra O ouro leve do sol bubuia á toa; A água das cachoeiras, clara e pura, Salta de pedra em pedra, aos solavancos; E a flor de S. João se dependura Festivamente á beira dos barrancos.</p> <p>Vão alegres, ruidosos. Mas no meio Dessa alegria palpitante e louca, Que transborda do seio E transbordada canta e ri na boca, Uma mulher, absorta, acabrunhada,</p>	<p>Pelos espinhos e pelas raízes; Sem reparar que atrás, pelo caminho Por onde fogem como alegre bando De passarinhos da gaiola escapo — Fica um pouco de trapo em cada espinho E uma gota de sangue em cada trapo.</p> <p>Decem rindo e cantando, em vozeria E em confusão. Toda a floresta, cheia Do murmúrio das fontes, da alegria Deles, da voz dos passaros, gorjeia, Tudo é festa. Severos e calados, Os velhos troncos, placidos ermitas, Os próprios troncos velhos, remojados, Riem no riso em flor das parasitas.</p> <p>Varando acazo às árvores a sombra Da folhagem que á brisa arfa e revoa, Na verde ondulação da humida alfombra O ouro leve do sol bubuia à toa; A água das cachoeiras, clara e pura, Salta de pedra em pedra, aos solavancos; E a flor de S. João se dependura Festivamente á beira dos barrancos...</p> <p>Vão alegres, ruidosos... Mas no meio Dessa alegria palpitante e louca, Que trasborda do seio E transbordada canta e ri na boca, Uma mulher, absorta, acabrunhada, Segue parando a cada passo, e a cada Instante os olhos para traz volvendo:</p>	<p>Decem rindo, a cantar... Seguem, felizes, Sem reparar que os pés lhes vão sangrando Pelos espinhos e pelas raízes; Sem reparar que atrás, pelo caminho Por onde fogem como alegre bando De passarinhos da gaiola escapo — Fica um pouco de trapo em cada espinho E uma gota de sangue em cada trapo.</p> <p>Decem rindo e cantando, em vozeria E em confusão. Toda a floresta, cheia Do murmúrio das fontes, da alegria Deles, da voz dos passsaros, gorjeia. Tudo é festa. Severos e calados, Os velhos troncos, placidos ermitas, Os próprios troncos velhos, remojados, Riem no riso em flor das parasitas.</p> <p>Varando acazo às árvores a sombra Da folhagem que á brisa arfa e revoa, Na verde ondulação da humida alfombra O ouro leve do sol bubuia á toa; A água das cachoeiras, clara e pura, Salta de pedra em pedra, aos solavancos; E a flor de S. João se dependura Festivamente á beira dos barrancos...</p> <p>Vão alegres, ruidosos... Mas no meio Dessa alegria palpitante e louca, Que transborda do seio E transbordada canta e ri na boca, Uma mulher, absorta, acabrunhada,</p>
---	---	--

<p>Segue parando a cada passo, e a cada Instante os olhos para traz volvendo: De além, do fundo dessas selvas brutas, Chama-a, seu nome em lagrimas gemendo, Uma vozinha anciosa e suplicante...</p> <p>Mã, onde geme que tão bem o escutas Teu filho agonizante?</p> <p>IV</p> <p>De repente, como um agouro e uma ameaça, Um alarido de vozes estranhas passa Na rajada do vento...</p> <p>Estacam.</p> <p>Como um bando De ariscos caitetús farejando a matilha, Imoveis, alongado o pescoço, arquejando, Presa a respiração, o olhar em fogo, em rilha Os dentes, dilatada a narina, cheirando A aragem, escutando o silencio, espreitando A solidão; assim, num alarma instintivo, Estaca e põe-se áletra o bando fugitivo.</p> <p>Nova rajada vem, novo alarido passa...</p> <p>Como, topando o rastro inda fresco da caça, Uiva a matilha enquanto inquire o chão agreste, E de repente, em furia, alvoroçada investe</p>	<p>De além, do fundo dessas selvas brutas Chama-a, seu nome em lagrimas gemendo, Uma vózinha anciosa e suplicante...</p> <p>Mã, onde geme que tão bem o escutas Teu filho agonizante?</p> <p>IV</p> <p>De repente, como um agouro e uma ameaça, Um alarido de vozes estranhas passa Na rajada do vento . . .</p> <p>Estacam.</p> <p>Como um bando De ariscos caitetús farejando a matilha, Imoveis, alongado o pescoço, arquejando, Preza a respiração, o olhar em fogo, em rilha Os dentes, dilatada a narina, cheirando A aragem, escutando o silencio, espreitando Estaca e põe-se áletra o bando fugitivo.</p> <p>Nova rajada vem, novo alarido passa..</p> <p>Como, topando o rastro inda fresco da caça, Uiva a matilha enquanto inquire o chão agreste, E de repente, em furia, alvoroçada investe</p> <p>E vai correndo e vai latindo de mistura;</p>	<p>Segue parando a cada passo, e a cada Instante os olhos para traz volvendo: De além, do fundo dessas selvas brutas Chama-a, seu nome em lagrimas gemendo, Uma vózinha anciosa e suplicante...</p> <p>Mã, onde geme que tão bem o escutas Teu filho agonizante?</p> <p>IV</p> <p>De repente, como um agouro e uma ameaça, Um alarido de vozes estranhas passa Na rajada do vento...</p> <p>Estacam.</p> <p>Como um bando De ariscos caitetús farejando a matilha, Imoveis, alongado o pescoço, arquejando, Preza a respiração, o olhar em fogo, em rilha Os dentes, dilatada a narina, cheirando A aragem, escutando o silencio, espreitando A solidão; assim, num alarma instintivo, Estaca e põe-se alerta o bando fugitivo.</p> <p>Nova rajada vem, novo alarido passa...</p> <p>Como, topando o rastro ainda fresco da caça, Uiva a matilha enquanto inquire o chão agreste, E de repente, em furia, alvoroçada investe</p>
--	---	--

<p>E vai correndo e vai latindo de mistura; Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura, E morro abaixo vem ladrando-lhes no encalço.</p> <p>Grita e avança em triunfo a soldadesca ufana,</p> <p>E os frangalhos ao vento, em sangue o pé descalço, Alcateia usurpando a fôrma e a face humana, Almas em desespero arfando em corpos gastos, Mães aflitas levando os filhinhos de rastos, Homens com o duro rosto em lagrimas, velhinhos Esfarrapando as mãos a tactear nos espinhos; Toda essa aluvião de caça perseguida Por um clamor de furia e um tropel de batida, Foge... Rompendo o mato e rolando a montanha, Foge... E, moutas a dentro e barrocaes a fóra, Arrasta-se, tropeça, esbarra, se emaranha, Arqueja, hesita, afrouxa, e desanima, e chora...</p> <p>Páram. Perto, bramindo, a escolta o passo estuga.</p> <p>Os fugitivos, nesse aproximar da escolta</p>	<p>Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura, E morro abaixo vem ladrando-lhes no encalço.</p> <p>Grita e avança em triunfo a soldadesca ufana.</p> <p>E os frangalhos ao vento, em sangue o pé descalço, Alcateia usurpando a fôrma e a face humana, Almas em desespero arfando em corpos gastos, Mães aflitas levando os filhinhos de rastos, Homens com o duro rosto em lagrimas, velhinhos Esfarrapando as mãos a tactear nos espinhos; Toda essa aluvião de caça perseguida Por um clamor de furia e um tropel de batida, Foje... Rompendo o mato e rolando a montanha, Foje... E, moutas a dentro e barrocaes a fóra, Arrasta-se, tropeça, esbarra, se emaranha, Arqueja, hezita, afrouxa, e desanima, e chora...</p> <p>Páram. Perto, bramindo, a escolta o passo estuga.</p> <p>Os fugitivos, nesse aproximar da escolta Sentem que vai chegando o epilogo da fuga:</p>	<p>E vai correndo e vai latindo de mistura; Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura, E morro abaixo vem ladrando-lhes no encalço.</p> <p>Grita e avança em triunfo a soldadesca ufana.</p> <p>E os frangalhos ao vento, em sangue o pé descalço, Alcateia usurpando a fôrma e a face humana, Almas em desespero arfando em corpos gastos, Mães aflitas levando os filhinhos de rastos, Homens com o duro rosto em lagrimas, velhinhos Esfarrapando as mãos a tactear nos espinhos; Toda essa aluvião de caça perseguida Por um clamor de furia e um tropel de batida, Foje... Rompendo o mato e rolando a montanha, Foje... E, moutas a dentro e barrocaes a fóra, Arrasta-se, tropeça, esbarra, se emaranha, Arqueja, hezita, afrouxa, e desanima, e chora...</p> <p>Páram. Perto, bramindo, a escolta o passo estuga.</p> <p>Os fugitivos, nesse aproximar da escolta</p>
---	---	---

<p>Sentem que vai chegando o epílogo da fuga: A gargalheira, a aljema, as angustias da volta</p> <p>Além, fulge na luz da manhã leve e clara, O contorno ondulante e azul do Jabaquara. Adeus, terra bemdita! Adeus, sonho apagado De ser livre! É preciso acordar, e acordado Ver-te ainda, e dizer-te um adeus derradeiro, E voltar, para longe e para o cativo.</p> <p>Sobre eles, novamente, uma funerea noute Cái, para sempre...</p> <p>Como a tropega boiada, Que, abraçada de sede e tangida do açoute, Se arrasta pela areia adusta de uma estrada; Volverão a arrastar-se, humildes e tristonhos, Tangidos do azorrague e abraçados de sonhos, Pelo deserto areal desse caminho estreito: A vida partilhada entre a senzala e o eito...</p> <p>Agrupam-se, vencidos, A tremer, escutando o tropel e os rugidos Da escolta cada vez mais em furia e mais perto.</p> <p>Nesse magote vil de negros maltrapilhos Mais de um olhar, fitando o vasto céu deserto, Ingenuamente exprobra o Pai que enjeita os filhos...</p>	<p>A gargalheira, a aljema, as angustias da volta...</p> <p>Além, fulge na luz da manhã leve e clara, O contorno ondulante e azul do Jabaquara.</p> <p>Adeus, terra bemdita! Adeus, sonho apagado De ser livre! É preciso acordar, e acordado Ver-te ainda, e dizer-te um adeus derradeiro, E voltar, para longe e para o cativo.</p> <p>Sobre eles, novamente, uma funerea noute Cái, para sempre.</p> <p>Como a tropega boiada, Que, abraçada de sede e tanjada do açoute, Se arrasta pela areia adusta de uma estrada; Volverão a arrastar-se, humildes e tristonhos, Tanjidos do azorrague e abraçados de sonhos, Pelo deserto areal desse caminho estreito: A vida partilhada entre a senzala e o eito...</p> <p>Agrupam-se, vencidos, A tremer, escutando o tropel e os ruídos Da escolta cada vez mais em furia e mais perto.</p> <p>Nesse magote vil de negros maltrapilhos Mais de um olhar, fitando o vasto céu deserto, Ingenuamente expróbra o Pai que enjeita os filhos...</p>	<p>Sentem que vai chegando o epílogo da fuga: A gargalheira, a aljema, as angustias da volta..</p> <p>Além, fulge na luz da manhã leve e clara, O contorno ondulante e azul do Jabaquara.</p> <p>Adeus, terra bemdita! Adeus, sonho apagado De ser livre! E' preciso acordar, e acordado Ver-te ainda, e dizer-te um adeus derradeiro E voltar, para longe e para o cativo.</p> <p>Sobre eles, novamente, uma funerea noute Cái para sempre...</p> <p>Como a tropega boiada, Que, abraçada de sede e tanjada do açoute, Se arrasta pela areia adusta de uma estrada; Volverão a arrastar-se, humildes e tristonhos, Tanjidos do azorrague e abraçados de sonhos, Pelo deserto areal desse caminho estreito: A vida partilhada entre a senzala e o eito...</p> <p>Agrupam-se, vencidos, A tremer, escutando o tropel e os ruídos Da escolta cada vez mais em fúria e mais perto.</p> <p>Nesse magote vil de negros maltrapilhos Mais de um olhar, fitando o vasto céu deserto, Ingenuamente expróba o Pai que enjeita os filhos...</p>
---	---	---

<p>Destaca-se do grupo um fugitivo. Lança Em torno um longo olhar tranquilo, de esperança, E diz aos companheiros:</p> <p>«Fugi, correi, saltai pelos despenhadeiros; A varzea está lá embaixo, o Jabaquara é perto...</p> <p>Deixai-me aqui sosinho. Eu vou morrer, de certo...</p> <p>Vou morrer combatendo e trancando o caminho.</p> <p>A morte assim me agrada: Eu tinha de voltar p'ra conservar-me vivo... E é melhor acabar na ponta de uma espada Do que viver cativo.»</p> <p>E enquanto a caravana Desanda pelo morro atropeladamente, Ele, torvo, figura humilde e soberana, Fica, e a pé firme espera o inimigo iminente.</p> <p>Hercules negro! Corre, abraza-lhe nas veias Sangue de algum heroico africano selvagem, Acostumado á guerra, a devastar aldeias, A cantar e a sorrir no meio da carnagem, A desprezar a morte espalhando-a ás mãos cheias...</p>	<p>Destaca-se do grupo um fujitivo. Lança Em torno um longo olhar tranqüilo, de esperança, E diz aos companheiros:</p> <p>«Fuji, correi, saltai pelos despenhadeiros; A varzea está lá em baixo, o Jabaquara é perto...</p> <p>Deixai-me aqui sosinho. Eu vou morrer, de certo..</p> <p>Vou morrer combatendo e trancando o caminho.</p> <p>A morte assim me agrada: Eu tinha de voltar p'ra conservar-me vivo . . . E é melhor acabar na ponta de uma espada Do que viver cativo»</p> <p>E enquanto a caravana Desanda pelo morro atropeladamente, Ele, torvo, figura humilde e soberana, Fica, e a pé firme espera o inimigo iminente.</p> <p>Hercules negro! Corre, abraza-lhe nas veias Sangue de algum heroico africano selvajem, Acostumado á guerra, a devastar aldeias, A cantar e a sorrir no meio da carnajem, A desprezar a morte espalhando-a ás mãos cheias...</p> <p>Não pôde a escravidão domar-lhe a indole forte,</p>	<p>Destaca-se do grupo um fujitivo. Lança Em torno um longo olhar tranquilo, de esperança, E diz aos companheiros:</p> <p>"Fuji, correi, saltai pelos despenhadeiros; A varzea está lá em baixo, o Jabaquara é perto.</p> <p>Deixae-me aqui sosinho. Eu vou morrer, de certo...</p> <p>Vou morrer combatendo e trancando o caminho.</p> <p>A morte assim me agrada. Eu tinha de voltar p'ra conservar-me vivo... E é melhor acabar na ponta de uma espada Do que viver cativo".</p> <p>E enquanto a caravana Desanda pelo morro atropeladamente, Ele, torvo, figura humilde e soberana, Fica, e a pé firme espera o inimigo iminente.</p> <p>Hercules negro! Corre, abraza-lhe nas veias Sangue de algum heróico africano selvajem, Acostumado á guerra, a desvastar aldeias, A cantar e a sorrir no meio da carnajem, A desprezar a morte espalhando-a ás mãos cheias...</p>
---	--	---

<p>Não pôde a escravidão domar-lhe a indole forte, E vergar-lhe a altivez, e ajoelhal-o diante Do carrasco e da aljema: Sorri para o suplicio e a fito encara a morte Sem que lhe o braço trema, Sem que lhe ensombre o olhar o medo suplicante.</p> <p>Erguendo o braço, ele ergue a fouce: a fouce volta, E rola sobre a terra uma cabeça solta. Sobre ele vem cruzar-se o gume das espadas... «Ah, prendel-o, jamais!» respondem as fouçadas Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.</p> <p>De lado a lado o sangue espirra a jorros... Ele, Agil, possante, ousado, heroico, formidando Faz frente: um contra dez, defende-se e repele.</p> <p>E não se entrega, e não recua, e não fraqueja. Tudo nele, alma e corpo ajustados, peleja: O braço luta, o olhar ameaça e desafia, A coragem resiste, a agilidade vence.</p> <p>E, coriscando no ar, a fouce rodopia.</p> <p>Afinal um soldado, ebrio de covardia, Recúa; vai fugir... Recúa mais; detem-se: Fóra da luta, sente o gosto da chacina;</p>	<p>E vergar-lhe a altivez, e ajoelhal-o diante Do carrasco e da aljema: Sorri para o suplicio e a fito encara a morte Sem que lhe o braço trema, Sem que lhe ensombre o olhar o medo suplicante.</p> <p>Erguendo o braço, ele ergue a fouce: a fouce volta, E rola sobre a terra uma cabeça solta. Sobre ele vem cruzar-se o gume das espadas... «Ah, prendel-o, jamais!» respondem as fouçadas Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.</p> <p>De lado a lado o sangue espirra a jorros... Ele, Ajil, possante, ousado, heroico, formidando, Faz frente: um contra dez, defende-se e repele.</p> <p>E não se entrega, e não recúa, e não fraqueja. Tudo nele, alma e corpo ajustados, peleja: O braço luta, o olhar ameaça e desafia, A coragem resiste, a agilidade vence.</p> <p>E, coriscando no ar, a fouce rodopia.</p> <p>Afinal um soldado, ebrio de covardia, Recúa; vai fugir... Recúa mais; detem-se: Fóra da luta, sente o gosto da chacina; Viza, desfecha.</p>	<p>Não pôde a escravidão domar-lhe a indole forte, E vergar-lhe a altivez, e ajoelhal-o diante Do carrasco e da aljema: Sorri para o suplicio e a fito encara a morte Sem que lhe o braço trema, Sem que lhe ensombre o olhar o medo suplicante</p> <p>Erguendo o braço, ele ergue a fouce: a fouce volta, E rola sobre a terra uma cabeça solta. Sobre ele vem cruzar-se o gume das espadas... "Ah, prendel-o, jamais!" respondem as fouçadas Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.</p> <p>De lado a lado o sangue espirra a jorros... Ele, Ajil, possante, ousado, heróico, formidando, Faz frente: um contra dez, defende-se, e repele.</p> <p>E não se entrega, e não recúa, e não fraqueja. Tudo nele, alma e corpo ajustados, peleja: O braço luta, o olhar ameaça e desafia, A coragem resiste, a agilidade vence.</p> <p>E, coriscando no ar, a fouce rodopia.</p> <p>Afinal um soldado, ebrio de covardia, Recu'a; vai fugir... Recu'a mais; detem-se: Fóra da luta, sente o gosto da chacina;</p>
--	---	---

<p>E vagorosamente alçando a carabina, Visa, desfecha.</p> <p>O negro abria um passo á frente, Erguêra a fouce, armava um golpe...</p> <p>De repente Estremece-lhe todo o corpo fulminado.</p> <p>Cái-lhe das mãos a fouce, inerte, para um lado, Pende-lhe, inerte, o braço. Impotente, indefeço, Ilumina-lhe ainda a face decomposta Um derradeiro olhar de afronta e de desprezo.</p> <p>Como enxame em furor de vespas assanhadas, Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta, E retalham-n'o á solta os gumes das espadas...</p> <p>E retalhado, exausto, o luctador vencido Todo flameja em sangue e expira num rugido.</p>	<p>O negro abria um passo á frente, Erguêra a fouce, armava um golpe...</p> <p>De repente Estremece-lhe todo o corpo fulminado.</p> <p>Cái-lhe das mãos a fouce, inerte, para um lado, Pende-lhe, inerte, o braço. Impotente, indefeço, Ilumina-lhe ainda a face decomposta Um derradeiro olhar de afronta e de desprezo.</p> <p>Como enxame em furor de vespas assanhadas, Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta, E retalham-n'o á solta os gumes das espadas...</p> <p>E retalhado, ezausto, o lutador vencido Todo flameja em sangue e espira num rujido.</p>	<p>E vagorosamente alçando a carabina, Viza, desfecha.</p> <p>O negro abria um passo á frente, Erguêra a fouce, armava um golpe...</p> <p>De repente Estremece-lhe todo o corpo fulminado.</p> <p>Cái-lhe das mãos a fouce, inerte, para um lado, Pende-lhe, inerte, o braço. Impotente, indefeso, Ilumina-lhe ainda a face decomposta Um derradeiro olhar de afronta e de desprezo.</p> <p>Como enxame em furor de vespas assanhadas, Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta, E retalham-n'o á solta os gumes das espadas...</p> <p>E retalhado, ezausto, o lutador vencido Todo flameja em sangue e espira num rujido.</p>
(5) CANTIGAS PRAIANAS	(16) CANTIGAS PRAIANAS	(8) CANTIGAS PRAIANAS
	<p>I</p> <p>Ouves acazo quando entardece Vago murmúrio que vem do mar, Vago murmúrio que mais parece Voz de uma prece</p>	<p>I</p> <p>Ouves acazo quando entardece Vago murmúrio que vem do mar, Vago murmúrio que mais parece Voz de uma prece</p>

	<p>Morrendo no ar?</p> <p>Beijando a areia, batendo as fraguas, Choram as ondas; choram em vão: O inutil choro das tristes aguas Enche de maguas A solidão...</p> <p>Duvidas que haja clamor no mundo Mais vão, mais triste que esse clamor? Ouve que vozes de moribundo Sóbem do fundo Do meu amor.</p> <p>II</p> <p>E' tão pouco o que dezejo, Mas é tudo o que me falta, Só porque a flôr do teu beijo Pende de rama tão alta...</p> <p>Ninguém sabe o que suporta O mar que chora na areia Por essa tristeza morta Das noutes de lua cheia:</p> <p>Em baixo, o pranto das aguas, Em cima, a lua serena. E eu, pensando em minhas maguas, Ouço o mar, e tenho pena.</p> <p>Meu amor é todo feito</p>	<p>Morrendo no ar?</p> <p>Beijando a areia, batendo as fraguas, Choram as ondas; choram em vão:^[SEP] O inútil choro das tristes águas Enche de maguas A solidão...</p> <p>Duvidas que haja clamor no mundo Mais vão, mais triste que esse clamor ? Ouve que vozes de moribundo Sobem do fundo Do meu amor.</p> <p>II</p> <p>E' tão pouco o que dezejo, Mas é tudo o que me falta, Só porque a flor do teu beijo Pende de rama tão alta...</p> <p>Ninguém sabe o que suporta O mar que chora na areia^[SEP] Por essa tristeza morta^[SEP] Das noutes de lua cheia:</p> <p>Em baixo, o pranto das aguas, Em cima, a lua serena...^[SEP] E eu, pensando em minhas maguas Ouço o mar, e tenho pena.</p> <p>Meu amor é todo feito^[SEP]</p>
--	---	---

<p>De neblina tão cerrada, Que por mais que em roda espreito Só te vejo a ti, mais nada.</p> <p>Ai, minha sina está lida, Meu destino está traçado: Amar, amar toda a vida, Morrer de não ser amado.</p> <p>Vai, branca e fugidia, A nuvem pelo ar: Roça de leve a lua, Embebe-se em luar.</p> <p>E toda resplandece No brilho do luar, Mas pouco a pouco passa E perde-se no ar.</p> <p>Minha alma na tua alma — Nuvem que trouxe o vento — Passou por um instante, Roçou por um momento.</p> <p>E toda luminosa Brilhou. Foi um momento: Passou como uma nuvem Levada pelo vento.</p> <p>Eu reflecti apenas</p>	<p>De neblina tão cerrada, Que por mais que em roda espreito Só te vejo a ti, mais nada.</p> <p>Ai , minha sina está lida, Meu destino está traçado: Amar, amar toda a vida Morrer de não ser amado</p> <p>III</p> <p>Vai, branca e fujidia, A nuvem pelo ar: Roça de leve a lua, Embebe-se em luar;</p> <p>E toda resplandece No brilho do luar, Mas pouco a pouco passa E perde-se no ar.</p> <p>Minha alma na tua alma — Nuvem que trouxe o vento - Passou por um instante Roçou por um momento,</p> <p>E toda luminoza Brilhou... Foi um momento: Passou como uma nuvem Levada pelo vento.</p> <p>Eu refleti apenas</p>	<p>De neblina tão cerrada,^{[L]_{SEP}} Que por mais que em roda espreito Só te vejo a ti, mais nada.</p> <p>Ai, minha sina está lida, Meu destino está traçado: Amar, amar toda a vida Morrer de não ser amado.</p> <p>III</p> <p>Vai, branca e fujidia, A nuvem pelo ar: Roça de leve a lua, Embebe-se em luar.</p> <p>E toda resplandece^{[L]_{SEP}} No brilho do luar,^{[L]_{SEP}} Mas pouco a pouco passa E perde-se no ar.</p> <p>Minha alma na tua alma^{[L]_{SEP}} — Nuvem que trouxe o – vento Passou por um instante Roçou por um momento,</p> <p>E toda luminosa^{[L]_{SEP}} Brilhou... Foi um momento: Passou como uma nuvem Levada pelo vento.</p> <p>Eu refleti apenas^{[L]_{SEP}}</p>
---	---	---

<p>Um brilho que era teu; Passei, e tu ficaste, Ficou contigo o ceu.</p> <p>Sonhei. Que bello sonho Vivido em pleno ceu! Mas, ai! sonhei apenas Um sonho todo teu.</p> <p>A vida era uma aurora, E a tua voz suave Cantava em meu ouvido Com um gorjeio de ave.</p> <p>Mentias. E a mentira Era um gorjeio de ave. Morresse eu enganado De engano tão suave!</p> <p>Que angustias na lembrança De tudo que perdi! Ai, beijos desse labio Que hoje nem me sorri!.</p> <p>Vestigio derradeiro Que me ficou de ti, Bemdicta esta saudade De tudo que perdi!</p> <p>Sim,, eu bemdigo em pranto O amor abandonado Que foi um dia o sonho</p>	<p>Um brilho que era teu; Passei, e tu ficaste, Ficou contigo o céu.</p> <p>Sonhei... Que belo sonho Vivido em pleno céu! Mas, ai! sonhei apenas Um sonho todo teu...</p> <p>A vida era uma aurora, E a tua voz suave Cantava em meu ouvido Como um gorjeio de ave.</p> <p>Mentias... E a mentira Era um gorjeio de ave... Morresse eu enganado De engano tão suave!</p> <p>Que angustias na lembrança De tudo que perdi! Ai, beijos desse labio Que hoje nem me sorri!...</p> <p>Vestijio derradeiro Que me ficou de ti, Bem dita esta saudade De tudo que perdi!</p> <p>Sim, eu bemdigo em pranto O amor abandonado Que foi um dia o sonho</p>	<p>Um brilho que era teu; Passei, e tu ficaste, Ficou contigo o céu.</p> <p>Sonhei... Que belo sonho Vivido em pleno céu! Mas, ai! sonhei apenas Um sonho todo teu...</p> <p>A vida era uma aurora, E a tua voz suave Cantava em meu ouvido Como um gorjeio de ave.</p> <p>Mentias... E a mentira Era um gorjeio de ave... Morresse eu enganado De engano tão suave!</p> <p>Que angustias na lembrança De tudo que perdi!^[SEP] Ai, beijos desse labio^[SEP] Que hoje nem me sorri!...</p> <p>Vestijio derradeiro Que me ficou de ti, Bem dita esta saudade De tudo que perdi!</p> <p>Sim, eu bemdigo em pranto O amor abandonado^[SEP] Que foi um dia o sonho</p>
---	--	--

<p>De amar e ser amado.</p> <p>Quem ama sempre, um dia Deixa de ser amado: Sómente o amor que foge Não é abandonado.</p> <p>Que resta em nós agora Da primavera em flor? Em ti, o esquecimento, Em mim, o meu amor.</p> <p>Amor desfeito em magua Mas abençoado amor, Que foi, um dia ao menos, A primavera em flor.</p> <p>Maria!. Nome tão doce, Nome de santa. Parece Que o digo como si fosse O resumo de uma prece.</p> <p>Tem tão mística doçura. Abre azas á fantasia: «Maria!» — o labio murmura, E a alma ecôa: «Ave, Maria!»</p> <p>Mal sabes tu que desprezas Os olhos com que te sigo Que meus olhares são rezas</p>	<p>De amar e ser amado.</p> <p>Quem ama sempre, um dia Deixa de ser amado: Somente o amor que foge Não é abandonado...</p> <p>Que resta em nós agora Da primavera em flôr? Em ti, o esquecimento, Em mim, o meu amor.</p> <p>Amor desfeito em magua Mas abençoado amor, Que foi, um dia ao menos, A primavera em flôr...</p> <p>IV</p> <p>Maria!... Nome tão doce, Nome de santa... Parece Que o digo como si fôsse. O rezumo de uma prece.</p> <p>Tem tão mística doçura... Abre azas á fantasia: «Maria!» — o labio murmura, E a alma ecôa: «Ave, Maria!»</p> <p>Mal sabes tu que desprezas Os olhos com que te sigo Que meus olhares são rezas</p>	<p>De amar e ser amado.</p> <p>Quem ama sempre, um dia Deixa de ser amado: Somente o amor que foje Não é abandonado...</p> <p>Que resta em nós agora Da primavera em flôr? Em ti, o esquecimento, Em mim, o meu amor.</p> <p>Amor desfeito em magua Mas abençoado amor,^[L]_[SEP] Que foi, um dia ao menos, A primavera em flôr...</p> <p>IV</p> <p>Maria!... Nome tão doce, Nome de santa... Parece Que o digo como si fôsse O rezumo de uma prece.</p> <p>Tem tão mística doçura...^[L]_[SEP] Abre azas á fantasia: "Maria!" — o lábio murmura, E a alma ecoa: "Ave, Maria!"</p> <p>Mal sabes tu que desprezas Os olhos com que te sigo, Que meus olhares são rezas</p>
--	---	---

<p>Ditas baixinho, comigo.</p> <p>Mal sabes, santa Maria, Que em tudo que sonho e penso Teu nome paira e irradia Como entre nuvens de incenso.</p> <p>Maria, nome tão doce. E' o teu nome. Parece Que o digo como si fosse O resumo de uma prece.</p> <p>Murmuro-o devotamente: E a essa oração, se levanta No meu extase de crente A tua imagem de santa.</p> <p>E então, alma e olhar submersos Num clarão de alampadario, Vou desfiando estes versos Como as contas de um rosario.</p>	<p>Ditas baixinho, comigo...</p> <p>Mal sabes, santa Maria, Que em tudo que sonho e penso Teu nome paira e irradia Como entre nuvens de incenso.</p> <p>Maria, nome tão doce... E' o teu nome... Parece Que o digo como si fosse O resumo de uma prece.</p> <p>Murmuro-o devotamente: E a essa oração, se levanta No meu estaze de crente A tua imajem de santa.</p> <p>E então, alma e olhar submersos Num clarão de alampadario, Vou desfiando estes versos Como as contas de um rosario...</p> <p>V</p>	<p>Ditas baixinho, comigo...</p> <p>Mal sabes, santa Maria,^[SEP] Que em tudo que .sonho e penso Teu nome paira e irradia^[SEP] Como entre nuvens de incenso.</p> <p>Maria, nome tão doce... E' o teu nome... Parece Que o digo como si fosse O resumo de uma prece.</p> <p>Murmuro-o devotamente:^[SEP] E a essa oração, se levanta No meu êxtase de crente A tua imajem de santa.</p> <p>E então, alma e olhar submersos Num clarão de alampadario,^[SEP] Vou desfiando estes versos Como as contas de um rosario...</p> <p>V</p>
<p>Nem só o olhar dos olhos de quem ama Revela o amor que se supõe discreto, E o mais oculto, o mais medroso affecto Ingenuamente á luz do sol proclama.</p> <p>Tambem a voz, indiscricção bemdita, Trái o amor sob a frase indifferente, E debalde a palavra finge e mente:</p>	<p>Eu sou como aquela fonte Que vai, tão triste, a chorar: Déce da encosta do monte, Corre em procura do mar.</p> <p>Perdição da minha vida, Meu amor! bem compreendo Onde vou nesta decida..,</p>	<p>Eu sou como aquela fonte Que vai, tão triste, a chorar: Desce da encosta do monte, Corre em procura do mar.</p> <p>Perdição da minha vida, Meu amor! bem compreendo Onde vou neste descida...^[SEP]</p>

<p>Na voz que treme o coração palpita.</p> <p>Desvias dos meus olhos infelizes O teu olhar; dizes que não. Loucura! Em tua voz que trémula murmura Ouço tudo que sentes e não dizes.</p> <p>Do que sofro sem queixar-me Sois causa sem o supôr: Matais-me, e sois inocente, Que eu expio unicamente O crime do meu amor.</p> <p>Crime, sim, e grave crime, Crime, e crime sem perdão: Ai, eu sou como um suicida Que em sonhos esbanja a vida Sabendo que sonha em vão.</p>	<p>E vou chorando e decendo.</p> <p>Pobre da fonte, baqueia Na varjem, sempre a chorar, E turva, turva de areia, Corre... corre para o mar...</p> <p>Perdição de minha vida, Amor que me vais levando! Terá fim esta decida? Hade ter... Mas onde? e quando?</p> <p>Com pouco mais que descaia La vai a fonte parar: Chega na beira da praia... Morre nas ondas do mar...</p> <p style="text-align: center;">VI</p> <p>Sóbe o sol? A noute déce? Dia e noute são-me iguais: Si tu chegas, amanhece, Fica noute si te vais.</p> <p>Os meus olhos são de cégo Para o que de ti se aparte: Só em te ver os emprégo, Mal me bastam para olhar-te.</p> <p>Gorjeie o sabiá gemendo Nas aroeiras em flor: Mal o escuto e não o entendo,</p>	<p>E vou chorando e descendo.</p> <p>Pobre da fonte, baqueia^[SEP] Na varjem, sempre a chorar, E turva, turva de areia, Corre... corre para o mar...</p> <p>Perdição de minha vida, Amor que me vais levando! Terá fim esta descida?^[SEP] Ha de ter... Mas onde? e quando?</p> <p>Com pouco mais que descaia La vai a fonte parar:^[SEP] Chega na beira da praia... Morre nas ondas do mar...</p> <p style="text-align: center;">VI</p> <p>Sóbe o sol? A noute désce? Dia e noute são-me iguais: Si tu chegas, amanhece,^[SEP] Fica noute si te vais.</p> <p>Os meus olhos são de cégo Para o que de ti se aparte: Só em te ver os emprego. Mal me bastam para olhar-te.</p> <p>Gorjeie o sabiá gemendo^[SEP] Nas aroeiras em flor:^[SEP] Mal o escuto e não o entendo,</p>
---	--	--

	<p>Que só sei do meu amor.</p> <p>Que hade entender no ezajero Das queixas dos infelizes Quem ama como eu te quero E escuta o que tu me dizes?</p> <p>Sei que ha rozeiras viçozas Porque, com os olhos em ti, Vejo cobrir-se de rozas Um labio que me sorri.</p> <p>Seja Abril ou Junho, quando Eu estou á tua espéra, Logo que tu vens chegando Principia a primavéra.</p> <p>VII</p> <p>Tinha momentos amargos Teu amor, que era tão doce... Nem posso dizer que fosse Tudo ceu naquele ceu: Deu-me carinhos e zelos, Gosto e desgostos... Comtudo Tenho saudades de tudo, De tudo que ele me deu.</p> <p>Tu eras uma rozeira Que eu topara no caminho... Quem não perdoa um espinho Pelos encantos da flor?</p>	<p>Que só sei do meu amor.</p> <p>Que ha de entender no exajero Das queixas dos infelizes^[L]_[SEP] Quem ama como eu te quero^[L]_[SEP] E escuta o que tu me dizes?</p> <p>Sei que ha roseiras viçosas Porque, com os olhos em ti, Vejo cobrir-se de rosas^[L]_[SEP] Um lábio que me sorri.</p> <p>Seja Abril ou Junho, quando Eu estou á tua espera,^[L]_[SEP] Logo que tu vens chegando Principia a primavera.</p> <p>VII</p> <p>Tinha momentos amargos Teu amor, que era tão doce... Nem posso dizer que fosse Tudo ceu naquele ceu: Deu-me carinhos e zelos, Gosto e desgostos. Comtudo Tenho saudades de tudo,^[L]_[SEP] De tudo què ele me deu.</p> <p>Tu eras uma roseira^[L]_[SEP] Que eu topara no caminho... Quem não perdoa um espinho Pelos encantos da flôr?</p>
--	--	---

	<p>Depois... caprichos, arrufos, Eram apenas o ensejo De mais sabor em teu beijo E mais viço em meu amor.</p> <p>Temi esse amor tão grande, Tão forte, tão excludivo, Que me tornava cativo Dos teus caprichos sem lei: Tentei do seio arrancar-o... Mas vejo, por minhas penas, Que ele não foi, foi apenas, Meu coração que arranquei.</p> <p>Certo venci com deixar-te O encanto que me encantava Quando eu tinha a vida escrava Dos teus braços na prisão; Mas... nesse mas se resume Tudo que sinto e não digo Hoje que sofro o castigo De ter cedido á razão.</p> <p>Perdido para o teu beijo, Perdeu meu labio o sorriso; Pouco importa, que eu preciso — Não sorrir, porem chorar; Nem sei de bem pela terra Que mereça algum empenho... Olhos, porque os inda tenho Si já te não hei de olhar?</p>	<p>Depois... caprichos, arrufos, Eram apenas o ensejo De mais sabor em teu beijo E mais viço em meu amor.</p> <p>Temi esse amor tão grande, Tão forte, tão exclusivo, Que me tornava cativo Dos teus caprichos sem lei: Tentei do seio arrancar-o... Mas vejo, por minhas penas, Que ele não foi, foi apenas Meu coração que arranquei.</p> <p>Certo venci com deixar-te O encanto que me encantava Quando eu tinha a vida escrava Dos teus braços na prisão; Mas... nesse <i>mas</i> se resume Tudo que sinto e não digo Hoje que sofro o castigo De ter cedido á razão.</p> <p>Perdido para o teu beijo, Perdeu meu lábio o sorriso; Pouco importa, que eu preciso — Não sorrir, porém chorar;</p> <p>Nem sei de bem pela terra Que mereça algum empenho... Olhos, porque os inda tenho Si já te não hei de olhar?</p>
--	---	---

	<p>Ai, como é triste o deserto Do nosso leito vazio! Como eu agora avalio O que por gosto perdi! Como são tristes as horas Desde que já te não vejo, E o meu amor sem teu beijo, E a minha vida sem ti!</p> <p>VIII</p> <p>Vida, que és o dia de hoje, O bem que de ti se alcança Ou passa porque nos foje, Ou passa porque nos cança.</p> <p>Ainda mesmo quando ocorre Na vida das mais felizes, O prazer floresce, e morre, A magua deita raizes.</p> <p>Tem alicerces de areia O que constróis cada dia, Vida que corres tão cheia Para a morte tão vazia,</p> <p>Haverá queixa mais justa Que a do feliz que se queixa? Ai, o bem que menos custa Custa a saudade que deixa.</p>	<p>Ai, como é triste o deserto Do nosso leito vazio! Como eu agora avalio^[LSEP] O que por gosto perdi! Como são tristes as horas Desde que já te não vejo,^[LSEP] E o meu amor sem teu beijo, E a minha vida sem ti!</p> <p>VIII</p> <p>Do que sofro sem queixar-me Sois causa sem o supor: Matais-me, e sois inocente, Que eu expio unicamente O crime do meu amor.</p> <p>Matais-me; e é meu, e não vosso Esse crime sem perdão,^[LSEP] O crime de um suicida^[LSEP] Que em sonhos esbanja a vida Sabendo que sonha em vão.</p> <p>IX</p> <p>Vida, que és o dia de hoje, O bem que de ti se alcança Ou passa porque nos foje, Ou passa porque nos cança.</p> <p>Ainda mesmo quando ocorre</p>
--	--	--

		<p>Na vida dos mais felizes, [L] [SEP] O prazer floresce, e morre, A magua deita raízes.</p> <p>Tem alicerces de areia, [L] [SEP] O que constróis cada dia, Vida que corres tão cheia Para a morte tão vazia</p> <p>Haverá queixa mais justa [L] [SEP] Que a do feliz que se queixa? Ai, o bem que menos custa Custa a saudade que deixa.</p>
	(17) DE MANHÃ	(9) DE MANHÃ
	<p>I</p> <p>Na minha torturada insonia de doente Passei horas a ouvir a noute: longamente Ouvi chorar, gemer, águas e vento sul.</p> <p>Raia agora a manhã no céu já todo azul.</p> <p>Ao longe, a voz de um galo, insistente e ezaltada, Soa como os clarins no toque da alvorada.</p> <p>Acudo ao teu chamado instante, amiga voz! Acordo; esperto o olhar tonto de sono; e após — Do meu leito de enfermo onde ha tanto desvivo</p>	<p>I</p> <p>Na minha torturada insonia de doente Passei horas a ouvir a noute: longamente Ouvi chorar, gemer, águas e vento sul.</p> <p>Raia agora a manhã no céu já todo azul.</p> <p>Ao lonje, a voz de um galo, insistente e exaltada, Soa como os clarins no toque da alvorada.</p> <p>Acudo ao teu chamado instante, amiga voz! Acordo; esperto o olhar tonto de sono; e após — Do meu leito de enfermo onde ha tanto desvivo —</p>

	<p>Solto pela janela os olhos de cativo.</p> <p>Ver é o supremo bem. Surpreendo-me a scismar Si a alma será, talvez, uma função do olhar.</p> <p>É com os olhos que eu sinto, e compreendo — ou suponho.</p> <p>A vida é para mim como a nevoa de um sonho — Nevoa confuza de um sonho material A que sómente o olhar, de certo modo, e mal, Dá, com as fórmãs e a cor, expressão e sentido.</p> <p>Não desdenho do tacto, e não desprezo o ouvido: Conheço bem aquela «inefável pressão Da mão amada quando encontra a nossa mão E brandamente, e como achando um ninho, pouza»...</p> <p>Sei que um beijo de amante é uma bem doce coisa: Mas no encanto do beijo esfaimado de amor Ha muito da visão rozea de um labio em flor.</p> <p>Ao contacto da mão, ou num lírio, ou num verme, E' a sugestão do olhar que domina a epiderme.</p>	<p>Solto pela janela os olhos de cativo</p> <p>Ver é o supremo bem. Surpreendo-me a scismar Si a alma será, talvez, uma função do olhar...</p> <p>E' com os olhos que eu sinto, e compreendo — ou suponho.</p> <p>A vida é para mim como a nevoa de um sonho — Nevoa confusa de um sonho material A que somente o olhar, de certo modo, e mal, Dá, com as fórmãs e a cor, expressão e sentido.</p> <p>Não desdenho do tacto, e não desprezo o ouvido: Conheço bem aquela "inefável pressão Da mão amada quando encontra a nossa mão E brandamente, e como achando um ninho, pousa"...</p> <p>Sei que um beijo de amante é uma bem doce coisa: Mas no encanto do beijo esfaimado de amor Ha muito da visão rosea de um labio em flor.</p> <p>Ao contacto da mão, ou num lírio, ou num verme, E' a sugestão do olhar que domina a epiderme.</p>
--	---	---

	<p>Que uma sombra mortal, como pesado veu, Amortalhasse o Sol — todo o infinito Ceu, Toda a face, enrugada e rijida, da Terra...</p> <p>Que restaria em nós de quanto a vida encerra?</p> <p>No que o ouvido escuta — é o olhar que traduz:</p> <p>Para a imaginação do homem orfam da luz Que esprimiria o som — canto, sussurro, grito, Ribombo de trovão rolando no infinito Ou palavras de amor em lábios de mulher? Diluindo-se na paz da tarde rozicler Canto saudozo ou prece humilde, murmurinho Que subisse de um templo ou decesse de um ninho?</p> <p>Leve zumbir de abelha em torno de uma flor Ou rujidos do mar livido de furor, Que entendêra a alma, cega e inútil, no mais doce Dos murmurios, na voz mais alta, que não fosse Vago e impreciso som, inexpressivo, irreal, Confundido num vão rumor universal?</p> <p>Nunca tivesse o olhar humano convivido</p>	<p>Que uma sombra mortal, como pesado veu, Amortalhasse o Sol — todo o infinito Ceu, Toda a face, enrugada e rijida, da Terra... Que restaria em nós de quanto a vida encerra?</p> <p>No que o ouvido escuta — é o olhar que traduz:</p> <p>Para a imaginação do homem orfam da luz Que exprimiria o som — canto, sussurro, grito, Ribombo de trovão rolando no infinito</p> <p>Ou palavras de amor em lábios de mulher? Diluindo-se na paz da tarde rosicler Canto saudoso ou prece humilde, murmurinho Que subisse de um templo ou descesse de um ninho?</p> <p>Leve zumbir de abelha em torno de uma flor Ou rujidos do mar livido de furor, Que entendêra a alma, cega e inutil, no mais doce Dos murmúrios, na voz mais alta, que não fosse Vago e impreciso som, inexpressivo, irreal, Confundido num vão rumor universal?</p> <p>Nunca tivesse o olhar humano convivido Com a natureza; nunca houvesse o homem subido,</p>
--	---	---

	<p>Com a natureza; nunca houvesse o homem subido, Pelos olhos, suave escada de Jacob, Da Terra e de si mesmo, isto é, de lama e pó, Para a resplandecência astral e inacessível Do Ceu — ermo sem fim, tão belo e tão terrível;</p> <p>Ignorasse o abandono e a saudade do sol Que inspira á noute a voz triste do rouxinol; Desconhecesse a luz, que desenha as paizajens, Que entremeia no verde alegre das folhagens O ouro vivo da seara e o sorriso da flor; Que faz da primavera um sonho multicolor; Que junto da montanha erguida eternamente Para o lonjinho céu — como um gesto impotente</p> <p>E imóvel de Titan — mostra subindo no ar, Do socego de um vale o fumo azul de um lar; Desconhecesse a luz que revela a beleza, A luz, que espiritualiza a Natureza, Que, num floco fugaz de espuma sem valor, Cria a mais deslumbrante apoteóze da cor; Não aprendesse, amando a luz fecunda, o forte Horror da sombra, horror do vácuo, horror da morte:</p> <p>Encerrado em si mesmo e chumbado no chão, Insulado na funda, imensa solidão</p>	<p>Pelos olhos, suave escada de Jacob, Da Terra e de si mesmo, isto é, de lama e pó, Para a resplandecência astral e inacessível Do céu — ermo sem fim, tão belo e tão terrível;</p> <p>Ignorasse o abandono e a saudade do sol Que inspira á noute a voz triste do rouxinol; Desconhecesse a luz, que desenha as paizajens, Que entremeia no verde alegre das folhagens O ouro vivo da seara e o sorriso da flor; Que faz da primavera um sonho multicolor; Que junto da montanha erguida eternamente Para o lonjinho céu — como um gesto impotente</p> <p>E imóvel de Titan — mostra, subindo no ar, Do socego de um vale o fumo azul de um lar; Desconhecesse a luz que revela a beleza, A luz, que espiritualiza a Natureza, Que, num floco fugaz de espuma sem valor, Cria a mais deslumbrante apoteóze da cor; Não aprendesse, amando a luz fecunda, o forte Horror da sombra, horror do vácuo, horror da morte:</p> <p>Encerrado em si mesmo e chumbado no chão, Insulado na funda, imensa solidão Que em derredor do cego a cegueira dilata;</p>
--	--	---

	<p>Que em derredor do cego a cegueira dilata; O homem, orfam da luz, na Terra estreita e chata, Quaze só conhecendo o Universo — atravez Do pedaço de solo em que pouzasse os pés,</p> <p>Dentro da escuridão de su'alma vazia Que humilde sonho de molusco sonharia?</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>Ver é o supremo bem. Eu insisto em scismar Si a alma será, talvez, uma função do olhar...</p> <p>Cégos, nunca saibais verdade tão doída Para a cegueira: o olhar vale mais do que a vida.</p> <p>E' nas lições do olhar que aprendemos o Bem E o Mal: o amor, o asco, a piedade, o desdem.</p> <p>A dor que vemos dóe como si em nós doesse.</p> <p>Esprime uma verdade inconsolavel esse Proverbio tão brutal e tão justo no seu Conceito imparcial de maxima egoista Que condena o esquecido e absolve o que esqueceu Dizendo-lhes com voz igual: «Lonje da vista Lonje do coração»...</p>	<p>O homem, orfam da luz, na Terra estreita e chata, Quazi só conhecendo o Universo — atravez Do pedaço de solo em que pouzasse os pés,</p> <p>Dentro da escuridão de su'alma vazia Que humilde sonho de molusco sonharia?</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>Ver é o supremo bem. Eu insisto em scismar Si a alma será, talvez, uma função do olhar...</p> <p>Cegos, nunca saibais verdade tão doída Para a cegueira: o olhar vale mais do que a vida.</p> <p>E' nas lições do olhar que aprendemos o Bem, E o Mal: o amor, o asco, a piedade, o desdém.</p> <p>A dor que vemos dóe como si em nós doesse.</p> <p>Exprime uma verdade inconsolavel esse Proverbio tão brutal e tão justo no seu Conceito imparcial de maxima egoista Que condena o esquecido e absolve o que esqueceu, Dizendo-lhes com voz igual: "Lonje da vista Lonje do coração"...</p> <p>Olhar, fonte perene e viva da Emoção!</p>
--	---	---

	<p>Olhar, fonte perene e viva da Emoção!</p> <p>Toda a fisionomia humana se ilumina Ou tempestua pelo olhar — luz matutina Ou fulgor de corisco em ceu de temporal; Ardente, ou frio como o gume de um punhal; Dando, radiozo ou turvo, expressão e eloquencia</p> <p>A' colera, á ternura, á enerjia, á demencia; Abrindo a alma como a um clarão de luz solar Ou vago como um pôr de sol á beira-mar; Iluminando o rosto, ou, enevoadado em magua, Boiando inerte a flux de uns olhos razos d'agua...</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p>A inspiração de um poeta é como solo inculto Que á toa se abre em flor:</p> <p>Todo esse turbilhão de idéas em tumulto Que, nem eu sei porque, rimei com tanto ardor,</p> <p style="text-align: right;">Veiu-me de ter visto — Pela janela do meu quarto de doente — Que maravilha?</p> <p style="text-align: right;">— Isto:</p> <p>Um trecho muito azul de ceu alvorecente; Um pedaço de muro engrinaldado de hera; E, resumo feliz de toda a Primavera,</p>	<p>Toda a fisionomia humana se ilumina Ou tempestua pelo olhar — luz matutina Ou fulgor de corisco em ceu de temporal; Ardente, ou frio como o gume de um punhal; Dando, radioso ou turvo, expressão e eloquencia</p> <p>A' colera, á ternura, á enerjia, á demencia; Abrindo a alma como a um clarão de luz solar Ou vago como um pôr de sol á beira-mar; Iluminando o rosto, ou, enevoadado em magua, Boiando inerte a flux de uns olhos rasos d'agua...</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p>A inspiração de um poeta é como solo inculto Que á toa se abre em flor:</p> <p>Todo esse turbilhão de idéas em tumulto Que, nem eu sei porque, rimei com tanto ardor,</p> <p style="text-align: right;">Veiu-me de ter visto — Pela janela do meu quarto de doente — Que maravilha?</p> <p style="text-align: right;">— Isto:</p> <p>Um trecho muito azul de ceu alvorecente; Um pedaço de muro engrinaldado de hera; E, resumo feliz de toda a Primavera,</p>
--	--	--

	Ao leve sopro de uma arajem preguiçosa, O balanço de um galho embalando uma rosa...	Ao leve sopro de uma arajem preguiçosa, O balanço de um galho embalando uma rosa...
(2) FANTASIAS DO LUAR	(9) FANTAZIAS DO LUAR	(10) FANTAZIAS DO LUAR
<p>Entre nuvens esgarçadas No ceu pedrento fluctua A triste, a palida lua Das baladas.</p> <p>Frouxo luar sugestivo Contagia a natureza Como de um ar de tristeza Sem motivo.</p> <p>Tem vagos tons de miragem, De um desenho sem sentido, O conjunto descosido Da paizagem.</p> <p>A apagada fantasia Do colorido — parece De um pintor que padecesse De miopia.</p> <p>Tudo, tudo quanto existe Estravaga, e se afigura Tomado de uma loucura Mansa e triste.</p>	<p>Entre nuvens esgarçadas No céu pedrento flutua A triste, a palida lua Das baladas.</p> <p>Frouxo luar sugestivo Contajia a natureza Como de um ar de tristeza Sem motivo.</p> <p>Tem vagos tons de miragem, De um desenho sem sentido, O conjunto descozido Da paizagem.</p> <p>A apagada fantasia Do colorido — parece De um pintor que padecesse De miopia.</p> <p>Tudo, tudo quanto eziste, Estravaga, e se afigura Tomado de uma loucura Mansa e triste.</p>	<p>Entre nuvens esgarçadas No céu pedrento flutua A triste, a pálida lua Das baladas.</p> <p>Frouxo luar sugestivo Contajía a natureza Como de um ar de tristeza Sem motivo.</p> <p>Tem vagos tons de miragem, De um desenho sem sentido, O conjunto descozido Da paizagem.</p> <p>A apagada fantasia Do colorido — parece De um pintor que padecesse De miopia.</p> <p>Tudo, tudo quanto existe, Estravaga, e se afigura Tomado de uma loucura Mansa e triste.</p>

<p>O longo perfil do Monte — Como um rio de agua verde Corre ondulando, e se perde No horizonte.</p> <p>E sobre essa imaginaria Turva corrente, projeta A alva igreja a sua seta Solitaria.</p> <p>Assim, de um ermo barranco A garça alonga no rio O seu vulto, muito branco, Muito esguio.</p> <p>Sonha, imóvel... E acredito Que de subito desperte Aquele fantasma inerte De granito.</p> <p>Dorme talvez... Qualquer cousa No seu somno se disfarça De aza encolhida de garça Que repousa;</p> <p>E eu cuido vel-a, a cada hora, Animar-se; e de repente Subir socegradamente Ceú a fóra...</p> <p>*</p>	<p>O longo perfil do Monte — Como um rio de agua verde - Corre ondulando, e se perde No horizonte.</p> <p>E sobre essa imajinaria Turva corrente, projeta A alva igreja a sua seta Solitaria.</p> <p>Assim, de um ermo barranco A garça alonga no rio O seu vulto muito branco, Muito esguio.</p> <p>Sonha, imóvel... E acredito Que de súbito desperte Aquele fantasma inerte De granito:</p> <p>Dorme talvez... Qualquer couza No seu sono se disfarça De aza encolhida de garça Que repouza;</p> <p>E eu cuido vêl-o, a cada hora, Animar-se; e de repente Subir socegradamente Céu a fora..</p> <p>*</p>	<p>O longo perfil do Monte — Como um rio de água verde – Corre ondulando, e se perde No horizonte.</p> <p>E sobre essa imajinaria Turva corrente, projéta A alva igreja a sua seta Solitária.</p> <p>Assim, de um ermo barranco A garça alonga no rio O seu vulto muito branco, Muito esguio.</p> <p>Sonha, imóvel... E acredito Que de súbito desperte Aquele fantasma inerte De granito:</p> <p>Dorme talvez... Qualquer cousa No seu sono se disfarça De aza encolhida de garça Que repouza;</p> <p>E eu cuido vel-o, a cada hora, Animar-se; e de repente Subir socegradamente Céu a fóra...</p> <p>*</p>
---	--	---

<p>Ha um lirismo disperso Nos ares... O proprio vento Esse bronco, esse praguento, Fala em verso;</p> <p>Voz forte, bruscas maneiras, Pela boca pondo os bófes, O vento improvisa estrófes Condoreiras.</p> <p>Beijam-se as frondes, arrulam, Trocam afagos, promessas... E as arvores secas, essas Gesticulam.</p> <p>Gesticulam, como espectros, No vácuo, tentando abraços Com seus descarnados braços De dez metros.</p> <p>Algum trovador de esquina Canta a paixão que o devora; E a sua voz geme, chora, Desafina.</p> <p>Ao longe um éco repete O canto, frase por frase, Em tom abrandado, quase Sem falsete.</p> <p>Tem o aspecto apalaçado Da pedra cara e macissa</p>	<p>Ha um lirismo disperso Nos ares.. O proprio vento Esse bronco, esse praguento, Fala em verso:</p> <p>Voz forte, bruscas maneiras, Pela boca pondo os bófes, O vento improviza estrófes Condoreiras.</p> <p>Beijam-se as frondes, arrulam, Trocam afagos, promessas . . . E as arvores secas, essas Gesticulam.</p> <p>Gesticulam, como espetros, No vácuo, tentando abraços Com seus descarnados braços De dez metros.</p> <p>Algum trovador de esquina Canta a paixão que o devora; E a sua voz geme, chora, Desafina.</p> <p>A o longe um éco repete O canto, fraze por fraze, Em tom abrandado, quaze Sem falsete.</p> <p>Tem o aspeto apalaçado Da pedra cara e macissa</p>	<p>Ha um lirismo disperso Nos ares... O próprio vento, Esse bronco, esse praguento, Fala em verso;</p> <p>Voz forte, bruscas maneiras, Pela boca pondo os bófes, O vento improviza estrofes Condoreiras.</p> <p>Beijam-se as frondes, arrulam, Trocam afagos, promessas... E as arvores secas, essas Gesticulam.</p> <p>Gesticulam, como espetros, No vácuo, tentando abraços Com seus descarnados braços De dez metros.</p> <p>Algum trovador de esquina Canta a paixão que o devora; E a sua voz geme, chora, Desafina.</p> <p>Ao lonje um éco repete O canto, fraze por fraze, Em tom abrandado, quaze Sem falsete.</p>
---	--	--

<p>O muro, em simples caliça, De um sobrado.</p> <p>Nem castelã falta a esse Castelo: na luz da lua, Branca, airosa, semi-nua, Resplandece,</p> <p>Numa pose pitoresca De romance ou de aquarela, A burgueza que á janela Goza a fresca.</p> <p>*</p> <p>O olhar, o ouvido, a alma inteira Vê, ouve, acredita, sente Quanto sonhe, quanto invente, Quanto queira,</p> <p>Quando, ó lua das baladas, Forjas vizões indistintas Com esse aguado das tintas Estragadas.</p>	<p>O muro, em simples caliça, De um sobrado.</p> <p>Nem castelã falta a esse Castelo: na luz da lua, Branca, airoza, semi-nua, Resplandece,</p> <p>Numa poze pitoresca De romance ou de aquarela A burgueza que á janela Goza a fresca.</p> <p>*</p> <p>O olhar, o ouvido, a alma inteira Vê , ouve, acredita, sente Quanto sonhe, quanto invente, Quanto queira,</p> <p>Quando, ó lua das baladas, Forjas vizões indistintas Com esse aguado das tintas Estragadas.</p>	<p>Tem o aspeto apalaçado Da pedra cara e macissa O muro, em simples caliça, De um sobrado.</p> <p>Nem castelã falta a esse Castelo: na luz da lua, Branca, airosa, semi-nua, Resplandece,</p> <p>Numa pose pitoresca De romance ou de aquarela, A burgueza que á janela Goza a fresca.</p> <p>*</p> <p>O olhar, o ouvido, a alma inteira Vê, ouve, acredita, sente Quanto sonhe, quanto invente, Quanto queira,</p> <p>Quando, ó lua das baladas, Forjas vizões indistintas Com esse aguado das tintas Estragadas.</p>
	(10) DA CARTEIRA DE UM DOUDO	(11) DA CARTEIRA DE UM DOUDO
	<p>Numa cova bem funda, em sitio agreste E solitario, junto Das severas raizes de um cipreste,</p>	<p>Numa cova bem funda, em sitio agreste E solitário, junto Das severas raizes de um cipreste,</p>

	<p>Meu coração deitei como um defunto.</p> <p>Lá o deixei. Estroina impenitente Que hoje a prisão de um tumulto encarcera, Lá jaz, enfim acomodado e auzente, Apodrecendo em paz á minha espera.</p> <p>E descancei, por algum tempo ao menos, Desse incomodo, pessimo aliado, Bebedo sempre e nunca saciado Do acre sabor de todos os venenos.</p> <p>Por longos anos de fragilidade Aturei-lhe a estroinice de devasso: Bebedeiras de amor a cada passo, De quando em quando orjias de bondade...</p> <p>Sentia como propria a mais pequena Desgraça alheia; e assim, de quando em quando, Metia-se em funduras, esbanjando Uma fortuna em lagrimas de pena.</p> <p>E quanto a amores, era um vagabundo, Era um romeiro eterno, escandalozo, Que ia de porta em porta pelo mundo Cantando lôas e pedindo pouzo.</p> <p>Um mendigo, afinal! Com que despejo, Com que lamurias, com que voz aflita Ia, tentando a esmola de algum beijo, De boca em boca de mulher bonita.</p>	<p>Meu coração deitei como um defunto.</p> <p>Lá o deixei. Estroina impenitente Que hoje a prisão de um tumulto encarcera, Lá jaz, enfim acomodado e auzente, Apodrecendo em paz á minha espera.</p> <p>E descancei, por algum tempo ao menos, Desse incomodo, péssimo aliado, Bebedo sempre e nunca saciado Do acre sabor de todos os venenos.</p> <p>Por longos anos de fragilidade Aturei-lhe a estroinice de devasso: Bebedeiras de amor a cada passo, De quando em quando orjias de bondade...</p> <p>Sentia como própria a mais pequena Desgraça alheia; e assim, de quando em quando. Metia-se em funduras, esbanjando Uma fortuna em lagrimas de pena.</p> <p>E quanto a amores, era um vagabundo, Era um romeiro eterno, escandaloso, Que ia de porta em porta pelo mundo Cantando lôas e pedindo pouzo.</p> <p>Um mendigo, afinal! Com que despejo, Com que lamurias, com que voz aflita Ia, tentando a esmola de algum beijo, De boca em boca de mulher bonita.</p>
--	--	--

	<p>Como alguns têm o vinho turbulento Ás vezes, outras vezes choraminga, Tinha ele o amor, digamos — tinha a pinga — Conforme o rumo com que vinha o vento.</p> <p>Amando sempre, o amor desabafava Em ais de magua, em gritos de esperança, Ora arrulhando como pomba mansa, Ora rujindo como fera brava.</p> <p>Quantas compridas noutes eu, caído De sono e de canceira no meu leito, Não o aturei a martelar-me o peito, Na agitação de um mar enfurecido...</p> <p>E quanta vez não dezejei ser surdo Quando esse louco, em surtos de eloquencia, Me fazia a estafante confiança De algum sonho de amor, suave e absurdo!</p> <p>Como era fácil e ezijia apenas Das mulheres que achava encantadoras Uma alvura de mármore nas louras, Um rosado de jambo nas morenas,</p> <p>Nunca lhe escasseou terreno azado E nunca lhe faltou tempo propicio À cultura intensiva do seu vicio — Do seu vicio de amar sem ser amado.</p>	<p>Como alguns têm o vinho turbulento A's vezes, outras vezes choraminga, Tinha ele o amor, digamos — tinha a pinga — Conforme o rumo com que vinha o vento.</p> <p>Amando sempre, o amor desabafava Em ais de magua, em gritos de esperança, Ora arrulhando como pomba mansa, Ora rujindo como fera brava.</p> <p>Quantas compridas noutes eu, caído De sono e de canceira no meu leito, Não o aturei a martelâr-me o peito, Na agitação de um mar enfurecido...</p> <p>E quanta vez não dezejei ser surdo Quando esse louco, em surtos de eloquencia Me fazia a estafante confiança De algum sonho de amor, suave e absurdo!</p> <p>Como era fácil e ezijia apenas Das mulheres que achava encantadoras Uma alvura de mármore nas louras, Um rosado de jambo nas morenas,</p> <p>Nunca lhe escasseou terreno azado E nunca lhe faltou tempo propicio A' cultura intensiva do seu vicio — Do seu vicio de amar sem ser amado.</p> <p>Porque amado não foi... E o mais terrível</p>
--	--	---

	<p>Porque amado não foi... E o mais terrível Dos seus defeitos, como dos meus males, Era esse de transpor montes e vales Correndo atrás de um bem inacessível...</p> <p>Como no largo mar uma canôa Abandonada às fúrias da procela, Roto o leme, sem rumo, sôlta a vela, Vae de onda em onda velejando á toa;</p> <p>Ele, de desengano em desengano Como de vaga em vaga sacudido, Sempre burlado e nunca esmorecido, Amava á toa, e amava a todo o pano...</p> <p>Era um doudo, afinal. E assim seguia Pela vida, ora alegre, ora tristonho, Cada noute sonhando um lindo sonho, Chorando um sonho morto cada dia...</p> <p>E eu, as horas da minha mocidade, A seguil-o esbanjei uma por uma, Ele era doudo. Eu o seguia... Em suma Eramos dous malucos de verdade.</p> <p>Mas um dia a aventura foi mais louca: Bateu por ti... A acompanhar-lhe os passos, Sonhei teu corpo arfando nos meus braços E teu beijo florindo em minha boca.</p> <p>Ai , assim seduzido e deslumbrado, Eu deixei-me levar, alma perdida;</p>	<p>Dos seus defeitos, como dois meus males Era esse de transpor montes e vales Correndo atrás de um bem inacessível...</p> <p>Como no largo mar uma canôa Abandonada às fúrias da procela, Roto o leme, sem rumo, sôlta a vela, Vae de onda em onda velejando á toa;</p> <p>Ele, de desengano em desengano Como de vaga em vaga sacudido, Sempre burlado e nunca esmorecido, Amava á toa, e amava a todo o pano.</p> <p>Era um doudo, afinal. E assim seguia Pela vida, ora alegre, ora tristonho, Cada noute sonhando um lindo sonho, Chorando um sonho morto cada dia...</p> <p>E eu, as horas da minha mocidade, A seguil-o esbanjei uma por uma, Ele era doudo. Eu o seguia... Em suma Eramos dous malucos de verdade.</p> <p>Mas um dia a aventura foi mais louca: Bateu por ti... A acompanhar-lhe os passos, Sonhei teu corpo arfando nos meus braços E teu beijo florindo em minha boca.</p> <p>Ai, assim seduzido e deslumbrado, Eu deixei-me levar, alma perdida; Nunca senti tamanho amor na vida.</p>
--	---	--

	<p>Nunca senti tamanho amor na vida... Olha que nunca fui tão desgraçado!</p> <p>Como te amei! Mas pude felizmente Abrir a tempo os olhos razos d'agua Sobre esse abismo de insondavel magua Que a meus pés se rasgava, em minha frente.</p> <p>Meu adoudado guia então detendo, Disse-lhe: «Coração, meu pobre amigo, «Basta! Corres em vão e em vão te sigo: « E' para a morte que tu vais correndo.</p> <p>«Sim desta vez corremos para a morte: «Por essa a quem te dás e me repele «Não batas mais, ou morreremos...» e ele, Ele a chorar, poz-se a bater mais forte.</p> <p>Era de mais, e recuzei seguil-o: Tentei contel-o; rezistiu-me, o louco. Lutámos. Subjuguei-o: Pouco a pouco Cedeu; prostrei-o. Eil-o, afinal, tranquilo.</p> <p>Destroço inutil que se atira a um canto, Deixei, sem dó, rolar esse vencido Para a sombra de um vale ermo e esquecido, Longe do mundo em que sofremos tanto.</p> <p>Enterrei-o nesse ermo, bem no fundo De uma bem funda cova... Nem pudera Jaula mais propria achar para essa fera, Melhor prizão para esse vagabundo.</p>	<p>Olha que nunca fui tão desgraçado!</p> <p>Como te amei! Mas pude felizmente Abrir a tempo os olhos razos d'agua Sobre esse abismo de insondavel magua Que a meus pés se rasgava, em minha frente.</p> <p>Meu adoudado guia então detendo, Disse-lhe: "Coração, meu pobre amigo, "Basta! Corres em vão e em vão te sigo: "E' para a morte que tu vais correndo.</p> <p>"Sim desta vez corremos para a morte: "Por essa a quem te dás e me repele "Não batas mais, ou morreremos..." e ele, Ele, a chorar, poz-se a bater mais forte.</p> <p>Era de mais, e recuzei seguil-o: Tentei contel-o; rezistiu-me, o louco. Lutámos. Subjuguei-o: Pouco a pouco Cedeu; prostrei-o. Eil-o, afinal, tranquilo.</p> <p>Destroço inutil que se atira a um canto, Deixei, sem dó, rolar esse vencido Para a sombra de um vale ermo e esquecido Longe do mundo em que sofremos tanto.</p> <p>Enterrei-o nesse ermo, bem no fundo De uma bem funda cova... Nem pudera Jaula mais propria achar para essa fera, Melhor prizão para esse vagabundo.</p>
--	---	--

	<p>E agora que o deixei posto de lado, Longe de mim, fóra do meu caminho, Penso, ao sentir-me bem indo sozinho, Que antes só do que mal acompanhado.</p> <p>Sozinho, avanço pela vida a fóra Cantando e rindo, lepido e seguro; Olho em frente — e por todo o meu futuro Vejo raiar como um clarão de aurora...</p> <p>Sinto-me livre e forte. Adeus, cuidados! Adeus, canceira inútil do desejo! Desabafem no alívio de um bocejo Meus beijos murchos, que não foram dados.</p> <p>Fatigado, apetece-me o descanso: Com o mesmo olhar de indiferença, quero Olhar-vos, terra de que nada espero, E ceu, lonjinho ceu que não alcanço!</p> <p>Num socego viril, de que me ufano, Quero, sem ambição que me atormente, Ver de cima, da margem da corrente, Rolar em baixo o torvelinho humano.</p> <p>Deuza que hoje aos meus olhos te humanizas! Eu, que te amei humilde e miserando, Eu calco aos pés o mesmo chão que pizas, O mesmo chão que já beijei chorando.</p> <p>Eu, que fui sempre desdenhado e triste,</p>	<p>E agora que o deixei posto de lado, Longe de mim, fora do meu caminho, Penso, ao sentir-me bem indo sozinho, Que antes só do que mal acompanhado.</p> <p>Sozinho, avanço pela vida a fóra Cantando e rindo, lépido e seguro; Olho em frente — e por todo o meu futuro Vejo raiar como um clarão de aurora...</p> <p>Sinto-me livre e forte. Adeus, cuidados! Adeus, canceira inútil de desejo! Desabafem no alívio de um bocejo Meus beijos murchos, que não foram dados.</p> <p>Fatigado, apetece-me o descanso: Com o mesmo olhar de indiferença, quero Olhar-vos, terra de que nada espero, E céu, lonjinho céu que não alcanço!</p> <p>Num socego viril, de que me ufano, Quero, sem ambição que me atormente, Ver de cima, da margem da corrente, Rolar em baixo o torvelinho humano.</p> <p>Deuza que hoje aos meus olhos te humanizas! Eu, que te amei humilde e miserando, Eu calco aos pés o mesmo chão que pizas, O mesmo chão que já beijei chorando.</p> <p>Eu, que fui sempre desdenhado e triste,</p>
--	--	--

	<p>Vingo-me agora rindo-me do mundo; E, ó tú que amei! os teus encantos fundo No meu desdem por tudo quanto eziste!</p> <p>Ele, o meu pobre coração, lá dorme No fundo do seu carcere tremendo; Lá dorme, o eterno sonhador, enchendo De sonhos vãos a sua noute enorme.</p> <p>E do seio da terra, que o consome Tão lentamente, ouço de quando em quando Subir a voz de alguém que está chamando, De alguém que chora a murmurar teu nome.</p>	<p>Vingo-me agora rindo-me do mundo; E, ó tu, que amei! os teus encantos fundo No meu desdem por tudo quanto existe!</p> <p>Ele, o meu pobre coração, lá dorme No fundo do seu cárcere tremendo; Lá dorme, o eterno sonhador, enchendo De sonhos vãos a sua noute enorme.</p> <p>E do seio da terra, que o consome Tão lentamente, ouço de quando em quando Subir a voz de alguém que está chamando, De alguém que chora a murmurar teu nome...</p>
(12) FOLHA SOLTA	(11) FOLHAS SOLTAS	(12) FOLHAS SOLTAS
<p>Não me culpeis a mim de amar-vos tanto, Mas a vós mesma e á vossa formosura, Pois si vos aborrece, me tortura Ver-me captivo assim do vosso encanto.</p> <p>Enfadaís-vos; parece-vos que, em quanto Meu amor se lastima, vos censura; Mas sendo vós comigo áspera e dura, Que eu por mim brade aos ceus não causa espanto.</p> <p>Si me quereis diverso do que agora Eu sou, mudai; mudai vós mesma, pois Ido o rigor que em vosso peito mora,</p> <p>A mudança será para nós dois:</p>	<p>Hontem, hoje, amanhã.. Como simbolizar O passado, o presente, o futuro — as tres fazes</p> <p style="text-align: center;">Da vida? com tres frases De sentido corrente e de uzo o mais vulgar:</p> <p>— Uma saudade; um grande esforço; uma esperança.</p> <p>Ou antes, e talvez melhor, espondo-as numa Triplíce imajem que resume a vida inteira: — Um rosto, luminoso e alegre, de criança; Duas mãos perseguindo uma bolha de espuma; E rindo-se (de que? de tudo) uma caveira.</p>	<p>Hontem, hoje, amanhã... Como simbolizar O passado, o presente, o futuro — as três fazes</p> <p style="text-align: center;">Da vida? com três frases De sentido corrente e de uzo o mais vulgar:</p> <p>— Uma saudade; um grande esforço; uma esperança.</p> <p>Ou antes, e talvez melhor, expondo-as numa Tríplice imajem que resume a vida inteira: — Um rosto, luminoso e alegre, de criança; Duas mãos perseguindo uma bolha de espuma; E rindo-se (de quê? de tudo) uma caveira.</p>

<p>E então podereis ver, minha senhora, Que eu sou quem sou por serdes vós quem sois</p>	<p>«Nem mesmo com uma flor» ... Diz o provérbio arabe. Parece Que bem mais e bem melhor Diria ele si dissesse:</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>«Nem mesmo com uma fraze Siquer, Seja ela embora tão leve Ou quaze Como a mais leve pluma, Se deve Bater numa Mulher» . . *.</p> <p>Nem só o olhar dos olhos de quem ama Revela o amor que se supõe discreto, E o mais oculto, o mais medroso afêto Injenuamente á luz do sol proclama.</p> <p>Tambem a voz, indiscreção bem dita, Tráe o amor sob a fraze indiferente; E debalde a palavra finje e mente: Na voz que treme o coração palpita.</p> <p>Desvias dos meus olhos infelizes O teu olhar... Dizes que não. Loucura! Em tua voz que tremula murmura Ouço tudo que sentes e não dizes.</p> <p style="text-align: right;">Jezus</p>	<p>Nem só o olhar dos olhos de quem ama Revela o amor que se supõe discreto, E o mais oculto, o mais medroso afêto Injenuamente á luz do sol proclama.</p> <p>Também a voz, indiscreção bem dita, Tráe o amor sob a fraze indiferente; E debalde a palavra finje e mente: Na voz que treme o coração palpita.</p> <p>Desvias dos meus olhos infelizes O teu olhar... Dizes que não... Loucura! Em tua voz que tremula murmura Ouço tudo que sentes e não dizes.</p> <p style="text-align: right;">Jesus</p>
--	---	---

	<p>Palido sonhador que ha dous mil anos quaze Sobre uns palmos da Terra atravessaste a vida Semeando ao vento um gesto, um suspiro, uma fraze, Toda num sonho vago absorta a alma dorida, Fito no azul do ceu vazio o olhar tristonho</p> <p>Palido sonhador, ha dous mil anos quaze Enchem de magua e sombra a Terra comovida O éco da tua voz e a nevoa do teu Sonho...</p>	<p>Palido sonhador que ha dous mil anos quaze Sobre uns palmos da Terra atravessaste a vida Semeando ao vento um gesto, um suspiro, uma fraze, Toda num sonho vago absorta a alma dorida, Fito no azul do céu vazio o olhar tristonho;</p> <p>Palido sonhador, ha dous mil anos quaze Enchem de magua e sombra a Terra comovida O éco da tua voz e a nevoa do teu sonho</p> <p>Faz frio. Ha bruma. Agosto vai em meio. E eu iria jurar, bemdito engano, Que a primavera veiu Antes do tempo, este ano.</p> <p>Vi-te. Sob o nublado céu de Agosto Nem os jardins começam a brotar, Mas ha rosas no teu rosto E azul, azul de céu, no teu olhar.</p> <p>Que importa o frio? A bruma? Agosto em meio? Juro, posso-o jurar, que não me engano; A primavera veiu Antes do tempo, este ano.</p> <p>Amo-te. E assim como si não houvesse Inverno, e terra nua, e bruma no ar O meu coração floresce E ha luz, ha luz de sol, no meu olhar.</p>
--	---	---

	<p style="text-align: right;">Mimi</p> <p>Vaes-te, a sorrir... Que mais queres? Fico, a lembrar... Que mais posso? Levas tudo que era nosso: Tua mocidade em flor... Pois que te vais tão contente E me deixas tão sem nada, Feliz de ti, minha amada! Coitado do nosso amor!</p> <p>Mas tu que partes sorrindo Talvez algum dia, quando Voltares, voltes chorando Tua mocidade em flor... Que encontrarás, quando voltes? Talvez pouco... Talvez nada.,. Pobre de ti, minha amada! Coitado do nosso amor!</p> <p>Tu, moça; eu, quase velho... Entre nós dous, que horror, Vinte anos de distancia. Entre nós dous, mais nada. E hoje, pensando em ti, puz-me a sonhar de amor Sómente porque, vi por acaso, na estrada, ... Sobre um muro em ruína uma roseira em flor...</p>	<p style="text-align: right;">Mimi</p> <p>Vaes-te, a sorrir... Que mais queres? Fico, a lembrar... Que mais posso? Levas tudo que era nosso: Tua mocidade em flor... Pois que te vais tão contente E me deixas tão sem nada, Feliz de ti, minha amada! Coitado do nosso amor!</p> <p>Mas tu que partes sorrindo Talvez algum dia, quando Voltares, voltes chorando Tua mocidade em flor... Que encontrarás, quando voltes? Talvez pouco... Talvez nada... Pobre de ti, minha amada! Coitado do nosso amor!</p> <p>Tu, moça; eu, quasi velho... Entre nós dous, que horror, Vinte anos de distancia. Entre nós dous, mais nada. E hoje, pensando em ti, puz-me a sonhar de amor Sómente porque vi por acaso, na estrada, Sobre um muro em ruína uma roseira em flor...</p>
--	--	---

		<p>Tu dizes que é loucura este amor... Bem o creio. Como loucura me sorriu, como loucura Veiu cantando, veiu Reduzir-me a um olhar que, num perpetuo anceio, Te vê, ou te procura.</p> <p>E' loucura este amor? Foi-o desde começo, Desde que te amo. Tu, dizendo-m'o, bem pouco Me adeantas, confesso: Ha muito tempo — ha quanto! — eu sinto e reconheço Que te amo como louco.</p> <p>Mas... Nem eu imagino o amor de outra maneira. Desde o caso de Adão e Eva no Paraizo, O amor, minha faceira, Toda a vida se fez notar pela cegueira — Nunca pelo juizo.</p>
(7) PALAVRAS AO MAR	(13) PALAVRAS AO MAR	(13) PALAVRAS AO MAR
Mar, belo mar selvagem Das nossas praias solitarias! Tigre A que as brisas da terra o somno embalam, A que o vento do largo erriça o pêlo! Junto da espuma com que as praias bordas, Pelo marulho acalentada, á sombra Das palmeiras que arfando se debruçam	Mar, belo mar selvagem Das nossas praias solitarias! Tigre A que as brizas da terra o sono embalam, A que o vento do largo erriça o pêlo! Junto da espuma com que as praias bordas, Pelo marulho acalentada, á sombra Das palmeiras que arfando se debruçam	Mar, belo mar selvagem Das nossas praias solitárias! Tigre A que as brizas da terra o sono embalam, A que o vento do largo erriça o pêlo! Junto da espuma com que as praias bordas, Pelo marulho acalentada, á sombra Das palmeiras que arfando se debruçam

<p>Na beirada das ondas — a minha alma Abriu-se para a vida como se abre A flor da murta para o sol do estio.</p> <p>Quando eu nasci, raiava O claro mez das garças forasteiras: Abril, sorrindo em flor pelos outeiros, Nadando em luz na oscilação das ondas, Desenrolava a primavera de ouro; E as leves garças, como folhas soltas Num leve sopro de aura dispersadas, Vinhão do azul do céu turbilhãoando Pousar o vôo á tona das espumas.</p> <p>E' o tempo em que adormeces Ao sol que abraza: a colera espumante, Que estoura e brame sacudindo os ares, Não os sacode mais, nem brame e estoura; Apenas se ouve, tímido e plangente, O teu murmúrio; e pelo alvor das praias, Langue, numa carícia de amoroso, As largas ondas marulhando estendes.</p> <p>Ah! vem dahi por certo A voz que escuto em mim, tremula e triste, Este marulho que me canta na alma, E que a alma jorra desmaiado em versos; De ti, de ti unicamente, aquela Canção de amor sentida e murmurante Que eu vim cantando, sem saber si a ouviam, Pela manhã de sol dos meus vinte anos.</p>	<p>Na beirada das ondas — a minha alma Abriu-se para a vida como se abre A flôr da murta para o sol do estio.</p> <p>Quando eu naci, raiava O claro mez das garças forasteiras: Abril, sorrindo em flôr pelos outeiros, Nadando em luz na ocilação das ondas, Desenrolava a primavera de ouro: E as leves garças, como folhas soltas Num leve sopro de aura dispersadas, Vinhão do azul do céu turbilhãoando Pouzar o vôo á tona das espumas.</p> <p>É o tempo em que adormeces Ao sol que abraza: a colera espumante, Que estoura e brame sacudindo os ares, Não os sacode mais, nem brame e estoura Apenas se ouve, tímido e planjente, O teu murmúrio; e pelo alvor das praias, Langue, numa carícia de amorozo, As largas ondas marulhando estendes...</p> <p>Ah! vem d'aí por certo A voz que escuto em mim, tremula e triste, Este marulho que me canta na alma, E que a alma jorra desmaiado em versos; De ti, de ti unicamente, aquela Canção de amor sentida e murmurante Que eu vim cantando, sem saber si a ouviam, Pela manhã de sol dos meus vinte anos.</p>	<p>Na beirada das ondas — a minha alma Abriu-se para a vida como se abre A flor da murta para o sol do estio.</p> <p>Quando eu nasci, raiava O claro mez das garças forasteiras; Abril, sorrindo em flor pelos outeiros, Nadando em luz na oscilação das ondas, Desenrolava a primavera de ouro: E as leves garças, como folhas soltas Num leve sopro de aura dispersadas, Vinhão do azul do céu turbilhãoando Pouzar o vôo á tona das espumas...</p> <p>E' o tempo em que adormeces Ao sol que abraza: a cólera espumante, Que estoura e brame sacudindo os ares, Não os sacode mais, nem brame e estoura; Apenas se ouve, tímido e planjente, O teu murmúrio; e pelo alvor das praias, Langue, numa carícia de amoroso, As largas ondas marulhando estendes...</p> <p>Ah! vem d'ai por certo A voz que escuto em mim, tremula e triste, Este marulho que me canta na alma, E que a alma jorra desmaiado em versos; De ti, de ti unicamente, aquela Canção de amor sentida e murmurante Que eu vim cantando, sem saber si a ouviam, Pela manhã de sol dos meus vinte anos.</p>
---	---	---

<p>O' velho condenado Ao cárcere das rochas que te cingem! Em vão levantas para o ceu distante Os borrifos das ondas desgrenhadas. Debalde! O ceu, cheio de sol si é dia, Palpitante de estrelas quando é noute, Paira, longinquo e indiferente, acima Da tua solidão, dos teus clamores.</p> <p>Condenado e insubmisso Como tu mesmo, eu sou como tu mesmo Uma alma sobre a qual o ceu resplende — Longinquo ceu— de um esplendor distante. Debalde, ó mar que em ondas te arrepelas, Meu tumultuoso coração revolto Levanta para o ceu, como borrifos, Toda a poeira de ouro dos meus sonhos.</p> <p>Sei que a ventura existe, Sonho-a; sonhando a vejo, luminosa, Como dentro da noute amortalhado Vês longe o claro bando das estrelas: Em vão tento alcançai-a, e as curtas azas Da alma entreabrindo, subo por instantes. O' mar! A minha vida é como as praias, E o sonho morre como as ondas voltam!</p> <p>*</p> <p>Mar, belo mar selvagem Das nossas praias solitarias! Tigre</p>	<p>Ó velho condenado Ao carcere das rochas que te cinjem! Em vão levantas para o céu distante Os borrifos das ondas desgrenhadas. Debalde! O céu cheio de sol si é dia, Palpitante de estrelas quando é noute, Paira, longinquo e indiferente, acima Da tua solidão, dos teus clamores...</p> <p>Condenado e insubmisso Como tu mesmo, eu sou como tu mesmo Uma alma sobre a qual o céu resplende — Lonjiquo céu — de um esplendor distante. Debalde, ó mar que em ondas te arrepelas, Meu tumultuozo coração revolto Levanta para o céu, como borrifos, Toda a poeira de ouro dos meus sonhos.</p> <p>Sei que a ventura eziste, Sonho-a; sonhando a vejo, luminoza, Como dentro da noute amortalhado Vês lonje o claro bando das estrelas; Em vão tento alcançal-a, e as curtas azas Da alma entreabrindo, subo por instantes... Ó mar! A minha vida é como as praias, E o sonho morre como as ondas voltam!</p> <p>*</p> <p>Mar, belo mar selvajem Das nossas praias solitarias! Tigre</p>	<p>O ' velho condenado Ao cárcere das rochas que te cinjem! Em vão levantas para o céu distante Os borrifos das ondas desgrenhadas. Debalde! O céu cheio de sol si é dia, Palpitante de estrelas quando é noute, Paira, lonjiquo e indiferente, acima Da tua solidão, dos teus clamores...</p> <p>Condenado e insubmisso Como tu mesmo, eu sou como tu mesmo Uma alma sobre a qual o céu resplende — Lonjiquo céu — de um esplendor distante. Debalde, ó mar que em ondas te arrepelas, Meu tumultuoso coração revolto Levanta para o céu, como borrifos, Toda a poeira de ouro dos meus sonhos.</p> <p>Sei que a ventura existe, Sonho-a; sonhando a vejo, luminosa, Como dentro da noute amortalhado Vês lonje o claro bando das estrelas; Em vão tento alcançal-a, é as curtas azas Da alma entreabrindo, subo por instantes. O' mar! A minha vida é como as praias, E o sonho morre como as ondas voltam!</p>
---	--	---

<p>A que as brisas da terra o somno embalam, A que o vento do largo erriça o pêlo! Ouço-te às vezes revoltado e brusco, Escondido, fantástico, atirando Pela sombra das noutes sem estrelas A blasfemia colerica das ondas. .</p> <p>Tambem eu ergo às vezes Imprecações, clamores e blasfemias Contra essa mão desconhecida e vaga Que traçou meu destino. Crime absurdo O crime de nascer! Foi o meu crime. E eu expio-o vivendo, devorado Por essa angustia do meu sonho inutil. Maldita a vida que promete e falta, Que mostra o ceu prendendo-nos á terra, E, dando as azas, não permite o vôo!</p> <p>*</p> <p>Ah! cavassem-te embora O tumulto em que vives — entre as mesmas Rochas nuas que os flancos te espedaçam, Entre as nuas areias que te cingem. Mas fosses morto, morto para o sonho, Morto para o desejo de ar e espaço, E não pairasse, corno um bem ausente, Todo o infinito em cima de teu tumulto!</p> <p>Fosses tu como um lago, Como um lago perdido entre montanhas: Por só paisagem — áridas escarpas,</p>	<p>A que as brisas da terra o sono embalam, A que o vento do largo erriça o pêlo! Ouço-te às vezes revoltado e brusco, Escondido, fantastico, atirando Pela sombra das noutes sem estrelas A blasfemia colerica das ondas..</p> <p>Tambem eu ergo às vezes Imprecações, clamores e blasfemias Contra essa mão desconhecida e vaga Que traçou meu destino... Crime absurdo O crime de nacer! Foi o meu crime. E eu expio-o vivendo, devorado Por esta angustia do meu sonho inutil. Maldita a vida que promete e falta, Que mostra o céu prendendo-nos á terra, E, dando as azas, não permite o vôo!</p> <p>*</p> <p>Ah ! cavassem-te embora O tumulto em que vives — entre as mesmas Rochas nuas que os flancos te espedaçam, Entre as nuas areias que te cinjem... Mas fosses morto, morto para o sonho, Morto para o desejo de ar e espaço, E não pairasse, como um bem auzente, Todo o infinito em cima de teu tumulto!</p> <p>Fôsses tu como um lago Como um lago perdido entre montanhas: Por só paizagem — áridas escarpas,</p>	<p>Mar, belo mar selvajem Das nossas praias solitárias! Tigre A que as brisas da terra o sono embalam. A que o vento do largo erriça o pêlo! Ouço-te às vezes, revoltado e brusco, Escondido, fantástico, atirando Pela sombra das noutes sem estrelas A blasfêmia colérica das ondas...</p> <p>Também eu ergo às vezes Imprecações, clamores e blasfêmias Contra essa mão desconhecida e vaga Que traçou meu destino... Crime absurdo O crime de nascer! Foi o meu crime. E eu expio-o vivendo, devorado Por esta angustia do meu sonho inútil. Maldita a vida que promete e falta, Que mostra o céu prendendo-nos á terra, E, dando as azas, não permite o vôo!</p> <p>*</p> <p>A h ! cavassem-te embora O túmulo em que vives — entre as mesmas Rochas nuas que os flancos te espedaçam, Entre as nuas areias que te cinjem... Mas fosses morto, morto para o sonho, Morto para o desejo de ar e espaço, E não pairasse, como um bem auzente, Todo o infinito em cima de teu túmulo!</p>
---	---	---

<p>Uma nesga de ceu como horizonte. E nada mais! Nem visses nem sentisses Aberto sobre ti de lado a lado Todo o universo deslumbrante — perto Do teu desejo e alem do teu alcance!</p> <p>Nem visses nem sentisses A tua solidão, sentindo e vendo A larga terra engalanada em pompas Que te provocam para repelir-te; Nem buscando a ventura que arfa em roda, A onda elevasses para a ver tombando, — Beijo que se desfaz sem ter vivido, Triste flor que já brota desfolhada.</p> <p>*</p> <p>Mar, belo mar selvagem! O olhar que te olha só te vê rolando A esmeralda das ondas, debruada Da leve fimbria de irisada espuma. Eu adivinho mais: eu sinto. ou sonho Um coração chagado de desejos Latejando, batendo, restrugindo Pelos fundos abismos do teu peito.</p> <p>Ah, si o olhar descobrisse Quanto esse lençol de aguas e de espumas Cobre, oculta, amortalha !. A alma dos homens Apiedada entendera os teus rugidos, Os teus gritos de colera insubmissa,</p>	<p>Uma nesga de céu como horizonte... E nada mais! Nem visses nem sentisses Aberto sobre ti de lado a lado Todo o universo deslumbrante — perto Do teu desejo e além do teu alcance!</p> <p>Nem, visses nem sentisses A tua solidão sentindo e vendo A larga terra engalanada em pompas Que te provocam para repelir-te; Nem, buscando a ventura que arfa em roda, A onda devasses para a vêr tombando, — Beijo que se desfaz sem ter vivido, Triste flor que já brota desfolhada...</p> <p>*</p> <p>Mar, belo mar selvagem! O olhar que te olha só te vê rolando A esmeralda das ondas, debruada Da leve fimbria de irizada espuma. Eu adivinho mais: eu sinto... ou sonho Um coração chagado de desejos Latejando, batendo, restrujindo Pelos fundos abismos do teu peito.</p> <p>Ah , si o olhar descobrisse Quanto esse lençol de aguas e de espumas Cobre, oculta, amortalha!... A alma dos homens Apiedada entendera os teus rujidos, Os teus gritos de cólera insubmissa,</p>	<p>Fosses tu como um lago, Como um lago perdido entre montanhas: Por só paizagem — áridas escarpas, Uma nesga de céu como horizonte...</p> <p>E nada mais! Nem visses nem sentisses Aberto sobre ti de lado a lado Todo o universo deslumbrante — perto Do teu desejo e além do teu alcance!</p> <p>Nem visses nem sentisses A tua solidão sentindo e vendo A larga terra engalanada em pompas Que te provocam para repelir-te; Nem, buscando a ventura que arfa em roda, A onda elevasses para a ver tombando, — Beijo que se desfaz sem ter vivido, Triste flor que já brota desfolhada...</p> <p>*</p> <p>Mar, belo mar selvagem! O olhar que te olha só te vê rolando A esmeralda das ondas, debruada Da leve fimbria de irisada espuma... Eu adivinho mais: eu sinto... ou sonho Um coração chagado de desejos Latejando, batendo, restrujindo Pelos fundos abismos do teu peito.</p> <p>Ah, si o olhar descobrisse Quanto esse lençol de águas e de espumas</p>
--	--	---

<p>Os bramidos de angustia e de revolta De tanto brilho condenado á sombra, De tanta vida condenada á morte!</p> <p>*</p> <p>Ninguém entenda, embora, Esse vago clamor, marulho ou versos, Que sai da tua solidão nas praias, Que sai da minha solidão na vida. Que importa? Vibre no ar, acorde os ecos E embale-nos a nós que o murmuramos. Versos, marulho! amargos confidentes Do mesmo sonho que sonhamos ambos!</p>	<p>Os bramidos de angustia e de revojtá De tanto brilho condenado á sombra, De tanta vida condenada á morte!</p> <p>*</p> <p>Ninguém entenda, embora, Esse vago clamor, marulho ou versos, Que sái da tua solidão nas praias, Que sái da minha solidão na vida. Que importa? Vibre no ar, acorde os écos E embale-nos a nós que o murmuramos... Versos, marulho! amargos confidentes Do mesmo sonho que sonhamos ambos!</p>	<p>Cobre, oculta, amortalha!... A alma dos homens Apiedada entendera os teus ruídos, Os teus gritos de cólera insubmissa, Os bramidos de angustia e de revolta De tanto brilho condenado á sombra, De tanta vida condenada á morte! Ninguém entenda, embora, Esse vago clamor, marulho ou versos, Que sáe da tua solidão nas praias, Que sáe da minha solidão na vida... Que importa? Vibre no ar, acorde os ecos E embale-nos a nós que o murmuramos... Versos, marulho! amargos confidentes Do mesmo sonho que sonhamos ambos!</p>
	(14) TRÓVAS	(14) TROVAS
	<p>Ouve: si amor é pecado, Eu, pecador, me confesso De tudo quanto anda impresso Em meu olhar enlevado.</p> <p>Si com isso estou perdendo A minh'alma transviada, — Minh'alma não vale nada... Eu péco, e não me arrependo.</p> <p>Deste ardor em que me inflamo Direi, para ser sincero, Que dele somente espero Amar-te mais do que te amo.</p>	<p>Ouve: si amor é pecado, Eu, pecador, me confesso De tudo quanto anda impresso Em meu olhar enlevado.</p> <p>Si com isso estou perdendo A minh'alma transviada, — Minhalma não vale nada... Eu peco, e não me arrependo.</p> <p>Deste ardor em que me inflamo Direi, para ser sincero, Que dele somente espero Amar-te mais do que te amo.</p>

	<p>Si rezo, nas minhas preces Só peço a Deus esta graça: Que me conceda e me faça Amar-te quanto mereces.</p> <p>Eu vivo tão descuidado De tudo mais desta vida, Que nem me ocorre, querida, A idéia de ser amado.</p> <p>Amor com o feitio desse Que a si mesmo renuncia, — Como te agradeceria O que eu por ti padecesse!</p> <p>Deixa tu, pois, que se farte Meu olhar impenitente Todo embebido e contente Da só ventura de olhar-te.</p> <p>Sem razão fôras severa Com a pobre de uma rozeira Porque ela, queira ou não queira, Dá rozas, si é primavera...</p> <p>Deus, que nos poz face a face E deu-me os olhos que tenho, Nisso mostrou certo empenho Em que eu te visse — e te amasse.</p> <p>Por força de lei divina E não, de certo, por gosto,</p>	<p>Si rezo, nas minhas preces Só peço a Deus essa graça: Que me conceda e me faça Amar-te quanto mereces.</p> <p>Eu vivo tão descuidado De tudo mais desta vida, Que nem me ocorre, querida, A idéia de ser amado.</p> <p>Amor com o feitio desse Que a si mesmo renuncia, — Como te agradeceria O que eu por ti padecesse!</p> <p>Deixa tu, pois, que se farte Meu olhar impenitente Todo embebido e contente Da só ventura de olhar-te.</p> <p>Sem razão foras severa Com a pobre de uma roseira Porque ela, queira ou não queira, Dá rosas, si é primavera...</p> <p>Deus, que nos poz face a face E deu-me os olhos que tenho, Nisso mostrou certo empenho Em que eu te visse — e te amasse.</p> <p>Por força de lei divina E não, de certo, por gosto,</p>
--	---	---

	<p>Quando pouza no teu rosto O meu olhar se ilumina.</p> <p>Perdôa a muda insistencia Dos olhos que a ti levanto: Olhar-te é o supremo encanto De toda a minha ezistencia.</p> <p>Olhar-te... Delicia calma! Mar tranquillo e sem escolhos! E' o pecado dos meus olhos E a salvação da minh' alma.</p> <p>Confesso-me, nada négo: Amo-te... E nisto de amar-te Só tenho de minha parte A culpa de não ser cego,</p> <p>E ' meu destino, que queres? Eu te amo porque me encantas — Tu, a mais linda das santas E a mais santa das mulheres.</p>	<p>Quando pouza no teu rosto O meu olhar se ilumina.</p> <p>Perdôa a muda insistência Dos olhos que a ti levanto: Olhar-te é o supremo encanto De toda a minha existência.</p> <p>Olhar-te... Delicia calma! Mar tranqüilo e sem escolhos! E' o pecado dos meus olhos E a salvação da minh'alma.</p> <p>Confesso-me, nada négo: Amo-te... E nisto de amar-te Só tenho de minha parte A culpa de não ser cégo,</p> <p>E' meu destino, que queres? Eu te amo porque me encantas — Tu, a mais linda das santas E a mais santa das mulheres.</p>
(9) CARTA A V. S.	(15) CARTAS A W. S.	(15) CARTAS A V. S.
<p>Artista, amigo, irmão, sê generoso e pio, Perdoa a um pescador seus pecados mortais! Eu, alma em turbilhão, corpo em cacos, expio Com remorsos cruéis e eólicas, fatais — Faltas em que reincido, erros em que porfio.</p>	<p>Artista, amigo, irmão, sê generoso e pio, Perdôa a um pescador seus pecados mortais! Eu, alma em turbilhão, corpo em cacos, expio Com remorsos cruéis e doenças fatais — Faltas em que reincido, erros em que porfio.</p>	<p>Artista, amigo, irmão, sê generoso e pio, Perdôa a um pescador seus pecados mortais! Eu, alma em turbilhões, corpo em cacos, expio Com remorsos cruéis e doenças fatais — Faltas em que reincido, erros em que porfio.</p>

<p>Ai, no fundo, não sou mais do que um bugre, eis tudo. Corre abundante em mim sangue de guaianás. Veste-me a pele branca o espirito desnudo, Simples, rudimentar, insubmisso, incapaz, Que porventura herdei de algum avô beijado.</p> <p>Imagina que sou neto de algum cacique Cuja vida feliz de nômade sem lar Tinha a alegre feição de um grande pique- nique; E em cuja fronte altiva as plumas de um cocár Eram como a expressão ritual do ultimo <i>chic</i>.</p> <p>Algum bugre feroz, cujo corpo bronzeado Mantinha a liberdade inata da nudez; Que dormia tranquilo um somno descuidado — Passivo, indiferente, enfarado talvez — Sob o mistério azul do ceu todo estrelado.</p> <p>Ignorando o pavor da vida extra-terrena, Tinha para o Futuro um olhar de imbecil; E, passando na Terra, inutil, em pequena Viagem atravez da natureza hostil, Vivia sem cuidado e morria sem pena.</p> <p>Vejetava feliz, sem lei, sem rei nem roque. Sua unica ambição era a fome vivaz, Sua unica riqueza, uma flexa e um bodoque; E abria-se num riso eterno e contumaz O seu labio — fendido ao peso do batoque.</p>	<p>Ai, no fundo, não sou mais do que um bugre, eis tudo. Corre abundante em mim sangue de guaianás. Veste-me a pele branca o espirito desnudo, Simples, rudimentar, insubmisso, incapaz, Que por ventura herdei de algum avô beijado.</p> <p>Imajina que sou neto de algum cacique Cuja vida feliz de nômade sem lar Tinha a alegre feição de um grande pique- nique; E em cuja fronte altiva as plumas de um cocar Eram como a expressão ritual do ultimo <i>chic</i>;</p> <p>Algum bugre feroz, cujo corpo bronzeado Mantinha a liberdade inata da nudez; Que dormia tranquilo um sono descuidado — Passivo, indiferente, enfarado talvez — Sob o misterio azul do céu todo estrelado.</p> <p>Ignorando o pavor da vida estra-terrena, Tinha para o Futuro um olhar imbecil; E, passando na terra, inutil, em pequena Viajem atravez da natureza hostil, Vivia sem cuidado e morria sem pena.</p> <p>Vejetava feliz, sem lei, sem rei nem roque. Sua unica ambição era a fome vivaz, Sua unica riqueza, um flexa e um bodoque; E abria-se num rizo eterno e contumaz O seu labio — fendido ao pezo do batoque,</p>	<p>Ai, no fundo, não sou mais do que um bugre, eis tudo. Corre abundante em mim sangue de guaianás. Veste-me a pela branca o espirito desnudo, Simples, rudimentar, insubmisso, incapaz, Que por ventura herdei de algum avô beijado.</p> <p>Imajina que sou neto de algum cacique Cuja vida feliz de nômade sem lar Tinha a alegre feição de um grande pique- nique; E em cuja fronte altiva as plumas de um cocar Eram como a expressão ritual do ultimo <i>chic</i>;</p> <p>Algum bugre feroz, cujo corpo bronzeado Mantinha a liberdade inata da nudez; Que dormia tranquilo um sono descuidado — Passivo, indiferente, enfarado talvez — Sob o mistério azul do céu todo estrelado.</p> <p>Ignorando o pavor da vida extra-terrena, Tinha para o Futuro um olhar imbecil; E, passando na terra, inútil, em pequena Viajem atravez da natureza hostil, Vivia sem cuidado e morria sem pena.</p> <p>Vejetava feliz, sem lei, sem rei nem roque. Sua unica ambição era a fome vivaz, Sua única riqueza, uma flexa e um bodoque; E abria-se num rizo eterno e contumaz O seu labio — fendido ao pezo do batoque,</p>
--	--	---

<p>Imagina tu, pois, a alma do avô selvagem Comprimida, esmagada, atônita, infeliz, Metida numa vasta e complexa engrenagem De deveres morais e tramoias subtis, De apuros de dinheiro e apuros de linguagem;</p> <p>Imagina esse filho inculto da floresta, Que ama o ceu porque é belo, e ama o sol porque luz, — Perdido na Cidade ignobil e funesta, Cheia de sombra e pó, caiada e deshonesta, Velha Aspázia, garrida, e a desfazer-se em pús;</p> <p>Vê si esse humilde e tosco espirito imaginas, Ao sabor de uma turba em grita e em confusão, Pela prédica e o livro, os jornais e as <i>mofinas</i>, Arrastado em tropel — disputado em leilão Em nome de trez mil Sistemas e Doutrinas;</p> <p>Imagina cativa, entregue, submetida Aos caprichos da Moda e á exigencia das Leis, Entre o encanto do Mal e a idéa da Outra Vida, Entre o culto de Deus e o culto do Mil-réis, Entre o padre e o vendeiro, entre o Verso e a Comida;</p> <p>Ai, imagina assim a alma do bugre bravo, Meu avô — que, no mato, era o dono feliz</p>	<p>Imajina tu, pois, a alma do avô selvagem Comprimida, esmagada, atonita, infeliz, Metida numa vasta e complexa engrenajem De deveres morais e tramoias sutis, De apuros de dinheiro e apuros de linguagem;</p> <p>Imajina esse filho inculto da floresta, Que ama o céu porque é belo e ama o sol porque luz, — Perdido na Cidade ignobil e funesta, Cheia de sombra e pó, caiada e deshonesta, Velha Aspázia, garrida, e a desfazer-se em pús;</p> <p>Vê si esse humilde e tosco espirito imaginas, Ao sabor de uma turba em grita e em confusão, Pela prédica e o livro, os jornais e as mofinas, Arrastado em tropel — disputado em leilão Em nome de trez mil Sistemas e Doutrinas;</p> <p>Imajina cativa, entregue, submetida Aos caprichos da Moda e á eziencia das Leis, Entre o encanto do Mal e a idéa da Outra Vida, Entre o culto de Deus e o culto do Mil-réis, Entre o padre e o vendeiro, entre o Verso e a Comida;</p> <p>Ai, imagina assim a alma do bugre bravo, Meu avô — que, no mato, era o dono feliz Do seu tempo vazio e do seu gosto ignavo,</p>	<p>Imagina tu, pois, a alma do avô selvagem Comprimida, esmagada, atônita, infeliz, Metida numa vasta e complexa engrenajem De deveres morais e tramoias sutis, De apuros de dinheiro e apuros de linguagem;</p> <p>Imagina esse filho inculto da floresta, Que ama o céu porque é belo e ama o sol porque luz, — Perdido na Cidade ignobil e funesta, Cheia de sombra e pó, caiada e deshonesta, Velha Aspazia garrida, e a desfazer-se em pús;</p> <p>Vê si esse humilde e tosco espirito imaginas, Ao sabor de uma turba em grita e em confusão, Pela predica e o livro, os jornais e as <i>mofinas</i>, Arrastado em tropel — disputado em leilão Em nome de trez mil Sistemas e Doutrinas;</p> <p>Imajina cativa, entregue, submetida Aos caprichos da Moda e á exigencia das Leis, Entre o encanto do Mal e a idéa da Outra Vida, Entre o culto de Deus e o culto do Mil-réis, E a pompa de um salão, e o pó de uma avenida,</p>
--	--	--

<p>Do seu tempo vazio e do seu gosto ignavo, Que era, em suma, o senhor do seu proprio nariz. — Alma livre que em mim reviveu num escravo!</p> <p>Alma apenas capaz de adejar, fugidiça, Em vôos leves de uma aza de beijaflor; E obrigada a pairar nas regiões da Justiça Como um corvo que sóbe ao ceu todo esplendor Para, do alto, melhor lobrigar a carniça.</p> <p>Ai, a alma do tupi, bem mal domesticada A' macaqueação cabocla do europeu, Conserva, forte e viva, a angustia de exilada, A saudade fiel de tudo que perdeu, Da floresta nativa, ausente e devastada.</p> <p>Assim, de quando em quando assalta-me a cachola Um furioso desejo — ou do mato, ou do mar, Das vastas solidões onde ninguém me amola. E, passaro cativo, eu fujo, a me escapar Da Civilização — como de uma gaiola.</p> <p>Fujo, escapo, disparo atravez das vielas Plenas de agitação, de atritos e de pó; Salvo-me, aos esbarrões, dando cebo às canelas, A ouvir a voz de algum descendente de Job Que apregôa Moral — coberto de mazelas.</p>	<p>Que era, em suma, o senhor do seu proprio nariz... — Alma livre que em mim reviveu num escravo!</p> <p>Alma apenas capaz de adejar, fugidiça, Em vôos leves de uma aza de beijaflôr; E obrigada a pairar nas rejiões da Justiça Como um corvo que sóbe ao céu todo esplendor Para, do alto, melhor lobrigar a carniça...</p> <p>Ai, a alma do tupi, bem mal domesticada A' macaqueação cabocla do europeu, Conserva, forte e viva, a angustia de ezilada, A saudade fiel de tudo que perdeu, Da floresta nativa, auzente e devastada.</p> <p>Assim, de quando em quando assalta-me a cachola Um furiozo desejo — ou do mato, ou do mar, Das vastas solidões onde ninguém me amola... E, pássaro cativo, eu fujo, a me escapar Da Civilização — como de uma gaiola.</p> <p>Fujo, escapo, disparo atravez das vielas Plenas de ajitação, de atritos e de pó; Salvo-me, aos esbarrões, dando cebo às canelas, A ouvir a voz de algum decendente de Job Que apregoa Moral — coberto de mazelas.</p>	<p>Ai, imajina assim a alma do bugre bravo, Meu avô — que, no mato, era o dono feliz Do seu tempo vazio e do seu gosto ignavo; Que era, em suma, o senhor do seu próprio nariz. — Alma livre que em mim reviveu num escravo!</p> <p>Alma apenas capaz de adejar, fujidiça, Em vôos leves de uma aza de beija-flôr; E obrigada a pairar nas rejiões da Justiça Como um corvo que sobe ao céu todo esplendor Para, do alto, melhor lobrigar a carniça...</p> <p>Ai, a alma do tupi, bem mal domesticada A' macaqueação cabocla do europeu, Conserva, forte e viva, a angustia de exilada, A saudade fiel de tudo que perdeu, Da floresta nativa, auzente e desvastada.</p> <p>Assim, de quando em quando assalta-me a cachola Um furioso desejo — ou do mato, ou do mar, Das vastas solidões onde ninguém me amola... E, pássaro cativo, eu fujo, a me escapar Da Civilização — como de uma gaiola.</p> <p>Fujo, escapo, disparo atravez das vielas Plenas de ajitação, de atritos e de pó;</p>
---	--	---

<p>Liberto, a salvo emfim, penetro na floresta Como num templo augusto habitado por Deus; E ante o vasto esplendor da natureza em festa, Sob a aureola em que a cinge a abobada dos ceus — Rendo-lhe a adoração que o meu olhar lhe presta.</p> <p>Nem padres, nem altar, nem liturgia. Um côro De aves canta a alegria ingenua de viver; De longe em longe reza e resmunga um bezouro, E sóbe, como incenso, o perfume, a se erguer Da sombra em flor do chão que o sol polvilha de ouro.</p> <p>E, por um dia ou dous, eis-me entregue, alma antiga De bugre resurrecto, o olhar vago, os pés nus, A' doce Religião da Natureza amiga. E'rro á tôa; o primeiro atalho me conduz, Ver o ceu me contenta; uma arvore me abriga.</p> <p>Estendo-me na relva; e, na delicia absorto De sentir a alma leve, ôca, vazia, .assim Góso a beatitude inteira do conforto De me deixar levar pelo tempo sem fim Como um tôco sem vida a boiar num mar morto.</p>	<p>Liberto, a salvo emfim, penetro na floresta Como num templo augusto habitado por Deus; E ante o vasto esplendor da natureza em festa, Sob a aureola em que a cinje a abobada dos céus —Rendo-lhe a adoração que o meu olhar lhe presta.</p> <p>Nem padres, nem altar, nem liturgia... Um côro De aves canta a alegria injenua de viver; De lonje em lonje reza e resmunga um bezouro, E sóbe, como incenso, o perfume, a se erguer Da sombra em flôr do chão que o sol polvilha de ouro.</p> <p>E, por um dia ou dous, eis-me entregue, alma antiga De bugre resurréto, o olhar vago, os pés nus, A' doce Relijião da Natureza amiga... Erro á tôa: o primeiro atalho me conduz, Vêr o céu me contenta; uma arvore me abriga.</p> <p>Estendo-me na relva; e, na delicia absorto De sentir a alma leve, ôca, vazia... assim Gózo a beatitude inteira do: conforto De me deixar levar pelo tempo sem fim</p>	<p>Salvo-me, aos esbarrões, dando cebo ás canelas, A ouvir a voz de algum descendente de Job Que apregôa Moral — coberto de mazelas.</p> <p>Liberto, a salvo emfim, penetro na floresta Como num templo augusto habitado por Deus; E ante o vasto esplendor na natureza em festa, Sob a aureola em que a cinje a abobada dos céus, — Rendo-lhe a adoração que o meu olhar lhe presta.</p> <p>Nem padres, nem altar, nem liturgia... Um côro De aves canta a alegria injenua de viver; De lonje em lonje reza e resmunga um bezouro. E sobe, como incenso, o perfume, a se erguer Da sombra em flôr do chão que o sol polvilha de ouro.</p> <p>E, por um dia ou dous, eis-me entregue, alma antiga De bugre resurréto, o olhar vago, os pés nus, A' doce Relijião da Natureza amiga... Erro á tôa: o primeiro atalho me conduz, Vêr o céu me contenta; uma arvore me abriga.</p>
---	--	---

<p>Não pensar, não querer. A ambição e a saudade Adormecidas; morta essa ilusão pueril De fazer intervir no Destino a Vontade. Ignorar o Minuto, insecto odioso e vil Que rói a vida e vai tecendo a eternidade.</p> <p>Na solidão do mato, esqueço, ignoro, em suma: Sou feliz. Dou sueto a esta alma de aluguel Que vive, de auto em auto, a desfazer-se em espuma; E, livre do canudo atroz de bacharel, Passo orgulhosamente a ser cousa nenhuma.</p> <p>E o mar então. O mar, o velho confidente De sonhos que a mim mesmo hesito em confessar, Atraí-me; a sua voz chama-me docemente, Dá-me uma embriaguez como feita de luar. O mar é para mim como o Ceu para um crente.</p> <p>Vê tu lá, Valdomiro, o bugre apenas manso Que eu sou. Sob o verniz que me disfarça, está O tapuia boçal, bravio como um ganso, Devoto da Preguiça, amigo do descanso, — Um neto do remoto avô Tibiriçá.</p>	<p>Como um tóco sem vida. a boiar num mar morto.</p> <p>Não pensar, não querer... A ambição e a saudade Adormecidas; morta essa ilusão pueril De fazer intervir, no Destino a Vontade... Ignorar o Minuto, insecto odioso e vil Que rói a vida e vai tecendo a eternidade...</p> <p>Na solidão do mato, esqueço, ignoro, em suma: Sou feliz. Dou sueto a esta alma de aluguel Que vive, de auto em auto, a desfazer-se em espuma; E, livre do canudo atroz de bacharel, Passo orgulhosamente a ser couza nenhuma.</p> <p>E o mar então... O mar, o velho confidente De sonhos que a mim mesmo hesito em confessar, Atraí-me; a. sua voz chama-me docemente, Dá-me uma embriaguez como feita de luar... O mar é para mim como o Céu para um crente.</p> <p>Vê tu lá, Waldomiro, o bugre apenas manso Que eu sou. Sob o verniz que me disfarça, está O tapuia boçal, bravio como um ganso, Devoto da Preguiça, amigo do descanso, — Um neto do remoto avô Tibiriçá.</p>	<p>Estendo-me na relva; e, na delícia absorto De sentir a alma leve, ôca, vazia... assim Gózo a beatitude inteira do conforto De me deixar levar pelo tempo sem fim Como um toco sem vida a boiar num mar morto.</p> <p>Não pensar, não querer... A ambição e a saudade Adormecidas; morta essa ilusão pueril De fazer intervir no Destino a Vontade... Ignorar o Minuto, insecto odioso e vil Que rói a vida e vai tecendo a eternidade...</p> <p>Na solidão do mato, esqueço, ignoro, em suma: Sou feliz. Dou sueto a esta alma de aluguel Que vive, de auto em auto, a desfazer-se em espuma; E, livre do canudo atroz de bacharel, Passo orgulhosamente a ser cousa nenhuma.</p> <p>E o mar então... O mar, o velho confidente De sonhos que a mim mesmo hesito em confessar, Atraí-me; a sua voz chama-me docemente, Dá-me uma embriaguez como feita de luar... O mar é para mim como o Céu para um crente.</p> <p>Vê tu lá, Valdomiro, o bugre apenas manso</p>
--	---	---

<p>Impetos de voltar, fugido, para o mato, De me fazer ao mar numa casca de noz: Eis o vício do bugre, eis o meu vício inato, Eis o que eu em remorso e em colicas resgato, Eis o crime de ser neto de meus avós.</p> <p>E agora, conhecendo a verdade inteiriça, Perdôa a um pescador seus pecados mortais, Perdôa a um preguiçoso os crimes da Preguiça, E a um bugre como eu sou, não ter na alma insubmissa O culto da Visita e dos Cartões Postais!</p> <p>Falando agora a serio — e envergonhado o digo: Não, desculpa não ha que ouse em proza valer A's mil faltas em que eu estou para contigo. O verso diz. o que não ha para dizer: Pague, pois, o poeta as dividas do amigo.</p> <p>Paga-as; paga-as á vista, em rima numerosa; Paga-as de rosto alegre e coração feliz, Porque, na mesma estrofe exacta e afectuosa, Póde, na mesma voz que o mesmo verso diz, Saudar a um tempo o amigo e o principe da proza.</p> <p>Lida a defeza, que é tão extensa e tão crua, Outorga ao réo confesso um perdão liberal. Pai do ceu! ainda aqui fiz uma falcatrúa: Sendo a defeza assim tão comprida — afinal</p>	<p>Impetos de voltar, fujido, para o mato, De me fazer ao mar numa casca de noz: Eis o vício do bugre, eis o meu vício inato, Eis o que eu em remorso e em colicas resgato, Eis o crime de ser neto de meus avós.</p> <p>E agora, conhecendo a verdade inteiriça, Perdôa a um pescador seus pecados mortais, Perdôa a um preguiçozo os crimes da Preguiça, E a um bugre como eu sou, não ter na alma insubmissa O culto da vizita e dos Cartões Postais!</p> <p>Falando agora a serio — e envergonhado o digo: Não, desculpa não ha que ouze em proza valer As mil faltas em que eu estou para contigo. O verso diz... o que não ha para dizer: Pague, pois, o poeta as dividas do amigo.</p> <p>Paga-as; paga-as á vista, em rima numeroza; Paga-as de rosto alegre e coração feliz, Porque, na mesma estrofe ezata e afetuoza, Póde, na mesma voz que o mesmo verso diz, Saudar a um tempo o amigo e o principe da proza.</p> <p>Lida a defeza, que é tão estensa e tão crua, Outorga ao réo confesso um perdão liberal... Pai do céu! ainda aqui fiz uma falcatrúa:</p>	<p>Que eu sou. Sob o verniz que me disfarça, está O tapuia boçal, bravio como um ganso, Devoto da Preguiça, amigo do descanso, — Um neto do remoto avô Tibiriçá.</p> <p>Impetos de voltar, fujido, para o mato, De me fazer ao mar numa casca de noz: Eis o vício do bugre, eis o meu vício inato, Eis o que eu em remorso e em doenças resgato, Eis o crime de ser neto de meus avós.</p> <p>E agora, conhecendo a verdade inteiriça, Perdôa a um pescador seus pecados mortais, Perdôa a um preguiçoso os crimes da Preguiça, E a um bugre como eu sou, não ter na alma insubmissa O culto da visita e dos Cartões Postais!</p> <p>Falando agora serio — e envergonhado o digo: Não, desculpa não ha que ouse em prosa valer A's mil faltas em que eu estou para contigo. O verso diz... o que não ha para dizer: Pague, pois, o poeta as dividas do amigo.</p> <p>Paga-as; paga-as á vista, em rima numerosa; Paga-as de rosto alegre e coração feliz, Porque, na mesma estrofe exata e afetuoza, Póde, na mesma voz que o mesmo verso diz,</p>
--	--	--

Os pecados são meus — e a penitencia é tua.	Sendo a defeza assim tão comprida — afinal Os pecados são meus — e a penitencia é tua...	Saudar a um tempo o amigo e o príncipe da prosa. Lida a defeza, que é tão estensa e tão crua, Outorga ao réo confesso um perdão liberal... Pai do céu! ainda aqui fiz uma falcatura: Sendo a defeza assim tão comprida — afinal Os pecados são meus — e a penitencia é tua...
	(18) ORAÇÃO PAGÃ	(16) ORAÇÃO PAGÃ
	<p>Felicidade em que eu nem creio. E é quazi nada.. Hontem, emfim, O seu olhar acazo veio Pouzar em mim.</p> <p>Viu-me? Não sei. Talvez não visse... Nem sabe a garça, errante no ar, Da sua sombra á superfície Azul do mar;</p> <p>Nem sabe a estrela, a clara estrela Que, no alto ceu, toda é fulgor, De quanto humilde arbusto, ao vel-a, Palpita em flor.</p> <p>Olhou-me; olhou . . . Mas eu duvido Que reparasse em mim — porque Ha um olhar, tão distraído, Que olha, e não vê...</p> <p>Essa mulher formosa e santa Passa entre os homens — atravez</p>	<p>Felicidade em que eu nem creio... E é quazi nada... Hontem, emfim, O seu olhar acaso veio Pouzar em mim.</p> <p>Viu-me? Não sei. Talvez não visse... Nem sabe a garça, errante no ar, Da sua sombra á superfície Azul do mar;</p> <p>Nem sabe a estrela, a clara estrela Que, no alto ceu, toda é fulgor, De quanto humilde arbusto, ao vel-a, Palpita em flor.</p> <p>Olhou-me; olhou... Mas eu duvido Que reparasse em mim — porque Ha um olhar, tão distraído, Que olha, e não vê...</p>

	<p>De hinos de amor que o chão levanta Sob os seus pés;</p> <p>Alma não ha que se não dobre A esse ezemplar da Perfeição: Olhar que a fite—é como um pobre Que estende a mão.</p> <p>E ela, fuljindo em plena gloria Da formozura triunfal, Passa, e não vê : branca, marmórea, Escultural...</p> <p>Estatua fria ou deuzza altiva, Pela mulher que ela não é Arde e palpita a chama viva Da minha fé:</p> <p>Alucinado de esperança, Misto de crente e pecador, Aspiro á bemaventurança Do seu amor.</p> <p>Que doudo, o sonho em que me abraço Só porque, em suma, aconteceu Que um seu olhar, olhar de acazo, Pouzou no meu.</p> <p>Que esperas tu, paixão profana, Fazer vibrar, para teu bem, Na altiva deuzza — a fibra humana Que ela não tem?</p>	<p>Essa mulher formosa e santa Passa entre os homens — atravez De himnos de amor que o chão levanta Sob os seus pés;</p> <p>Alma não ha que se não dobre A esse exemplar da Perfeição: Olhar que a fite — é como um pobre Que estende a mão.</p> <p>E ela, fuljindo em plena gloria Da formosura triunfal, Passa, e não vê: branca, marmórea, Escultural...</p> <p>Estatua fria ou deuzza altiva, Pela mulher que ela não é Arde e palpita a chama viva Da minha fé:</p> <p>Alucinado de esperança, Misto de crente e pecador, Aspiro á bemaventurança Do seu amor.</p> <p>Que doudo o sonho em que me abraço Só porque, em suma, aconteceu Que um seu olhar, olhar de acaso, Pouzou no meu...</p> <p>Que esperas tu, paixão profana,</p>
--	---	---

	<p>O' meu amor, porção de nadas! Tu sonhas tanto... E eu vejo só Sonhos que de azas fracturadas Rojam no pó.</p>	<p>Fazer vibrar, para teu bem, Na altiva deuza — a fibra humana Que ela não tem?</p> <p>O' meu amor, porção de nadas! Tu sonhas tanto... E eu vejo só Sonhos que de azas fracturadas Rojam no pó...</p>
(12) A PARTIDA DA MONÇÃO	(20) A PARTIDA DA MONÇÃO	(17) A PARTIDA DA MONÇÃO
<p>I</p> <p>Eil-as, as toscas naus de borda rastejante A' flor das aguas, naus de estreitos rios quietos; Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insectos.</p> <p>Nem o porte arrogante, o sobranceiro aprumo — Altivo no descanso e ousado nos tufões — Dessas aguias que vão bordejando sem rumo Pelo acaso do mar, feito de turbilhões;</p> <p>Nem a airoza altivez de velas desfraldadas Fulgindo ao sol, ao vento abroquelando o bojo; Nem prôas a romper ondas e espumaradas, Pelos parceiros em fúria arroteando o rebojo;</p> <p>Nada disso que faz o petulante orgulho De afoutos bergantins e galeras reais: Calcar a onda, rompel-a, ouvindo no marulho</p>	<p>I</p> <p>Eil-as, as toscas naus de borda rastejante A' flôr das aguas, naus de estreitos rios quietos; Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insetos.</p> <p>Nem o porte arrogante, o sobranceiro aprumo — Altivo no descanso e ouzado nos tufões — Dessas aguias que vão bordejando sem rumo Pelo acazo do mar, feito de turbilhões;</p> <p>Nem a airoza altivez de velas desfraldadas Fuljindo ao sol, ao vento abroquelando o bojo; Nem prôas a romper ondas e espumaradas, Pelos parceiros em furia arroteando o rebojo;</p> <p>Nada disso que faz o petulante orgulho De afoutos bergantins e galeras reais: Calcar a onda, rompel-a, ouvindo no marulho</p>	<p>I</p> <p>Eil-as, as toscas naus de borda rastejante A' flôr das águas, naus de estreitos rios quietos; Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insetos.</p> <p>Nem o porte arrogante, o sobranceiro aprumo — Altivo no descanso e ousado nos tufões — Dessas aguias que vão bordejando sem rumo Pelo acaso do mar, feito de turbilhões;</p> <p>Nem a airoza altivez de velas desfraldadas Fuljindo ao sol, ao vento abroquelando o bojo; Nem prôas a romper ondas e espumaradas, Pelos parceiros em fúria arroteando o rebojo;</p> <p>Nada disso que faz o petulante orgulho De afoutos bergantins e galeras reais: Calcar a onda, rompel-a, ouvindo no marulho</p>

<p>A comemoração de seus passos triunfais;</p> <p>Nem adeante, acirrando o desejo atrevido De aventura e perigo, ancias de gloria, em suma, — A infinita extensão do mar ermo, perdido Nos confins do horizonte amortalhado em bruma;</p> <p>Nem o arroubo, a poesia, a esperança fogosa De ir ao longe, atravez das ondas, conquistar A nudeza paga e a virgindade ociosa De ermas ilhas em flor nas solidões do mar</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>Humildes, toscas naus de borda rastejante A' tona d'agua, naus de estreitos rios quietos, Vão apenas abrir para o sertão distante O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insectos.</p> <p>Levadas no pendôr macio da corrente, Irão seguindo, irão seguindo sem rumor E sem vontade, mole e resignadamente, Por um rumo servil, forçado e encantador.</p> <p>A raiva dos tufões (como a grita afastada Dé éco em éco se adoça em suspiro de maguas) Esvaída, a morrer de quebrada em quebrada, Mal roçará de leve a face azul das águas.</p>	<p>A comemoração de seus passos triunfais;</p> <p>Nem adeante, acirrando o dezejo atrevido De aventura e perigo, ancias de gloria, em suma, — A infinita estensão do mar ermo, perdido Nos confins do horizonte amortalhado em bruma;</p> <p>Nem o arroubo, a poesia, a esperança fogoza De ir ao longe, atravez das ondas, conquistar A nudeza pagã e a virjindade ocioza De ermas ilhas em flôr nas solidões do mar...</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>Humildes, toscas naus de borda rastejante A' tona d'agua, naus de estreitos rios quietos, Vão apenas abrir para o Sertão distante O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insetos...</p> <p>Levadas no pendôr macio da corrente, Irão seguindo, irão seguindo sem rumor E sem vontade, mole e rezignadamente, Por um rumo servil, forçado e encantador.</p> <p>A raiva dos tufões (como a grita afastada De éco em éco se adoça em suspiro de maguas) Esvaída, a morrer de quebrada em quebrada, Mal roçará de leve a face azul das águas.</p>	<p>A comemoração de seus passos triunfais;</p> <p>Nem adeante, acirrando o desejo atrevido De aventura e perigo, ancias de gloria, em suma, — A infinita estensão do mar ermo, perdido Nos confins do horizonte amortalhado em bruma;</p> <p>Nem o arroubo, a poesia, a esperança fogosa De ir ao lonje, atravez das ondas, conquistar A nudeza pagã e a virjindade ociosa De ermas ilhas em flôr nas solidões do mar...</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>Humildes, toscas naus de borda rastejante A' tona d'agua, naus de estreitos rios quietos, Vão apenas abrir para o sertão distante O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insetos.</p> <p>Levadas no pendôr macio da corrente, Irão seguindo, irão seguindo sem rumor E sem vontade, mole e resignadamente, Por um rumo servil, forçado e encantador.</p> <p>A raiva dos tufões (como a grita afastada De éco em éco se adoça em suspiro de maguas) Esvaída, a morrer de quebrada em quebrada, Mal roçará de leve a face azul das águas.</p>
--	--	--

<p>Em todo o curso, a terra ao lado, seio amigo, Companheira constante e proteção fiel, Pondo o socorro á mão nas ancias do perigo, Dando ao goso do olhar delicias de um verjel.</p> <p>E o rio, manso, manso. a ondular, murmurando O seu murmurio igual, monotono estribilho, Morosa cantilena, em voz baixa e em tom brando, De mãi que embala o berço onde repousa o filho.</p> <p>E o rio, manso, manso. a embalal-as, descendo, No balanço subtil da mole ondulação, E a arrastal-as, de leve, assim, para o tremendo, Para o lonjiquo, vago, infinito sertão.</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p>Hão de em breve surgir, pelas margens sinuosas Florestas virgens de onde um confuso rumor Sóbe de solidões profundas, misteriosas, Como um uivo agourento, um uivo ameaçador.</p> <p>Voz sem éco, a não ser na alma de quem a escuta, Surdo resfolega de monstro provocado</p>	<p>Em todo o curso, a terra ao lado, seio amigo, Companheira constante e proteção fiel, Pondo o socorro á mão nas ancias do perigo, Dando ao gozo do olhar delicias de um verjel.</p> <p>E o rio, manso, manso... a ondular, murmurando O seu murmurio igual, monotono estribilho, Moroza cantilena, em voz baixa e em tom brando, De mãi que embala o berço onde repouza o filho.</p> <p>E o rio, manso, manso... a embalal-as, decendo, No balanço sutil da mole ondulação, E a arrastal-as, de leve, assim, para o tremendo, Para o lonjiquo, vago, infinito sertão...</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p>Hão de em breve surjir, pelas marjens sinuozas Florestas virjens de onde um confuzo rumor Sobe de solidões profundas, misteriozas, Como um uivo agourento, um uivo ameaçador.</p>	<p>Em todo o curso, a terra ao lado, seio amigo, Companheira constante e proteção fiel, Pondo o socorro á mão nas ancias do perigo, Dando ao gozo do olhar delicias de um verjel.</p> <p>E o rio, manso, manso... a ondular, murmurando O seu murmurio igual, monotono estribilho, Morosa cantilena, em voz baixa e em tom brando, De mãi que embala o berço onde repousa o filho.</p> <p>E o rio, manso, manso... a embalal-as, descendo, No balanço sutil da mole ondulação, E a arrastal-as, de leve, assim, para o tremendo, Para o lonjiquo, vago, infinito sertão...</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p>Hão de em breve surjir, pelas marjens sinuosas Florestas virjens de onde um confuso rumor Sobe de solidões profundas, misteriosas, Como um uivo agourento, um uivo ameaçador.</p> <p>Voz sem éco, a não ser na alma de quem a escuta,</p>
--	---	--

<p>Que de repente acorda e, prestes para a luta, Abre a guela de sombra, e espera, socegado.</p> <p>Socegado, seguro, apercebido, espera, Os que lhe vêm trazer, fanática oblação, Corações para a flexa e sangue para a fera, Carniça para o abutre e ossadas para o chão.</p> <p>A oculta sucuri, das hervas no disfarce, Ergue a cabeça, afirma o olhar esconso e fusco, É vagarosamente, e como a espreguiçar-se, Desenrodilha o corpo e apresta o salto brusco.</p> <p>Na sombra eternamente apagada, noturna, De fundos socavões virgens da luz solar, Em cada gruta, em cada escuro, em cada furna, Relampejam fuzis nos olhos de um jaguar</p> <p style="text-align: center;">IV</p> <p>Depois da mata escura, o campo undoso e verde, Banhado em sol, fechado em céu ao longe; e assim Tão vasto e nu, que o olhar se fatiga e se perde Num esplendor sem sombra e num ermo sem fim.</p> <p>Paira, grassa em redor, toda a melancolia</p>	<p>Voz sem éco, a não ser na alma de quem a escuta, Surdo resfolegar de monstro provocado Que de repente acorda e, prestes para a luta, Abre a guela de sombra, e espera, socegado.</p> <p>Socegado, seguro, apercebido, espera Os que lhe vêm trazer, fanática oblação, Corações para a flexa e sangue para a fera, Carniça para o abutre e ossadas para o chão.</p> <p>A oculta sucuri, das hervas no disfarce, Ergue a cabeça, afirma o olhar esconso e fusco, E vagarosamente, e como a espreguiçar-se, Desenrodilha o corpo e apresta o salto brusco.</p> <p>Na sombra eternamente apagada, noturna, De fundos socavões virgens da luz solar, Em cada gruta, em cada escuro, em cada furna, Relampejam fuzis nos olhos de um jaguar...</p> <p style="text-align: center;">IV</p> <p>Depois da mata escura, o campo undoso e verde, Banhado em sol, fechado em céu ao longe; e assim Tão vasto e nú, que o olhar se fatiga e se perde</p>	<p>Surdo resfolegar de monstro provocado Que de repente acorda e, prestes para a luta, Abre a guela de sombra, e espera, socegado.</p> <p>Socegado, seguro, apercebido, espera Os que lhe vêm trazer, fanática oblação, Corações para a flexa e sangue para a fera, Carniça para o abutre e ossadas para o chão.</p> <p>A oculta sucuri das hervas no disfarce, Ergue a cabeça, afirma o olhar esconso e fusco, E vagarosamente, e como a espreguiçar-se, Desenrodilha o corpo e apresta o salto brusco.</p> <p>Na sombra eternamente apagada, noturna, De fundos socavões virgens da luz solar, Em cada gruta, em cada escuro, em cada furna, Relampejam fuzis nos olhos de um jaguar...</p> <p style="text-align: center;">IV</p> <p>Depois da mata escura o campo undoso e verde, Banhado em sol, fechado em céu ao longe, e assim Tão vasto e nú, que o olhar se fatiga e se perde Num esplendor sem sombra e num ermo sem fim.</p>
--	---	---

<p>De uma paisagem morta, igual, deserta e imensa, Pondo nos olhos e nas almas que enfastia Um peso ainda maior que a dor, a indiferença.</p> <p>Desanimado, absorto, ante essa indefinida Solidão que se espraia além, além. o olhar Tem a impressão que faz a tristeza da vida: De ir seguindo, seguindo. e nunca mais voltar.</p> <p>Sobre os dias irão caindo as noutes. Vastas Noutes de um céu que é todo azul de lado a lado, Quando, ó triste luar das planícies, afastadas Ainda mais, ainda mais, o horizonte afastado.</p> <p style="text-align: center;">V</p> <p>De repente, uma flexa alijera sibila. De onde veio? Da sombra. E a sombra, de repente, — Traição da cascavel numa alfombra tranquila — Principia a silvar com silvos de serpente.</p> <p>Por toda parte a larga escuridão se anima Desse leve rumor que espalha a morte, e sai Do chão e voa, ou vem rastejante, ou, de cima, Salpicado, vivaz, como um granizo, cá.</p>	<p>Num esplendor sem sombra e num ermo sem fim.</p> <p>Paira, grassa em redor, toda a melancolia De uma paisagem morta, igual, deserta e imensa, Pondo nos olhos e nas almas que enfastia Um peso ainda maior que a dor, a indiferença.</p> <p>Desanimado, absorto, ante essa indefinida Solidão que se espraia além, além... o olhar Tem a impressão que faz a tristeza da vida: De ir seguindo, seguindo... e nunca mais voltar.</p> <p>Sobre os dias irão caindo as noutes... Vastas Noutes de um céu que é todo azul de lado a lado, Quando, ó triste luar das planícies, afastas Ainda mais, ainda mais, o horizonte afastado...</p> <p style="text-align: center;">V</p> <p>De repente, uma flexa alijera sibila. De onde veio? Da sombra. E a sombra, de repente, — Traição da cascavel numa alfombra tranquila — Principia a silvar com silvos de serpente.</p>	<p>Paira, grassa em redor, toda a melancolia De uma paisagem morta, igual, deserta e imensa, Pondo nos olhos e nas almas que enfastia Um peso ainda maior que a dor, a indiferença.</p> <p>Desanimado, absorto, ante essa indefinida Solidão que se espraia além, além... o olhar Tem a impressão que faz a tristeza da vida: De ir seguindo, seguindo... e nunca mais voltar.</p> <p>Sobre os dias irão caindo as noutes... Vastas Noutes de um céu que é todo azul de lado a lado, Quando, ó triste luar das planícies, afastas Ainda mais, ainda mais, o horizonte afastado...</p> <p style="text-align: center;">V</p> <p>De repente, uma flexa alijera sibila. De onde veio? Da sombra. E a sombra, de repente, — Traição da cascavel numa alfombra tranquila — Principia a silvar com silvos de serpente.</p> <p>Por toda parte a larga escuridão se anima Desse leve rumor que espalha a morte, e sai</p>
--	---	--

<p>Bruscamente borbulha em fantasmas a margem Ajitada do rio. O clarão da metralha Responde á sombra. E de éco em éco a imensa vargem Reboa de um fragor de guerra e de batalha.</p> <p>Eis o caminho aberto ao triunfo e á conquista. — Como a corça ferida escapa e foge em vão, Deixando atrás, deixando, humida e fresca, a pista De seu flanco rasgado e sangrando no chão;</p> <p>Fugitiva e dispersa, a turba dos vencidos Atrái, guia, conduz para a tribu distante, Para a perdida paz de seus lares traídos, A guerra, o cativoeiro, a morte: o bandeirante.</p> <p>Ferve a luta. De serra a serra voa o rouco Som da inubia, acordando écos e legiões; Ouriço monstruoso, o sertão, pouco a pouco Todo se erriça das flexas de cem nações.</p> <p style="text-align: center;">VI</p> <p>Eil-as, as toscas naus de borda rastejante, A' flor das aguas, naus de estreitos rios quietos; Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante, Para assombros de gloria, o seu vôo de insectos.</p>	<p>Por toda parte a larga escuridão se anima Desse leve rumor que espalha a morte, e sái Do chão e vòa, ou vem rastejante, ou, de cima, Salpicado, vivaz, como um granizo, cáí...</p> <p>Bruscamente borbulha em fantasmas a margem Ajitada do rio. O clarão da metralha Responde á sombra. E de éco em éco a imensa varjem Reboa de um fragor de guerra e de batalha.</p> <p>Eis o caminho aberto ao triunfo e á conquista, — Como a corça ferida escapa e foje em vão, Deixando atrás, deixando, humida e fresca, a pista De seu flanco rasgado e sangrando no chão;</p> <p>Fugitiva e dispersa, a turba dos vencidos Atrái, guia, conduz para a tribu distante, Para a perdida paz de seus lares traídos, A guerra, o cativoeiro, a morte: o bandeirante.</p> <p>Ferve a luta. De serra a serra vòa o rouco Som da inubia, acordando écos e lejiões; Ouriço monstruozo, o sertão, pouco a pouco Todo se erriça das flexas de cem nações...</p> <p style="text-align: center;">VI</p> <p>Ei-las, as toscas naus de borda rastejante,</p>	<p>Do chão e vòa, ou vem rastejante, ou, de cima, Salpicado, vivaz como um granizo, cáí...</p> <p>Bruscamente borbulha em fantasmas a margem Ajitada do rio. O clarão da metralha Responde á sombra. E de éco em éco a imensa varjem Reboa de um fragor de guerra e de batalha.</p> <p>Eis o caminho aberto ao triunfo e á conquista, — Como a corça ferida escapa e foje em vão, Deixando atrás, deixando humida e fresca, a pista De seu flanco rasgado e sangrando no chão;</p> <p>Fugitiva e dispersa, a turba dos vencidos Atrai, guia, conduz para a tribu distante, Para a perdida paz de seus lares traídos, A guerra, o cativoeiro, a morte: o bandeirante.</p> <p>Ferve a luta. De serra a serra vòa o rouco Som da inubia, acordando écos e lejiões; Ouriço monstruoso, o sertão, pouco a pouco Todo se erriça das flexas de cem nações...</p> <p style="text-align: center;">VI</p> <p>Eil-as, as toscas naus de borda rastejante. A' flôr das águas, naus de estreitos rios quietos;</p>
--	--	---

<p>Apinhem-se na praia os velhos, derramando De encarquilhadas mãos inuteis para mais A bençam dos que já se sentem bruxoleando Aos que lhes vão tornar os nomes imortais.</p> <p>Mães, deixai que, sonhando, a vista embevecida De vossos filhos pouze, e se ilumine, e aprenda Nessa formosa folha em que o livro da vida Tem estrofes de poema e proporções de lenda.</p> <p>Noivas, com os corações envoltos na penumbra Indeciza do amor que se orgulha e se dóe, Vinde trazer-lhes vosso olhar de que resumbra Saudade pelo amante e enlevo pelo heroe.</p> <p>Ao largo, emfim! Clarins e buzinas atroam. E as canoas, na luz da manhã cor de rosa, Pairam por um momento em pleno rio; aproam Para o sertão. E rompe a marcha vagarosa.</p> <p>Nos barrancos, até rente d'agua investidos De filhos a sorrir e de mãis a chorar, Lancem as frouxas mãis e os olhos comovidos O derradeiro adeus e o derradeiro olhar</p> <p>VII</p>	<p>A' flôr das aguas, naus de estreitos rios quietos; Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante, Para assombros de gloria, o seu vôo de insetos.</p> <p>Apinhem-se na praia os velhos, derramando De encarquilhadas mãos inuteis para mais A bençam dos que já se sentem bruxoleando Aos que lhes vão tornar os nomes imortais.</p> <p>Mães, deixai que, sonhando, a vista embevecida De vossos filhos pouze, e se ilumine, e aprenda Nessa formosa folha em que o livro da vida Tem estrofes de poema e proporções de lenda.</p> <p>Noivas, com os corações envoltos na penumbra Indeciza do amor que se orgulha e se dóe, Vinde trazer-lhes vosso olhar de que resumbra Saudade pelo amante e enlevo pelo heroe...</p> <p>Ao largo, emfim! Clarins e buzinas atroam. E as canoas, na luz da manhã cor de rosa, Pairam por um momento em pleno rio; aprôam Para o sertão. E rompe a marcha vagarosa.</p> <p>Nos barrancos, até rente d'agua investidos</p>	<p>Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante, Para assombros de gloria, o seu vôo de insetos.</p> <p>Apinhem-se na praia os velhos, derramando De encarquilhadas mãos inuteis para mais A bençam dos que já se sentem bruxoleando Aos que lhes vão tornar os nomes imortais.</p> <p>Mães, deixai que, sonhando, a vista embevecida De vossos filhos pouze, e se ilumine, e aprenda Nessa formosa, folha em que o livro da vida Tem estrofes de poema e proporções de lenda.</p> <p>Noivas, com os corações envoltos na penumbra Indecisa do amor que se orgulha e se dóe, Vinde trazer-lhes vosso olhar de que resumbra Saudade pelo amante e enlevo pelo heroe...</p> <p>Ao largo, emfim! Clarins e buzinas atroam. E as canoas, na luz da manhã cor de rosa, Pairam por um momento em pleno rio; aprôam Para o sertão. E rompe a marcha vagarosa.</p> <p>Nos barrancos, até rente d'agua investidos De filhos a sorrir e de mãis a chorar,</p>
--	--	---

<p>Longe, na solidão do campo undoso e verde, O rio serpenteia. Em cada contorção Mais se afasta. E a fugir, pouco a pouco se perde No magestoso, vago, infinito sertão.</p>	<p>De filhos a sorrir e de mãis a chorar, Lancem as frouxas mãos e os olhos comovidos O derradeiro adeus e o derradeiro olhar...</p> <p>VII</p> <p>Lonje, na solidão do campo undoso e verde, O rio serpenteia. Em cada contorção Mais se afasta. E a fugir, pouco a pouco se perde No majestoso, vago, infinito sertão...</p>	<p>Lancem as frouxas mãos e os olhos comovidos O derradeiro adeus e o derradeiro olhar...</p> <p>VII</p> <p>Lonje, na solidão do campo undoso e verde, O rio serpenteia. Em cada contorção Mais se afasta. E a fugir, pouco a pouco se perde No majestoso, vago, infinito sertão...</p>
	(21) NO MAR LARGO	(18) NO MAR LARGO
	<p>O' lua bem dita Que vens clarear A sombra infinita Da noute no mar!</p> <p>Como princeza encantada Que um leve sonho conduz, Surjes do mar, coroada De um nimbo de ouro e de luz.</p> <p>Surjes; e á tua presença, O ceu, criado por ela, De dentro da noute imensa</p>	<p>O' lua bem dita Que vens clarear A sombra infinita Da noute no mar!</p> <p>Como princeza encantada Que um leve sonho conduz, Surjes do mar, coroada De um nimbo de ouro e de luz.</p> <p>Surjes; e á tua presença, O ceu, criado por ela, De dentro da noute imensa</p>

	<p>Surje, e se azula, e se estréla.</p> <p>O' lua bemdita Que vens clarear A sombra infinita Da noute no mar!</p> <p>Surjida do mar infindo, O infindo ceu te seduz — Campo em flor que vês fuljindo Em flores de ouro e de luz;</p> <p>Teu passo, lento, caminha... Onde vais? E' lonje? E' perto? Sóbes, absorta e sozinha, Pelo azul, vasto e dezerto.</p> <p>O' lua bemdita Que vens clarear A sombra infinita Da noute no mar!</p> <p>Lua, lua, não te apresses: Mais sóbes, mais se reduz No alvor em que empalideces Teu nimbo de ouro e de luz...</p> <p>Onde o teu sonho te arrasta? A que destino? A que termo? Segues... A noute é tão vasta Pelo azul do ceu tão ermo...</p>	<p>Surje, e se azula, e se estréla.</p> <p>O' lua bemdita Que vens clarear A sombra infinita Da noute no mar!</p> <p>Surjida do mar infindo, O infindo ceu te seduz — Campo em flor que vês fuljindo Em flores de ouro e de luz;</p> <p>Teu passo, lento, caminha... Onde vais? E' lonje? E' perto? Sobes, absorta e sozinha, Pelo azul, vasto e deserto.</p> <p>O' lua bemdita Que vens clarear A sombra infinita Da noute no mar!</p> <p>Lua, lua, não te apresses: Mais sóbes, mais se reduz No alvor em que empalideces Teu nimbo de ouro e de luz...</p> <p>Onde o teu sonho te arrasta? A que destino? A que termo? Segues... A noute é tão vasta Pelo azul do ceu tão ermo...</p>
--	--	--

	<p>O' lua bem dita Que vens clarear A sombra infinita Da noute no mar!</p> <p>Tão alto que tu subiste! Tão longe!... Do ceu a flux, Vagueias, palida e triste, Entre as flores de ouro e luz...</p> <p>Como entristece da tua Ausencia, ou das tuas maguas O mar que deixaste, ó lua, Lua surjida das aguas!</p> <p>O' lua bem dita Que vens clarear A sombra infinita Da noute no mar!</p> <p>Como uma lagrima prestes A rolar, pairas suspensa La dos páramos celestes, La do azul da noute imensa:</p> <p>De todo o ceu luminoso Sobre todo o escuro mar Déce o alvor silenciozo Do luar...</p> <p>E o mar, sob a triste alvura Desse livido sudario,</p>	<p>O' lua bem dita Que vens clarear A sombra infinita Da noute no mar!</p> <p>Tão alto que tu subiste! Tão longe!... Do ceu a flux, Vagueias, palida e triste, Entre as flores de ouro e luz...</p> <p>Como entristece da tua Ausencia, ou das tuas maguas O mar que deixaste, ó lua, Lua surjida das aguas!</p> <p>O' lua bem dita Que vens clarear A sombra infinita Da noute no mar!</p> <p>Como uma lagrima prestes A rolar, pairas suspensa La dos páramos celestes, La do azul da noute imensa:</p> <p>De todo o ceu luminoso Sobre todo o escuro mar Déce o alvor silenciozo Do luar...</p> <p>E o mar, sob a triste alvura</p>
--	--	--

	<p>Ermo e vago, se afigura Mais vago, mais solitario...</p> <p>O' linda princeza Que vens aumentar A imensa tristeza Da noute no mar!</p>	<p>Desse livido sudario, Ermo e vago, se afigura Mais vago, mais solitario...</p> <p>O' linda princeza Que vens aumentar A imensa tristeza Da noute no mar!</p>
	(19) DESLUMBRAMENTO	(19) DESLUMBRAMENTO
	<p>Quanto durou essa ilusão perdida, Esse amor, esse encanto, essa alvorada? Dias ou mezes, não o sei, querida: Foi um clarão que me passou na vida, Sei que fuljiu, sei que passou, mais nada.</p> <p>Durante o arroubo da paixão, quem hade Notar o tempo que a fujir se esgueira? No amor, ventura ou infelicidade, Uma esperança doura a vida inteira, Um desengano é toda a eternidade.</p> <p>No absorto enlevo desse amor tão raro, No estaze dessa adoração radioza, Passava o tempo? Nunca puz reparo: A madrugada era um botão de roza Desabrochando em teu sorrizo claro;</p> <p>Havia noutes? Ainda agora penso No olhar de uns olhos negros — ceu imenso De estio em noute sonhadora e calma, Ceu luminoso, a palpitar, suspenso</p>	<p>Quanto durou essa ilusão perdida, Esse amor, esse encanto, essa alvorada? Dias ou mezes, não o sei, querida: Foi um clarão que me passou na vida, Sei que fuljiu, sei que passou, mais nada.</p> <p>Durante o arroubo da paixão, quem ha de Notar o tempo que a fujir se esgueira? No amor, ventura ou infelicidade, Uma esperança doura a vida inteira, Um desengano é toda a eternidade.</p> <p>No absorto enlevo desse amor tão raro, No estase dessa adoração radiosa, Passava o tempo ? Nunca puz reparo: A madrugada era um botão de rosa Desabrochando em teu sorriso claro;</p> <p>Havia noutes? Ainda agora penso No olhar de uns olhos negros — céu imenso</p>

	<p>Sobre essa terra em flor que era a minh'alma;</p> <p>Fosse inverno ou verão, ou noute, ou dia, A natureza inteira, humilde escrava Dos arroubos da minha fantasia, Em cada voz — o teu louvor cantava, Do teu fulgor — toda resplandecia.</p> <p>Sim, esse sonho esplendido —vivi-o! Quando? E quanto durou? Bem pouco importa...</p> <p>A minha vida, agora, é como um rio Que leva á tona, sob o ceu sombrio, A murcha flor de uma esperança morta.</p> <p>«Ah, quem assim me fala ama-me ainda», Dirás comtigo. Em alta voz o négo: Que resta em nós dessa ezistencia finda? Tu , sempre encantadora e sempre linda, E's a mesma, talvez... mas eu estou cégo.</p> <p>Amei-te, já não te amo. Não, de certo. Tu foste uma mirajem deslumbrante Que em meu sonho feliz sonhei tão perto, E desfez-se, deixando-me diante Da tristeza vazia do deserto.</p> <p>O amor de que te amei tão loucamente Era como um olhar que o ceu alcança: Para ti, alto ceu resplandecente, Todo se erguia, no estaze de um crente, Feito de adoração — e de esperança.</p>	<p>De estio em noute sonhadora e calma, Céu luminoso, a palpar, suspenso Sobre essa terra em flor que era a minh'alma;</p> <p>Fosse inverno ou verão, ou noute, ou dia, A natureza inteira, humilde escrava Dos arroubos da minha fantasia, Em cada voz — o teu louvor cantava, Do teu fulgor — toda resplandecia.</p> <p>Sim, esse sonho esplendido — vivi-o! Quando? E quanto durou? Bem pouco importa...</p> <p>A minha vida, agora, é como um rio Que leva á tona, sob um céu sombrio, A murcha flor de uma esperança morta.</p> <p>"Ah, quem assim me fala ama-me ainda", Dirás comtigo. Em alta voz o négo: Que resta em nós dessa ezistencia finda? Tu, sempre encantadora e sempre linda, E's a mesma, talvez... mas eu estou cego.</p> <p>Amei-te, já não te amo. Não, de certo. Tu foste uma mirajem deslumbrante Que em meu sonho feliz sonhei tão perto, E desfez-se, deixando-me diante Da tristeza vazia do deserto.</p> <p>O amor de que te amei tão loucamente Era como um olhar que o céu alcança:</p>
--	--	---

	<p>E hoje, que para toda a eternidade, Eu despertei do sonho de um momento, Hoje, na sombra, penso com saudade Que o teu encanto era uma claridade E o meu amor foi um deslumbramento.</p>	<p>Para ti, alto céu resplandecente, Todo se erguia, no estase de um crente, Feito de adoração — e de esperança.</p> <p>E hoje, que para toda a, eternidade, Eu despertei do sonho de um momento, Hoje, na sombra, penso com saudade Que o teu encanto era uma claridade E o meu amor foi um deslumbramento.</p>
	(06) A VOZ DO SINO	(20) A VOZ DO SINO
	<p>I</p> <p>Tarde triste e silencioza De vila de beira-mar: Uma tarde cor de roza Que vai morrendo em luar...</p> <p>Ao longe, a varzea scintila De uns restos de sol poente; Mas, por sobre toda a vila — Do morro a que fica rente Dece uma sombra tranquila — E anoitece lentamente.</p> <p>Não aparece viv'alma.</p> <p>Nem rumor da natureza, Nem éco de voz humana Perturba a infinita calma, A solitária tristeza Da pobre vila praiana.</p>	<p>I</p> <p>Tarde triste e silenciosa De vila de beira-mar: Uma tarde cor de rosa Que vai morrendo em luar...</p> <p>Ao lonje, a varzea scintila De uns restos de sol poente; Mas, por sobre toda a vila — Do morro a que fica rente Dece uma sombra tranquila — E anoitece lentamente.</p> <p>Não aparece viv'alma.</p> <p>Nem rumor da natureza, Nem éco de voz humana Perturba a infinita calma, A solitaria tristeza Da pobre vila praiana.</p>

	<p>Nem se ouve o mar, lonje, e manso.</p> <p>A tudo, em redor, invade Um ar de mole descanso...</p> <p>Silencio... Imobilidade...</p> <p>Como que, interrompida, A correnteza da vida Fez neste ponto um remanso.</p> <p>De subito, rumoreja Violentemente o ar: Na torrezinha da igreja Rompe o sino a badalar.</p> <p>Ponho-me, atento, a escutal-o: Que diz, alto e repentino, Esse bater de um badalo Num sino?</p> <p>Badalo que assim badalas No sino que assim resoa, Aves, já nenhuma voa: Dormem; e vais acordal-as Á toa...</p> <p>Vais espantar quanta moça Ahi pelos arredores Depois de um dia de roça, De enxada e de soalheira,</p>	<p>Nem se ouve o mar, lonje, e manso.</p> <p>A tudo, em redor, invade Um ar de mole descanso...</p> <p>Silencio... Imobilidade...</p> <p>Como que, interrompida, A correnteza da vida Fez neste ponto um remanso.</p> <p>De súbito, rumoreja Violentemente o ar: Na torrezinha da igreja Rompe o sino a badalar.</p> <p>Ponho-me atento, a escutal-o: Que diz, alto e repentino, Esse bater de um badalo Num sino?</p> <p>Badalo que assim badalas No sino que assim resoa, Aves, já nenhuma voa: Dormem; e vais acordal-as A' toa...</p> <p>Vais espantar quanta moça Ahi pelos arredores Depois de um dia de roça, De enxada e de soalheira,</p>
--	--	--

	<p>Dedica a tarde ligeira A tarefas bem melhores:</p> <p>Pelas discretas beiradas De alguma fonte; fiadas Na proteção pitoresca De ramajens, folhas, flores; Que fazem elas? Coitadas, Bebem, nas mãos, água fresca.. Lavam as caras tostadas... Ou cuidam dos seus amores...</p> <p>Badalo que assim badalas No sino que assim resoa, Olha que vais espantal-as Á toa...</p> <p>Badalas... E eu que te falo Não sei e nem imagino Que pretendes tu, badalo, A bater, bater no sino.</p> <p>Talvez convoques á ceia Pescadores que, lidando, Nem viram que entardeceu; Algum se estendeu na areia A descansar; sinão quando, De cansado adormeceu...</p> <p>Badala-me assim, badala: Esperta este dorminhoco; Que ou ele, acordando, abala,</p>	<p>Dedica a tarde ligeira A tarefas bem melhores:</p> <p>Pelas discretas beiradas De alguma fonte; fiadas Na proteção pitoresca De ramajens, folhas, flores; Que fazem elas? Coitadas, Bebem, nas mãos, água fresca... Lavam as caras tostadas... Ou cuidam dos seus amores...</p> <p>Badalo que assim badalas No sino que assim resoa, Olha que vais espantal-as A' tôa...</p> <p>Badalas... E eu que te falo Não sei e nem imagino Que pretendes tu, badalo, A bater, bater no sino.</p> <p>Talvez convoques á ceia Pescadores que, lidando, Nem viram que entardeceu; Algum se estendeu na areia A descansar; sinão quando, De cansado adormeceu...</p> <p>Badala-me assim, badala: Esperta este dorminhoco;</p>
--	---	---

	<p>Ou fica dormindo — e em troco Da sua madraçaria, Chegando á caza atrasado Acha no fogo apagado A caldeirada já fria.</p> <p>Badalo que assim badalas No sino que assim atroa, Porque é que tão alto falas Á toa?</p> <p>A andar com menos demora Talvez tua voz compila Certo rei dos mandriões Encarregado em má hora De, nas trez ruas da vila, Acender os lampeões...</p> <p>Chamas, talvez, ao seu posto. Quem? Algum camaroeiro Retardado e mal disposto A seguir para o pesqueiro?</p> <p>Badala-lhe que é sol posto, Que a lua cheia está fora, Que, com pequena demora, Vai a maré a vazar: Para chegar á costeira Tem ele uma legua inteira De caminho a caminhar, Vencendo-a de combro em combro De atoleiro em atoleiro,</p>	<p>Que ou ele, acordando, abala, Ou fica dormindo — e em troco Da sua madraçaria, Chegando á casa atrasado Acha no fogo apagado A caldeirada j á fria.</p> <p>Badalo que assim badalas No sino que assim atroa, Porque é que tão alto falas A' tôa?</p> <p>A andar com menos demora Talvez tua voz compila Certo rei dos mandriões Encarregado em má hora De, nas trez ruas da vila, Acender os lampeões...</p> <p>Chamas, talvez, ao seu posto. Quem? algum camaroeiro Retardado e mal disposto A seguir para o pesqueiro?</p> <p>Badala-lhe que é sol posto, Que a lua cheia está fora, Que, com pequena demora, Vai a maré a vazar: Para chegar á costeira Tem ele uma légua inteira De caminho a caminhar,</p>
--	--	--

	<p>Com o remo e o puçá no hombro E, na mão, o candieiro...</p> <p>Ruidozo sino da vila! E é por couzas tão vulgares Que atroas assim os ares De uma tarde tão tranquila?</p> <p>II</p> <p>Badalo que assim badalas. Que voz de repente soa Acompanhando-te as falas Á toa?</p> <p>É voz de gente que canta... De gente. E parece tanta...</p> <p>Da humilde igreja irradia E para o ceu se alevanta A reza da Ave, Maria.</p> <p>As vozes e as badaladas Confundem-se... Misturadas No fervor da mesma prece, Sóbem juntas para o ar Onde a lua resplandece E a noute, imensa, parece Feita do alvor do luar...</p> <p>Sobre a soleira da porta Da caza pegada á minha,</p>	<p>Vencendo-a de combro em De atoleiro em atoleiro, Com o remo e o puçá no hombro E, na mão, o candieiro...</p> <p>Ruidoso sino da vila ! E é por cousas tão vulgares Que atroas assim os ares De uma tarde tão tranqüila?</p> <p>II</p> <p>Badalo que assim badalas... Que voz de repente soa Acompanhando-te as falas A' tôa?</p> <p>E ' voz de gente que canta. De gente... E parece tanta...</p> <p>Da humilde igreja irradia E para o ceu se alevanta A reza da <i>Ave, Maria</i>.</p> <p>As vozes e as badaladas Confundem-se-.. Misturadas No fervor da mesma prece, Sóbem juntas para o ar Onde a lua resplandece E a noute, imensa, parece Feita do alvor do luar...</p>
--	---	---

	<p>Vejo sentada a vizinha: Moça, e bonita... que importa?</p> <p>Tem nos braços o filhinho; Fala-lhe, toda carinho; Ele ouve; sorri; depois, Responde-lhe, balbucia... E, de mãos postas, os dois Murmuram a Ave, Maria.</p> <p>Ante meus olhos perpassa Uma visão: imagino Maria, cheia de graça, Jesus, louro e pequenino.</p> <p>Uma tarde cor de rosa... Uma vila assim modesta, Assim tristonha como esta... De pescadores, também... Sobre a planície arenoza Por onde o Jordão deriva Pousa a sombra evocativa Das montanhas de Sichem...</p> <p>À porta de humilde choça, Uma mulher... Quem é ela? E pobre... é joven... é bela... E é Mãe: comovida, a espaços O seu sorriso se adoça, O seu olhar se ilumina Para a figura divina Do filho que tem nos braços.</p>	<p>Sobre a soleira da porta Da casa pegada á minha, Vejo sentada a vizinha: Moça, e bonita... Que importa?</p> <p>Tem nos braços o filhinho; Fala-lhe, toda carinho; Ele ouve; sorri; depois, Responde-lhe, balbucia... E, de mãos postas, os dois Murmuram a Ave, Maria.</p> <p>Ante meus olhos perpassa Uma visão: imagino Maria, cheia de graça, Jesus, loiro e pequenino.</p> <p>Uma tarde cor de rosa... Uma vila assim modesta, Assim tristonha como esta... De pescadores, também... Sobre a planície arenosa Por onde o Jordão deriva Pousa a sombra evocativa Das montanhas de Sichem...</p> <p>A' porta de humilde choça, Uma mulher... Quem é ela? E' pobre... é joven... é bela... E é Mãe: comovida, a espaços O seu sorriso se adoça, O seu olhar se ilumina</p>
--	---	--

	<p>Mostra-lhe, á noute que estréla O ceu e que a terra ensombra, Como a terra é toda sombra, Como o ceu é todo luz... E o filho, enlevado nela, Em estaze balbucia... A primeira Ave, Maria Quem a rezou foi Jesus.</p> <p>Sigo o meu sonho... Imagino Que, por todas essas roças Aonde chega a voz do sino,</p> <p>A sombra triste das choças Frouxamente se alumia Da vela de cera aceza Ante uma Virgem Maria Tendo nos braços Jezus.</p> <p>É a hora augusta da reza...</p> <p>Mães, pobres mãis andrajozas De filhinhos semi-nus, No chão de terra ajoelhadas,</p> <p>Dizem couzas misteríozas, Palavras entrecortadas De magua que se lastima, De suplica, e de esperança</p> <p>A essa outra Mãi que, lá em cima,</p>	<p>Para a figura divina Do filho que tem nos braços.</p> <p>Mostra-lhe, á noute que estréla O ceu e que a terra ensombra, Como a terra é toda sombra Como o ceu é todo luz... E o filho, enlevado nela, Em estase balbucia... A primeira <i>Ave, Maria</i> Quem a rezou foi Jesus.</p> <p>Sigo o meu sonho... Imagino Que, por todas essas roças Aonde chega a voz do sino,</p> <p>A sombra triste das choças Frouxamente se alumia Da vela de cêra aceza Ante uma Virgem Maria Tendo nos braços Jezus.</p> <p>E' a hora augusta da reza...</p> <p>Mães, pobres mãis andrajozas De filhinhos semi-nus, No chão de terra ajoelhadas,</p> <p>Dizem cousas misteriosas, Palavras entrecortadas De magua que se lastima, De suplica, e de esperança</p>
--	--	---

	<p>Na gloria do ceu, descansa Do que passou neste mundo.</p> <p>Ela que, com o mesmo eterno Requinte do amor materno, Sorriu a Jezus criança, Chorou Jezus moribundo,</p> <p>La, do alto ceu infinito, Olha com olhos de Santa E de Mãi que já sofreu Tanto coração aflito Que se volta para o seu.</p> <p>Na roça a miséria é tanta...</p> <p>Quanta pobre gente, quanta, Expia o ser mal nascida Cumprindo a pena da vida Como pregada a uma cruz;</p> <p>E, na angustia que a quebranta, Somente espera e antegoza A proteção milagroza Da Virjem Mãi de Jezus!...</p> <p>Na roça a miséria é tanta...</p> <p>E cada choça sombria Para o claro ceu levanta A reza da Ave, Maria.</p>	<p>A essa outra Mãi que, lá em cima, Na gloria do ceu, descansa Do que passou neste mundo.</p> <p>Ela que, com o mesmo eterno Requinte do amor materno, Sorriu a Jezus criança, Chorou Jezus moribundo,</p> <p>La, do alto ceu infinito, Olha com olhos de Santa E de Mãi que já sofreu Tanto coração aflito Que se volta para o seu.</p> <p>Na roça a miséria é tanta...</p> <p>Quanta pobre gente, quanta, Expia o ser mal nascida Cumprindo a pena da vida Como pregada a uma cruz;</p> <p>E, na angustia que a quebranta, Somente espera e antegosa A proteção milagrosa Da Virjem Mãi de Jezus!</p> <p>Na roça a miséria é tanta...</p> <p>E cada choça sombria Para o claro ceu levanta</p>
--	--	---

	<p>Não, tu não falas á toa: Errei, confesso-o... Perdoa, Ó sino humilde da vila, Que assim badalas, badalas, Na paz da tarde tranquila; Ó sino, que tambem rezas, Ó sino, que tanto falas Á terra, toda asperezas, Como ao ceu, todo luar, Chamando, com o mesmo zelo Cada infeliz — a rezar, Nossa Senhora — a atendel-o.</p> <p>Consolador de tristezas! Semeador de esperanças!</p> <p>Aqui nestas redondezas Não ha vida tão bonanças Nem cazebre tão remoto Onde quanto o sino diz Não abençoe um devoto, Não console um infeliz...</p> <p>Por essas varzeas tão ermas Onde, perdidas e sós, Ha tantas almas enfermas De desesperos sem voz.</p> <p>Onde tanto desdenhado De Deus, que de certo o olvida, Vive, até morrer, vergado Ao pezo da propria vida,</p>	<p>A reza da <i>Ave, Maria</i>.</p> <p>Não, tu não falas á toa: Errei, confesso-o... Perdoa, O' sino humilde da vila, Que assim badalas, badalas, Na paz da tarde tranquila; O' sino, que tambem rezas, O' sino que tanto falas A' terra, toda asperezas, Como ao ceu, todo luar, Chamando, com o mesmo zelo Cada infeliz — a rezar, Nossa Senhora — a atendel-o.</p> <p>Consolador de tristezas! Semeador de esperanças!</p> <p>Aqui nestas redondezas Não ha vida tão bonanças Nem casebre tão remoto Onde quanto o sino diz Não abençoe um devoto, Não console um infeliz...</p> <p>Por essas varzeas tão ermas Onde, perdidas e sós, Ha tantas almas enfermas De desesperos sem voz,</p> <p>Onde tanto desdenhado De Deus que de certo o olvida,</p>
--	--	---

	<p>Vais chamar em altos gritos — Como si fosse a um dever, Desamparados e aflitos — Para o consolo de crer.</p> <p>E de cazebre em cazebre Onde gente, a vida inteira, Vive de trabalho e febre, Morre de fome e canseira,</p> <p>Afirmas á angustia surda Do mizero tabareu Que o brejo em que ele chafurda — É um caminho para o ceu.</p> <p>A cada pobre praiano Que, na sua dura lida De afrontar o largo oceano, Vive de arriscar a vida,</p> <p>Tu, consoladoramente, Falas para lhe lembrar Que ha quem reze por a gente — E ha ceu por cima do mar...</p> <p>Da mesma igreja alvadia Evolam-se as badaladas E a reza da Ave, Maria.</p> <p>Evolam-se... Misturadas, Sobem juntas para o ar</p>	<p>Vive, até morrer, vergado Ao peso da propria vida,</p> <p>Vais chamar em altos gritos — Como si fosse a um dever — Desamparados e aflitos — Para o consolo de crer.</p> <p>E de casebre em casebre Onde gente, a vida inteira, Vive de trabalho e febre, Morre de fome e canseira,</p> <p>Afirmas á angustia surda Do misero tabareu Que o brejo em que ele chafurda — E' um caminho para o ceu.</p> <p>A cada pobre praiano Que, na sua dura lida De afrontar o largo oceano, Vive de arriscar a vida,</p> <p>Tu, consoladoramente, Falas para lhe lembrar Que ha quem reze por a gente — E ha ceu por cima do mar...</p> <p>Da mesma igreja alvadia Evolam-se as badaladas E a reza da Ave, Maria.</p>
--	--	---

	<p>Onde, palida e sozinha, Tão alva, que resplandece, Tão só, que vai a sonhar, Caminha a lua, caminha, E o ceu, imenso, parece Feito de sonho e luar...</p> <p>Humilde sino da vila, Que assim badalas, badalas, Na paz da tarde tranquila;</p> <p>Não, tu não falas á toa:</p> <p>Percebo o que e a quem falas.</p> <p>Perdoa!</p>	<p>Evolam-se... Misturadas, Sobem juntas para o ar Onde, palida e sozinha, Tão alva, que resplandece, Tão só, que vai a sonhar, Caminha a lua, caminha, E o ceu, imenso, parece Feito de sonho e luar...</p> <p>Humilde sino da vila, Que assim badalas, badalas, Na paz da tarde tranquila;</p> <p>Não, tu não falas á toa:</p> <p>Percebo o que e a quem falas...</p> <p>Perdoa!</p>
(13) UMA IMPRESSÃO D. JUAN	(23) SONETOS	(21) SONETOS
	<p>I</p> <p>A um poeta moço</p> <p>Desanimado, entregas-te, sem norte, Sem relutancia, á vida; e aceitas dessa Torrente que te arrasta — a só promessa De ir lentamente desaguar na morte.</p> <p>Que póde haver, em suma, que te impeça De seguir o teu rumo contra a sorte?</p>	<p>I</p> <p><i>A um poeta moço</i></p> <p>Desanimado, entregas-te, sem norte, Sem relutância, á vida; e aceitas dessa Torrente que te arrasta — a só promessa De ir lentamente desaguar na morte.</p> <p>Que póde haver, em suma, que te impeça De seguir o teu rumo contra a sorte?</p>

	<p>Sonha! e a sonhar, e assim armado e forte, Vida e maguas, incólume, atravessa.</p> <p>Ouve: da minha estinta mocidade Eu, que já vou fitando ceus dezertos, Trouce a consolação, trouce a saudade,</p> <p>Trouce a certeza, emfim, (se ha sonhos certos). De ter vivido em plena claridade Dos sonhos que sonhei de olhos abertos.</p> <p>II</p> <p>Não me culpeis a mim de amar-vos tanto Mas a vós mesma, e á vossa formozura: Que, si vos aborrece, me tortura Ver-me cativo assim do vosso encanto.</p> <p>Enfadais-vos. Parece-vos que, em quanto Meu amor se lastima, vos censura: Mas sendo vós comigo aspera e dura Que eu por mim brade aos ceus não cauza espanto.</p> <p>Si me quereis diverso do que agora Eu sou, mudai; mudai vós mesma, pois Ido o rigor que em vosso peito mora,</p> <p>A mudança será para nós dois: E então podereis ver, minha senhora</p>	<p>Sonha! e a sonhar, e assim armado e forte, Vida e maguas, incólume, atravessa.</p> <p>Ouve: da minha estinta mocidade Eu, que já vou fitando céus desertos, Trouxe a consolação, trouxe a saudade,</p> <p>Trouxe a certeza, emfim, (se ha sonhos certos) De ter vivido em plena claridade Dos sonhos que sonhei de olhos abertos.</p> <p>II</p> <p>Não me culpeis a mim de amar-vos tanto Mas a vós mesma, e á vossa formosura: Que, si vos aborrece, me tortura Ver-me cativo assim do vosso encanto.</p> <p>Enfadaí-vos. Parece-vos que, em quanto Meu amor se lastima, vos censura: Mas sendo vós comigo áspera e dura Que eu por mim brade aos céus não causa espanto.</p> <p>Si me quereis diverso do que agora Eu sou, mudai; mudai vós mesma, pois Ido o rigor que em vosso peito mora,</p> <p>A mudança será para nós dois: E então podereis ver, minha senhora,</p>
--	--	---

<p>Gastei no amor vinte anos, os melhores Da minha vida pródiga: esbanjei-os Sem remorso nem pena, em galanteios, Colhendo beijos, desfolhando flores.</p> <p>Quentes olhares de olhos tentadores, Suspiros de paixão, arfar de seios, — Conheci-os, buscaram-me, gosei-os .</p>	<p>Que eu sou quem sou por serdes vós quem sois.</p> <p>III</p> <p>Enganei-me supondo que, de altiva, Desdenhoza, tu vias sem receio Desabrochar de um simples galanteio A agreste flor desta paixão tão viva.</p> <p>Era segredo teu? Adivinhei-o: Hoje sei tudo: alerta, em defensiva O coração que eu tento e se me esquiva Treme, treme de susto no teu seio.</p> <p>Errou quem disse que as paixões são cégas; Veem... Deixam-se ver... Debalde insistes: Que mais defendes, si tu'alma entrégas?</p> <p>Bem vejo (vejo-o nos teus olhos tristes...) Que tu, negando o amor que em vão me negas, Mais a ti mesma do que a mim rezistes.</p> <p>IV</p> <p>Uma impressão de D. Juan</p> <p>Gastei no amor vinte anos — os melhores, Da minha vida pródiga: esbanjei-os Sem remorso nem pena, em galanteios, Colhendo beijos, desfolhando flores.</p>	<p>Que eu sou quem sou por serdes vós quem sois.</p> <p>III</p> <p>Enganei-me supondo que, de altiva, Desdenhosa, tu vias sem receio Desabrochar de um simples galanteio A agreste flor desta paixão tão viva,</p> <p>Era segredo teu ? Adivinhei-o; Hoje sei tudo: alerta, em defensiva, O coração que eu tento e se me esquiva Treme, treme de susto no teu seio.</p> <p>Errou quem disse que as paixões são cegas; Veem... Deixam-se ver..- Debalde insistes; Que mais defendes, si tu'alma entrégas ?</p> <p>Bem vejo (vejo-o nos teus olhos tristes) Que tu, negando o amor que em vão me negas, Mais a ti mesma do que a mim resistes.</p> <p>IV</p> <p><i>Uma impressão de D. Juan</i></p> <p>Gastei no amor vinte anos — os melhores, Da minha vida pródiga: esbanjei-os Sem remorso nem pena, em galanteios, Colhendo beijos, desfolhando flores.</p>
--	---	--

<p>Li folha a folha o livro dos amores.</p> <p>Quanta lembrança de mulher amada, Quanta ternura de alma carinhosa, Sim, quanto amor que me passou na vida!</p> <p>E nada sei do amor Não, não sei nada, E cada rosto de mulher formosa Dá-me a impressão de folha inda não lida.</p>	<p>Quentes olhares de olhos tentadores, Suspiros de paixão, arfar de seios, Conheci-os, buscaram-me, gozei-os... Li, folha a folha, o livro dos amores.</p> <p>Quanta lembrança de mulher amada! Quanta ternura de alma carinhosa! Sim, tanto amor que me passou na vida!</p> <p>E nada sei do amor... Não, não sei nada, E cada rosto de mulher formosa Dá-me a impressão de folha ainda não lida.</p>	<p>Quentes olhares de olhos tentadores, Suspiros de paixão, arfar de seios, Conheci-os, buscaram-me, gozei-os... Li, folha a folha, o livro dos amores.</p> <p>Quanta lembrança de mulher amada! Quanta ternura de alma carinhosa! Sim, tanto amor que me passou na vida!</p> <p>E nada sei do amor... Não, não sei nada, E cada rosto de mulher formosa Dá-me a impressão de folha inda não lida.</p>
(8) SONHO PÓSTUMO	(24) SONHO PÓSTUMO	(22) SONHO PÓSTUMO
<p>I</p> <p>Poupem-me, quando morto, á sepultura: odeio A cova, escura e fria. Ah! deixem-me acabar alegremente, em meio Da luz, em pleno dia.</p> <p>O meu ultimo somno eu quero assim dormil- o: — Num largo descampado, Tendo em cima o esplendor do vasto ceu tranquilo. E a primavera ao lado.</p> <p>Bailem sobre o meu corpo azas tremulas, azas Palpitando de leve,</p>	<p>I</p> <p>Poupem-me, quando morto, á sepultura: odeio A cova, escura e fria. Ah! deixem-me acabar alegremente, em meio Da luz, em pleno dia.</p> <p>O meu ultimo sono eu quero assim dormil-o: — Num largo descampado, Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranquilo. E a primavera ao lado.</p> <p>Bailem sobre o meu corpo azas tremulas, azas Palpitando de leve,</p>	<p>I</p> <p>Poupem-me, quando morto, á sepultura: odeio A cova, escura e fria. Ah! deixem-me acabar alegremente, em meio Da luz, em pleno dia.</p> <p>O meu ultimo sono eu quero assim dormil-o: — Num largo descampado, Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranquilo E a primavera ao lado.</p> <p>Bailem sobre o meu corpo azas tremulas, azas Palpitando de leve,</p>

<p>De insectos de ouro e azul, ou rubros como brazas, Ou claros como neve.</p> <p>De entre moutas em flor, oscilantes na aragem, Humidas e cheirosas, Espalhando em redor frescuras de folhagem, E perfume de rosas,</p> <p>Subam, jovializando o ar, canções suaves — A musica sonóra Em que parece rir a alegria das aves, Encantadas da aurora.</p> <p>E cada flor que um galho acaso dependura A' beira dos caminhos Entreabra o seio ao sol, ás brisas, á doçura De todos os carinhos.</p> <p>Passe em redor de mim um frémito de gozo E um calor de desejo, E sôe o farfalhar das arvores, moroso Como o rumor de um beijo.</p> <p>Palpita a natureza inteira, bela e amante, Volutuosa e festiva, E tudo vibre e esplenda, e tudo fulja e cante, E tudo sonhe e viva.</p> <p>A sepultura é noite onde rasteja o verme. O' luz que eu tanto adoro,</p>	<p>De insetos de ouro e azul, ou rubros como brazas, Ou claros como neve.</p> <p>De entre moutas em flôr, oscilantes na arajem, Humidas e cheirozas, Espalhando em redor frescuras de folhagem, E perfume de rosas,</p> <p>Subam, jovializando o ar, canções suaves — A muzica sonóra Em que parece rir a alegria das aves, Encantadas da aurora.</p> <p>E cada flôr que um galho acazo dependura A' beira dos caminhos Entreabra o seio ao sol, ás brizas, á doçura De todos os carinhos.</p> <p>Passe em redor de mim um frémito de gozo E um calor de desejo, E sôe o farfalhar das arvores, morozo Como o rumor de um beijo.</p> <p>Palpita a natureza inteira, bela e amante, Volutuosa e festiva, E tudo vibre e esplenda, e tudo fulja e cante, E tudo sonhe e viva.</p> <p>A sepultura é noute onde rasteja o verme. O' luz que eu tanto adoro, Amortalha-me tu! E possa eu desfazer-me</p>	<p>De insectos de ouro e azul, ou rubros como brazas, Ou claros como neve.</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>A louza tumular o corpo fecha e cobre De sombra e de abandono, E paira, horrivel como um pezadelo, sobre O derradeiro sono...</p> <p>E', de certo, peor que a morte ; desconforto E', por certo, mais triste : A morte mata só — e não separa o morto De tudo mais que eziste.</p> <p>Que é a morte, afinal, que tanto horror merece ? — Mais um degrau da escada Por onde eternamente a vida sóbe e desce Do nada para o nada.</p> <p>De entre moutas em flôr, oscilantes na arajem, Humidas e cheirosas, Espalhando em redor frescuras de folhagem, E perfume de rosas.</p> <p>Subam, jovializando o ar, canções suaves — A musica sonora Em que parece rir a alegria das aves, Encantadas da aurora.</p>
--	---	---

<p>Amortalha-me tu! E possa eu desfazer-me No ar claro e sonóro!</p> <p>II</p> <p>A louza tumular o corpo fecha e cobre De sombra e de abandono, E paira, horrível como um pezadelo, sobre O derradeiro somno.</p> <p>E', de certo, pior que a morte; desconforto E', por certo, mais triste: A morte mata só — e não separa o morto De tudo mais que existe.</p> <p>Que é a morte, afinal, que tanto horror merece? — Mais um degráu da escada Por onde eternamente a vida sóbe e desce Do nada para o nada.</p> <p>Pelo agitado mar sem praias do universo O homem surge e deriva Ao acaso, como um floco de espuma, emerso De uma onda fugitiva.</p> <p>Quando a morte o devolve ao seio que o gerara, Sem que o extinga e consuma, Funde-o na onda que vai rolando, e que não pára De erguer flocos de espuma.</p>	<p>No ar claro e sonoro!</p> <p>II</p> <p>A louza tumular o corpo fecha e cobre De sombra e de abandono, E paira, horrível como um pezadelo, sobre O derradeiro sono...</p> <p>E', de certo, pior que a morte; desconforto E' por certo, mais triste: A morte mata só — e não separa o morto De tudo mais que eziste.</p> <p>Que é a morte, afinal, que tanto horror merece? — Mais um degráu da escada Por onde eternamente a vida sóbe e dece Do nada para o nada.</p> <p>Pelo agitado mar sem praias do universo O homem surge e deriva Ao acazo, como um floco de espuma, emerso De uma onda fugitiva.</p> <p>Quando a morte o devolve ao seio que o gerara, Sem que o extinga e consuma, Funde-o na onda que vai rolando, e que não para De erguer flocos de espuma.</p>	<p>E cada flôr que um galho acaso dependura A' beira dos caminhos Entreabra o seio ao sol, ás brizas, á doçura De todos os carinhos.</p> <p>Passe em redor de mim um frêmito de gozo E um calor de dezejo, E sôe o farfalhar das arvores, moroso Como o rumor de um beijo.</p> <p>Palpite a natureza inteira, bela e amante, Volutuosa e festiva. E tudo vibre e esplenda, e tudo fulja e cante, E tudo sonhe e viva.</p> <p>A sepultura é noute onde rasteja o verme... O' luz que eu tanto adóro, Amortalha-me tu ! E possa eu desfazer-me No ar claro e sonóro !</p> <p>Pelo agitado mar sem praias do universo O homem surge e deriva Ao acazo, como um floco de espuma, emerso De uma onda fugitiva.</p> <p>Quando a morte o devolve ao seio que o gerara, Sem que o extinga e consuma, Funde-o na onda que vai rolando, e que não para De erguer flocos de espuma.</p>
--	---	--

<p>O morto volve ao chão da terra bemfeitora Desfeito em mil destroços, E restitue-lhe assim tudo que em vida fôra: — Carne vestindo uns ossos.</p> <p>Só perde um sonho: o sonho apenas esboçado No rapido transporte Que o trouxe bruscamente impelido, empurrado Do berço para a morte.</p> <p>Sonho belo talvez, confuso com certeza, Feito de riso e pranto, Feito de sombra e luz, de alegria e tristeza, De encanto e desencanto.</p> <p>Sonho que surge como um turbilhão, e passa E acaba num momento Como um rumor sem éco, um pouco de fumaça Espalhada no vento.</p> <p>Tudo mais volta ao seio infinito desse horto Que gera eternamente A vida, e espera só que a morte, em cada morto Lhe atire uma semente.</p> <p>III</p>	<p>O morto volve ao chão da terra bemfeitora Desfeito em mil destroços, E restitue-lhe assim tudo que em vida fôra: — Carne vestindo uns ossos.</p> <p>Só perde um sonho: o sonho apenas esboçado No rapido transporte Que o trouxe bruscamente impelido, empurrado Do berço para a morte.</p> <p>Sonho belo talvez, confuzo com certeza, Feito de rizo e pranto, Feito de sombra e luz, de alegria e tristeza, De encanto e desencanto.</p> <p>Sonho que surge como um turbilhão, e passa E acaba num momento Como um rumor sem éco, um pouco de fumaça Espalhada no vento.</p> <p>Tudo mais volta ao seio infinito desse horto Que gera eternamente A vida, e espera só que a morte, em cada morto Lhe atire uma semente.</p> <p>III</p>	<p>O morto volve ao chão da terra bemfeitora Desfeito em mil destroços, E restitue-lhe assim tudo que em vida fôra : — Carne vestindo uns ossos.</p> <p>Só perde um sonho : o sonho apenas esboçado No rapido transporte Que o trouxe bruscamente impelido, empurrado Do berço para a morte.</p> <p>Sonho belo talvez, confuso com certeza, Feito de rizo e pranto, Feito de sombra e luz, de alegria e tristeza, De encanto e desencanto.</p> <p>Sonho que surge como um turbilhão, e passa E acaba num momento Como um rumor sem éco, um pouco de fumaça. Espalhada no vento.</p> <p>Tudo mais volta ao seio infinito desse horto Que gera eternamente A vida, e espera só que a morte, em cada morto Lhe atire uma semente.</p> <p>III</p> <p>Porque se arroja, pois, ao tumulto, fechado — Como um cárcere escuro —</p>
--	--	---

<p>Porque se arroja, pois, ao tumulto, fechado — Como um carcere escuro — A tudo quanto é belo e explende ao sol dourado Sob o ceu claro e puro,</p> <p>Porque se larga á sombra, e se condena á lama, E se abandona ao verme, Porque assim se castiga, e se repele, e infama Um pobre corpo inerme?</p> <p>Corpo que veio de uma explozão de desejo, Encantado produto De uma noute de amor — e que saiu de um beijo Como, da flor, o fruto;</p> <p>Corpo onde o olhar viveu para tudo que brilha, Para as couzas mais belas: — A terra em flor, o mar ao sol, a maravilha Do ceu cheio de estrelas;</p> <p>Onde cada rumor em que a noute transborda Sob o luar tristonho Foi dispartar um éco e vibrar uma corda, E acalantar um sonho;</p> <p>Corpo que tanta vez o aroma — essa caricia Em que a flor se consome —</p>	<p>Porque se arroja, pois, ao tumulto, fechado — Como um carcere escuro — A tudo quanto é belo e esplende ao sol dourado Sob o céu claro e puro,</p> <p>Porque se larga á sombra, e se condena á lama, E se abandona ao verme, Porque assim se castiga, e se repele, e infama Um pobre corpo inerme?</p> <p>Corpo que veio de uma esplozão de desejo, Encantado produto De uma noute de amor — e que saiu de um beijo Como, da flôr, o fruto;</p> <p>Corpo onde o olhar viveu para tudo que brilha, Para as couzas mais belas: — A terra em flôr, o mar ao sol, a maravilha Do céu cheio de estrelas;</p> <p>Onde cada rumor em que a noute transborda Sob o luar tristonho Foi dispartar um éco e vibrar uma corda, E acalantar um sonho;</p> <p>Corpo que tanta vez o aroma — essa caricia Em que a flôr se consome — Encantou de um prazer sutil, de uma delicia</p>	<p>A tudo quanto é belo e esplende ao sol dourado Sob o céu claro e puro,</p> <p>Porque se larga á sombra, e se condena á lama, E se abandona ao verme, Porque assim se castiga, e se repele, e infama Um pobre-corpo inerme ?</p> <p>Corpo que veio de uma esplozão de desejo, Encantado produto De uma noute de amor — e que saiu de um beijo Como, da flôr, o fruto ;</p> <p>Corpo onde o olhar viveu para tudo que brilha Para as couzas mais belas : — A terra em flôr, o mar ao sol, a maravilha Do céu cheio de estrelas;</p> <p>Onde cada rumor em que a noute transborda Sob o luar tristonho Foi despertar um éco, e vibrar uma corda, E acalantar um sonho ;</p> <p>Corpo que tanta vez o aroma — essa caricia Em que a flôr se consome — Encantou de um prazer sutil, de uma delicia Sem igual e sem nome ;</p> <p>Onde o labio se abriu, humido como as rosas</p>
---	---	--

<p>Encantou de um prazer subtil, de uma delicia Sem igual e sem nome;</p> <p>Onde o labio se abriu, humido como as rosas Quando amanhece o dia, Para o sorriso, o beijo, e as couzas deliciosas Que o amor pronuncia.</p> <p>Condenado por fim á dispersão da morte, O universo o reclama. Entre tudo quanto ha, porque lhe dar por sorte O desfazer-se em lama?</p> <p style="text-align: center;">IV</p> <p>Oh! Deixai que o disperse o vento, aza ligeira Em que sobe do chão, Em que se eleva no ar tudo quanto é poeira E decomposição.</p> <p>Sim, deixai que o fecunde o sol, esse baptismo, Essa ablução de luz De que surgem sorrindo em flor —bordas de abismo E lamas de paúes.</p> <p>Sim, deixai que o redima o orvalho, em que, de rastros, No chão dos areais, A argila, recebendo a comunhão dos astros Estrela-se em rosais.</p>	<p>Sem igual e sem nome;</p> <p>Onde o labio se abriu, humido como as rozas Quando amanhece o dia, Para o sorriso, o beijo, e as couzas deliciosas Que o amor pronuncia...</p> <p>Condenado por fim á dispersão da morte, O universo o reclama... Entre tudo quanto ha, porque lhe dar por sorte O desfazer-se em lama?</p> <p style="text-align: center;">IV</p> <p>Oh! deixai que o disperse o vento, aza ligeira Em que sobe do chão, Em que se eleva no ar tudo quanto é poeira E decomposição.</p> <p>Sim, deixai que o fecunde o sol, esse baptismo, Essa ablução de luz De que surgem sorrindo em flôr — bordas de abismo E lamas de paúes.</p> <p>Sim, deixai que o redima o orvalho, em que, de rastros, No chão dos areais, A arjilâ, recebendo a comunhão dos astros Estrela-se em rozais.</p>	<p>Quando amanhece o dia, Para o sorriso, o beijo, e as couzas deliciosas Que o amor pronuncia...</p> <p>Condenado por fim á dispersão da morte, O universo o reclama... Entre tudo quanto ha, porque lhe dar por sorte O desfazer-se em lama ?</p> <p style="text-align: center;">IV</p> <p>Oh ! deixai que o disperse o vento, aza ligeira Em que sobe do chão, Em que se eleva no ar tudo quanto é poeira E decomposição.</p> <p>Sim, deixai que o fecunde o sol, esse baptismo, Essa ablução de luz De que surgem sorrindo em flôr — bordas de abismo E lamas de paúes.</p> <p>Sim, deixai que o redima o orvalho, em que, de rastros, No chão dos areiais, A arjila, recebendo a comunhão dos astros, Estrela-se em rosais.</p> <p>Da matéria imortal que ao acazo reunida Pairou nesse apojeu : A vida humana ; e após, de tão alto abatida,</p>
---	---	--

<p>Da materia imortal que ao acaso reunida Pairou nesse apojeu: A vida humana; e após, de tão alto abatida, Caiu e apodreceu,</p> <p>Possa cada fragmento, e cada átomo possa Obter o jubiléu Em que, para o que é vil, se arrepende e se adoça O mau humor do ceu;</p> <p>Mau humor de que surge o verme, esse enjeitado, Esse erro, o caracol; Que condemna, que humilha o pó que é pó, ao lado Do pó que é luz do sol;</p> <p>E que afinal se abrande e se penitencia Naquella redempção De que a noute resurge e se desmancha em dia, E o castigo em perdão.</p> <p>A poeira se dispersa; o charco se evapóra; Perde-se o fumo no ar: São feitos desse nada ouros fulvos de aurora, Brancuras de luar.</p> <p>V</p>	<p>Da materia imortal que ao acazo reunida Pairou nesse apojeu: A vida humana; e após, de tão alto abatida, Caiu e apodreceu,</p> <p>Possa cada fragmento, e cada átomo possa Obter o jubiléu Em que, para o que é vil, se arrepende e se adoça O mau humor do céu;</p> <p>Mau humor de que sai o verme, esse enjeitado, Esse erro, o caracol; Que condena, que humilha o pó que é pó, ao lado Do pó que é luz do sol;</p> <p>E que afinal se abrande e se penitencia Naquela redenção De que a noute resurge e se desmancha em dia E o castigo em perdão.</p> <p>A poeira se dispersa; o charco se evapóra; Perde-se o fumo no ar: São feitos desse nada ouros fulvos de aurora, Brancuras de luar...</p> <p>V</p> <p>Implacavel rancor do espirito á materia,</p>	<p>Caiu e apodreceu,</p> <p>Possa cada fragmento, e cada átomo possa Obter o jubiléu Em que, para o que é vil, se arrepende e se adoça O mau humor do céu ;</p> <p>Mau humor de que sai o verme, esse enjeitado, Esse erro, o caracol ; Que condena, que humilha o pó que é pó, ao lado Do pó que é luz do sol ;</p> <p>E que afinal se abrande e se penitencia Naquela redenção De que a noute resurge e se desmancha em dia E o castigo em perdão.</p> <p>A poeira se dispersa ; o charco se evapóra : Perde-se o fumo no ar : São feitos desse nada ouros fulvos de aurora, Brancuras de luar...</p> <p>V</p> <p>Implacavel rancor do espirito á materia, Da ilusão á verdade, Do que sonha ao que vive...</p>
--	---	--

<p>Implacavel rancor do espirito á materia, Da ilusão á verdade, Do que sonha ao que vive. O' miseria, miseria! O' vaidade, vaidade!</p> <p>A alma insubmissa e vã supõe-se encarcerada No corpo, essa prião, — Ilha de um rude mar, princeza desterrada, Flor caída no chão;</p> <p>Considera-se como a fina essencia, presa Num vaso desprezado; Vê no corpo um montão de infamia e de torpeza, De vicio e de pecado.</p> <p>A morte — como um fim de cativo encara — Um romper de manhã, A hora da partida ansiosa e livre para As terras de Canaan.</p> <p>Alma, é louco o desejo altivo, em que te abrazas, De ceus nunca atingidos: Ai, que serias tu, passaro, sem as azas, Alma, sem os sentidos?</p> <p>Nos olhos se esvazie o olhar, que te revela, Que descobre. ou que faz Tanta extensão de azul, tanto fulgor de estrela.</p>	<p>Da ilusão á verdade, Do que sonha ao que vive... O' miseria, miseria! O' vaidade, vaidade!</p> <p>A alma insubmissa e vã supõe-se encarcerada, No corpo, essa prião, — Ilha de um rude mar, princeza desterrada, Flôr caída no chão;</p> <p>Considera-se como a fina essencia, preza Num vaso desprezado; Vê no corpo um montão de infamia e de torpeza, De vicio e de pecado.</p> <p>A morte — como um fim de cativo encara — Um romper de manhã, A hora da partida ansiosa e livre para As terras de Canaan...</p> <p>Alma, é louco o desejo altivo, em que te abrazas, De céus nunca atingidos: Ai , que serias tu, pássaro, sem as azas, Alma, sem os sentidos?</p> <p>Nos olhos se esvazie o olhar, que te revela, Que descobre... ou que faz Tanta extensão de azul, tanto fulgor de estrela... Alma, que sonharás?</p>	<p>O' miseria, miseria ! O' vaidade, vaidade !</p> <p>A alma insubmissa e vã supõe-se encarcerada No corpo, essa prião, — Ilha de um rude mar, princeza desterrada, Flôr caída no chão;</p> <p>Considera-se como a fina assencia presa Num vaso desprezado ; Vê no corpo um montão de infamia e de torpeza, De vicio e de pecado.</p> <p>A morte — como um fim de cativo encara — Um romper de manhã, A hora da partida ansiosa e livre para As terras de Canaan...</p> <p>Alma, é louco o desejo altivo, em que te abrazas, De céus nunca atingidos : Ai, que serias tu, pássaro, sem as azas, Alma, sem os sentidos ?</p> <p>Nos olhos se esvazie o olhar, que te revela, Que descobre... ou que faz Tanta extensão de azul, tanto fulgor de estrela... Alma, que sonharás ?</p> <p>Alma, que sonharás, na silenciosa auzencia</p>
---	--	--

<p>Alma, que sonharás?</p> <p>Alma, que sonharás, na silenciosa auzencia Do som — emudecida Para o teu devaneio a vaga confidencia Dos sub-solos da vida?</p> <p>Em vão levantas no ar as tuas fantasias E as tuas ambições; Architectas em vão tantas filosofias, Tantas religiões.</p> <p>Para mais desterrar na morte a carne, morta Por fim, emfim vencida, Inventaste o pavor de um carcere sem porta, De um antro sem saída.</p> <p>Inventaste-o debalde. O tumulto condemna O corpo á podridão, Mas não te exime a ti da mesma escura pena De apodrecer no chão:</p> <p>Sangue que o coração alvoroça e amotina, Vibração provocada Dos nervos, e depois. um sonho da retina. E's tudo isso, e mais nada.</p> <p style="text-align: center;">VI</p> <p>O derradeiro somno, eu quero assim dormil-o: Num largo descampado,</p>	<p>Alma, que sonharás, na silencioza auzencia Do som — emudecida Para o teu devaneio a vaga confidencia Dos sub-solos da vida?</p> <p>Em vão levantas no ar as tuas fantasias E as tuas ambições; Architetas em vão tantas filosofias Tantas religiões...</p> <p>Para mais desterrar na morte a carne, morta Por fim, emfim vencida, Inventaste o pavor de um cárcere sem porta, De um antro sem saída.</p> <p>Inventaste-o debalde. O tumulto condena O corpo á podridão, Mas não te ezime a ti da mesma escura pena De apodrecer no chão:</p> <p>Sangue que o coração alvoroça e amotina, Vibração provocada Dos nervos, e depois... um sonho da retina... E's tudo isso, e mais nada.</p> <p style="text-align: center;">VI</p> <p>O derradeiro sono, eu quero assim dormil-o: Num largo descampado,</p>	<p>Do som — emudecida Para o teu devaneio a vaga confidencia Dos sub-solos da vida ?</p> <p>Em vão levantas no ar as tuas fantasias E as tuas ambições ; Architetas em vão tantas filosofias, Tantas religiões...</p> <p>Para mais desterrar na morte a carne, morta Por fim, emfim vencida, Inventaste o pavor de um cárcere sem porta, De um antro sem saída.</p> <p>Inventaste-o debalde. O tumulto condena O corpo á podridão, Mas não te ezime a ti da mesma escura pena De apodrecer no chão :</p> <p>Sangue que o coração alvoroça e amotina, Vibração provocada Dos nervos, e depois... um sonho da retina., E's tudo isso, e mais nada.</p> <p style="text-align: center;">VI</p> <p>O derradeiro sono, eu quero assim dormil-o : Num largo descampado, Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranquilo E a primavera ao lado.</p>
---	---	--

<p>Tendo em cima o esplendor do vasto ceu tranquilo E a primavera ao lado.</p> <p>Amortalhe-me a noute estrelada; arda o dia Depois, claro e risonho; E seja a dispersão na luz e na alegria O meu ultimo sonho.</p>	<p>Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranquilo E a primavera ao lado.</p> <p>Amortalhe-me a noute estrelada; arda o dia Depois, claro e risonho; E seja a dispersão na luz e na alegria O meu ultimo sonho.</p>	<p>Amortalhe-me a noute estrelada ; arda o dia Depois, claro e risonho ; E seja a dispersão na luz e na alegria O meu ultimo sonho.</p>
(14) A TERNURA DO MAR	(22) A TERNURA DO MAR	(23) A TERNURA DO MAR
<p>No firmamento azul, cheio de estrelas de ouro Ia boiando a lua indiferente e fria. De penhasco em penhasco e de estouro em estouro, Em baixo, o mar dizia:</p> <p>« Lua, só meu amor é fiel tempo em fóra. Muda o ceu, que se alegra á madrugada, e pelas Sombras do entardecer todo entristece, e chora Marejado de estrelas;</p> <p>Ora em pompas, a terra, ora desfeita e nua — Como a folha que vai arrastada na briza -- Aos caprichos do tempo inconstante fluctua Indecisa, indecisa.</p> <p>Desfolha-se, encanece em musgos, aos rigores Do ceu mostra a nudez dos seus galhos mesquinhos,</p>	<p>No firmamento azul, cheio de estrelas de ouro Ia boindo a lua indiferente e fria... De penhasco em penhasco e de estouro em estouro, Em baixo, o mar dizia:</p> <p>«Lua, só meu amor é fiel tempo em fóra... Muda o céu, que se alegra á madrugada, e pelas Sombras do entardecer todo entristece, e chora Marejado de estrelas;</p> <p>Ora em pompas, a terra, ora desfeita e nua Como a folha que vai arrastada na briza — Aos caprichos do tempo inconstante flutua Indeciza, indeciza...</p> <p>Desfolha-se, encanece em musgos, aos rigores Do céu mostra a nudez dos seus galhos mesquinhos,</p>	<p>No firmamento azul, cheio de estrelas de ouro Ia boiando a lua indiferente e fria... De penhasco em penhasco e de estouro em estouro, Em baixo, o mar dizia :</p> <p>"Lua, só meu amor é fiel tempo em fóra... Muda o céu, que se alegra á madrugada, e pelas Sombras do entardecer todo entristece, e chora Marejado de estrelas ;</p> <p>Ora em pompas, a terra, ora desfeita e nua Como a folha que vai arrastada na briza — Aos caprichos do tempo inconstante flutua Indecisa, indecisa...</p> <p>Desfolha-se, encanece em musgos, aos rigores Do céu mostra a nudez dos seus galhos mesquinhos,</p>

<p>A arvore que viçou toda folhas e flores, Toda aromas e ninhos;</p> <p>Coleras de tufão, pompas de primavera, Ceú que em sombras se esvai, terra que se desnuda, A tudo o tempo alcança, e a tudo o tempo altera... — Só meu amor não muda!</p> <p>Ha mil annos que eu vivo a terra suprimindo: Hei de romper-lhe a crôsta e cavar-lhe as entranhas, Dentro de vagalhões penhascos submergindo. Submergindo montanhas.</p> <p>Hei de alcançar-te um dia... Embalde nos separa A largura da terra e o fraguedo dos montes. Hei de chegar ahi de onde vens nua e clara Subindo os horizontes.</p> <p>Um passo para ti cada dia entezouro, Ha de ter fim o espaço, e o meu amor caminha. Dona do ceu azul e das estrelas de ouro, Um dia serás minha!</p> <p>E serei teu escravo. A' noute, pela calma Rendilharei de espuma o teu berço de areias, E ha de embalar teu somno e acalantar tua alma</p>	<p>A arvore que viçou toda folhas e flôres, Toda aromas e ninhos;</p> <p>Coleras de tufão, pompas de primavera, Céu que em sombras se esvai, terra que se desnuda, A tudo o tempo alcança, e a tudo o tempo altera... — Só meu amor não muda!</p> <p>Ha mil anos que eu vivo a terra suprimindo: Hei de romper-lhe a crôsta e cavar-lhe as entranhas, Dentro de vagalhões penhascos submerjindo, Submerjindo montanhas.</p> <p>Hei de alcançar-te um dia... Embalde nos separa A largura da terra e o fraguedo dos montes... Hei de chegar ahi de onde vens nua e clara Subindo os horizontes.</p> <p>Um passo para ti cada dia entezouro, Ha de ter fim o espaço, e o meu amor caminha... Dona do céu azul e das estrelas de ouro, Um dia serás minha!</p> <p>E serei teu escravo... A' noute, pela calma Rendilharei de espuma o teu berço de areias, E ha de embalar teu sono e acalantar tua alma O canto das sereias.</p>	<p>A arvore que viçou toda folhas e flores, Toda aromas e ninhos :</p> <p>Coleras de tufão, pompas de primavera, Céu que em sombras se esvai, terra que se desnuda, A tudo o tempo alcança, e a tudo o tempo altera... — Só meu amor não muda !</p> <p>Ha mil anos que eu vivo a terra suprimindo : Hei de romper-lhe a crôsta e cavar-lhe as entranhas, Dentro de vagalhões penhascos submerjindo, Submerjindo montanhas.</p> <p>Hei de alcançar-te um dia... Embalde nos separa A largura da terra e o fraguedo dos montes... Hei de chegar ahi de onde vens, nua e clara, Subindo os horizontes.</p> <p>Um passo para ti cada dia entezouro ; Ha de ter fim o espaço, e o meu amor caminha... Dona do céu azul e das estrelas de ouro, Um dia serás minha !</p> <p>E serei teu escravo... A' noute, pela calma Rendilharei de espuma o teu berço de areias, E ha de embalar teu sono e acalantar tua alma O canto das sereias.</p>
---	--	---

<p>O canto das sereias.</p> <p>Quando a aurora romper no ceu despovoado, Tezouros a teus pés estenderei, de rastros. Ser amante do mar vale mais, sonho amado, Que ser dona dos astros.</p> <p>Deliciando-te o olhar, afagando-te a vista, Todo me tingirei de mil cores cambiantes, E abrir-se-á de meu seio a brancura imprevista Das ondas arquejantes.</p> <p>Levar-te-ei de onda em onda a vagar de ilha em ilha, Tranquilas solidões, ermas como atalaias, Onde o marulho canta e a salsugem polvilha A alva nudez das praias.</p> <p>Ao longe, de repente assomando e fugindo, Alguma vela, ao sol, verás, alva de neve: Teus olhos sonharão enlevados, seguindo Seu vôo claro e leve;</p> <p>Sonharão, na delícia indefinida e vaga De sentir-se levar sem destino, um momento, Para além. para além. nos balanços da vaga, Nos acazos do vento.</p> <p>Far-te-ei ver o paiz, nunca visto, da sombra, Onde cascos de naus arrombadas, a espaços</p>	<p>Quando a aurora romper no ceu despovoado, Tezouros a teus pés estenderei, de rastros... Ser amante do mar vale mais, sonho amado, Que ser dona dos astros.</p> <p>Deliciando-te o olhar, afagando-te a vista, Todo me tinjirei de mil cores cambiantes, E abrir-se-á de meu seio a brancura imprevista Das ondas arquejantes.</p> <p>Levar-te-ei de onda em onda a vagar de ilha em ilha, Tranquilas solidões, ermas como atalaias, Onde o marulho canta e a salsugem polvilha A alva nudez das praias.</p> <p>Ao lonje, de repente assomando e fugindo, Alguma vela, ao sol, verás, alva de neve: Teus olhos sonharão enlevados, seguindo Seu vôo claro e leve;</p> <p>Sonharão, na delícia indefinida e vaga De sentir-se levar sem destino, um momento, Para além... para além... nos balanços da vaga, Nos acazos do vento.</p> <p>Far-te-ei vêr o paiz, nunca visto, da sombra Onde cascos de naus arrombadas, a espaços</p>	<p>Quando a aurora romper no céu despovoado, Tezouros a teus pés estenderei, de rastros... Ser amante do mar vale mais, sonho amado, Que ser dona dos astros.</p> <p>Deliciando-te o olhar, afagando-te a vista, Todo me tinjirei de mil cores cambiantes, E abrir-se-á de meu seio a brancura imprevista Das ondas arquejantes.</p> <p>Levar-te-ei de onda em onda a vagar de ilha em ilha, Tranquilas solidões, ermas como atalaias, Onde o marulho canta e a salsugem polvilha A alva nudez das praias.</p> <p>Ao lonje, de repente assomando e fugindo, Alguma vela, ao sol, verás alva de neve : Teus olhos sonharão enlevados, seguindo Seu vôo claro e leve ;</p> <p>Sonharão, na delícia indefinida e vaga De sentir-se levar sem destino, um momento, Para além... para além... nos balanços da vaga, Nos acazos do vento.</p> <p>Far-te-ei vêr o paiz, nunca visto, da sombra Onde cascos de naus arrombadas, a espaços</p>
---	--	---

<p>Dormem o ultimo somno estendidos na alfombra De algas e de sargaços.</p> <p>Opulentos galeões, pelas juntas rotas, Vertem ouro, trofeus inúteis, vis monturos, Que foram conquistar ás praias mais remotas, Pelos parceiros mais duros.</p> <p>Flámula ao vento, prôa em rumo ao largo, velas Desfraldadas, varando ermos desconhecidos, Rudes ondas, tufões brutaes, turvas procelas, Sombra, fuzis, bramidos,</p> <p>Todo o extranho pavor das aguas afrontando, Altivos como reis e leves como plumas, Iam de golfo em golfo, em triunfo arrastando Uma esteira de espumas.</p> <p>Eil-os, carcassas vis d'onde o ouro em vão supura, Esqueletos de heroes. dei-os em pasto á fome Silenciosa e subtil da multidão obscura, Dos moluscos sem nome.</p> <p>Essa extranha região nunca vista, has de vel-a, Onde, numa bizarra exhuberancia, a flora Rebenta pelo chão perolas côr de estrela E conchas côr de aurora;</p>	<p>Dormem o ultimo sono estendidos na alfombra De algas e de sargaços.</p> <p>Opulentos galeões, pelas juntas rotas, Vertem ouro, trofeus inúteis, vis monturos, Que foram conquistar ás praias mais remotas, Pelos parceiros mais duros.</p> <p>Flámula ao vento, prôa em rumo ao largo, velas Desfraldadas, varando ermos desconhecidos, Rudes ondas, tufões brutaes, turvas procelas, Sombra, fuzis, bramidos,</p> <p>Todo o estranho pavor das aguas afrontando, Altivos como reis e leves como plumas, Iam de golfo em golfo, em triunfo arrastando Uma esteira de espumas.</p> <p>Eil-os, carcassas vis d'onde o ouro em vão supura, Esqueletos de heroes... dei-os em pasto á fome Silencioza e sutil da multidão obscura, Dos moluscos sem nome.</p> <p>Essa estranha região nunca vista, has de vêl-a, Onde, numa bizarra ezuberancia, a flora Rebenta pelo chão perolas côr de estrela E conchas côr de aurora;</p>	<p>Dormem o ultimo sono, estendidos na alfombra De algas e de sargaços.</p> <p>Opulentos galeões, pelas juntas rotas, Vertem ouro, troféus inúteis, vis monturos, Que foram conquistar ás praias mais remotas, Pelos parceiros mais duros :</p> <p>Flámula ao vento, proa em rumo ao largo, velas Desfraldadas, varando ermos desconhecidos, Rudes ondas, tufões brutaes, turvas procelas, Sombra, fuzis, bramidos,</p> <p>Todo o estranho pavor das águas afrontando, Altivos como reis e leves como plumas, Iam de golfo em golfo, em triunfo arrastando Um esteira de espumas.</p> <p>Eil-os, carcassas vis d'onde o ouro em vão supura, Esqueletos de heróes... dei-os em pasto á fome Silenciosa e sutil da multidão obscura, Dos moluscos sem nome.</p> <p>Essa estranha região nunca vista, has de vêl-a, Onde, numa bizarra ezuberancia, a flora Rebenta pelo chão pérolas côr de estrela E conchas côr de aurora ;</p>
---	---	---

<p>Onde o humilde infuzorio aspira ás maravilhas Da gloria, sonha o sol, e, dos grotões mais fundos De meu seio, levanta a pouco e pouco as ilhas, Archipelagos, mundos.</p> <p>Lua, eu sou a paixão, eu sou a vida. . Eu te amo, Paira, longe, no ceu, desdenhosa rainha!. Que importa? O tempo é vasto, e tu, bem que reclamo! Um dia serás minha!</p> <p>Embalde nos afastae embalde nos separa A largura da terra e o fraguado dos montes: Hei de chegar ahi de onde vens, nua e clara Subindo os horizontes. . »</p> <p>Na quietação da noute apenas tumultua Quebrada de onda em onda a voz brusca do mar Corta o silencio, agita o socego, fluctua, E espalha-se no luar</p>	<p>Onde o humilde infuzorio aspira ás maravilhas Da gloria, sonha o sol, e, dos grotões mais fundos De meu seio, levanta a pouco e pouco as ilhas, Archipelagos, mundos...</p> <p>Lua, eu sou a paixão, eu sou a vida... Eu te amo, Paira, lonje, no céu, desdenhoza rainha!... Que importa? O tempo é vasto, e tu, bem que reclamo! Um dia serás minha!</p> <p>Embalde nos afasta e embalde nos separa A largura da terra e o fraguado dos montes: Hei de chegar ahi de onde vens, nua e clara, Subindo os horizontes...»</p> <p>Na quietação da noute apenas tumultua Quebrada de onda em onda a voz brusca do mar: Corta o silencio, ajita o socego, flutua. E espalha-se no luar...</p>	<p>Onde o humilde infuzorio aspira ás maravilhas Da gloria, sonha o sol, e, dos grotões mais fundos De meu seio, levanta a pouco e pouco as ilhas, Archipelagos, mundos...</p> <p>Lua, eu sou a paixão, eu sou a vida... Eu te amo. Paira, lonje, no céu, desdenhosa rainha !... Que importa ? O tempo é vasto, e tu, bem que reclamo ! Um dia serás minha !</p> <p>Embalde nos afasta e embalde nos separa A largura da terra e o fraguado dos montes: Hei de chegar ahi de onde vens, nua e clara, Subindo os horizontes..."</p> <p>Na quietação da noute apenas tumultua Quebrada de onda em onda a voz brusca do mar : Corta o silencio, ajita o socego, flutua E espalha-se no luar...</p>
		(24) OMNIA VANITAS
		<p>Pois cheio de ambição e de confiança Tu a vida começas (A vida, Tão farta das riquezas da esperança</p>

		<p>Tão pródiga em promessas — Emquanto não vivida) ;</p> <p>Que pedes ao Futuro ? Em que consiste O esplendido tezouro Que esperas encontrar — Argonauta feliz — nessa ilha de ouro Que vês, que buscas, e que não eziste Sinão em teu olhar ?</p> <p>A tudo mais preferes a Opulencia ? Pede-lh'a ; ha Crésos ; correm loterias ; E é fácil a sciencia De descobrir em autos de inventario O encanto, as louçanias, Da herdeira de algum morto milionario.</p> <p>Queres a gloria ? Pede-lh'a : procura Caminho (e ha cem, á escolha) Para algum desses cumes teatraes Onde quem os atinje faz figura — De bôlha Soprada das columnas dos jornaes.</p> <p>Sonhas o Amor ? Pois pede-lh'o : na eleita Dos teus olhos, realiza A só conquista digna de um desejo. Pede-lh'o ; obtem-n'o ; e, deslumbrado, aceita Daquela que o teu sonho diviniza A efêmera ambrozia do seu beijo.</p> <p>Mas si pretendes ser feliz apenas,</p>
--	--	---

		<p>Não lhe peças apenas isso tudo : Gloria, riqueza, amor ; Pede mais ao teu prodigo Mecenas ; Pede mais, que não basta ; sobretudo Pede-lhe bom humor...</p>
(15) ROSA, ROSA DE AMOR...	(25) ROZA, ROZA DE AMOR...	(25) ROZA, ROZA DE AMOR
<p><i>Rosa, rosa de amor purpurea e bella, Quem entre os goivos te esfolhou da campã ?</i> GARRET.</p> <p>I</p> <p>OLHOS VERDES</p> <p>Olhos encantados, olhos cor do mar Olhos pensativos que fazeis sonhar!</p> <p>Que formosas cousas, quantas maravilhas Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo: Córtes pitorescos de afastadas ilhas Abanando no ar seus coqueirais em flor, Solidões tranquilas feitas para o beijo, Ninhos verdejantes feitos para o amor.</p> <p>Olhos pensativos que falais de amor!</p> <p>Vem caindo a noute, vai subindo a lua. O horizonte, como para recebel-as, De uma fimbria de ouro todo se debrua; Afla a brisa, cheia de ternura ousada,</p>	<p>Roza, roza de amor purpurea e bela, Quem entre os goivos te esfolhou da campã? Garret.</p> <p>I</p> <p>OLHOS VERDES</p> <p>Olhos encantados, olhos côr do mar, Olhos pensativos que fazeis sonhar!</p> <p>Que formozas couzas, quantas maravilhas Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo: Córtes pitorescos de afastadas ilhas Abanando no ar seus coqueirais em flôr, Solidões tranquilas feitas para o beijo, Ninhos verdejantes feitos para o amor...</p> <p>Olhos pensativos que falais de amor!</p> <p>Vem caíndo a noute, vai subindo a lua... O horizonte, como para recebel-as, De uma fimbria de ouro todo se debrua;</p>	<p><i>Roza, roza de amor purpurea e bela, Quem dentre os goivos te esfolhou da campã?</i> GARRET.</p> <p>I</p> <p><i>(Olhos verdes)</i></p> <p>Olhos encantados, olhos côr do mar, Olhos pensativos que fazeis sonhar !</p> <p>Que formosas couzas, quantas maravilhas Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo ; Cortes pitorescos de afastadas ilhas Abanando no ar seus coqueirais em flôr, Solidões tranqüilas feitas para o beijo, Ninhos verdejantes feitos para o amor...</p> <p>Olhos pensativos que falais de amor !</p> <p>Vem caindo a noute, vai subindo a lua... O horizonte, como para recebel-as, De uma fimbria de ouro todo se debrua ;</p> <p>Afla a briza, cheia de ternura ousada,</p>

<p>Esfrolando as ondas, provocando nelas Bruscos arrepios de mulher beijada.</p> <p>Olhos tentadores da mulher amada!</p> <p>Uma vela branca, toda alvor, se afasta Balançando na onda, palpitando ao vento; Eil-a que mergulha pela noute vasta, Pela vasta noute feita de luar; Eil-a que mergulha pelo firmamento Desdobrada ao longe nos confins do mar</p> <p>Olhos scismadores que fazeis scismar!</p> <p>Branca vela errante, branca vela errante, Como a noute é clara! como o ceu é lindo! Leva-me contigo pelo mar Adeante! Leva-me contigo até mais longe, a essa Fimbria do horizonte onde te vais sumindo E onde acaba o mar e de onde o ceu começa.</p> <p>Olhos abençoados, cheios de promessa!</p> <p>Olhos pensativos que fazeis sonhar, Olhos cor do mar!</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>MANHÃ DE SOL</p> <p>Na sombra do murtal, cujas flores a leve</p>	<p>Afla a briza, cheia de ternura ouzada, Esfrolando as ondas, provocando nelas Bruscos arrepios de mulher beijada...</p> <p>Olhos tentadores da mulher amada!</p> <p>Uma vela branca, toda alvor, se afasta Balançando na onda, palpitando ao vento; Eil-a que mergulha pela noute vasta, Pela vasta noute feita de luar; Eil-a que mergulha pelo firmamento Desdobrado ao lonje nos confins do mar...</p> <p>Olhos scismadores que fazeis scismar!</p> <p>Branca vela errante, branca vela errante, Como a noute é clara! como o céu é lindo! Leva-me contigo pelo mar... Adiante! Leva-me contigo até mais lonje, a essa Fimbria do horizonte onde te vais sumindo E onde acaba o mar e de onde o céu começa.</p> <p>Olhos abençoados, cheios de promessa!</p> <p>Olhos pensativos que fazeis sonhar, Olhos côr do mar!</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>MANHÃ DE SÔL</p> <p>Na sombra do murtal, cujas flôres a leve</p>	<p>Esfrolando as ondas, provocando nelas Bruscos arrepios de mulher beijada...</p> <p>Olhos tentadores da mulher amada !</p> <p>Uma vela branca, toda alvor, se afasta Balançando na onda, palpitando ao vento ; Eil-a que mergulha pela noute vasta, Pela vasta noute feita de luar ; Eil-a que mergulha pelo firmamento Desdobrado ao lonje nos confins do mar...</p> <p>Olhos scismadores que fazeis scismar !</p> <p>Branca vela errante, branca vela errante, Como a noute é clara ! como o céu é lindo ! Leva-me contigo pelo m a r . . . Adiante ! Leva-me contigo até mais lonje, a essa Fimbria do horizonte onde te vais sumindo E onde acaba o mar e de onde o céu começa.</p> <p>Olhos abençoados cheios de promessa !</p> <p>Olhos pensativos que fazeis sonhar, Olhos côr do mar !</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p style="text-align: right;">(Manhã de sol)</p> <p>Na sombra do murtal, cujas flôres a leve</p>
---	--	---

<p>Aragem desgrialda em turbilhões de neve, Ela vagueia a sós. E como vai formosa! Tem como uma frescura orvalhada de rosa Na face... Em seu sorriso amanhece. E' tão brando O seu pisar, que o chão o acolhe suspirando. - Eis o sol! - canta uma ave ao fitar-lhe a retina... E por onde ela passa a sombra se ilumina.</p> <p>Descuidada e feliz, entre as arvores ela Erra á toa. Sorrindo, as aves interpela. Corre de flor em flor, salta de mouta em mouta. Ora entre a ramaria o olhar travesso afouta</p> <p>E tenta surprehender o segredo de um ninho; Ora scisma, fitando o vago desalinho Em que toda palpita, em que se entrega toda, A folhagem que o vento acaricia. Em roda, Em tudo, vê um ar festivo de noivado. Cada flor abre ao sol o calice orvalhado, Humido como um labio em que pousasse um beijo...</p> <p>E o seu passo é subtil, e erra como um adejo.</p> <p>Surprehendo-a. Ela estaca, assustada, indecisa; Mal com os pésinhos nus o chão musgoso piza</p>	<p>Arajem desgrialda em turbilhões de neve, Ela vagueia a sós... E como vai formosa! Tem como uma frescura orvalhada de roza Na face... Em seu sorriso amanhece. E' tão brando O seu pizar, que o chão o acolhe suspirando. —Eis o sol!— canta uma ave ao fitar-lhe a retina... E por onde ela passa a sombra se ilumina.</p> <p>Descuidada e feliz, entre as arvores ela Erra á tôa. Sorrindo, as aves interpela. Corre de flôr em flôr, salta de mouta em mouta Ora entre a ramaria o olhar travesso afouta</p> <p>E tenta surpreender o segredo de um ninho; Ora scisma, fitando o vago desalinho Em que toda palpita, em que se entrega toda, A folhagem que o vento acaricia... Em roda, Em tudo, vê um ar festivo de noivado, Cada flôr abre ao sol o calice orvalhado, Humido como um labio em que pouzasse um beijo...</p> <p>E o seu passo é sutil, e erra como um adejo.</p> <p>Surpreendo-a. Ela estaca, assustada, indeciza; Mal com os pézinhos nós o chão musgozo piza Num ar de juriti prestes a abrir o vôo.</p>	<p>Arajem desgrialda em turbilhões de neve, Ela vagueia a sós... e como vai formosa ! Tem como uma frescura orvalhada de rosa Na face... Em seu sorriso amanhece. E' tão brando O seu pizar, que o chão o acolhe suspirando. — Eis o sol! — canta uma ave ao fitar-lhe a retina... E por onde ela passa a sombra se ilumina.</p> <p>Descuidada e feliz, entre as arvores ela Erra á tôa. Sorrindo, as aves interpela. Corre de flor em flôr, salta de mouta em mouta, Ora entre a ramaria o olhar travesso afouta</p> <p>E tenta surpreender o segredo de um ninho ; Ora scisma, fitando o vago desalinho Em que toda palpita, em que se entrega toda, A folhagem que o vento acaricia... Em roda, Em tudo, vê um ar festivo de noivado, Cada flôr abre ao sol o calice orvalhado, Humido como um lábio em que pouzasse um beijo...</p> <p>E o seu passo é sutil, e erra como um adejo.</p> <p>Surpreendo-a. Ela estaca, assustada, indecisa; Mal com os pézinhos nós o chão musgoso piza</p>
--	--	---

<p>Num ar de juriti prestes a abrir o vôo. Tomo-lhe as mãos; baixinho, ao seu ouvido, então A atrevida canção do amor que tudo pede, Do amor que não é mais do que um furor de sede, Que é o amor afinal.</p> <p>Toda a sua alma escuta, Todo o seu corpo treme. Amante e irresoluta, Quer ceder, e resiste; abraza, e não se atreve. E de subito, como a corça arisca e leve Que sente o caçador e ouve silvar a bala, Ela das minhas mãos bruscamente resvala, Salta, foge-me.</p> <p>Em vão. Salto-lhe empós; não tomba Mais faminto um abutre em cima de uma pomba. Ela, sem rumo, vai e erra ao acaso, numa Vaga trepidação, como ao vento uma pluma. E o seu passo recorta o chão, que abaixa e alteia Aqui um charco, adeante um cômore de areia.</p> <p>Aos poucos, a carreira afrouxa. Em cada passo Mais e mais ela mostra a angustia do cansaço, Arfa-lhe o seio; perde o folego; tropeça; Pára.</p> <p>Alcança-a meu beijo. O noivado começa.</p>	<p>Tomo-lhe as mãos; baixinho, ao seu ouvido, então A atrevida canção do amor que tudo pede, Do amor que não é mais do que um furor de sede, Que é o amor afinal...</p> <p>Toda a sua alma escuta, Todo o seu corpo treme. Amante e irresoluta, Quer ceder, e resiste; abraza, e não se atreve... E de subito, como a corça arisca e leve Que sente o caçador e ouve silvar a bala, Ela das minhas mãos bruscamente resvala, Salta, foje-me...</p> <p>Em vão. Salto-lhe em pós; não tomba Mais faminto um abutre em cima duma pomba. Ela, sem rumo, vai e erra ao acazo, numa Vaga trepidação, como ao vento uma pluma. E o seu passo recorta o chão, que abaixa e alteia Aqui um charco, adiante um cômore de areia.</p> <p>Aos poucos, a carreira afrouxa. Em cada passo Mais e mais ela mostra a angustia do cansaço, Arfa-lhe o seio: perde o folego; tropeça; Pára...</p> <p>Alcança-a meu beijo. O noivado começa.</p>	<p>Num ar de juriti prestes a abrir o vôo. Tomo-lhe as mãos; baixinho, ao seu ouvido, então A atrevida canção do amor que tudo pede, Do amor que não é mais do que Um furor de sede, Que é o amor afinal...</p> <p>Toda a sua alma escuta, Todo o seu corpo treme. Amante e irresoluta, Quer ceder, e reziste ; abraza, e não se atreve... E de subito, como a corça arisca e leve Que sente o caçador e ouve silvar a bala, Ela das minhas mãos bruscamente resvala, Salta, foje-me...</p> <p>Em vão. Salto-lhe em pós ; não tomba Mais faminto um abutre em cima duma pomba. Ela, sem rumo, vai e erra ao acazo, numa Vaga trepidação, como ao vento uma pluma. E o seu passo recorta o chão, que abaixa e alteia Aqui um charco, adiante um cômore de areia.</p> <p>Aos poucos, a carreira afrouxa. Em cada passo Mais e mais ela mostra a angustia do cansaço, Arfa-lhe o seio : perde o fôlego ; tropeça ; Pára...</p>
---	--	---

<p>III</p> <p>HORAS DE AMOR</p> <p>Só vivo as horas que passo Junto de ti, meu amor, Tua cintura em meu braço, Meu beijo em tua boca em flor.</p> <p>Só assim vivo, querida, Pois tudo mais não é vida.</p> <p>Ventura que mal goteja, Triste do amor que se esconde, E só acha de onde em onde Um acaso que o proteja;</p> <p>Só alcanço o teu carinho Nesta sombra de folhagem, Onde, como ave selvagem, Nosso amor tem o seu ninho.</p> <p>Por entre as moutas vagueio, Caminho, páro, indeciso. Virás ou não ? E agonizo Entre a esperança e o receio.</p> <p>Por toda a floresta, cheia De um rumor vago e perdido, Cuido escutar o ruído Dos teus pésinhos na areia.</p>	<p>III</p> <p>HORAS DE AMOR</p> <p>Só vivo as horas que passo Junto de ti, meu amor, Tua cintura em meu braço, Meu beijo em tua bôca em flôr...</p> <p>Só assim vivo, querida, Pois tudo mais não é vida.</p> <p>*</p> <p>Ventura que mal goteja, Triste do amor que se esconde, E só acha de onde em onde Um acazo que o proteja;</p> <p>Só alcanço o teu carinho Nesta sombra de folhagem, Onde, como ave selvagem, Nosso amor tem o seu ninho.</p> <p>Por entre as moutas vagueio, Caminho, páro, indecizo... Virás ou não? E agonizo Entre a esperança e o receio.</p> <p>Por toda a floresta, cheia</p>	<p>Alcança-a o meu beijo. O noivado começa.</p> <p>III</p> <p><i>(Horas de amor)</i></p> <p>Só vivo as horas que passo Junto de ti, meu amor, Tua cintura em meu braço, Meu beijo em tua boca em flôr...</p> <p>Só assim vivo, querida, Pois tudo mais não é vida.</p> <p>*</p> <p>Ventura que mal goteja, Triste do amor que se esconde, E só acha de onde em onde Um acazo que o proteja ;</p> <p>Só alcanço o teu carinho Nesta sombra de folhagem. Onde, como ave selvagem, Nosso amor tem o seu ninho.</p> <p>Por entre as moutas vagueio, Caminho, páro, indeciso... Virás ou não ? E agonizo Entre a esperança e o receio.</p>
--	--	---

<p>Volto-me sobresaltado Só porque uma ave deteve O vôo, e um ramo, de leve, Estremeceu ao meu lado.</p> <p>E enquanto na sombra curto Essa impaciencia hesitante Por ternuras de um instante, Por beijos dados a furto,</p> <p>Cheio de inveja reparo Nas borboletas que em bando Passam felizes, amando Na plena luz do sol claro.</p> <p>Ventura que mal goteja, Triste do amor que se esconde, E só acha de onde em onde Um acaso que o proteja.</p> <p>Amor que a sombra encarcera, E foge ao sol e às estradas Fossemos nós de mãos dadas Pela vida e a primavera!</p> <p>De subito, ouço teus passos: De entre folhagens de arbusto Olhas, tremula de susto, Cais palpitante em meus braços.</p>	<p>De um rumor vago e perdido, Cuido escutar o ruído Dos teus pézinhos na areia.</p> <p>Volto-me sobresaltado Só porque uma ave deteve O vôo, e um ramo, de leve, Estremeceu ao meu lado.</p> <p>E enquanto na sombra curto Essa impaciência hezitante Por ternuras de um instante, Por beijos dados a furto,</p> <p>Cheio de inveja reparo Nas borboletas que em bando Passam felizes, amando Na plena luz do sol claro...</p> <p>Ventura que mal goteja, Triste do amor que se esconde, E só acha de onde em onde Um acazo que o proteja.</p> <p>Amor que a sombra encarcera, E foje ao sol e às estradas... Fôssemos nós de mãos dadas Pela vida e a primavera!</p> <p>De subito, ouço teus passos: De entre folhajens de arbusto Olhas, tremula de susto,</p>	<p>Por toda a floresta, cheia De um rumor vago e perdido, Cuido escutar o ruído Dos teus pézinhos na areia.</p> <p>Volto-me sobresaltado Só porque uma ave deteve O vôo, e um ramo, de leve, Estremeceu ao meu lado.</p> <p>E enquanto na sombra curto Essa impaciencia hesitante Por ternuras de um instante, Por beijos dados a furto,</p> <p>Cheio de inveja reparo Nas borboletas que em bando Passam felizes, amando Na plena luz do sol claro...</p> <p>Ventura que mal goteja, Triste do amor que se esconde, E só acha de onde em onde Um acazo que o proteja.</p> <p>Amor que a sombra encarcera, E foje ao sol e às estradas... Fôssemos nós de mãos dadas Pela vida e a primavera !</p> <p style="text-align: center;">*</p>
---	---	---

<p>E como a cançada abelha Que suga*a flor, e adormece, Meu beijo pouza, e se esquece Em tua boca vermelha.</p> <p>Logro só de espaço a espaço Algum momento de amor, Tua cintura em meu braço, Meu beijo em tua boca em flor.</p> <p>Ai, eu só vivo querida, Pedacos da minha vida.</p> <p style="text-align: center;">IV</p> <p>PRIMEIRA SOMBRA</p> <p>— Mal me quer bem me quer. — Será preciso Que uma flor assegure o que digo e tu vês? O meu olhar, pousando em teu sorriso, Mostra-te que és amada e adivinha que o crês.</p> <p>— Mal me quer. bem me quer — E, comovida, Tremes, como esperando uma sentença atroz. Supões que espalhe a noute em nossa vida A sombra de uma flor perpassando entre nós?</p>	<p>Cáis palpitante em meus braços.</p> <p>E como a cançada abelha Que suga a flôr, e adormece, Meu beijo pouza, e se esquece Em tua bôca vermelha...</p> <p>Logro só de espaço a espaço Algum momento de amor, Tua cintura em meu braço, Meu beijo em tua bôca em flôr.</p> <p>Ai, eu só vivo querida, Pedacos da minha vida...</p> <p style="text-align: center;">IV</p> <p>PRIMEIRA SOMBRA</p> <p>— Mal me quer... bem me quer... — Será preciso Que uma flôr assegure o que digo e te vês? O meu olhar, pouzando em teu sorriso. Mostra-te que és amada e adivinha que o crês.</p> <p>— Mal me quer... bem me quer... — E, comovida, Tremes, como esperando uma sentença atroz... Supões que espalhe a noute em nossa vida</p>	<p>De subito, ouço teus passos : De entre folhagens de arbusto Olhas, tremula de susto, Cáis palpitante em meus braços.</p> <p>E como a cançada abelha Que suga a flor, e adormece, Meu beijo pouza, e se esquece Em tua bôca vermelha...</p> <p>Lógro só de espaço a espaço Algum momento de amor, Tua cintura em meu braço, Meu beijo em tua boca em flôr.</p> <p>Ai, eu só vivo querida, Pedacos da minha vida...</p> <p style="text-align: center;">IV</p> <p style="text-align: center;">(Primeira sombra)</p> <p>— Mal me quer... bem me quer... — Será preciso Que uma flôr assegure o que digo e tu vês ? O meu olhar, pouzando em teu sorriso, Mostra-te que és amada e adivinha que o crês.</p> <p>— Mal me quer... bem me quer... — E, comovida,</p>
--	---	---

<p>-- Mal me quer... Mal me quer... Desde hontem, quando Faltaste, adivinhei tudo que a flor me diz. Tenho-te junto a mim e fito-te chorando; Beijas-me ainda, e já não sou feliz.</p> <p>Dize que estou sonhando, que estou louca! Jura que sou feliz, que os teus dias são meus, E que o beijo que ainda orvalha minha boca Não é tua alma que me diz adeus.</p> <p>A amorosa doçura do teu verso Ecoou em minha alma; em teu verso aprendi A soletrar o amor, o Amor — esse universo Radioso, imenso, e resumido em ti.</p> <p>A tua voz chamou-me; eu escutei-a E segui-a, ditosa, a sorrir e a sonhar Fala-me ainda de amor! Não te cales, sereia Que me atraíste para o azul do mar!</p> <p>Minha alma, envolta em trapos de mendiga, Vai seguindo, no chão, do teu passo o rumor. Não me deixes! Serei a sombra que te siga, Sem indagar onde me leva o amor.</p> <p>Não me abandones! Ama-me! A risonha Aurora inunda o céu todo afogado em luz. Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me! Sonha, Pousada a fronte nos meus seios nus!</p>	<p>A sombra de uma flôr perpassando entre []</p> <p>-Mal me quer... Mal me quer... Desde hontem quando Faltaste, adivinhei tudo que a flôr me diz. Tenho-te junto a mim e fito-te chorando; Beijas-me ainda, e já não sou feliz.</p> <p>Sinto que és meu, aperto-te em meus braços E, no pavor de um sonho angustiado e sem fim, Ouço como um rumor fujitivo de passos Que te afastam de mim...</p> <p>[D] que estou sonhando, que estou louca! Jura que sou feliz, que os teus dias são meus, E que [] beijo que ainda orvalha minha boca Não [] tua alma que me diz adeus.</p> <p>A a[]osa doçura do teu verso Ecoou em minha alma; em teu verso aprendi A soletra[] o amor, o Amor — esse universo Radiozo, imenso, e rezumido em ti.</p> <p>A tua voz chamou-me; eu escutei-a E segui-a, ditoza, a sorrir e a sonhar... Fala-me ainda de amor! Não te cales, sereia Que me atraíste para o azul do mar!</p> <p>Minha alma, envolta em trapos de mendiga, Vai seguindo, no chão, do teu passo o rumor. Não me deixes! Serei a sombra que te siga,</p>	<p>Tremes, como esperando numa sentença atroz... Supões que espalhe a noute em nossa vida A sombra de uma flôr perpassando entre nós ?</p> <p>— Mal me quer... Mal me quer... Desde hontem quando Faltaste, adivinhei tudo que a flôr me diz. Tenho-te junto a mim e fito-te chorando ; Beijas-me ainda, e já não sou feliz.</p> <p>Sinto que és meu, aperto-te em meus braços E, no pavor de um sonho angustiado e sem fim, Ouço como um rumor fujitivo de passos Que te afastam de mim...</p> <p>Dize que estou sonhando, que estou louca ! Jura que sou feliz, que os teus dias são meus, E que o beijo que ainda orvalha minha boca Não é tua alma que me diz adeus.</p> <p>A amorosa doçura do teu verso Ecoou em minha alma ; em teu verso aprendi A soletrar o amor, o Amor — esse universo Radioso, imenso, e resumido em ti.</p> <p>A tua voz chamou-me ; eu escutei-a E segui-a, ditosa, a sorrir e a sonhar... Fala-me ainda de amor ! Não te cales, sereia Que me atraíste para o azul do mar !</p>
---	--	---

<p>Que alegre madrugada cor de rosa, Ser amada por ti, claro sol que tu és! Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, goza Toda esta primavera estendida a teus pés.</p> <p>Bem amado que, como um passaro num ramo, Vieste acaso pousar o vôo na meu seio, Não me deixes! Eu quero ouvir ainda o gorjeio Em que teu beijo é que dizia: «Eu te amo!»</p> <p>V</p> <p>CAIR DAS FOLHAS</p> <p>« Deixa-me, fonte! » Dizia A flor, tonta de terror. E a fonte, sonora e fria, Cantava, levando a flor.</p> <p>« Deixa-me, deixa-me, fonte! Dizia a flor a chorar: « Eu fui nascida no monte. « Não me leves para o mar.</p>	<p>Sem indagar onde me leva o amor.</p> <p>Não me abandones! Ama-me! A risonha Aurora inunda o céu todo afogado em luz... Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me! Sonha, Pouzada a frente nos meus seios nós!</p> <p>Que alegre madrugada côr de roza, Ser amada por ti, claro sol que tu és! Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, goza Toda esta primavera estendida a teus pés.</p> <p>Bem amado que, como um passaro num ramo, Vieste acazo pouzar o vôo no meu seio, Não me deixes! Eu quero ouvir ainda o gorjeio Em que teu beijo é que dizia: «Eu te amo!»</p> <p>V</p> <p>CAIR DAS FOLHAS</p> <p>«Deixa-me, fonte!» Dizia A flôr, tonta de terror. E a fonte, sonora e fria, Cantava, levando a flôr.</p> <p>«Deixa-me, deixa-me, fonte!»</p>	<p>Minha alma, envolta em trapos de mendiga, Vai seguindo, no chão, do teu passo o rumor. Não me deixes ! Serei a sombra que te siga Sem indagar onde me leva o amor.</p> <p>Não me abandones ! Ama-me ! A risonha Aurora inunda o céu todo afogado em luz... Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me ! Sonha, Pousada a frente nos meus seios nós !</p> <p>Que alegre madrugada côr de roza, Ser amada por ti, claro sol que tu és ! Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, goza Toda esta primavera estendida a teus pés.</p> <p>Bem amado que, como um pássaro num ramo, Vieste acazo pouzar o vôo no meu seio, Não me deixes ! Eu quero ouvir ainda o gorjeio Em que teu beijo é que dizia : "Eu te amo"!</p> <p>V</p> <p>(A flôr e a fonte)</p> <p>"Deixa-me, fonte" ! Dizia A flor, tonta de terror. E a fonte, sonora e fria, Cantava, levando a flôr.</p>
--	--	---

<p>E a fonte, rápida e fria, Com um sussurro zombador, Por sobre a areia corria, Corria levando a flor.</p> <p>« Ai, balanços do meu galho, « Balanços do berço meu; « Ai, claras gotas de orvalho « Caídas do azul do céu!.</p> <p>Chorava a flor, e gemia, Branca, branca de terror, E a fonte sonora e fria, Rolava, levando a flor.</p> <p>« Adeus, sombra das ramadas, « Cantigas do rouxinol; « Ai, festa das madrugadas, « Doçuras do pôr do sol;</p> <p>« Carícia das brisas leves « Que abrem rasgões de luar « Fonte, fonte, não me leves, « Não me leves para o mar!.</p> <p>As correntezas da vida E os restos do meu amor Resvalam numa descida Como a da fonte e da flor</p>	<p>Dizia a flôr a chorar: «Eu fui nacida no monte... «Não me leves para o mar»</p> <p>E a fonte, rápida e fria, Com um sussurro zombador, Por sobre a areia corria, Corria levando a flôr.</p> <p>«Ai, balanços do meu galho, «Balanços do berço meu; «Ai, claras gotas de orvalho «Caídas do azul do céu!...»</p> <p>Chorava a flôr, e gemia, Branca, branca de terror, E a fonte, sonora e fria, Rolava, levando a flôr.</p> <p>«Adeus, sombra das ramadas, «Cantigas do rouxinol; «Ai, festa das madrugadas, «Doçuras do pôr do sol;</p> <p>«Carícia das brisas leves «Que abrem rasgões de luar... «Fonte, fonte, não me leves, «Não me leves para o mar!...»</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>As correntezas da vida</p>	<p>"Deixa-me, deixa-me, fonte"! Dizia a flôr a chorar : "Eu fui nacida no monte... "Não me leves para o mar".</p> <p>E a fonte, rápida e fria, Com um sussurro zombador, Por sobre a areia corria, Corria levando a flôr.</p> <p>"Ai, balanços do meu galho, "Balanços do berço meu ; "Ai, claras gotas de orvalho "Caidas do azul do céu !..."</p> <p>Chorava a flôr, e gemia, Branca, branca de terror, E a fonte, sonora e fria, Rolava, levando a flôr.</p> <p>"Adeus, sombra das ramadas, "Cantigas do rouxinol ; "Ai, festa das madrugadas, "Doçuras do pôr do sol ;</p> <p>"Carícia das brisas leves "Que abrem rasgões de luar... " Fonte, fonte, não me leves, "Não me leves para o mar !..."</p> <p style="text-align: center;">*</p>
--	--	---

<p>VI</p> <p>DESILUDIDA</p> <p>Sou como a corça ferida Que vai, sedenta e arquejante, Gastando uns restos de vida Em busca da água distante.</p> <p>Bem sei que já me não ama, E sigo, amorosa e aflita, Essa voz que não me chama, Esse olhar que não me fita.</p> <p>Bem reconheço a loucura Deste amor abandonado Que se abre em flor, e procura Viver de um sonho acabado;</p> <p>E é como a corça ferida Que vai, sedenta e arquejante, Gastando uns restos de vida Em busca da água distante:</p> <p>Só, perdido no deserto, Segue empós do seu carinho; Vai-se arrastando. e vai certo Que morre pelo caminho.</p> <p>VII</p>	<p>E os restos do meu amor Resvalam numa decida Como a da fonte e da flôr...</p> <p>VI</p> <p>DESILUDIDA</p> <p>Sou como a corça ferida Que vai, sedenta e arquejante, Gastando uns restos de vida Em busca da água distante.</p> <p>Bem sei que já me não ama, E sigo, amorosa e aflita, Essa voz que não me chama, Esse olhar que não me fita.</p> <p>Bem reconheço a loucura Deste amor abandonado Que se abre em flôr, e procura Viver de um sonho acabado;</p> <p>E é como a corça ferida Que vai, sedenta e arquejante, Gastando uns restos de vida Em busca da água distante:</p> <p>Só, perdido no deserto, Segue empós do seu carinho: Vai se arrastando... e vai certo Que morre pelo caminho.</p>	<p>As correntezas da vida E os restos do meu amor Resvalam numa descida Como a da fonte e da flôr...</p> <p>VI</p> <p>(Desiludida)</p> <p>Sou como a corça ferida Que vai, sedenta e arquejante, Gastando uns restos de vida Em busca da água distante.</p> <p>Bem sei que já me não ama, E sigo, amorosa e aflita Essa voz que não me chama, Esse olhar que não me fita.</p> <p>Bem reconheço a loucura Deste amor abandonado Que se abre em flôr, e procura Viver de um sonho acabado ;</p> <p>E é como a corça ferida Que vai, sedenta e arquejante, Gastando uns restos de vida Em busca da água distante :</p> <p>Só, perdido no deserto, Segue empós do seu carinho : Vai se arrastando... e vai certo</p>
--	--	--

<p>SAUDADE</p> <p>Belos amores perdidos, Muito fiz eu com perder-vos; Deixar-vos, sim: esquecer-vos Fôra de mais, não o fiz.</p> <p>Tudo se arranca do seio, — Amor, desejo, esperança. Só não se arranca a lembrança De quando se foi feliz.</p> <p>Roseira cheia de rosas, Roseira cheia de espinhos, Que eu deixei pelos caminhos, Aberta em flor, e parti:</p> <p>Por me não perder, perdi-te; Mas mal posso assegurar-me — Com te perder e ganhar-me, Si ganhei, ou si perdi.</p> <p>VIII</p> <p>SERENATA</p> <p>Pela vasta noute indolente Voga um perfume estranho. Eu sonho. E aspiro o vago aroma ausente Do teu cabelo castanho.</p> <p>Pela vasta noute tranquila</p>	<p>VII</p> <p>SAUDADE</p> <p>Belos amores perdidos, Muito fiz eu com perder-vos; Deixar-vos, sim; esquecer-vos Fôra de mais, não o fiz.</p> <p>Tudo se arranca do seio, — Amor, desejo, esperança... Só não se arranca a lembrança De quando se foi feliz.</p> <p>Rozeira de tanta roza Roseira de tanto espinho Que eu deixei pelo caminho Aberta em flôr, e parti:</p> <p>Por me não perder, perdi-te: Mas mal posso assegurar-me — Com te perder e ganhar-me, Si ganhei, ou si perdi...</p> <p>VIII</p> <p>SERENATA</p> <p>Pela vasta noute indolente Voga um perfume estranho. Eu sonho... E aspiro o vago aroma auzente</p>	<p>Que morre pelo caminho.</p> <p>VII</p> <p>(<i>Saudade</i>)</p> <p>Belos amores perdidos, Muito fiz eu com perder-vos ; Deixar-vos, sim; esquecer-vos Fôra de mais, não o fiz.</p> <p>Tudo se arranca do seio, — Amor, desejo, esperança... Só não se arranca a lembrança De quando se foi feliz.</p> <p>Roseira de tanta rosa Roseira de tanto espinho Que eu deixei pelo caminho Aberta em flôr, e parti :</p> <p>Por me não perder, perdi-te : Mas mal posso assegurar-me — Com te perder e ganhar-me, Si ganhei, ou si perdi...</p> <p>VIII</p> <p>(<i>Serenata</i>)</p> <p>Pela vasta noute indolente Voga um perfume estranho.</p>
--	--	--

<p>Pairam, longe, as estrelas. Eu sonho. O teu olhar também scintila Assim, tão longe coma elas.</p> <p>Pela vasta noute povoada De rumores e arquejos Eu sonho. E' tua voz, entrecortada De suspiros e de beijos.</p> <p>Pela vasta noute sem termo, Que deserto sombrio! Eu sonho. Inda é mais triste, inda é mais ermo O nosso leito vazio.</p> <p>Pela vasta noute que finda Sóbe o dia risonho. E eu cerro os olhos para ver-te ainda, Ainda e sempre, em meu sonho.</p> <p style="text-align: center;">IX</p> <p>O DIA SEGUINTE DO AMOR</p> <p>Aves fugidias que passais em, bando Pelo azul da tarde sobre o azul do mar, Aves fugidias que passais cantando, Que fazeis? Passar.</p> <p>De repente surgis. No vasto ceu Um turbilhão de alvura de repente cresce; Passa, afasta-se, e ao longe, e como apareceu</p>	<p>Do teu cabelo castanho.</p> <p>Pela vasta noute tranquila Pairam, lonje, as estrelas. Eu sonho... O teu olhar também scintila Assim, tão lonje como elas.</p> <p>Pela vasta noute povoada De rumores e arquejos Eu sonho... E ' tua voz, entrecortada De suspiros e de beijos.</p> <p>Pela vasta noute sem termo, Que dezerto sombrio! Eu sonho... Inda é mais triste, inda é mais ermo O nosso leito vazio.</p> <p>Pela vasta noute que finda Sóbe o dia rizonho... E eu cerro os olhos para vêr-te ainda, Ainda e sempre, em meu sonho.</p> <p style="text-align: center;">IX</p> <p>O DIA SEGUINTE DO AMOR</p> <p>Aves fujidias que passais em bando Pelo azul da tarde sobre o azul do mar, Aves fujidias que passais cantando, Que fazeis? Passar.</p>	<p>Eu sonho... E aspiro o vago aroma ausente Do teu cabelo castanho.</p> <p>Pela vasta noute tranqüila Pairam, lonje, as estrelas. Eu sonho... O teu olhar também scintila Assim, tão lonje como elas.</p> <p>Pela vasta noute povoada De rumores e arquejos Eu sonho... E' tua voz, entrecortada De suspiros e de beijos.</p> <p>Pela vasta noute sem termo, Que dezerto sombrio! Eu sonho... Inda é mais triste, inda é mais ermo O nosso leito vazio.</p> <p>Pela vasta noute que finda Sobe o dia risonho... E eu cerro os olhos para vêr-te ainda, Ainda e sempre, em meu sonho.</p> <p style="text-align: center;">IX</p> <p style="text-align: center;"><i>(O dia seguinte do amor)</i></p> <p>Aves fujidias que passais em bando Pelo azul da tarde sobre o azul do mar, Aves fujidias que passais cantando,</p>
---	--	--

<p>Desaparece.</p> <p>Brancura macia de plumas, rumor leve De azas que ruflam devagar, Passais como flocos de neve Que sussurram no vento e se desfazem no ar.</p> <p>De tudo isso que resta? Um quasi nada: apenas Em meu olhar distraído A vaga impressão de uma alvura de penas, E o éco de um rumor cantando em meu ouvido.</p> <p>Sonhos de amor, perfumados Do aroma da flor da laranjeira, Botões de rosa desabrochados Em goivos, desfeitos na lama e na poeira;</p> <p>Sonhos do olhar namorado Ao descobrir, como um triunfador, Todo enlevado, todo enlevado, Que uns seios de marmore arquejam de amor;</p> <p>Sonhos do ouvido, escutando O ingenuo amor que se revela emfim Involuntariamente, quando Em frases que negam a voz diz que sim;</p> <p>Sabor do primeiro beijo Que mal pausa, medroso, leve, leve, Num rosto virgem onde o pejo</p>	<p>De repente surjis. No vasto céu Um turbilhão de alvura de repente crece; Passa, afasta-se, e ao lonje, e como apareceu Desaparece.</p> <p>Brancura macia de plumas, rumor leve De azas que ruflam devagar, Passais como flocos de neve Que sussurram no vento e se desfazem no ar.</p> <p>De tudo isso que resta? Um quaze nada: apenas Em meu olhar distraido A vaga impressão de uma alvura de penas, E o éco de um rumor cantando em meu ouvido.</p> <p>Sonhos de amor, perfumados Do aroma da flôr da laranjeira, Botões de roza desabrochados, Em goivos, desfeitos na lama e na poeira;</p> <p>Sonhos do olhar namorado A o descobrir, como um triunfador, Todo enlevado, todo enlevado, Que uns seios de mármore arquejam de amor;</p> <p>Sonhos do ouvido, escutando O injenuo amor que se revela emfim Involuntariamente, quando Em frazes que negam a voz diz que sim;</p>	<p>Que fazeis? Passar.</p> <p>De repente surjis. No vasto céu Um turbilhão de alvura de repente crece; Passa, afasta-se, e ao lonje, e como apareceu Desaparece.</p> <p>Brancura macia de plumas, rumor leve De azas que ruflam devagar, Passais como flocos de neve Que sussurram no vento e se desfazem no ar.</p> <p>De tudo isso que resta? Um quaze nada: apenas Em meu olhar distraído A vaga impressão de uma alvura de penas, E o éco de um rumor cantando em meu ouvido.</p> <p>Sonhos de amor, perfumados Do aroma da flôr da laranjeira, Botões de rosa desabrochados, Em goivos, desfeitos na lama e na poeira;</p> <p>Sonhos do olhar namorado Ao descobrir, como um triunfador, Todo enlevado, todo enlevado, Que uns seios de mármore arquejam de amor;</p>
--	---	--

<p>Semeia de rosas brancas de neve;</p> <p>Sonhos de amor, sois como a rosa Que, nem bem colhida, Perde a frescura que a tornou formosa, Perde o perfume que a tornou querida.</p> <p>Primavera vivida De amar e ser amado aos vinte anos em flor, Entrada triunfal do coração na vida, Amor, amor, amor!</p> <p>Rapida travessia De um mar azul, rasgado entre rochedos nus Nos quaes se ignora o amor, ou a alma se enfastia., Região lavada em luz</p> <p>Entre esses dous extremos Tão proximos — o olhar que ainda não sabe ver E o que vê — triste fim dos encantos supremos! — O que vale a mulher;</p> <p>Miragens do desejo, enlevos da esperança, Só é feliz o amor que espera e não alcança.</p> <p>Infinita doçura, inegalavel cousa, Contacto delicioso, inefavel pressão Da mão amada quando encontra a nossa mão</p>	<p>Sabor do primeiro beijo Que mal pouza, medroso, leve, leve, Num rosto virjem onde o pejo Semeia de rosas brancas de neve;</p> <p>Sonhos de amor, sois como a rosa Que, nem bem colhida, Perde a frescura que a tornou formosa, Perde o perfume que a tornou querida.</p> <p>Primavera vivida De amar e ser amado aos vinte anos em flôr, Entrada triunfal do coração na vida, Amor, amor, amor!</p> <p>Rapida travessia De um mar azul, rasgado entre rochedos nus Nos quaes se ignora o amor, ou a alma se enfastia... Rejião lavada em luz</p> <p>Entre esses dous extremos Tão proximos — o olhar que ainda não sabe vêr E o que vê — triste fim dos encantos supremos!— O que vale a mulher;</p> <p>Miragens do desejo, enlevos da esperança, Só é feliz o amor que espera e não alcança.</p>	<p>Sonhos do ouvido, escutando O injenuo amor que se revela emfim Involuntariamente, quando Em frases que negam a voz diz que sim;</p> <p>Sabor do primeiro beijo Que mal pouza, medroso, leve, leve, Num rosto virjem onde o pejo Semeia de rosas brancas de neve;</p> <p>Sonhos de amor, sois como a rosa Que, nem bem colhida, Perde a frescura que a tornou formosa, Perde o perfume que a tornou querida.</p> <p>Primavera vivida De amar e ser amado aos vinte anos em flôr, Entrada triunfal do coração na vida, Amor, amor, amor !</p> <p>Rapida travessia De um mar azul, rasgado entre rochedo nus Nos quaes se ignora o amor, ou a alma se enfastia... Rejião lavada em luz</p> <p>Entre esses dous extremos Tão proximos — o olhar que ainda não sabe vêr E o que vê — triste fim dos encantos supremos l O que vale a mulher;</p>
---	--	--

<p>E, brandamente, e como achando um ninho, pousa;</p> <p>O' labios da mulher palpitantes de amor, O' labios que humidece o orvalho do desejo, Doces labios servis onde abotôa o beijo, Prestes a se deixar colher como uma flor;</p> <p>O' seios brancos onde a paixão, a ofegar, Chama a paixão, atrái a carne, acena ao gozo; O' seios brancos onde uns olhos de amoroso Vêm reflexos do ceu na ondulação do mar;</p> <p>Encantos da mulher amada; comovidos Deslumbramentos; gosto indizível, sabor Da unica hora feliz de toda a vida; amor, Sonho em que a alma é que sente o gozo dos sentidos;</p> <p>No coração que de vós se alvoroça Resplandeceis, miragens, enganos, De uma luz que não é vossa. Que é só dos nossos vinte anos.</p> <p>Tremulas maretas que passais boiando Pela flor das ondas nos parceiros do mar; Tremulas maretas que alvejais cantando, Que fazeis? Passar.</p> <p>De repente surgis... No mar sem fim Um turbilhão de alvura de repente cresce; Passa; afasta-se; e como apareceu, assim</p>	<p>Infinita doçura, inegualavel couza, Contato delicioso, inefável pressão Da mão amada quando encontra a nossa mão E, brandamente, e como achando um ninho, pouza;</p> <p>O' labios da mulher palpitante de amor, O' labios que humidece o orvalho do desejo, Dôces labios servis onde abotôa o beijo, Prestes a se deixar colher como uma flôr;</p> <p>O' seios brancos onde a paixão, a ofegar, Chama a paixão, atrái a carne, acena ao gozo; O' seios brancos onde uns olhos de amoroso Vêm reflexos do céu na ondulação do mar;.</p> <p>Encantos da mulher amada; comovidos Deslumbramentos; gosto indizível, sabor Da unica hora feliz de toda a vida; amor, Sonho em que a alma é que sente o gozo dos sentidos;</p> <p>No coração que de vós se alvoroça Resplandeceis, mirajens, enganos, De uma luz que não é vossa... Que é só dos nossos vinte annos.</p> <p>Tremulas maretas que passais boiando Pela flôr das ondas nos parceiros do mar; Tremulas maretas que alvejais cantando, Que fazeis? Passar.</p>	<p>Mirajens do desejo, enlevos da esperança, Só é feliz o amor que espera e não alcança.</p> <p>Infinita doçura, inegualavel cousa, Contato delicioso, inefável pressão Da mão amada quando encontra a nossa mão E, brandamente, e como achando um ninho, pouza;</p> <p>O' lábios da mulher palpitante de amor, O' lábios que humidece o orvalho do desejo, Doces labios servis onde abotôa o beijo, Prestes a se deixar colher como uma flôr;</p> <p>O' seios brancos onde a paixão, a ofegar, Chama a paixão, atrái a carne, acena ao gozo; O' seios brancos onde uns olhos de amoroso Vêm reflexos do céu na ondulação do mar;</p> <p>Encantos da mulher amada; comovidos Deslumbramentos; gosto indizível, sabor Da unica hora feliz de toda a vida; amor, Sonho em que a alma é que sente o gozo dos sentidos;</p> <p>No coração que de vós se alvoroça Resplandeceis, mirajens, enganos, De uma luz que não é vossa... Que é só dos nossos vinte anos.</p> <p>Tremulas maretas que passais boiando</p>
---	---	--

<p>Desaparece.</p> <p>Brancura brilhante de espumas, sons velados Da agua no açude de um pomar, Passais, desfeitos, desmanchados Na tristeza sonora das ondas do mar.</p> <p>De tudo isso que resta? Ai! Quasi cousa alguma Em meu olhar distraído A vaga impressão de alguns flocos de espuma E o éco de um rumor cantando em meu ouvido...</p> <p style="text-align: center;">X</p> <p>ULTIMA CONFIDENCIA</p> <p>— E si acaso voltar ? Que hei de dizer-lhe, quando Me perguntar por ti? — Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando. Nessa tarde parti.</p> <p>— Si arrependido e ancioso ele indagar: «Para onde? Por onde a buscarei? »</p>	<p>De repente surjis... No mar sem fim Um turbilhão de alvura de repente crece; Passa; afasta-se; e como apareceu, assim Desaparece.</p> <p>Brancura brilhante de espumas, sons velados Da agua no açude de um pomar, Passais, desfeitos, desmanchados Na tristeza sonora das ondas do mar.</p> <p>De tudo isso que resta? Ai, quaze couza alguma: Em meu olhar distraído A vaga impressão de alguns flocos de espuma E o éco de um rumor cantando em meu ouvido...</p> <p style="text-align: center;">X</p> <p>ULTIMA CONFIDENCIA</p> <p>E si acazo voltar? Que hei de dizer-lhe, quando Me perguntar por ti? -Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando... Nessa tarde parti.</p> <p>—Si arrependido e anciozo ele indagar: « Para onde?</p>	<p>Pela flôr das ondas nos parceis do mar; Tremulas maretas que alvejais cantando, Que fazeis ? Passar.</p> <p>De repente surjis... No mar sem fim Um turbilhão de alvura de repente crece; Passa; afasta-se; e como apareceu, assim Desaparece.</p> <p>Brancura brilhante de espumas, sons velados Da aagua no açude de um pomar, Passais, desfeitos, desmanchados Na tristeza sonora das ondas do mar.</p> <p>De tudo isso que resta ? Ai, quaze cousa alguma: Em meu olhar distraído A vaga impressão de alguns flocos de espuma E o éco de um rumor cantando em meu ouvido...</p> <p style="text-align: center;">X (Ultima confidencia)</p> <p>— E si acaso voltar? Que hei de dizer-lhe, quando Me perguntar por ti? — Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando... Nessa tarde parti.</p>
---	---	--

<p>— Dize-lhe: « Para além... para longe... » Responde Como eu mesma: « Não sei. »</p> <p>Ai, é tão vasta a noute! A meia luz do ocaso Desmaia. Anouteceu. Onde vou? Nem eu sei. . Irei seguindo ao acaso Até achar o céu.</p> <p>Eu cheguei a supor que possível me fosse Ser amada — e viver. E' tão fácil a morte. Ai, seria tão doce Ser amada. e morrer !.</p> <p>Ouve: conta-lhe tu que eu chorava, partindo, As lágrimas que vês. Só conheci do amor que imaginei tão lindo, O mal que ele me fez.</p> <p>Narra-lhe transe a transe a dor que me consome... Nem houve nunca igual! Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome No soluço final!</p> <p>Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a boca Que o seu beijo não quiz: Gólfame em sangue, vês? E eu, murmurando-o, louca!</p>	<p>Por onde a buscarei ?» — Dize-lhe «Para além... para lonje...» Responde Como eu mesma: »Não sei».</p> <p>Ai, é tão vasta a noute! A meia luz do ocazo Desmaia... anouteceu... Onde vou? Nem eu sei... Irei seguindo ao acazo Até achar o céu,</p> <p>Eu cheguei a supôr que possível me fôsse Ser amada — e viver. E' tão fácil a morte... Ai, seria tão doce Ser amada... e morrer!...</p> <p>Ouve: conta-lhe tu que eu chorava, partindo, As lágrimas que vês... Só conheci do amor, que imaginei tão lindo, O mal que ele me fez.</p> <p>Narra-lhe transe a transe a dôr que me consome... Nem houve nunca igual! Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome No soluço final!</p> <p>Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a bôca Que o seu beijo não quiz:</p>	<p>— Si arrependido e ansioso ele indagar: " Para onde ? Por onde a buscarei ?" — Dize-lhe "Para além... para lonje..." Responde Como eu mesma: "Não sei".</p> <p>Ai, é tão vasta a noute! A meia luz do ocaso Desmaia... anouteceu... Onde vou ? Nem eu sei... Irei seguindo ao acaso Até achar o céu...</p> <p>Eu cheguei a supôr que possível me fôsse Ser amada — e viver. E fão fácil a morte... Ai, seria tão doce Ser amada... e morrer !...</p> <p>Ouve : conta-lhe tu que eu chorava, partindo, As lágrimas que vês... Só conheci do amor, que imaginei tão lindo, O mal que ele me fez.</p> <p>Narra-lhe transe a transe a dôr que me consome... Nem houve nunca igual ! Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome No soluço final !</p> <p>Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a bôca</p>
---	---	--

<p>Sinto-me tão feliz!</p> <p>Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quasi o odeio, Oculto-lh'o! Senhor, Eu morro!... Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o Até morrer de amor.</p>	<p>Gólfame em sangue, vês? E eu, murmurando-o, louca! Sinto-me tão feliz!</p> <p>Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quasi o odeio, Oculto-lh'o! Senhor, Eu morro!... Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o Até morrer... de amor.</p>	<p>Que o seu beijo não quiz: Gólfame em sangue, vês? E eu murmurando-o, louca! Sinto-me tão feliz !</p> <p>Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quasi o odeio, Oculto-lh'o ! Senhor, Eu morro!... Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o Até morrer... de amor.</p>
--	---	---

Considerações finais

Começamos esta dissertação afirmando que um poema não nasce pronto. Enquanto fruto do pensamento, ainda em projeções da reflexão artística do poeta e de seu espírito crítico, ou de anotações ainda singelas em papel, às vezes até despretenciosamente, o poema vai tomando forma, sendo afinado e refinado de acordo com o perfil do escritor, para muitas vezes nunca chegar a um estágio ideal de composição. Melhor assim, pois como componente literário o seu papel é desequilibrar, não apenas causar harmonia. O sentido do labor poético será tanto quanto suas formas, sua materialidade e seus leitores. No caso de Vicente de Carvalho, sua produção é marcada por publicações em diferentes contextos, jornal e livro, principalmente. O fato de o mesmo poema recorrentemente aparecer em diferentes meios, com alterações significativas entre uma versão e outra, como ocorre com *Rosa, rosa de amor*, por exemplo, demonstra a inquietação do autor em relação a seus textos e ao impacto que poderiam ter.

A leitura de sua obra revela que sua preocupação se dava tanto com aspectos ortográficos quanto semânticos. Inicialmente, abrindo mão de sua própria variedade em prol de usos estabelecidos pela Academia Brasileira de Letras à época; depois, observando que tal recurso não seria suficiente para o que estava em voga, lança mão das próprias escolhas gráficas em seu processo de criação. O estudo do estado de língua de cada publicação proporcionaria importante contributo para as pesquisas sobre a história do português. As notas que acompanham os poemas reforçam o estilo do poeta e sua força expressiva, buscando contextualizar a origem de seus poemas, inspirações, e explicitar suas concepções de mundo, para, de alguma forma, conduzir melhor o leitor ao seu universo artístico.

Tendo isso em vista, o trabalho desenvolvido no mestrado apresenta a tradição textual de Poemas e Canções, no período entre 1908 e 1965, com maior detalhe para as cinco edições em vida de Vicente de Carvalho. Expõe aspectos em destaque como a dinâmica de publicação do autor, a retomada de poemas e a inclusão de novas produções ao longo dos anos. Mesmo quando inacabo, na possibilidade de não mais poder trabalhar no texto, o caminho escolhido foi o de tornar público o material, como ocorre com *Arte de amar*. O resultado alcançado por meio da pesquisa realizada permite compreender a relação entre as edições e o movimento do texto ao longo de sua história.

Por meio da edição da publicação de 1923, apresentada na dissertação, acompanhada de notas de rodapé com variantes encontradas nas de 1908 e 1917, procuramos facilitar ao leitor a visualização do universo criativo de Vicente de Carvalho, desde questões relacionadas à

pontuação, ao refinamento de versos, supressões de palavras, trechos, e a acréscimos de poemas completos. Da mesma forma seguimos com a elaboração da edição sinóptica das publicações em questão, reproduzindo, lado a lado, cada uma delas, para proporcionar a sua comparação.

Encerramos este trabalho reforçando a necessidade de um estudo detalhado de toda a obra de Vicente de Carvalho, incluindo os testemunhos publicados postumamente, ou melhor, a importância que se faça uma edição crítica que contemple toda a sua tradição, mapeando a sua produção literária a partir da perspectiva da tradição completa da obra e de sua fortuna crítica, incluindo as cartas descobertas no Instituto Moreira Salles. O caminho percorrido até aqui serve como ponto inicial para o conhecimento de *Poemas e canções*, mais apurado de sua obra, de sua escrita, de seu estilo poético e da importância literária de Vicente de Carvalho.

Referências bibliográficas

- AUERBACH, E. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- AZEVEDO FILHO, L. A. de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença Edições/EDUSP, 1987.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2013.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CANDIDO, A. *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- CANDIDO, A. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- CARPEAUX, O. M. *O Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo por Carpeaux*. São Paulo: Leya, 2012. [História da literatura ocidental; v.7]
- CARVALHO, M. da C.; CARVALHO, A. V. de. *Bio-bibliografia de Vicente de Carvalho*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/ Academia Brasileira de Letras, 1943.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 1. ed. São Paulo: Cardozo, 1908.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 10. ed. São Paulo: Nacional, 1938.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 11. ed. São Paulo: Nacional, 1942.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 12. ed. São Paulo: Nacional, 1944.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 13. ed. São Paulo: Nacional, 1946.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 1950.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 1954.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 1962.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 1965.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 2. ed. Porto: Chardron, 1909.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 3. ed. São Paulo: O pensamento, 1917.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 4. ed. aumentada. São Paulo: O Livro, 1919.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 5. ed. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 6. ed. São Paulo: Monteiro Lobato, 1924.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1926.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 8. ed. São Paulo: Nacional, 1928.
- CARVALHO, V. de. *Poemas e Canções*. 9. ed. São Paulo: Nacional, 1934.
- CASTRO, Ivo. *Livro de José de Arimateia*. 1984. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa), Universidade de Lisboa.

- COELHO, Nelly Novaes. *Três momentos poéticos*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970.
- DUARTE, Luiz Fagundes. *Os palácios da memória: ensaios de Crítica Textual*. Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.
- FERREIRA, Pedro T. *Filologia como curadoria: o caso Pessoa*. Filol. Linguist. Port., São Paulo, v. 18, n. 2, p. 231-262, ago/dez 2016.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. [trad. de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza] – 3ª edição. São Paulo: Edusp, 2012.
- HAY, L. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- HOUAISS, A. *Elementos de Bibliologia: Volume I*. Rio de Janeiro: INL, 1967.
- KIMORI, L. R. B. *Os mestres no passado: Mário de Andrade lê os parnasianos brasileiros*. 2014. 450f. Dissertação (Mestre em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MARQUILHAS, Rita. *Filologia oitocentista e crítica textual*. In: Alves, Fernanda M. et al. (orgs.). *Filologia, Memória e Esquecimento*. Act. 20. Lisboa: Húmus, p. 355-367, 2010.
- MARTINS, A. L. Vicente de Carvalho: poeta do mar e cidadão da República. *Revista USP*, São Paulo, n. 41, p. 134-151, Março/Maio 1999.
- MCGANN, J. *Radiant textuality: literature after the world wide web*. New York: Palgrave, 2001.
- MCKENZIE, D. F. *Bibliografia e a Sociologia dos textos*. São Paulo: Edusp, 2018.
- MOREIRA, M. *Crítica Textualis in Caelum Revocata?: uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra*. São Paulo: Edusp, 2011.
- PEREIRA FILHO, E. *Estudos de Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1972. - (Coleções Estudos Universitários; v. 5)
- PINO, C. A. *Criação em debate*. São Paulo: Humanitas, 2007.
- ROMANELLI, S (org.). *Compêndio de Crítica Genética: América Latina*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2015.
- SALLES, C. A. *Crítica Genética: uma (nova) introdução; fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2000.
- SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Vicente de Carvalho - poeta do mar**: catálogo. Bertioxa, 1994. 28p. Catálogo da "Semana Vicente de Carvalho", evento realizado no Sesc Bertioxa entre os dias 17 e 25 de setembro de 1994.

- SILVA, J. P. da (org.). *Crítica Textual e edição de textos: interagindo com outras ciências*. Curitiba: Appris, 2012.
- SPAGGIARI, B.; PERUGI, M. *Fundamentos da crítica textual*. RJ: Lucerna, 2004.
- SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- VICENZIA, I. *Vicente de Carvalho*. Rio de Janeiro; São Paulo: ABL/ Imprensa Oficial Brasileira, 2012. [Série Essencial]
- VIEIRA, H. *Vicente de Carvalho: O sabiá da Ilha do Sol*. 1943.
- WEST, M. L. *Crítica Textual e técnica editorial*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.